

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UNB
INSTITUTO DE LETRAS – IL
DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA, PORTUGUÊS E LÍNGUAS CLÁSSICAS – LIP
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA - PPGL

KAORU TANAKA DE LIRA FERREIRA

**ASPECTOS MORFOSSINTÁTICOS DA VARIEDADE BRASILEIRA DA LÍNGUA
JAPONESA FALADA NO DF: UMA PERSPECTIVA FUNCIONAL-TIPOLOGICA**

Brasília

2022

KAORU TANAKA DE LIRA FERREIRA

ASPECTOS MORFOSSINTÁTICOS DA VARIEDADE BRASILEIRA DA LÍNGUA
JAPONESA FALADA NO DF: UMA PERSPECTIVA FUNCIONAL-TIPOLOGICA

Tese de Doutorado apresentada ao
Programa de Pós-graduação em
Linguística do Departamento de
Linguística, Português e Línguas Clássicas
da Universidade de Brasília para do título
de Doutor em Linguística

Orientadora: Flávia de Castro Alves

Brasília
2022

KAORU TANAKA DE LIRA FERREIRA

ASPECTOS MORFOSSINTÁTICOS DA VARIEDADE BRASILEIRA DA LÍNGUA
JAPONESA FALADA NO DF: UMA PERSPECTIVA FUNCIONAL-TIPOLOGICA

Banca Examinadora:

Prof.^a Dr.^a Flávia de Castro Alves (orientadora)
Universidade de Brasília

Prof.^a Dr.^a Eliza Atsuko Tashiro Perez (membro externo)
Universidade de São Paulo

Prof.^a Dr.^a Aline da Cruz (membro externo)
Universidade de Federal de Goiás

Prof. Dr. Yûki Mukai (membro interno)
Universidade de Brasília

Prof.^a Dr.^a Walkiria Neiva Praça (membro suplente)
Universidade de Brasília

Brasília, 15 de junho de 2022

移住祭

お国なまりと

コロニア語

Rememorar a imigração

Falares tecidos: terra natal e Brasil

Katsuko Tanaka

DEDICATÓRIA

À comunidade japonesa no Brasil pelo falar especial que me oportuniza realizar esta pesquisa.

Aos meus pais, Katsuko Tanaka e Kunitomo Tanaka, por terem dado a volta ao mundo em busca de seus ideais.

AGRADECIMENTO

Os quatro anos que em média levam à conclusão de um doutorado costumam, por si só, ser bastante desafiadores devido à complexidade da pesquisa. Mas, ela jamais é uma trilha solitária, principalmente quando nossas atividades são completamente modificadas por causa de uma bem-sucedida mudança para Brasília seguida de um pandemônio da pandemia.

À orientadora amiga, Flávia de Castro Alves, pelos conhecimentos linguísticos; pelas discussões e sugestões acadêmicas; pelas provocações reflexivas; pelas quebras de paradigmas; pela dedicação; pelos conselhos; pela confiança; pelo cuidado; pelos momentos de descontração juntas; pelo carinho, por ser amiga orientadora que tornou o processo de doutoramento mais leve, principalmente, em tempos de pandemia. Quisera eu lograr no isomorfismo entre o que aprendi sob sua orientação e este trabalho.

Aos meus colegas de orientação Andrey, Diogo, Murilo e Sandra pela convivência, pelo companheirismo e pela amizade.

À Gabriela Macin pela amizade, pelos compartilhamentos sinceros e pelos gritos em coro na hora do desespero.

À Prof.^a Walkiria Neiva Praça, pelo carinho e cuidado em todos os momentos.

A todos os meus colegas da Faculdade de Letras – FLet, Universidade do Amazonas – UFAM, em especial, aos Colegas do Curso de Letras - Língua e Literatura Japonesa, Cristina Rosoga Sambuichi, Ernesto Sambuichi, Linda Midori Tsuji Nishikido e Ruchia Uchigasaki pelo apoio durante minha ausência para o doutoramento. Sem as experiências vividas em Manaus eu jamais seria a pesquisadora e professora que me tornei.

Aos colegas do Curso de Letras - Licenciatura em Língua e Literatura Japonesa da Universidade de Brasília, Alice Tamie Joko, Égon Lucas Alves Neves, Fausto Pinheiro Pereira, Kimiko Uchigasaki Pinheiro, Kyôko Sekino, Suzana Sumire Niho Garbin, Yûki Mukai, Yuko Takano, Wanderson Tobias Rodrigues e Wagner Araujo pelo apoio e compreensão nos últimos anos de doutoramento. O caloroso retorno à minha *alma mater* foi crucial para a continuação da pesquisa, e tenho muito a agradecer pela receptividade.

Ao amigo Cacio José Ferreira pela inestimável amizade e apoio em todas as horas. Por me fazer acreditar que “vai dar tudo certo”.

Às minhas amigas Samira Pereira dos Santos e Simone Otawa Medeiros, por (não) compreenderem a minha ausência durante as minhas idas e vindas e o doutorado e assim mesmo persistirem na nossa amizade.

Aos meus irmãos Mayumi, Mario e Mitsuru, além do grande cuidado, carinho e mimos com a caçula, pelo apoio contínuo que me possibilitou ser a única dentre os quatro a cursar o ensino superior.

Aos meus amados sobrinhos Amanda e Hiroshi que tantas vezes emprestaram seus nomes nos exemplos da presente tese.

Aos gatos Pinky e Kim que suportaram serem apertados em meus momentos de ansiedade e mesmo assim recebem minha volta para casa com alegria.

À família Lira Ferreira pelo aconchego durante os sagrados almoços de domingo, junto da Táta, do Fê, da Lui e dos bichanos todos.

À minha mãe, Katsuko Tanaka, que me acompanhou em todas as entrevistas, pelo apoio, pela amizade, por ser sempre minha referência.

Ao meu marido, amigo e também colega linguista, Marcus Vinicius de Lira Ferreira Tanaka, por ter me incentivado a ingressar no doutorado, pelo contínuo apoio, por ser para quem busco constantemente me tornar uma pessoa melhor. Por saber que, não importa como, e não importa onde cada um de nós estiver, um jamais deixará o outro andar sozinho.

Por fim, embora não possa citá-los nominalmente, registro meu sincero agradecimento a cada um dos colaboradores que concederam a matéria prima para a realização desta pesquisa.

In memoriam

Aos colaboradores desta pesquisa que partiram antes mesmo da conclusão deste trabalho.

Em memória de meu pai, Kunitomo Tanaka, e meu tio, Kinzo Tanaka, que me acompanham de onde estiverem.

RESUMO

Passou-se mais de um século desde o início da imigração japonesa no Brasil em 1908. Apesar de, inicialmente, os japoneses terem se concentrado no Estado de São Paulo, local de entrada da maior parte dos imigrantes, muitos deles migraram para o interior do território brasileiro. Na segunda metade da década de 50, houve um fluxo migratório dos japoneses e seus descendentes para nova capital federal com o intuito de criar o Cinturão Verde de Brasília (TAKANO, 2013, p. 27). A presença de imigrantes japoneses e seus descendentes na capital proporcionou, e ainda proporciona, desdobramentos em vários aspectos sociais e culturais. Além da troca cultural, um dos desdobramentos é uma variedade da língua japonesa falada nas comunidades de todo o país conhecida como *konomia-go*. Este falar é produto do contato não só da língua portuguesa com a japonesa, mas do encontro de diversas variedades da própria língua japonesa, uma vez que são imigrantes provenientes de várias regiões do Japão e de vários fluxos migratórios para o Brasil, e posteriormente para o Distrito Federal. Muitos destacam a necessidade de se pesquisar e registrar esta língua falada dentro das comunidades, mas as pesquisas relacionadas à descrição dessa variedade ainda são limitadas. Buscou-se, assim, descrever a morfossintaxe desta variedade aqui chamada de Variedade Brasileira da Língua Japonesa (VBLJ), falada pela comunidade de imigrantes japoneses e seus descendentes residentes no Distrito Federal. Os dados para a descrição foram levantados com a colaboração de 36 falantes desta variedade que narraram o enredo de um vídeo a uma imigrante japonesa, membro da comunidade linguística dos colaboradores. A descrição da língua foi feita a partir da análise dos dados por uma perspectiva funcional-tipológica baseada nos trabalhos de Andrews (2007), Dryer (2007), Givón (2001), Comrie (1976), Lichtenberk (1999), Siewierska (2013) entre outros. O resultado obtido é um esboço inicial da morfossintaxe da VBLJ. Espera-se que este trabalho incentive futuras pesquisas morfossintáticas sobre a Variedade Brasileira da Língua Japonesa no sentido de aprofundar, de expandir e/ou de somar aos tópicos aqui abordados. Anseia-se também que esta pesquisa sirva, mesmo que de forma indireta, para a valorização da língua falada nas e pelas comunidades como parte da identidade e história dos japoneses e seus descendentes que fincaram raízes neste país.

Palavras-chave: Variedade Brasileira da Língua Japonesa. Morfossintaxe. Linguística Funcional-Tipológica. Descrição Linguística.

ABSTRACT

More than a century has passed since the beginning of Japanese immigration to Brazil in 1908. Although they initially gathered in São Paulo state, entry point to most migrants, many migrated further into Brazilian territory. On the second half of the 1950s, there was a migratory flux consisted of the Japanese and their descendants to the new federal capital, with the goal of creating Brasilia's green belt (TAKANO, 2013, p. 27). The presence of Japanese immigrants and their descendants in the capital led, and still leads, to many social and cultural developments. Besides the cultural exchange, one of the developments is a variety of Japanese spoken in communities all over the country, known as *Koronia-go*. It is the product of the contact of many linguist varieties, as the Japanese immigrants came in different migrant waves and hail from the many regions of Japan trailed different paths to and in Brazil until their eventual arrival to the Federal District. Many point out the need to research and record this language spoken within these communities, but research concerning the description of this variety are still limited. It's been sought, thus, to describe the morphosyntax of the variety herein called Brazilian Variety of the Japanese Language (VBLJ in the original Portuguese), spoken by the community of Japanese immigrants and their descendants in the Federal District. The data for the description was obtained through the collaboration of 36 speakers of this variety as they narrated the plot of a video to a Japanese immigrant, fellow member of the language community. The language description was made following a functional typology framework based on the works of Andrews (2007), Dryer (2007), Givón (2001), Comrie (1976), Lichtenberk (1999), Siewierska (2013) among others. The obtained result is an initial draft of the VBLJ morphosyntax. It is hoped that this work will spearhead future research about the Brazilian Variety of the Japanese Language, thus deepening, broadening and/or adding to the topics herein covered. It is also wished that this research serves, even if indirectly, as an appreciation of the language spoken at and by the communities, and as part of the identity and history of the Japanese and their descendants who settled in this country.

Keywords: Brazilian Variety of the Japanese Language. Morphosyntax. Functional Typological Linguistics. Language Description.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Inventário de consoantes da língua japonesa	xiii
Quadro 2: Lista de Fonemas e Grafemas das Consoantes	xiii
Quadro 3: Inventário de vogais da língua japonesa	xv
Quadro 4: Lista de Fonemas e Grafemas das Vogais.....	xv
Quadro 5: Lista de sinônimos de palavras nativas e sino-japonesas	13
Quadro 6: Categorias flexionais padrão e finais flexionais do japonês moderno	23
Quadro 7: Subcategorização de auxiliares e partículas conjuntivas de acordo com as categorias flexionais (japonês moderno).....	24
Quadro 8: Empréstimos no Brasil e no Japão	42
Quadro 9: Oscilação no emprego de empréstimos no Brasil e no Japão.....	42
Quadro 10: Mudanças consonantais na raiz dos verbos consonantais.....	71
Quadro 11: Relação entre momentos da situação e fala	75
Quadro 12: Codificação de aspectos verbais (Perfectivo vs Imperfectivo).....	86
Quadro 13: Codificação de aspectos verbais (perfeito vs não perfeito)	90
Quadro 14: Lista de adjetivos <i>mais prototípicos</i> usados pelos colaboradores	99
Quadro 15: Lista de adjetivos <i>menos prototípicos</i> usados pelos colaboradores.....	100
Quadro 16: Marcação de casos da VBLJ	114
Quadro 17: Formas da cópula da VBLJ	120
Quadro 18: Alinhamento da marcação de caso na VBLJ.....	133
Quadro 19: Tipos de coordenadores.....	176
Quadro 20: Tipos e posição de coordenadores da VBLJ	182
Quadro 21: Semântica e estruturas formais das orações complementares	201

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Distribuição de gerações dos colaboradores.....	56
Tabela 2: Distribuição da região de origem dos colaboradores ou ascendentes	57
Tabela 3: Distribuição da profissão dos colaboradores.....	57

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 Transição da língua japonesa para a portuguesa nas comunidades nipo-brasileiras	35
Figura 2 Habilidades na língua japonesa de acordo com a geração	35

LISTA DE ABREVIATURAS E SÍMBOLOS

A	argumento mais agente (<i>agent-like</i>) de uma oração transitiva
ABL	ablativo
ACU	acusativo
ADV	advérbio
CAUS	causativo
CLF	classificador de objetos em geral
CLF.ID	classificador de idade
CLF.ORD	classificador de ordem
CLF.PEQ	classificador de coisas pequenas
CLF.PES	classificador de pessoas
CLF.VEZ	classificador de vezes
CMPLZ	complementizador
CO	coordenador
COM	comitativo
COND	condicional
CONF	confirmação
CONJ	conjunção
CONV	converbo
COP	cópula
DAT	dativo
DEM	demonstrativo
DESI	desiderativo
ENF	ênfase
GEN	genitivo
INST	instrumental
IMD	imediate
LIM	limitativo
LIST	listativo
LOC	locativo
NEG	negativo
NMLZ	nominalizador
NOM	nominativo
NPASD	não passado
O	outro argumento (<i>other argument</i>) da oração transitiva

∅	zero
OBJ	objeto
OI	objeto indireto
ONOMT	onomatopeia
PASD	passado
PASS	passivo
PL	plural
POL	polidez
POT	potencial
PP	particípio passado
PRES	presente
PROG	progressivo
Q	interrogação
REC	recíproco
REFL	reflexivo
REM	remoto
REP	representativo
RES	resultativo
S	único argumento (<i>single-argument</i>)
SING	singular
SN	sintagma nominal
SN _{matr}	sintagma nominal matriz
SN _{rel}	sintagma nominal relacional
S _{rel}	sentença relativa
SUP	suposição
TOP	tópico
V	vogal
VT	vogal temática
*	agramatical
>*	reconstrução
<i>i</i>	correferente

NOTAS PRELIMINARES

1. Na presente tese, será utilizado o sistema de escrita *nihon-siki* na transliteração da língua japonesa e da Variedade Brasileira da Língua Japonesa. O sistema de escrita será adotado inclusive em citações dos dados de outros autores a fim de padronizar todo o texto deste trabalho. O sistema *nihon-siki* não será adotado nos nomes próprios de autores referenciados neste trabalho.
2. As gravações, assim como as transcrições das narrativas, não serão disponibilizadas em sua íntegra pelo entendimento que o material gerado é de propriedade dos colaboradores, sendo a pesquisadora apenas guardiã destes dados.

Quadro 1:
Inventário de consoantes da língua japonesa

	Bilabial	Alveolar	Pós-alveolar	Palatal	Velar	Uvular	Glotal
Oclusiva	p b	t d			k g		
Nasal	m	n		[ɲ]	[ŋ]	ɴ	
Líquida		r	ɾ				
Fricativa	[ɸ]	s z	ʃ ʒ ¹	ç			h
Africada		[tʃ] [dʒ]	[tʃ̺] ² [dʒ̺]				
Aproximante				j	ɥ		

[] alofones

Quadro 2:
Lista de Fonemas e Grafemas das Consoantes

Fonema	Grafema	Hiragana*
[p]	p	ぱ ³
[pʲ]	py	ぴゃ
[p:]	pp	っぱ
[b]	b	ば
[bʲ]	by	びゃ
[m]	m	ま
[m:]	nm	んま
[t]	t	た
[tʲ]	ty	ちゃ
[tʃ]	tu	っ
[t:]	tt	っつ
[d]	d	だ
[dʒ̺]	dy	ぢゃ

¹ Há variações entre os autores sobre a transcrição das pós-alveolares [ʃ] e [ʒ] que por vezes é relatada como sendo realizada como alvéolo-palatais [ɕ] e [ʒ̺]. Na presente pesquisa, serão descritas como [ʃ] e [ʒ] a fim de padronizar a transcrição fonética.

² Há uma variação entre os autores em relação à transcrição do /t/ diante de /i/. Enquanto, Shibatani (1990) transcreve como [tʲ], Labrune (2012) transcreve como [t̺]. Na presente pesquisa, será utilizada [tʲ] a fim de padronizar a transcrição fonética.

³ Seguindo a tradição de influência dos alfassilabários brânicos na escrita japonesa (Frellesvig, 2010, p. 164, 177-8), na qual as consoantes são pronunciadas sempre com a vogal /a/ no núcleo silábico, foi escolhido se referir às consoantes da língua japonesa da mesma forma, uma vez que não é possível escrever apenas a consoante sem uma vogal na escrita japonesa. Essa é uma tradição em língua japonesa, na qual não raramente nos referimos às diferentes colunas como *ka-gyou* e *sa-gyou* (coluna do *ka* e do *sa*).

[d͡z]	du zu, seguindo etimologia	づ ず
[n]	n	な
Fonema	Grafema	Hiragana*
[ɲ]	ny	にゃ
[n:]	nn	んな
[s]	s	さ
[ʃ]	sy	しゃ
[s:]	ss	っさ
[z]~[d͡z]	z	ざ
[ʒ]	zy	じゃ
[r]	r	ら
[rj]	ry	りゃ
[k]	k	か
[kj]	ky	きゃ
[k:]	kk	っか
[g]~[ŋ]	g	が
[gj]	gy	ぎゃ
[N]	n, em posição final de palavra	ん
[h]	h	は
[ç̥i]	hi	ひ
[φu]	hu	ふ
[j] –	y	や
[w]	w	わ

* acrescentado de vogal /a/, ou de vogal /i/ no caso de /hi/, ou /u/ no caso de /hu/, /du/ e /zu/.

Quadro 3:
Inventário de vogais da língua japonesa

	Anteriores	Central	Posteriores
Fechadas	/i/		/u/
Médias	/e/		/o/
Aberta		/a/	

Fonte: Labrune (2012, p. 26)

Quadro 4:
Lista de Fonemas e Grafemas das Vogais

Fonema	Grafema	Hiragana
[i]	i	い
[i:]	ii	いい
[e]	e	え
[e:]	ei	えい
[a]	a	あ
[a:]	aa	ああ
[o]	o ou wo, quando posposição acusativa	お/を
[o:]	ou oo, seguindo etimologia	おう/おお
[u]	u	う
[u:]	uu	うう

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
1 ABORDAGEM TEÓRICA	4
1.1 LINHA TEÓRICA.....	4
1.2 CARACTERÍSTICAS TIPOLÓGICAS DA LÍNGUA JAPONESA	10
1.2.1 Léxico	10
1.2.2 Morfologia.....	19
1.2.3 Sintaxe.....	25
1.3 VARIEDADE BRASILEIRA DA LÍNGUA JAPONESA – ESTUDOS PRELIMINARES	30
1.3.1 Primeiros Trabalhos – Mase (1987).....	36
1.3.2 Empréstimos do português nos jornais japoneses do Brasil – Ota (1993) 39	
1.3.3 Fatores sociais e frequência de empréstimo – Kuyama (2000).....	43
1.3.4 Morfemas – <i>te iru</i> e – <i>toru</i> – Ferreira (2009).....	45
1.3.5 Repertório Linguístico dos Nipo-brasilienses – Takano (2009)	48
1.3.6 Professor não deve usar o <i>konomia-go</i> – Morales (2011).....	49
1.3.7 Atlas do falar dos nipo-brasileiros no DF – Takano (2013).....	50
2 METODOLOGIA DE PESQUISA	54
2.1 CONTEXTO DE PESQUISA.....	54
2.2 PARTICIPANTES.....	54
2.3 INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS	58
2.2.1 Vídeo Pear Stories.....	58
2.2.2 Questionário de Contexto Linguístico e Social	59
2.3 PROCEDIMENTOS PARA COLETA DE DADOS.....	59
2.4 PROCEDIMENTOS PARA ANÁLISE.....	60
3 CLASSE DE PALAVRAS	61
3.1 NOMES.....	61
3.1.1 Características Semânticas	61

3.1.2	Características Morfológicas	63
3.1.3	Caracterização Sintática	65
3.2	VERBOS	67
3.2.1	Caracterização Morfológica	67
3.2.2	Caracterização Semântica e Sintática	90
3.3	ADJETIVOS	98
3.3.1	Caracterização Semântica.....	98
3.3.2	Caracterização Sintática	100
3.3.3	Caracterização Morfológica	103
3.4	ADVÉRBIOS	107
3.4.1	Advérbio de Modo.....	108
3.4.2	Advérbio de Tempo e Aspecto.....	109
3.4.3	Advérbio Epistêmicos	109
3.4.3	Advérbio Deônticos.....	110
3.5	POSPOSIÇÃO	110
3.5.1	Locativo	110
3.5.2	Genitivo	112
3.5.3	Direcional.....	112
3.5.4	Instrumental.....	112
3.5.5	Comitativo.....	113
3.5.6	Ablativo.....	113
3.5.7	Meta.....	114
4	ORAÇÕES SIMPLES.....	115
4.1	ORAÇÕES NÃO VERBAIS	115
4.1.1	Cópulas e as Cópulas da VBLJ	115
4.1.2	Tipos de Orações Não verbais	120
4.1.3	Orações Existenciais	126
4.2	ORAÇÕES VERBAIS.....	129
4.2.1	Relações Gramaticais.....	129
4.2.2	Tipos de Orações	142
5	ORAÇÕES COMPLEXAS	162

5.1	ORAÇÕES RELATIVAS	162
5.1.1	Relação Estrutural entre o SN_{matr} e a S_{rel}	163
5.1.2	Tratamento do SN_{rel}	166
5.1.3	Possíveis Restrições do SN_{rel}	168
5.1.4	Tratamento da S_{rel}	170
5.2	ORAÇÕES ADVERBIAIS.....	172
5.2.1	Orações adverbiais de tempo ou temporais	173
5.2.2	Orações adverbiais de local	174
5.3	COORDENAÇÃO.....	175
5.3.1	Coordenações Conjuntivas.....	177
5.3.2	Coordenações Disjuntivas	180
5.3.3	Coordenações Adversativas	181
5.3.4	Coordenação Causal	181
5.4	ORAÇÕES COMPLEMENTARES	182
5.4.1	Modalidade	183
5.4.2	Manipulação	188
5.4.3	Percepção, Cognição e Enunciado (PCE).....	191
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	202
	REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA.....	204
	APÊNDICE	209
	ANEXO.....	212

INTRODUÇÃO

A imigração japonesa no Brasil tem como marco a vinda do navio *Kasato Maru* ao Porto de Santos em 1908. Desde a sua chegada em São Paulo, até 1970, aproximadamente 250 mil japoneses desembarcaram no Brasil (IBGE, 2008). Apesar de, inicialmente, os japoneses terem se concentrado no Estado de São Paulo, local de entrada da maior parte dos imigrantes, muitos deles se deslocaram para o interior do território brasileiro. Na segunda metade da década de 50, houve um fluxo migratório dos japoneses e seus descendentes para nova capital federal, com o intuito de criar o Cinturão Verde de Brasília (TAKANO, 2013, p. 27). Segundo o Censo do ano 2000 do IBGE, há cerca de 16.150 imigrantes e seus descendentes residindo no Distrito Federal.

A presença de imigrantes japoneses e seus descendentes na capital proporcionou e ainda proporciona desdobramentos em vários aspectos sociais e culturais. Além da troca cultural, um dos desdobramentos é o surgimento de um falar distinto daquele usado no Japão. Este falar surge do contato não só da língua portuguesa com a japonesa, mas do encontro de diversas variedades da própria língua japonesa, uma vez que são imigrantes provenientes de várias regiões do Japão e de vários fluxos migratórios para o Brasil, e posteriormente para o Distrito Federal. Este falar, ora alvo de curiosidade e ora alvo de estigma, é denominado pela própria comunidade japonesa como *konomia-go*, ou variante nipo-brasileira da língua japonesa, este último termo adotado por Takano (2009).

Apesar de ter se passado mais de um século desde o início da imigração japonesa, são pontuais, até o presente momento, as pesquisas desenvolvidas sobre o japonês falado no Brasil, aqui chamada de Variedade Brasileira da Língua Japonesa - VBLJ. Geralmente se destaca a necessidade de mais estudos relativos a esta variedade, produto do contato linguístico entre as línguas portuguesa e japonesa, utilizada pelos imigrantes e descendentes japoneses no Brasil.

Há pesquisas pioneiras que abordam o contato das duas línguas nas comunidades do Distrito Federal, representadas por Takano (2009) e por Kuyama (1999). Segundo Kuyama (1999, p.182) há a possibilidade de que os resultados por ela obtidos “sejam reflexos da tendência geral do japonês falado pelos imigrantes no

Brasil”. No entanto, as pesquisas realizadas contemplam, em sua maioria, empréstimos lexicais da língua portuguesa.

Nesse sentido, se faz necessária uma descrição gramatical desta variedade que se mostra em processo de extinção. O jornal *São Paulo Shimbun*⁴, publicado em língua japonesa, era um dos dois jornais voltados para a comunidade japonesa no Brasil. Em janeiro de 2019, o jornal anunciou o encerramento das atividades devido à redução do número de leitores. Fatos como este podem ser indícios de que o número de pessoas aptas na língua como um todo está em queda, perdendo espaço para o português.

A VBLJ perde espaço não só para a língua portuguesa, mas também para a própria língua falada no Japão. Cada vez mais o japonês daquele país se mostra presente nas comunidades nipo-brasileiras, devido ao aumento da mobilidade entre os dois países e a maior acessibilidade aos meios de comunicação japoneses, seja pelos canais de televisão ou pela internet.

Neste sentido, o objetivo desta pesquisa é descrever e documentar a língua falada por imigrantes japoneses e seus descendentes, em sua maioria, residentes no Distrito Federal por uma perspectiva funcional-tipológica.

Este trabalho de linguística descritiva está organizado em cinco capítulos. O capítulo um traz, além da abordagem teórica adotada nesta pesquisa, as características tipológicas da língua japonesa e a revisão de pesquisas preliminares concernentes à VBLJ. Em sequência, o capítulo dois descreve a metodologia desta pesquisa: o perfil dos colaboradores, os instrumentos usados e o passo a passo adotado na coleta de dados.

A partir do capítulo três iniciam-se as análises e as descrições da VBLJ utilizando-se dos dados obtidos na coleta. Trata-se neste capítulo das características semânticas, morfológicas e sintáticas das principais classes lexicais da VBLJ.

⁴ Com 73 anos de atividade, *São Paulo Shimbun* era um dos jornais diários escrito em língua japonesa publicada no Brasil. Além das notícias do Brasil e do Japão, uma seção era dedicada às notícias das comunidades japonesas. Assim, um número considerável de leitores era o imigrante japonês (OTA, 1993, p. 43). O levantamento realizado por Ota (1993, p. 54) demonstrou o emprego da língua portuguesa no jornal era marcante a fim de transmitir melhor conceitos e ideias de difícil tradução em língua japonesa e também itens culturais próprios daqueles que residem no Brasil. Em 01 de janeiro de 2019, o jornal encerrou as atividades devido à redução do número de leitores e ao aumento de custos (NIKKEY SHIMBUN, 2018).

Já o capítulo quatro apresenta as orações simples de forma geral, versando sobre elas de acordo com o tipo de predicado – verbais e não verbais. Nas orações verbais, discorre-se também sobre as relações gramaticais e os tipos de orações.

O capítulo cinco trata das orações complexas partindo das orações relativas, adverbiais e coordenadas, finalizando com as orações complementares.

1 ABORDAGEM TEÓRICA

1.1 LINHA TEÓRICA

O presente trabalho terá como base a abordagem funcional-tipológica na análise e descrição da VBLJ. Sinônimo de taxonomia e de classificação, o termo tipologia na linguística se inspirou em vários aspectos na biologia (CROFT, 2003, p. 1) e ganhou aceitação na linguística após 1928 (SHIBATANI e BYNON, 1999, p. 1).

Croft (2003, p. 3) traz três definições de tipologia linguística em que cada uma das definições corresponde a uma das três etapas de um método científico empírico: observação, generalização e a construção de uma teoria com abstrações dos fenômenos observados.

A primeira definição de tipologia é relacionada à observação das línguas e a classificação delas a partir de comparações interlinguísticas em tipos, inicialmente estruturais, o que se entende por *classificação tipológica* (CROFT, 2003, p. 1), representados por August Schleicher e Friedrich Schlegel (MATTOSO CAMARA JR, 1975, p. 69). No entanto, Givón (2001, p. 20) enfatiza que uma classificação tipológica só é significativa se considerado o caráter funcional entre as línguas e não apenas a semelhança estrutural.

A segunda definição de tipologia linguística é relacionada aos estudos dos padrões que ocorrem sistematicamente entre as línguas - *generalizações tipológicas*. Os padrões encontrados formam os universais linguísticos. É ressaltado que os universais concebidos a partir destes padrões linguísticos só podem ser abstraídos a partir da análise de várias línguas. Ou seja, as generalizações não podem ser abstraídas de uma única língua ou de um par de línguas. (CROFT, 2003, p. 1-2). Considerada subdisciplina da linguística, a generalização tipológica foi iniciada por Joseph Greenberg. Greenberg apresentou pela primeira vez, em 1960, os universais implicacionais da morfologia e da ordem de palavras (CROFT, 2003, p. 2).

A terceira definição de tipologia diz respeito à abordagem para a teorização linguística, uma metodologia de análise que dá origem a diferentes tipos de teorias linguísticas. Esta abordagem que passou a ser reconhecida a partir de 1970 tem como princípio a perspectiva de que as estruturas linguísticas devem ser explicadas pelas

funções que desempenham, razão pela qual é chamada de *Abordagem Funcional-Tipológica* (CROFT, 2003, p. 3), representada pelo próprio autor William Croft, Robert M. W. Dixon e Talmy Givón.

Além dessas definições, também é importante tratar das características fundamentais de uma abordagem tipológica. Givón (2001, p. 20), ao tratar da abordagem funcional-tipológica, discorre sobre a necessária convergência entre três aspectos desta abordagem. São eles os aspectos funcional, tipológico e diacrônico.

Frequentemente, supõe-se que o tipólogo classifica as línguas puramente a partir de semelhanças estruturais. No entanto, é preciso levar em consideração uma perspectiva funcional das estruturas que estão sendo analisadas (GIVÓN, 2001, p. 21).

Givón (2001, p.21-22), ao trazer exemplos de construções passivas, ilustra como é falho considerar apenas as semelhanças estruturais como critério de classificação. Por uma perspectiva interlinguística, as orações passivas se desenvolveram de maneiras diacronicamente distintas. Ou seja, as línguas se utilizaram de recursos gramaticais distintos para as construções passivas. Por terem sido geradas de determinadas estruturas gramaticais, elas mantêm semelhanças formais com a forma que lhes deram origem. O autor traz exemplos de orações passivas de cinco línguas, cada uma originada de um recurso estrutural diacronicamente distinto.

As orações passivas são expressas através de cinco tipos estruturais principais: predicado-adjetivo (estativo-resultativo); nominalização; reflexivo e voz média. Abaixo exemplos extraídos de Givón (2001), a fim de elucidar a variação estrutural para expressar o domínio funcional passivo.

A. Estativo-adjetival - Inglês (GIVÓN, 2001, p. 21)

- | | | | | | | |
|----|----|---------------------------------|-----------------|---------------|---------------------|------------------------|
| 1. | a. | <i>It</i> | <i>was</i> | <i>broken</i> | <i>(by someone)</i> | Passiva |
| | | 3 | ser/SING/PASS | quebrar.PP | por alguém | |
| | | 'ele foi quebrado (por alguém)' | | | | |
| | b. | <i>it</i> | <i>is</i> | <i>broken</i> | | Estativo-Adjetival |
| | | 3 | estar.SING.PRES | quebrar.PP | | |
| | | '(ele) está quebrado' | | | | |
| | c. | <i>it</i> | <i>has</i> | <i>been</i> | <i>broken</i> | Resultativo-Perfectivo |
| | | 3 | ter.SING.PRES | ser.PP | quebrar.PP | |
| | | '(ele) foi quebrado' | | | | |

d. *it is big* Predicativo-Adjetiva
 3 ser.SING.PRES grande
 'ele é grande'

B. Nominalização - Ute⁵ (GIVÓN, 2001, p. 21)

2. a. *múusa-ci paxá-ta-puga* Passiva
 gato-OBJ matat- PASS-REM
 'o gato foi morto'

b. *múusa-paxá-ta ka-'áy-wa-t 'ura-'ay* Nominalização
 gato-matar-NMZL NEG-bom-NEG-NOM ser-IMD
 'matança de gato é ruim'

C. Reflexiva – Espanhol (GIVÓN, 2001, p. 21)

3. a. *se-curó a los brujos* Passiva impessoal
 REFL-curar.PASS.3SG OBJ os feiticeiros
 'os feiticeiros foram curados'

b. *se armó de todas sus armas* Reflexiva
 REFL armar.PASS.3SG com todas suas armas
 'ele se armou com todas as suas armas'

c. *se combatían* Recíproca
 REC bater.IMP.3PL
 'eles se bateram (uns nos outros)'

d. *se curaron los brujos* Voz Média
 REFL curar.PASS.3PL os feiticeiros
 'os feiticeiros ficaram bem' ou 'os feiticeiros se curaram'

D. Deslocamento à esquerda mais pronome impessoal 'eles' – Kimbundu (GIVÓN, 2001, p. 22)

4. a. *nzua a-mu-mono kwa meme* Passiva
 João eles-o-ver por mim
 'João foi visto por mim'

b. *nzua, aana a-mu-mono* Deslocamento à Esquerda
 João crianças eles-o-ver
 'João, as crianças o viram'

c. *nzua, a-mu-mono* Sujeito impessoal com
 João eles-o-ver deslocamento à esquerda
 'João, eles o viram' (anafórico/ativo)
 'João, ele foi visto' (impessoal/passivo)

⁵ Ute é uma língua uto-asteca falada no oeste dos Estados Unidos e norte do México.

Como pode ser observado nos exemplos trazidos pelo autor, as orações passivas nas línguas se desenvolveram de estruturas gramaticais distintas e mantêm certas semelhanças formais com as estruturas de origem. Caso a classificação das línguas seja feita apenas pelo critério puramente estrutural, as orações passivas seriam inadequadamente agrupadas com orações de domínios funcionais distintos (GIVÓN, 2001, p. 22).

A abordagem funcional-tipológica reconhece que há uma diversidade estrutural que a língua humana usa para atingir uma mesma função comunicativa. Givón (2001, p.23) sintetiza este princípio da seguinte maneira: “Na tipologia gramatical, se enumera os principais meios estruturais pelos quais diferentes línguas codificam o mesmo domínio funcional”.

Não só este, mas outros princípios da tipologia linguística fazem referência à biologia – ciência em que se inspirou a tipologia linguística. No caso deste princípio, a analogia feita são os meios pelos quais os seres vivos se locomovem. Ações como nadar, andar, deslizar e voar são feitas, de acordo com cada espécie, com o auxílio de barbatanas, pernas, o corpo como um todo e asas, respectivamente. No entanto, são agrupadas em um mesmo conjunto, pois todas elas têm o mesmo propósito, a locomoção. Da mesma forma, na tipologia assim como na biologia, a função fornece um dos critérios relevantes de classificação (GIVÓN, 2001, p. 23).

Da mesma maneira que não há relevância em uma classificação tipológica feita apenas com base nas semelhanças estruturais sem considerar os domínios funcionais (GIVÓN, 2001, p. 20), a tipologia gramatical fundamentada apenas na gramática sincrônica não tem valor significativo.

Uma compreensão mais profunda dos princípios que governam a variação tipológica gramatical é alcançada ao investigar o processo diacrônico subjacente, sendo essa uma dimensão da explicação tipológica (CROFT, 2003, p. 3). A analogia aqui feita com a biologia é em relação à similaridade evolutiva, mais especificamente da mão humana com a asa do morcego. A mão humana e a asa do morcego têm a mesma estrutura ancestral. A asa do morcego é similar à mão com os dedos alongados com membranas entre eles. Ambas são patas dianteiras de mamíferos que se desenvolveram para desempenhar funções diferentes. Desse modo, similarmente

à biologia, na linguística é preciso compreender os caminhos evolutivos que deram origem ao inventário estrutural (GIVÓN, 2001, p. 24).

Duas principais abordagens se desenvolveram de maneiras extremamente opostas em relação à forma de encarar a grande diversidade entre as línguas. A primeira, representada por Aristóteles, Saussure e Bloomfield, defendeu que a variação existente entre as línguas era arbitrária, abandonando qualquer possibilidade de universalidade entre elas (GIVÓN, 2001, p.24). Essa visão antropológica relativista da linguagem foi particularmente sustentada por linguistas que pesquisaram línguas indígenas norte-americanas que se apresentavam muito distintas das línguas indo-europeias (CROFT, 2003, p. 5).

A segunda abordagem, por sua vez, optou “por desconsiderar a aparente diversidade como superficial, efêmera, epifenomenal ou idealizada e postular universais extremamente elaborados e abstratos (ou formais)” (GIVÓN, 2001, p. 24). A abordagem gerativa, como também é conhecida, postula a existência de uma competência linguística universal inata na aquisição da linguagem. O argumento defendido para sustentar a existência de um universal linguístico inato é a “pobreza de estímulos”. A quantidade e a qualidade dos estímulos que a criança tem contato seriam escassas para justificar o desenvolvimento adequado da linguagem (CROFT, 2003, p. 5).

A tipologia gramatical é, segundo Givón (2001, p.24), o meio termo entre as duas abordagens acima tratadas. Reconhece a existência de universais linguísticos, mas que eles não são absolutos, e sim tendências, como na biologia – mais uma vez evocada – com pluralidade de fatos que interagem e/ou competem entre si. Apesar de os estudos tipológicos, não necessariamente assim nomeados, terem sido realizados previamente, o início deste método empírico–pragmático foi iniciado, em 1960, por Joseph Greenberg.

Uma das características da abordagem tipológica é reconhecer que as línguas podem apresentar domínios funcionais similares através de estruturas gramaticais diversas. Esta diversidade estrutural para codificar um mesmo domínio funcional, no entanto, tem uma variação bastante limitada e dificilmente excede de cinco a sete tipos estruturais diferentes. Assim, uma das atribuições da abordagem tipológica é

procurar responder o porquê da restrição da diversidade em relação a um determinado domínio funcional (GIVÓN, 2001, p. 25).

Givón (2001) registra este princípio da seguinte maneira: “Quais são os fatores adaptativos - sejam eles culturais, comunicativos, de desenvolvimento, cognitivos, neurológicos ou biológicos - que restringem a diversidade de maneira tão severa?” (GIVÓN, 2001, p. 25).

Como já explicitado no exemplo das orações passivas, as línguas podem variar como codificam o mesmo domínio funcional através de diferentes meios estruturais, mas podem, também, variar de acordo com 1) a densidade de codificação ao longo do mesmo domínio complexo e 2) a organização funcional do mesmo domínio complexo.

Densidade de codificação se refere ao quanto às línguas codificam ou não um domínio funcional. Nas línguas, os domínios funcionais codificados gramaticalmente são complexos e multidimensionais com dimensões subjacentes escalares. A codificação gramatical desses domínios funcionais, no entanto, é esparsa e categorial, selecionando apenas porções ou pontos destes domínios funcionais e deixando outras porções ou pontos não codificados. Assim, uma língua pode ter mais codificações gramaticais dos domínios funcionais e outra ter menos codificações.

As línguas apresentam também diferenças em como organizam os domínios funcionais. Enquanto para algumas línguas o critério para a organização do sistema de tempo-modo-aspecto é a perfectividade (perfectivo x imperfectivo), para outras é a modalidade (realis x irrealis). Mais uma vez, é enfatizado que o critério estrutural não é trivial na classificação tipológica, uma vez que segundo Givón (2001, p. 26):

Não só a gramática é um dispositivo de codificação superficial, colocado sobre domínios funcionais universais organizados de forma idêntica para fins de comunicação, como ela é também, frequentemente, o próprio meio de diferenciação de organização funcional desses domínios.⁶ (GIVÓN, 2001, p. 26)

⁶ No original: Not only is grammar a superficial coding-device, slapped over identically-organized, universal functional domains for the purpose of communication. Quite often it is also the very means for differential functional organization of those domains. (GIVÓN, 2001, p. 26)

Croft (2003, p.3-4) ao discorrer sobre a extinção de centenas de línguas no último século, defende a importância e a urgência de pesquisas descritivas em prol dos progressos na teoria linguística. Mais uma vez, traça-se um paralelo com a biologia, mais especificamente, com os desafios enfrentados por esta ciência: a extinção das línguas e das respectivas comunidades linguísticas é similar à extinção de espécies e a perda do seu habitat. Como descrito anteriormente, a abordagem tipológica defende os estudos de padrões que ocorrem sistematicamente entre as línguas para a elaboração de generalizações (CROFT, 2003, p. 1). Generalizações essas que não podem ser feitas por meio da análise de uma língua apenas. No entanto, as descrições de uma única língua, sob uma perspectiva funcional tipológica é igualmente valorizada, pois possibilita uma descrição mais refinada dos fenômenos (CROFT, 2003, p. 9).

A presente pesquisa, assim, opta pela abordagem funcional tipológica com o intento de registrar com maior detalhamento a VBLJ, variedade que caminha para a extinção, dando lugar à língua japonesa e à língua portuguesa.

1.2 CARACTERÍSTICAS TIPOLÓGICAS DA LÍNGUA JAPONESA

Com intuito de compreender a língua que deu origem à VBLJ, a seção 1.2 abordará de forma ampla o léxico, a morfologia e a língua japonesa. Por língua japonesa aqui e em toda a tese entende-se língua comum⁷.

1.2.1 Léxico

Ao afirmar que a composição lexical de cada língua reflete as preocupações socioeconômicas de cada país, Shibatani (1990) mostra, por meio de explicações sobre o contato do Japão com outros países, que a língua japonesa não é uma exceção. A língua japonesa possui três ou quatro camadas lexicais, dependendo do

⁷ O termo 'língua comum', *kyoutsuugo* (共通語) é usado para se referir a língua que surgiu de forma espontânea para que pessoas de diferentes dialetos pudessem se comunicar (SUZUKI, HAYASHI, *et al.*, 1995, p. 233). Não se aplicará o termo 'língua padrão', *hyoudyungo* (標準語) para se referir a língua falada naquele país, pois o termo remete à discriminação sofrida pelos falantes de dialetos periféricos ocorrida à medida que este termo se propagou (SHIBATANI, 1990, p. 186).

autor. Além da camada das palavras nativas – *wago*, a língua tem duas outras camadas lexicais decorrentes de empréstimos: *kango* que se referem às palavras de origem chinesa e *gairaigo*, literalmente, ‘palavras vindas de fora’ que se referem a empréstimos lexicais de outras línguas. Tanto Shibatani (1990) como Labrune (2012) fazem a distinção de um quarto estrato lexical, a camada lexical de miméticos, as onomatopeias⁸.

Labrune (2012) enfatiza a importância da organização da língua em camadas lexicais para uma descrição e compreensão da língua japonesa, pois implica em grandes distinções tanto estruturais como pragmáticas. Cada camada lexical tem um sistema morfofonológico, semântico e pragmático distinto e, assim, as palavras são regidas por regras e/ou restrições de acordo com o estrato lexical que pertencem.

1.2.1.1 *Wago*

Wago, literalmente, ‘palavras japonesas’ também são conhecidas como *Yamato-kotoba* ‘palavras de Yamato’⁹. Por ser um país de tradição agrícola e pesqueira, Shibatani (1990, p. 140) afirma que o vocabulário nativo é rico em palavras e expressões relacionadas aos fenômenos da natureza e aos estágios de plantas e peixes. Um dos exemplos explorados pelo autor é referente às variadas formas de se referir à chuva. Com as quatro estações do ano bem definidas, as diferentes formas de expressar este fenômeno da natureza trazem consigo a referência de qual estação do ano se trata. Por exemplo: *haru-same* ‘chuva de primavera’, *aki-same* ‘chuva de outono’, *samidare* ‘chuva de verão’, *tuyu* refere-se ‘estação chuvosa’ no verão, *yuudati* ‘chuva de fim de tarde’, *sigure* ‘chuvas intermitentes de inverno’.

O arroz é outro exemplo trazido pelo autor relativo à distinção de nomenclatura para objetos semelhantes. Base da alimentação dos japoneses, o arroz é chamado de maneiras distintas de acordo com o estágio que se apresenta. No campo, o arroz é chamado de *ine*; o grão cru é denominado *kome*. O arroz cozido é chamado *gohan* ou *mesi* (SHIBATANI, 1990, p. 141). Embora estas duas últimas palavras sejam de

⁸ Shibatani (1990, p. 153) trata como onomatopeia o conjunto de três outras classes de palavras sonoras compostas *giseigo* ‘miméticos’, *gitaigo* ‘phenomimes’ e *gizyoogo* ‘psychomimes’.

⁹ “Nome antigo do Japão, sobretudo de uma região que corresponde à atual província de Nara” (COELHO e HIDA, 2010).

origem sino-japonesa, elas demonstram a variedade de formas de denominar o arroz na língua atual.

A camada lexical composta pelas palavras nativas também é rica no que se refere ao nome de peixes. Por exemplo, o peixe chamado seriola, muito utilizado na culinária japonesa, tem nomes distintos de acordo com a fase de maturação. Os peixes menores que nove centímetros são chamados *abuko*, *tubasu* e *wakanago*, os de cerca de 15 cm de comprimento são denominados *yasu* ou *wakasi*. São chamados *inada*, *seguro* e *warasa* os peixes de 36 a 60 cm. Os *hamati* são aqueles até um metro de comprimento. Por fim, os maiores de um metro são chamados *buri* (SHIBATANI, 1990, p. 141).

Em contrapartida, ainda segundo Shibatani (1990, p. 141), a língua tem poucas expressões referentes a animais domésticos, a partes do corpo e aos movimentos corporais. Enquanto, tanto em inglês como em português, há distinções lexicais quanto ao sexo e a idade dos bovinos – boi, vaca e bezerro, em japonês, as especificações são feitas por meio acréscimo de sufixos. Assim, boi é chamado *o-usi* ‘macho-boi’, *me-usi* ‘vaca’, *ko-usi* ‘bezerro’. Quanto às partes do corpo, o autor aponta que não há palavras separadas para perna e pé, sendo dito ‘*as*’, ou entre mão e braço, sendo usada a palavra *te* para ambos.

1.2.1.2 *Kango*

A origem da camada lexical chamada *kango* tem uma relação intrínseca com o sistema de escrita chinês, os *kanjis*. *Kango* significa ao pé da letra ‘palavras chinesas’ e estima-se que tenham sido levadas ao Japão durante o séc. I. A introdução em massa, contudo, ocorreu por volta do ano 400, quando livros e documentos chineses foram levados por mãos de estudiosos coreanos (SHIBATANI, 1990, p. 145). Por muito tempo, após a introdução, o uso da grafia chinesa se limitou a registros de documentos oficiais e à escrita acadêmica. As palavras chinesas foram gradualmente absorvidas na língua japonesa e no final da era Edo (1603-1867) já estavam presentes na linguagem coloquial e também em alguns dialetos, segundo Shibatani (1990, p. 145).

As palavras conhecidas como sino-japonesas, no entanto, não incluem apenas palavras trazidas da China, mas também aquelas criadas no Japão. Ainda segundo Shibatani (1990, p. 145) houve um aumento considerável no número de *kango* após a Restauração Meiji (1867). Como parte dos esforços de modernização, o governo japonês se empenhou na criação de termos para novos conceitos. Segundo Frellesvig (2010, p. 409), a estratégia utilizada para cunhar novas palavras foi a de encontrar um *kanji* ou combinações de *kanjis* que exprimissem o conceito desejado. Estes ideogramas receberam as leituras chinesas já existentes. Apesar de terem nascido no Japão, estas palavras são consideradas da camada lexical sino-japonesa por terem sido adaptadas do sistema de escrita e das leituras chinesas (SHIBATANI, 1990). Segundo Frellesvig (2010, p. 409), a grande maioria das palavras sino-japonesas usadas atualmente no Japão, foi deliberadamente criada durante o período Meiji¹⁰.

Para Shibatani (1990, p. 146), as palavras sino-japonesas são comparáveis às palavras latinas na língua inglesa, pois tendem a expressar conceitos abstratos, além de muitas das palavras acadêmicas serem compostas por elas. O autor traz a lista de sinônimos de palavras nativas e sino-japonesas em que há uma nuance mais formal nos *kango* enquanto as palavras nativas são usadas na linguagem coloquial.

Quadro 5:

Lista de sinônimos de palavras nativas e sino-japonesas

Glosa	Palavras Nativas	Palavras Sino-Japonesas
'ontem'	<i>kinou</i>	<i>sakuditu</i>
'língua'	<i>kotoba</i>	<i>gengo</i>
'diversão'	<i>asobi</i>	<i>yuugi</i>
'recibo'	<i>uketori</i>	<i>ryoosuusho</i>
'diferença'	<i>tigai</i>	<i>sooi</i>
'forma'	<i>katati</i>	<i>keitai</i>
'floresta'	<i>mori</i>	<i>sinrin</i>

Fonte: Shibatani (1990, p. 146)

¹⁰ Refere-se ao período de 45 anos (1867-1912) em que o Japão foi governado pelo imperador Mutsuhito, postumamente conhecido como Meiji (regime iluminado).

Sendo os *kango* mais formais, não é coincidência a afirmação de Frellesvig (2010, p. 490) de que as palavras sino-japonesas compõem maioria esmagadora do vocabulário acadêmico, político e intelectual.

1.2.1.3 *Gairaigo*

Termo cunhado pela primeira vez pelo linguista japonês Kazutoshi Ueda em 1895, *gairaigo* significa literalmente ‘palavras vindas de fora’. Excluídas as palavras sino-japonesas e empréstimos antigos naturalizados, elas referem-se a todas as demais palavras de origem estrangeira. Os *gairaigo* são grafados em *katakana* e assim também são conhecidos como *katakana-go* (FRELLESVIG, 2010, p. 404). Atualmente, as palavras originadas do inglês ocupam a maior porção desta camada lexical. Porém, de acordo com Shibatani (1990, p. 149), empréstimos do holandês e do português já ocuparam o posto de maior porção do *gairaigo*, refletindo os contatos do Japão com os países estrangeiros.

Os primeiros contatos com o mundo ocidental ocorreram com a chegada dos portugueses em meados do século XVI (SHIBATANI, 1990). Segundo Frellesvig (2010, p. 404), desde a chegada dos missionários até a proibição e expulsão dos cristãos em 1630, os empréstimos se restringiram às palavras do português.

Após a expulsão dos portugueses até a abertura do país na década de 1850, o contato com os europeus era, basicamente, limitado aos holandeses. Logo, durante aproximadamente dois séculos, o contato com as inovações tecnológicas e com as ideias europeias era feito por meio da língua holandesa, o que fez surgir os estudos holandeses (*ran-gaku*, < *ran* ‘Holanda’ + *gaku* ‘estudo’) por intelectuais neste período. Em decorrência destes fatos, um grande número de palavras holandesas passou a ser usado por estudiosos da área. No entanto, o número de palavras portuguesas mantidas na língua japonesa ainda é maior que as holandesas (FRELLESVIG, 2010, p. 404).

A partir do século XIX, o Japão sofreu grande influência nas áreas tecnológicas, científicas, materiais e culturais tanto de países europeus como dos Estados Unidos. Este fato fez com que, neste período, houvesse uma grande quantidade de empréstimos. Logo, o mesmo período em que houve empréstimos

traduzidos em forma de palavras sino-japonesas, também houve empréstimos diretos que resultaram no *gairaigo* (FRELLESVIG, 2010, p. 408).

1.2.1.4 *Giseigo, gitaigo, gizyogo*

Frellesvig (2010), Labrune (2012) e Shibatani (1990) consideram existir mais uma camada lexical na língua japonesa composta por um tipo específico de palavras. Segundo Shibatani (1990, p. 153), fazem parte deste estrato lexical os *giseigo*¹¹ (*phonominics*) – representação de sons naturais; os *gitaigo*¹² (*phenomimes*) - exprimem “estados, condições ou modos do mundo externo” e os *gizyogo*¹³ (*psychomimes*) - “simbolizam condições ou sensações mentais”. Os termos não foram traduzidos, pois não foram encontradas palavras que correspondam a esses termos adequadamente.

Segundo Labrune (2012, p. 13-14), a maioria das palavras que compõe esse estrato lexical é etimologicamente originada de vocábulos nativos. Contudo, por terem características próprias, essas palavras são categorizadas como subclasse da camada *wago*.

Esses três grupos de palavras são frequentemente usados no cotidiano e “ocorrem em linguagem animada e abundam em obras literárias, para o desgosto dos tradutores da literatura japonesa”¹⁴ (SHIBATANI, 1990, p. 157). Em grande parte, essas palavras são formadas por reduplicação e muitos terminam com *-ri* por uma perspectiva morfológica (SHIBATANI, 1990, p. 154).

Exemplos de *giseigo*

5. a. *wan-wan*
'au au'
- b. *kokekokkoo*
'cocoricó'
- c. *zaa-zaa*
'som de chuva torrencial'

¹¹ *giseigo* – representação em *kanji*: 擬声語

¹² *gitaigo* – representação em *kanji*: 擬態語

¹³ *gizyogo* – representação em *kanji*: 擬情語

¹⁴ No original: “occur in animated speech, and abound in literary works, to the chagrin of the translators of Japanese literature”

Exemplos de ***gitaigo***

6. a. *kossori*
‘furtivamente’
- b. *guzu-guzu*
‘vagarosamente’
- c. *pittari*
‘combinando perfeitamente’

Exemplos de ***gizyogo***

7. a. *tiku-tiku*
‘de modo ferroar, aguilhoar’
- b. *ira-ira*
‘irritadamente’

Por uma perspectiva sintática, estas palavras podem atuar como modificadores verbais, modificadores nominais e como predicados. São seguidos pelos morfemas *to* ou *ni* quando exercem a função de advérbio, visto em 8.a e 8.b. Na função de adjetivo, estas palavras são seguidas por *no*, como exemplificado em 8.c. Palavras que predicam com o acréscimo do verbo *suru* ‘fazer’ estão ilustradas em 8.d; e em orações não verbais, no exemplo 8.e, é seguido pela cópula *da* (SHIBATANI, 1990, p. 154).

8. a. *Pinky*¹⁵ *wa* ***nyan-nyan*** *to* *nak-u*
Pinky TOP miau miau to chorar-NPASP
‘Pinky chora miau miau.’
- b. *Onaka* *wo* *sawaru* *to,* ***pum-pum*** *ni* *okor-u*
barriga ACU tocar COND ONOMT COP.ADV enfurecer-
‘Quando roço a barriga, fica enfurecido.’
- c. *Tsuya-tsuya* ***no*** *ke*
brilhante GEN pelo
‘pelo brilhante’
- d. *Pinky* *wa* *nodo* *wo* ***goro-goro*** *s-ase-ru*
Pinky TOP garganta ACU rom-rom fazer-PASS-NPASP
‘Pinky faz a garganta fazer rom-rom.’
- e. *Pinky* *no* *onaka* *wa* ***maru-maru*** *da*
Pinky GEN barriga TOP redonda COP
‘A barriga do Pinky é redonda.’

(da autora)

¹⁵ Nome do gato da autora.

É preciso destacar que, como em outros aspectos da língua, há diferenças dialetais nas expressões miméticas de acordo com a região do Japão.

1.2.1.5 Palavras híbridas

Além das três camadas lexicais acima citadas, Shibatani (1991) e Frellesvig (2010) discorrem sobre as palavras híbridas que são palavras criadas a partir da mistura de vocábulos de origem etimológica distintos. Um exemplo apresentado por Frellesvig (2010, p. 404) é *Anpanman*, nome de um personagem de desenho animado de mesmo título. *Anpanman* (<*an* ‘sino-japonesa. pasta doce de feijão-azuki’ + *pan* ‘port. pão’ + *man* ‘ingl. homem’) leva o sufixo de super-herói do inglês, *-man*, e *anpan*, cunhado no período Meiji, composto por *an* ‘massa de feijão doce’, uma palavra sino-japonesa e *pan* ‘pão’ do português (FRELLESVIG, 2010, p. 404). O personagem é um herói com cabeça de pão recheado de pasta doce de feijão *azuki*. As palavras híbridas são, assim como *anpanman*, compostas por mais de uma camada etimológica.

1.2.1.6 Categorias lexicais

A língua japonesa tem nomes, adjetivos, verbos e categorias menores como demonstrativos e conjunções. No entanto, há duas categorias que, segundo Shibatani (1990, p. 215), não ocorrem nas línguas europeias. A primeira delas são os adjetivos-nominais e a segunda são os nomes-verbais (SHIBATANI, 1990, p. 215).

Denominada pela gramática tradicional japonesa como *keiyoo-dousi*¹⁶, os adjetivos-nominais têm similaridades com os nomes uma vez que também são seguidos da cópula. No entanto, se distinguem dos nomes por não exercerem funções gramaticais de sujeito, objeto, etc. (SHIBATANI, 1990, p. 216). Ou seja, não podem atuar como núcleo de sintagma nominal.

Abaixo são apresentados alguns exemplos de orações com adjetivos-nominais, nomes e adjetivos para fins comparativos.

¹⁶ A palavra *keiyoo-dousi* é resultado da junção de *keiyoo* de *keiyousi* ‘adjetivo’ e *dousi* ‘verbo’. No presente trabalho, será utilizada a palavra adjetivos-nominais seguindo a nomenclatura adotada por Shibatani (1990).

9. a. *Amanda wa kirei da* *kirei* – adjetivo-nominal
 Amanda TOP bonito COP
 ‘Amanda é bonita’
- b. *Amanda wa gakusei da* *gakusei* – nome
 Amanda TOP estudante COP
 ‘Amanda é estudante.’
- c. *Amanda wa kawaii* *kawaii* – adjetivo
 Amanda TOP amável
 ‘Amanda é amável.’
- d. *kirei na mei*
 bonito COP sobrinha
 ‘sobrinha bonita’
- e. *gakusei no Amanda*
 estudante GEN Amanda
 ‘estudante Amanda.’
- f. *kawaii mei*
 amável sobrinha
 ‘sobrinha amável’ (da autora)

No entanto, os adjetivos-nominais também têm similaridades com os adjetivos em relação a aceitar um sufixo nominalizador. É possível sufixar *-sa* aos adjetivos e aos adjetivos-nominais para derivar substantivos (SHIBATANI, 1990, p. 216).

10. a. *kawai-sa* adjetivo
 ‘graciosidade’
- b. *kirei-sa* adjetivo-nominal
 ‘beleza’ (SHIBATANI, 1990, p. 215)
- c. **gakusei-sa* nome
 ‘estudentice’ (SHIBATANI, 1990, p. 215)

A segunda categoria são os nomes-verbais. São nomes que predicam ao recebem o verbo *s-uru* ‘fazer-NPASP’ (SHIBATANI, 1990, p. 217). Apesar de grande porção dos nomes-verbais ser composta por palavras sino-japonesas, essa categoria também é composta por palavras de outras camadas lexicais.

11. a. *kenkyuu-suru* (*kenkyuu* - sino-japonesa)
 pesquisa-fazer
 ‘pesquisar’
- b. *soodan-suru* (*soodan* - sino-japonesa)
 trocar de ideia-fazer
 ‘consultar’

- c. *azituke-suru* (azituke - nativa)
tempero-fazer
'temperar'
- d. *kopii-suru* (kopii - inglês)
copiar-fazer
'copiar' (SHIBATANI, 1990, p. 215)

Essa categoria se diferencia dos nomes prototípicos, pois os nomes regulares não derivam verbos com o acréscimo do verbo *su-ru* 'fazer-NPASP'. Shibatani (1990, p. 217) demonstra, por meio de exemplos como *hon* 'livro' e *yama* 'montanha', que a formação de palavras como **hon-suru* e **yama-suru* com nomes não é possível.

1.2.2 Morfologia

Serão tratados, nesta seção, os aspectos morfológicos da língua japonesa. A língua apresenta tanto prefixação como sufixação nos processos morfológicos (SHIBATANI, 1990, p. 218). Os processos tratados serão divididos em categorias lexicais verbais e não verbais.

O conhecimento das camadas lexicais é relevante, também, por uma perspectiva morfológica (vide 1.2.1 Léxico). Isto porque os afixos diferem quanto à produtividade de acordo com a língua da qual são originados. Comumente, os afixos originados de empréstimos mais recentes são mais produtivos. Em contrapartida, os afixos originados de palavras nativas têm limitações quanto a quais palavras podem se prender e são, assim, menos produtivos (SHIBATANI, 1990, p. 218).

1.2.2.1 Não verbais

A prefixação está concentrada em nomes, sendo escassos os casos de prefixação em adjetivos e verbos (SHIBATANI, 1990, p. 218).

Nos nomes, *su-* que indica 'nu', 'desprovido de' é um exemplo de prefixo da língua nativa pouco produtivo, uma vez que são limitadas as palavras com as quais podem ocorrer (SHIBATANI, 1990, p. 218). Por outro lado, *o-* indicador de polidez é um prefixo bastante produtivo.

12. a. *su-de*
nu-mão
'mão descoberta'
- b. *su-asi*
nu-pé
'pés descalços'
- c. *su-hada*
nu-pele
'pele nua'
- d. *o-kane*
hono-dinheiro
'dinheiro'
- e. *o-susi*
hono-sushi
'sushi'

Os prefixos originados da língua inglesa são também produtivos na língua japonesa moderna. É o caso de prefixos como *suupaa-* 'super', *nyuu-* 'novo' *mini-* 'mini' *ooru-* 'todo' que são produtivos na língua.

13. a. *suupaa-syuturyoku*
'super rendimento'
- b. *nyuu-seihin*
'novo produto'
- c. *mini-keisanki*
'mini calculadora'
- d. *ooru-japan*
'todo o Japão'

(SHIBATANI, 1990, p. 219-220)

Há processos de derivação de nomes por meio do acréscimo de sufixos tanto em adjetivos como em verbos. Nomes são derivados de adjetivos com acréscimo de *-sa* e *-mi*. O sufixo *-sa* é mais produtivo em comparação a *-mi* que pode ser utilizado em um número limitado de adjetivos (SHIBATANI, 1990, p. 219).

14. a. *atataka-i* *atataka-sa / atataka-mi*
'quente, aquecido' 'calor'
- b. *uma-i* *uma-sa / uma-mi*
'gostoso, saboroso' 'sabor'

Um exemplo de sufixo que deriva nomes a partir de verbos originados do estrato lexical *wago* é o sufixo *-te*, que originalmente significa 'mão' e corresponde ao agente da ação.

15. a. *yomi-te*
ler-mão
'leitor'
- b. *hanasi-te*
falar-mão
'falante' em oposição a ouvinte
- c. *okuri-te*
enviar-mão
'remente'

Exemplos de sufixos originados de palavras chinesas são *-nin*, *-in*, *-sya* e *-syu*, todos com valores agentivos. A distribuição destes sufixos não tem uma lógica aparente (SHIBATANI, 1990, p. 219).

16. a. *uketori-nin*
'receptor'
- b. *soodan-in*
'consultor'
- c. *hanzai-sya*
'criminoso'
- d. *untan-syu*
'motorista'

Geralmente não há processos derivacionais por meio de prefixação na língua. No entanto, os seguintes prefixos são os poucos casos em que há mudança de classe lexical. De origem sino-japonesa, *hu-*, *mu-*, *hi-* e *mi-* expressam negação e convertem nomes em nomes-adjetivais (SHIBATANI, 1990, p. 219).

- | | |
|----------------------------------------------------|----------------------------------------------|
| 17. a. <i>kouhei</i>
'equidade, imparcialidade' | <i>hu-kouhei</i>
'injustiça, parialidade' |
| b. <i>kokuseki</i>
'nacionalidade' | <i>mu-kokuseki</i>
'sem nacionalidade' |
| c. <i>isiki</i>
'consciência' | <i>mu-isiki</i>
'inconsciência' |
| d. <i>zyoosiki</i>
'senso comum' | <i>hi-zyoosiki</i>
'falta de bom senso' |

Por outro lado, a derivação por meio de sufixação é comum. Ao adicionar o sufixo *-teki* de origem sino-japonesa a um substantivo, são produzidos substantivos adjetivais (SHIBATANI, 1990, p. 219).

18. a. *kagaku* *kagaku-teki*
'ciências' 'cientificamente'.

- b. *ron* *ron-teki*
 ‘teoria’ ‘teoricamente’
- c. *keizai* *keizai-teki*
 ‘economia’ ‘economicamente’

1.2.2.2 Verbais

Na língua japonesa, os adjetivos, os verbos e os verbos auxiliares (incluindo a cópula) são flexionados (SHIBATANI, 1990, p. 221). Serão descritos abaixo os processos flexionais de cada uma dessas classes. Também serão descritos alguns dos processos derivacionais.

Na língua japonesa, os **adjetivos** se flexionam de acordo com a polaridade e o tempo, como pode ser observado nos exemplos abaixo:

19. a. *kawai-i*
 amável-NPASP
 ‘é amável’
- b. *kawai-ku na-i*
 amável-ADV NEG-NPASP
 ‘não é amável’
20. c. *kawai-katta*
 amável-PASP
 ‘era amável’
- d. *kawai-ku na-katta*
 amável-ADV NEG-PASP
 ‘não era amável’

A prefixação nos adjetivos, assim como nos verbos, é restrita. Segundo Shibatani (1990, p. 218), além da polidez *o-*, há apenas dois prefixos, *hi-* e *ko-*, que se ligam aos adjetivos. No entanto, os adjetivos a que esses prefixos podem se ligar são restritos. São exemplos de *hi-* em *hi-yowai* ‘fraquinho’ e de *ko-* em *ko-girei* ‘ajeitado’.

Um exemplo de sufixo derivacional que quando afixado aos nomes cria adjetivos é *-rasii* ‘aparência de’. Um exemplo é este sufixo junto com o nome *gakusei* ‘estudante’ que resulta em *gakusei-rasii*, ‘aparentar ou parecer um estudante’.

Quanto a processos derivacionais que geram substantivos verbais, o morfema *-ka* é um exemplo. O sufixo *-ka* se liga aos substantivos (SHIBATANI, 1990, p. 219) trazendo a ideia de nominalização de ação, como nos exemplos abaixo:

21. a. *kindai* *kindai-ka*
 ‘período moderno’ ‘modernização’
- b. *dorama* *dorama-ka*
 ‘drama’ ‘dramatizar’
- c. *eiga* *eiga-ka*
 ‘filme’ ‘fazer um filme a partir de (um romance)’
- (SHIBATANI, 1990, p. 219)

No que se refere aos **verbos**, a língua japonesa apresenta alto grau de aglutinação, pois ao radical verbal se afixa um número consideravelmente alto de sufixos (SHIBATANI, 1990, p. 306).

Shibatani (1990, p. 221) reforça a característica aglutinante da língua japonesa, em que “as terminações flexionais são razoavelmente segmentadas de forma clara e as terminações segmentadas (ou sufixos) são correlacionadas com categorias flexionais de uma forma um-a-um” (SHIBATANI, 1990, p. 221). As categorias flexionais da língua japonesa exibem fatores morfossintáticos, aspectuais e modais.

Quadro 6:

Categorias flexionais padrão e finais flexionais do japonês moderno

Flexão	Terminologia japonesa	‘morrer’	‘olhar’	cópula
Irrealis	<i>Mizen</i>	<i>sin-a</i>	<i>mi-∅</i>	-
Adverbial	<i>Renyoo</i>	<i>sin-i</i>	<i>mi-∅</i>	<i>de</i>
Conclusivo	<i>Syuusi</i>	<i>sin-u</i>	<i>mi-ru</i>	<i>da</i>
Atributivo	<i>Rentai</i>	<i>sin-u</i>	<i>mi-ru</i>	<i>na</i>
Hipotético	<i>Katei</i>	<i>sin-e</i>	<i>mi-re</i>	<i>na-ra</i>
Imperativo	<i>Meirei</i>	<i>sin-e</i>	<i>mi-ro</i>	-
Coortativo	<i>Sikoo</i>	<i>sin-o</i>	<i>mi-yo</i>	<i>da-ro</i>

Fonte: Shibatani (1990, p. 232)¹⁷

Os auxiliares e partículas conjuntivas se ligam de acordo com as categorias flexionais.

¹⁷ Apesar de haver divergência entre estudiosos quanto aos tipos de categorias flexionais e finais flexionais apresentadas, Shibatani (1990) apresenta o quadro acima como o padrão, após analisar as várias formas de categorização.

Quadro 7:
Subcategorização de auxiliares e partículas conjuntivas de acordo com as categorias flexionais (japonês moderno)

Flexão	Terminologia japonesa	Auxiliares e partículas conjuntivas
Irrealis	<i>Mizen</i>	<i>-nai, n(u)</i> (negativo); <i>-seru, -saseru</i> (causativo); <i>-reru, -rareru</i> (passivo/honorífico)
Adverbial	<i>Renryo</i>	<i>-ta</i> (passado); <i>-masu</i> (polidez); <i>-tai</i> (desiderativo); <i>-soo(da)</i> (conjectural)
Conclusivo	<i>Syuusi</i>	<i>-rasii, -soo (da)</i> (rumor); <i>to, kara, ga</i> (morfemas conjuntivos)
Atributivo	<i>Rentai</i>	-
Hipotético	<i>Katei</i>	<i>-ba</i> (hipotético)
Imperativo	<i>Meirei</i>	-
Cohortativo	<i>Sikoo</i>	-

Fonte: Adaptado de Shibatani (1990, p. 224)

Assim, a morfologia verbal da língua japonesa tem a seguinte composição estrutural:

$$\frac{\text{Raiz (root) + final flexional (+ Auxiliar)}}{\text{Radical (stem)}} \mid (+ \text{Partícula})$$

Shibatani (1990, p. 224)

Quanto aos auxiliares sufixados ao radical verbal, há uma ordem de disposição fixa que será apontada abaixo. No entanto, os sufixos não necessariamente ocorrem todos ao mesmo tempo (SHIBATANI, 1990, p. 306).

Vradical-causativo-passivo-aspecto-desiderativo-negação-tempo
(SHIBATANI, 1990, p. 306).

Abaixo algumas expressões trazidas pelo autor para exemplificar a ordem dos sufixos:

22. a. *Ika-se-rare-na-i*
ir-CAUS-POTEN-NEG-NPASP
'não conseguir fazer X ir'

b. *Ika-se-rare-taku-na-i*
ir-CAUS-PASS-DESI-NEG-NPASP

'não querer ser feito ir'

(SHIBATANI, 1990, p. 306)

O sufixo derivacional *-garu*, que significa 'dar aparência ou ares de x', adicionado aos adjetivos e nomes resulta na formação de verbos. Por exemplo, o

sufixo *-garu* adicionado ao adjetivo *samui* 'frio' deriva o verbo *samu-garu* 'dar sinais de frio' (SHIBATANI, 1990, p. 219).

1.2.3 Sintaxe

1.2.3.1 Ordem de palavras

Há nas línguas uma distinção tipológica marcante entre línguas que apresentam, em relação à ordem de constituintes, verbo seguido de objeto (línguas verbo-objeto - VO) e aquelas que apresentam verbo precedido pelo objeto (línguas objeto-verbo - OV) (PAYNE, 2006). Enquanto, em uma oração transitiva, o português e todas as línguas românicas são línguas SVO, a língua japonesa é uma das línguas SOV, (exemplo 23).

23. *Panda*¹⁸ *ga* [*sakana wo tabeta*]
Panda NOM [peixe ACU comeu]

'Panda comeu o peixe.' (da autora)

Segundo Shibatani (1990, p. 257), apesar da ordem básica do japonês ser SOV, sendo atendida a exigência de manter o verbo ao final da sentença, na língua é permitido o reordenamento de constituintes pré-verbais. Ou seja, sujeito e objeto, por exemplo, podem ser invertidos sem perda ou mudança significativas na proposição (exemplo 24), fenômeno chamado de embaralhamento (*scrambling*).

24. *Sakana wo Panda ga tabeta*
peixe ACU Panda NOM comeu

'O peixe, Panda comeu.' (da autora)

Ainda segundo Shibatani (1990, p. 259), sentenças encontradas em falas coloquiais, como do exemplo 25, fazem acreditar que a regra de o verbo vir necessariamente no final de sentença esteja sendo violada. No entanto, o autor afirma que casos como do exemplo abaixo são acréscimos de informação como reflexão posterior a enunciação.

25. *Tabeta yo, Pinky ga*
Comeu ENF~~ERRO!~~ INDICADOR NÃO DEFINIDO. Pinky NOM

'Comeu, o Pinky.' (da autora)

¹⁸ Nome da gata da autora.

1.2.3.2 Língua posposicional

Uma das características comumente compartilhadas entre línguas SOV é a presença de **posposições** (PAYNE, 2006) e a língua japonesa não é uma exceção. Assim, enquanto na língua portuguesa há a presença de preposições, no japonês as relações gramaticais são expressas por morfemas posposicionais¹⁹ (SHIBATANI, 1990, p. 257). Os morfemas *ga*, *ni*, *no* e *wo* marcam o nominativo, dativo, genitivo e acusativo, respectivamente.

26. *Hiroshi ga Panda ni ike no sakana wo yatta*
 Hiroshi NOM Panda DAT **ERRO! INDICADOR NÃO DEFINIDO.** lagoa GEN peixe ACU
 deu.

‘Hiroshi deu o peixe da lagoa para a Panda.’ (da autora)

No entanto, as posposições não são usadas apenas para marcar casos gramaticais, mas também funcionam como conjunções e como representações da atitude do falante em relação ao enunciado (KUNO, 1981).

27. *Panda ga niwa de sakana wo tabeta yo*
 Panda NOM quintal LOC peixe ACU comeu ENF

‘Panda comeu peixe no quintal, viu?’ (da autora)

É a presença das posposições que permite o embaralhamento sem grandes mudanças no significado. Ao passo que na língua portuguesa, a ordem é a única diferença entre as frases abaixo (exemplo 28.a e 28,b), as posposições possibilitam o embaralhamento sem mudança no significado proposicional. Para melhor ilustração do fenômeno, veja o exemplo 29 em que a frase ‘Hiroshi deu o peixe da lagoa para a Panda’ pode ser expressa de seis maneiras.

28. a. *Panda mordeu o Hiroshi*
 b. *Hiroshi mordeu a Panda* (da autora)

29. a. *Hiroshi ga Panda ni ike no sakana wo yatta*
 Hiroshi NOM Panda DAT lagoa GEN peixe ACU deu
 b. *Hiroshi ga ike no sakana wo Panda ni yatta*
 Hiroshi NOM lagoa GEN peixe ACU Panda DAT deu

¹⁹ No ensino de língua japonesa, tradicionalmente, os morfemas que marcam caso são chamados de *partículas*. No entanto, partículas na abordagem adotada por este trabalho se referem “a palavras pequenas e não flexionadas ou clíticos que normalmente expressam informações relacionadas ao tempo, aspecto, modo, evidência, estrutura do discurso ou outras nuances de significado” (PAYNE, 2006, p. 125) e não se adequam aos morfemas aqui tratados.

- c. *Ike no sakana wo Hiroshi ga Panda ni yatta*
 lagoa GEN peixe ACU Hiroshi NOM Panda DAT deu
- d. *Panda ni Hiroshi ga ike no sakana wo yatta*
 Panda DAT Hiroshi NOM lagoa GEN peixe ACU deu
- e. *?Ike no sakana wo Panda ni Hiroshi ga yatta*
 lagoa GEN peixe ACU Panda DAT Hiroshi NOM deu
- f. *?Panda ni ike no sakana wo Hiroshi ga yatta*
 Panda DAT lagoa GEN peixe ACU Hiroshi NOM deu

‘Hiroshi deu o peixe da lagoa para a Panda.’ (da autora)

Segundo Kuno (1981), a ordem dos constituintes similar a apresentada em 29.a, em que o sujeito vem no início de oração é a mais comum. Em 29.c e 29.d, o objeto direto e o indireto foram respectivamente fronteados, e em 29.e e 29.f, tanto o objeto direto como o indireto foram posicionados à frente do sujeito. Apesar de todas as orações expressarem essencialmente a mesma mensagem, há diferenças discursivas sutis nas variações apresentadas acima. Shibatani (1990, p. 260) afirma que quando mais de um constituinte é fronteadado, há a perda de naturalidade, são os casos dos exemplos 29.e e 29.f.

1.2.3.3 Língua de núcleo final

Em relação aos constituintes, a língua japonesa é uma **língua de núcleo final**. Ou seja, apresenta os complementos precedendo os núcleos sintagmáticos. As línguas, como o japonês, em que os complementos se posicionam à esquerda do núcleo sintagmático, são chamadas de línguas de **núcleo final** ou **complemento + núcleo**, em oposição as línguas, como o português, de **núcleo não-final** ou **núcleo + complemento** (PAYNE, 2006, p. 194). Esta ordem de palavras complemento + núcleo é regularmente mantida em todos os tipos de constituintes na língua japonesa (SHIBATANI, 1990, p. 257). Assim, os pronomes demonstrativos, números e adjetivos precedem, nesta ordem, os nomes.

30. a. *Pinky ga [ookii sakana wo] tabeta*
 Pinky NOM [grande peixe ACU] comeu

‘Pinky comeu um peixe grande.’ (da autora)

31. b. *Pinky ga [ano san-biki no ookii sakana wo] tabeta*
 Pinky NOM [aquele três-CLS GEN grande peixe ACU] comeu

‘Pinky comeu aqueles três peixes grandes’. (da autora)

O nome genitivo, ou seja, o possuidor, também precede o núcleo do sintagma nominal possuído. Por conseguinte, no exemplo abaixo, *Hiroshi no* ‘do Hiroshi’ precede *sakana* ‘peixe’.

32. *Pinky ga [Hiroshi no sakana wo] tabeta*
 Pinky NOM [Hiroshi GEN peixe ACU comeu

‘Pinky comeu o peixe do Hiroshi.’ (da autora)

A oração relativa não é exceção no que concerne à estrutura constituinte, vindo antes do nome modificado.

33. *Pinky ga [[Hiroshi ga tsutta] sakana wo] tabeta*
 Pinky NOM [Hiroshi NOM pescou peixe ACC] comeu

‘O Pinky comeu o peixe que o Hiroshi pescou.’ (da autora)

Sendo uma língua de núcleo final, o advérbio também precede o verbo modificado. No exemplo 34, *yoku* ‘frequentemente, bem’ posiciona-se logo à frente do verbo *taberu* ‘comer’.

34. *Pinky ga sakana wo [yoku taberu]*
 Pinky NOM peixe ACU [frequentemente come]

‘Pinky frequentemente come peixe.’ (da autora)

Auxiliares verbais e verbos auxiliares seguem o verbo principal.

35. a. *Pinky ga ano sakana wo [taberu beki da] auxiliar verbal*
 Pinky NOM aquele peixe ACU [comer deve COP]

‘O Pinky deve comer aquele peixe.’

- b. *Pinky ga sakana wo tabete i-ru verbo auxiliar*
 Pinky NOM peixe ACU comer existir-NPASP

‘O Pinky está comendo o peixe.’ (da autora)

1.2.3.4 Tipos de orações simples

De acordo com Kuno (1981), a língua japonesa possui três tipos de orações: as verbais, as adjetivais e as copulares. São exemplos de orações verbais:

36. a. *Hiroshi ga ki-ta*..... S V
 Hiroshi NOM vir-PASP

‘Hiroshi veio.’

- b. *Hiroshi ga Pinky wo mi-ta*..... S O V
 Hiroshi NOM Pinky ACU ver-PASP

‘Hiroshi viu o Pinky.’

c. *Hiroshi ga Pinky ni sakana wo yat-ta*.....S OI OD V
 Hiroshi NOM Pinky DAT peixe ACU dar-PASD

‘Hiroshi deu (um) peixe para o Pinky.’

d. *Hiroshi ga Amanda ni at-ta*.....S OI V
 Hiroshi NOM Amanda DAT encontrar-PASD

‘Hiroshi se encontrou com a Amanda.’ (da autora)

Abaixo são exemplos do que Kuno (1981) chama de orações adjetivas, nas quais “os adjetivos são usados como verbos de orações principais e não são seguidos por cópulas” (KUNO, 1981).

37. a. *Amanda wa mada waka-i*
 Amanda TOP ainda novo-NPST

‘Amanda ainda é nova’

b. *Manaus wa itsumo atsu-i*
 Manaus TOP sempre quente-NPST

‘Manaus é sempre quente.’ (da autora)

Por fim, exemplos das orações denominadas por Kuno (1981) como orações copulares, que nada mais são do que orações não verbais. As orações não verbais são expressas pelas cópulas *da* ‘COP’ ou *desu* ‘COP.POL’. A classe lexical da língua japonesa denominada adjetivos nominais também é seguida de cópula. Os adjetivos nominais têm natureza adjetiva, mas não se flexionam morfologicamente como os adjetivos (KUNO, 1981).

38. a. *Pinky wa neko da*
 Pinky TOP gato COP

‘Pinky é um gato.’

b. *Amanda wa syoodiki da*
 Amanda TOP sincera COP

‘Amanda é sincera.’ (da autora)

Foram apresentadas nessa seção as principais características da língua japonesa.

1.3 VARIEDADE BRASILEIRA DA LÍNGUA JAPONESA – ESTUDOS PRELIMINARES

O contexto histórico da imigração japonesa no Brasil proporcionou o contato linguístico entre a língua japonesa e a portuguesa nas comunidades nipo-brasileiras.

A língua japonesa falada nas comunidades japonesas é conhecida e denominada de *koronia-go* pelos próprios membros da comunidade nipo-brasileira. *Koronia-go* significa literalmente ‘língua da colônia’, sendo *koronia* originada da palavra colônia e *-go* o sufixo referente à língua. Da mesma forma, *porutogaru* significa Portugal e *porutogaru-go* português. Entretanto, a literatura traz maneiras variadas de se referir ao *koronia-go*. Por exemplo, *língua da colônia* (MASE, 1987), *variedade da língua japonesa* (KUYAMA, 2000; TAKANO, 2013) e *variante nipo-brasileira* (TAKANO, 2007). Ao considerar que a imigração japonesa não é um fenômeno exclusivo do Brasil e ao levar em conta a coexistência de outras variedades da língua japonesa dentro e fora do Japão, além do fato de que o falar da comunidade japonesa no Brasil tem peculiaridades inerentes a este país, a presente pesquisa opta por chamar de Variedade Brasileira da Língua Japonesa (doravante VBLJ).

A característica mais notória desta variedade da língua japonesa nascuda no seio da comunidade japonesa do Brasil são os empréstimos lexicais da língua portuguesa (KUYAMA, 1999, p. 20). A inserção de palavras do português é feita de tal forma que, segundo Morales (2011, p. 28), é preciso que os interlocutores sejam bilíngues para que a comunicação ocorra e, provavelmente, a variedade é ininteligível para japoneses recém-chegados ao Brasil, pois precisariam de certo conhecimento da língua portuguesa para compreendê-la. Este fato é comprovado no relato do jornalista japonês Masayuki Fukasawa (2017).

O jornalista relata que, recém-chegado à cidade de São Paulo, obteve a seguinte resposta ao perguntar o caminho a um japonês radicado no Brasil.

39. *Soko no esukiina de onibusu wo pega-si-te*
aí GEN esquina LOC ônibus ACU pegar-fazer-CONJ

sinkuenta centaabosu harat-te,
cinquenta centavos pagar-CONJ

purassa da repuburika no ponto de orire-ba ii
Praça da República GEN ponto LOC descer-COND bom.

‘Pegue um ônibus nessa esquina, pague cinquenta centavos e desça na Praça da República que fica bom’.
(FUKASAWA, 2017)

Estudos preliminares apontam que a VBLJ traz particularidades que vão além da incorporação das palavras do português na língua japonesa. O falar criado entre os imigrantes japoneses no Brasil carrega traços dialetais da região Oeste do Japão;

é usado, por vezes, de forma inconsciente por imigrantes japoneses radicados no Brasil e, outras vezes, é estigmatizado pelos próprios falantes.

As colônias japonesas no Brasil são formadas por imigrantes oriundos de diversas regiões do Japão. Desse modo, a fim de tornar a comunicação mais fluida nestas comunidades japonesas, a língua passou por um “processo de homogeneização” (MASE, 1987, p. 137). Mase (1987, p. 138) afirma que a língua comum utilizada em São Miguel do Arcanjo e Ibiúna, colônias japonesas pesquisadas pelo autor, tem características dialetais do Oeste, por serem os imigrantes vindos desta região proporcionalmente maior.

Morales (2011, p. 30), ao escrever sobre a variedade nipo-brasileira a partir da própria vivência, afirma estar, esta língua, arraigada no cotidiano dos imigrantes (*oldcomers*²⁰) de tal forma que já não se dão conta da diferença entre o japonês padrão e daquele falado no Brasil. A autora conjectura ainda que imigrantes e seus descendentes, dentro das comunidades, sintam-se mais à vontade utilizando a variedade nipo-brasileira ao invés do japonês padrão. Sobre este assunto, Takano (2009, p. 386) afirma que “a língua é o instrumento pelo qual o indivíduo estabelece as suas relações entre “eu” e o “mundo” e com ela se constrói o significado do mundo social”, discorrendo sobre a existência de uma relação inerente entre a língua e a identidade étnica do *nikkei*, o que torna este falar uma herança cultural e linguística da comunidade nipo-brasileira (TAKANO, 2009, p. 387).

Se por um lado esta variedade é símbolo da etnicidade *nikkei*, por outro é estigmatizada pelos próprios falantes. Autores registram a percepção do *koronia-go* sendo considerada uma “língua feia” ou “japonês errado falado dentro de casa” (MORALES, 2011, p. 33), ou como registra Takano (2007) é considerado como um falar ‘inapropriado’, ‘falar caipira’ ou ‘falar da roça’. Morales (2011, p. 33) relata que enquanto os estudantes não descendentes de língua japonesa, mesmo cometendo erros, tentam se expressar em japonês, os *nikkei* não o fazem mesmo tendo desenvoltura na língua por acreditarem que não falam o japonês “de verdade”.

²⁰ *oldcomers*: refere-se aos imigrantes japoneses que desembarcaram no Brasil até o final da década de 1980.

O estigma acaba gerando um distanciamento dos descendentes em relação a esta variedade, reprimindo a manutenção linguística. Acredita-se que este fato acelere a mudança de código, prevalecendo, assim, a(s) língua(s) de prestígio.

Kudo (2004, p. 8) sintetiza a transição da língua japonesa para a portuguesa nas comunidades nipo-brasileiras com o auxílio das Figuras 1 e 2 (vide original no Anexo A).

Na Erro! Autoreferência de indicador não válida., o triângulo com a ponta virada para baixo representa a língua japonesa que se afunila de acordo com as gerações. Ou seja, a parte superior representa os imigrantes japoneses (*issei*²¹) com predomínio da língua japonesa. À medida que evoluem as descendências - filhos e netos destes imigrantes (*nissei*²² e *sansei*²³), a presença da língua japonesa se restringe sendo substituída pela língua portuguesa representada pelo triângulo com linhas pontilhadas. Ainda na Erro! Autoreferência de indicador não válida., os rótulos à esquerda indicam as comunidades de fala e à direita as estruturas oracionais. Os imigrantes utilizam nas comunidades locais estruturas complexas em língua japonesa. Já os *nisseis*, filho de japoneses, utilizam orações simples e em contextos mais restritos, como no ambiente familiar. E na ponta do triângulo virado para baixo, estão os netos dos imigrantes (*sansei*) que têm um ambiente de fala bem específico ao se comunicarem com os avós e se restringem a nível vocabular.

A Figura 2 ilustra as quatro habilidades em língua japonesa de acordo com as gerações. Na parte superior do triângulo invertido, estão representadas as quatro habilidades na língua em que a habilidade de escrita se encontra no cerne. Movendo-se do centro para as extremidades, encontram-se as habilidades de leitura, fala e compreensão. As habilidades representadas pelo cerne – a escrita e a leitura – se estreitam com o avançar das gerações, e os *isseis* estão representados na parte superior com, possivelmente, todas as habilidades. Entre os *nisseis*, não há mais a representação da escrita e entre os *sanseis* fica apenas a compreensão da língua.

²¹ *issei*: *is*- 'número um; primeiro'; *-sei* 'geração'. O termo se refere ao imigrante japonês, à primeira geração que reside fora do Japão.

²² *nissei*: *ni*- 'dois, segundo'; *-sei* 'geração'. Diz-se do filho de imigrante japonês. Ou seja, a segunda geração que reside fora do Japão.

²³ *sansei*: *san*- 'três, terceiro'; *-sei* 'geração'. Refere-se ao neto do imigrante japonês, a terceira geração residente fora do Japão.

Deste modo, a Figura 2 complementa a Figura 1, representando a perda das habilidades linguísticas pelos descendentes no Brasil.

Figura 1
Transição da língua japonesa para a portuguesa
nas comunidades nipo-brasileiras

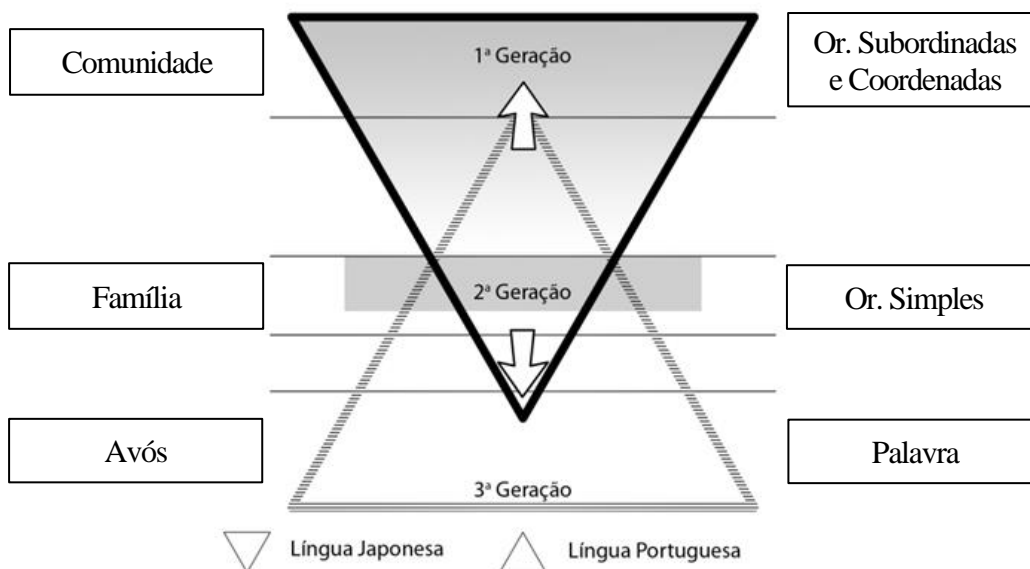
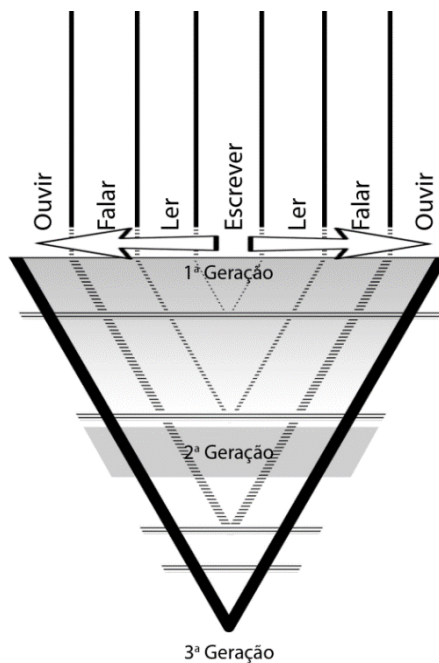


Figura 2
Habilidades na língua japonesa de acordo com a geração



Fonte: (KUDO, 2004, p. 8)

No entanto, segundo Takano (2007), não é apenas a língua portuguesa que está em conflito com a VBLJ. Analisando a variedade sob o conceito de diglossia,

Takano (2007) afirma que o preconceito em torno do *koronia-go* gera um complexo de inferioridade nos seus falantes em relação à língua japonesa daquele país. “O preconceito em relação a esta variante nasce no seio da comunidade nipo-brasileira e se estende além mar” (TAKANO, 2007, p. 4).

Dado o contexto em que a variedade da língua japonesa está inserida, abaixo serão apresentadas as revisões de trabalhos realizados sobre este tema. Dentre os textos publicados no Brasil que tratam desta variedade, se destacam os trabalhos de Mase (1987), Ota (1993), Kuyama (2000); Ferreira (2009); Takano (2009); Morales (2011) e Takano (2013).

1.3.1 Primeiros Trabalhos – Mase (1987)

O primeiro artigo publicado, na revista *Estudos Japoneses*²⁴, a abordar as peculiaridades da língua japonesa no Brasil é de 1987. De autoria de Yoshio Mase (1927-2014), então professor da Universidade Nacional de Shinshû, no Japão, atuou nas áreas de Fonética, Fonologia e Dialectologia.

O artigo, intitulado *A língua japonesa dos imigrantes japoneses e seus descendentes no Brasil*, versa sobre a língua japonesa aqui falada com base no contato do autor com descendentes de japoneses do Curso de Letras Japonês da Universidade de São Paulo, onde atuou como professor visitante no ano de 1986. É com base na língua falada pelos discentes residentes em São Miguel do Arcanjo e Ibiúna, também no estado de São Paulo, que o autor traça as principais características da língua japonesa falada no Brasil.

Entre os imigrantes pesquisados por Mase (1987), a língua de comunicação é os dialetos largamente difundidos na região oeste do Japão. A predominância do dialeto do oeste se explica por serem os imigrantes japoneses no Brasil oriundos desta região em maior número que os japoneses da região leste (MASE, 1987, p. 138).

²⁴ Uma das únicas revistas acadêmicas que publica artigos relacionados à Língua, Literatura e Cultura Japonesas no Brasil. Com o primeiro número publicado em 1979, é também a pioneira nesta área. A revista *Estudos Japoneses* é publicada pela Universidade de São Paulo –USP e tem a partir do número 33 (2013) a versão digital disponível no site <https://www.revistas.usp.br/ej/issue/archive>.

Ao afirmar ainda que a língua japonesa falada no Brasil sofre também grande influência da língua portuguesa, o autor traz exemplos a nível lexical, gramatical e fonético.

Inicialmente, Mase (1987, p. 139-140) traz como exemplo o emprego “equivocado” da palavra *oisi*²⁵ ‘gostoso’ utilizado com a amplitude semântica da língua portuguesa. Na língua portuguesa, a palavra é empregada tanto para coisas relacionadas ao paladar como às sensações táteis, enquanto na língua japonesa, *oisi* ‘gostoso’ só pode ser utilizada para se referir ao paladar.

Quanto aos empréstimos lexicais da língua portuguesa, Mase (1987, p. 141) declara não se restringirem aos nomes e relata a forma curiosa com que os pronomes pessoais são empregados. Na “língua da colônia” – como o autor se refere à variedade – ‘eu’ é dito *yoo*²⁶. ‘Nós’, no entanto, não é dito *nosu*, como se esperaria. O pronome plural toma a forma de *yoo-ra*²⁷, pronome ‘eu’ com o acréscimo do sufixo *-ra* que expressa o plural, na língua japonesa. O mesmo acontece com ‘você’ dito *ossee*²⁸ e ‘vocês’ *ossee-ra*²⁹ (MASE, 1987, p. 141).

O autor afirma, que quando se trata de nomes, o volume de empréstimos é ainda maior. São alvos de empréstimo tanto aquelas palavras que no momento da chegada dos imigrantes eram incomuns no cotidiano e, assim, pouco utilizados no léxico japonês (ex.: cama, fogão, café), como aquelas comuns como água, batata, arroz, carne (MASE, 1987, p. 141).

Quanto aos verbos, o pesquisador relata que o processo é similar ao que a língua japonesa padrão faz ao tomar emprestado um verbo da língua inglesa. No Japão, essa categoria recebe novos itens lexicais com o acréscimo de *suru* ‘fazer’. Ou seja, ‘cortar’ é expresso *katto-suru*³⁰. No falar dos imigrantes e descendentes, as ações são expressas também com o acréscimo do verbo *suru*, mas no caso dos empréstimos do português, o verbo é conjugado na terceira pessoa do singular. Dessa

²⁵ /*oisiR*/ - representação fonologicamente usada pelo autor. O /*R*/, no artigo de Mase (1987), está sendo utilizado para indicar vogal longa, uma codificação adotada por Kindaichi Haruhiko para transcrever “fonema de alongamento vocálico” (SHIBATANI 1990, p. 163). Comumente, se dobra a vogal ou aplica-se um acento circunflexo na para indicar a vogal longa.

²⁶ /*joR*/ - representação fonológica usada por Mase (1987);

²⁷ /*joR-ra*/ - representação fonológica usada por Mase (1987);

²⁸ /*oQseR*/ - representação fonológica usada por Mase (1987). Mase (1987) utiliza o /*Q*/ para representar as consoantes longas.

²⁹ /*oQseR-ra*/ - representação fonológica usada por Mase (1987);

³⁰ /*kaQto-suru*/ - representação fonológica usada por Mase (1987);

forma, namorar é expresso *namoora-suru*³¹, jantar é *dyanta-suru*³² (MASE, 1987, p. 141).

O autor ainda relata empréstimos nas categorias de adjetivo e de advérbio que também ocorrem da mesma forma quando o japonês padrão faz empréstimos lexicais da camada *gairai-go*.

No caso dos adjetivos, há o acréscimo da cópula *da*.

40. a. *ano otoko wa boniito da*
aquele homem TOP bonito COP

‘Aquele homem é bonito’

b. *ano musume wa boniita da*
ano menina TOP bonita COP

‘Aquele menina é bonita’

c. *kuritiiba no mati wa boniita da*
Curitiba GEN cidade TOP bonita COP

‘A cidade de Curitiba é bonita’

(MASE, 1987, p. 141)

Ao apresentar estes dados, o autor observa também que se faz a distinção do gênero do adjetivo (MASE, 1987, p. 141). É preciso salientar que não há marca de gênero na língua japonesa.

Em sequência, Mase (1987, p. 142) versa também sobre a alta frequência de uso das palavras *sin* e *non*, ao invés de *hai* ‘sim’ e *ie* ‘não’ que comumente é reduplicado *sinsin*³³ e *nonnon*³⁴. Ademais, estas palavras são empregadas de forma diferente daquela usada no Japão. Enquanto no japonês se usa sim ou não concordando ou não com a frase enunciada, na língua da colônia, assim como na língua portuguesa, “expressam uma antecipação ou uma asseveração da resposta a ser dada, independentemente da forma em que foi feita a pergunta” (MASE, 1987, p. 142).

Em seguida, o autor traz os aspectos fonológicos da diferença entre o falar dos imigrantes e seus descendentes versus o falar dos japoneses. As diferenças expostas pelo autor são geradas devido à diferença rítmica entre as línguas. Enquanto o português é baseado na divisão silábica, o japonês é baseado na divisão moraic.

³¹ /*namoRra-suru*/ - representação fonológica usada por Mase (1987);

³² /*zjaNta-suru*/ - representação fonológica usada por Mase (1987);

³³ /*siNsiN*/ - representação fonológica usada por Mase (1987)

³⁴ /*noNnoN*/ - representação fonológica usada por Mase (1987)

As maiores saliências são nas realizações de consoantes geminadas e vogais longas, traços distintivos na língua japonesa.

Provavelmente pela natureza de como o artigo foi produzido³⁵, a metodologia usada pelo pesquisador no levantamento dos dados não foi esclarecida no artigo. Desse modo, a amostra dos dados se limita aos fenômenos pontuais trazidos pelo autor.

1.3.2 Empréstimos do português nos jornais japoneses do Brasil – Ota (1993)

O artigo de autoria de Junko Ota (1993) apresenta os resultados do levantamento de empréstimos lexicais do português em três jornais, em língua japonesa, publicados no Brasil. O falar de uma comunidade está atrelado aos contextos sociais e culturais na qual está inserido e reflete a visão de mundo dos membros do grupo que o utilizam. Sob esta perspectiva sociolinguística, Ota (1993, p. 41) analisa a influência do ambiente social no nível linguístico por meio dos jornais que circulam nas comunidades japonesas. Considerando, assim, os jornalistas e redatores como emissores e o público leitor como receptor deste sistema de comunicação.

Em 1993, havia três jornais³⁶ impressos em língua japonesa no Brasil que somavam 120 mil tiragens diárias. Estes jornais tinham como público leitor, além dos imigrantes e seus descendentes, os japoneses de permanência temporária - funcionários das empresas sediadas no Japão. Apesar de, ao longo dos anos, ter tido um público cada vez mais restrito, os jornais tiveram grande influência nas comunidades japonesas, principalmente, nos períodos em que a comunidade japonesa tinha pouco acesso às notícias do Japão, das comunidades japonesas e notícias do Brasil em língua japonesa. Estes jornais também cumpriam o papel de

³⁵ Uma nota ao final do artigo traz a informação de que o mesmo foi compilado a partir de uma palestra realizada II Congresso Brasileiro de Estudos Afro-Asiáticos, em novembro de 1986. Dessa forma, foram retirados os materiais coletados que serviram de base para a apresentação da palestra.

³⁶ A saber: São Paulo Shimbun (1945), Jornal Paulista (1947) e Jornal Nippaku (1949). O Jornal Paulista e o Jornal Nippaku se fundiram formando o Nikkey Shimbun, em 1998 (MATHEUS, 2008). No dia 20 de dezembro de 2018, o jornal São Paulo Shimbun anunciou que o dia da sua última edição - dia 01 de janeiro de 2019 (NIKKEY SHIMBUN, 2018).

canais de comunicação entre colônias japonesas onde os eventos e projetos das comunidades eram publicados (OTA, 1993, p. 42-43).

Das oito páginas que, em média, compunham estes jornais, sete eram escritas em língua japonesa e uma página em língua portuguesa. Destas, três páginas eram destinadas às notícias da colônia e do Brasil. A participação da comunidade era expressiva, sendo registrada na coluna do leitor e na coluna de poemas (*haikai* e *tanka*). A seção de poemas era acompanhada das análises dos mestres, assim como nos jornais japoneses (OTA, 1993, p. 43).

O levantamento nos três jornais foi realizado durante cinco dias do mês de janeiro de 1992 (OTA, 1993, p. 49). Ao realizar a análise, Ota (1993, p. 48) chega à conclusão de que as palavras utilizadas no cotidiano brasileiro são incorporadas na fala e na escrita japonesa do Brasil refletindo o contexto em que estão inseridas. Quando palavras do português são usadas, a tradução em japonês por vezes é inserida no contexto, por outras é registrada entre parênteses. Em muitos outros casos, as palavras do português vinham desprovidas de qualquer tradução ou explicação.

Seguem-se as principais constatações feitas por Ota (1993) acerca dos dados levantados. A primeira delas é relacionada aos nomes de instituições, siglas e impostos. Constataram-se duas maneiras de registrá-los. Uma forma em que às siglas são acrescentadas de traduções em japonês, por exemplo: FIESP (...), IPVA (...), ICMS (...)³⁷ e outra em que o nome é registrado por extenso, em japonês, seguidos de siglas, ora entre parênteses e ora sem parênteses, por exemplo: ... OAB, ... (GLP) (OTA, 1993, p. 49).

Ota (1993, p. 49-50) também observou a presença de palavras tal qual são faladas no Brasil, grafadas em japonês, acompanhadas de tradução entre parênteses: Exemplos: *sonegason* (...) 'sonegação', *diria* (...) 'gíria', *eroson* (...) 'erosão', *atta* (...) 'ata'. Este recurso, segundo a autora, também é usado nos jornais do Japão quando se trata de palavras estrangeiras pouco familiares aos leitores.

Um dos casos mais recorrentes foi o de empréstimos do português sem traduções ou explicações no contexto. Não foram traduzidas ou explicadas as palavras referentes à natureza ou relacionadas a algo típico do Brasil com origem portuguesa ou tupi. São elas: piracema, ipê, ipê-roxo, jacarandá, sucuri, bem-te-vi,

³⁷ As reticências indicam a tradução em língua japonesa.

copo-de-leite, jangada, piranha, jaca, pinga, etc. Os vocábulos concernentes à natureza são peças fundamentais na criação de poemas (OTA, 1993, p. 50).

Entre as palavras que expressam particularidades do contexto brasileiro estão feijoada, rodízio, churrascaria, escola de samba. Quanto a essas palavras, a autora pressupõe que a ausência da tradução destes termos seja devida à familiaridade dos leitores com essas palavras, presentes no cotidiano no Brasil (OTA, 1993, p. 50).

Os produtos agrícolas, tampouco, são seguidos de traduções. Composto por uma parcela representativa de produtores rurais, os leitores têm grande interesse no mercado agrícola. Nos jornais, há publicações periódicas de cotação de preços destes produtos por cooperativas. Ota (1993) constata haver uma tendência em manter o nome destes produtos em português, sendo transliterados para o japonês. Como existem tantos produtos que têm, como aqueles que não têm correspondência na língua japonesa, a autora acredita que se optou pela unificação no uso dessas palavras em português. A pesquisadora especula que a escolha pela padronização tenha sido a praticidade de dispensar eventuais traduções tanto da parte de quem escreve (cooperativa), como de quem lê (produtores rurais e revendedores) que tem contato diário com um público não-falante de japonês (OTA, 1993, p. 51).

Verificou-se também que há oscilações na grafia japonesa *katakana*³⁸ da palavra feijão. Ora foi grafado seguindo a representação escrita do português, *feijon*, ora sendo mais fiel ao como é pronunciado, *fejon*. Também houve o registro como *feijon-mame* (<*feijon* 'feijão' + *mame* 'grão').

A preferência no uso de empréstimos do português ao invés de palavras do inglês é outra categoria destacada por Ota (1993). No Japão, muitas palavras estrangeiras, principalmente de origem inglesa, compõem o léxico da língua japonesa. No entanto, devido ao fato de muitas das palavras estrangeiras, em sua maioria de origem inglesa, terem sido introduzidas após a imigração, os japoneses e seus descendentes radicados no Brasil se familiarizaram com as palavras do português. Veja alguns dos exemplos levantados pela autora no quadro abaixo:

³⁸ Um dos três sistemas de escrita utilizado pela língua japonesa. É um sistema silábico com 46 letras.

Quadro 8:
Empréstimos no Brasil e no Japão

Como é empregado no Brasil:	Como é empregado no Japão:
<i>superumerucaado</i> 'supermercado'	<i>suupaamaaketto</i> 'supermarket'
<i>onibusu</i> 'ônibus'	<i>basu</i> 'bus'
<i>nobeera</i> 'novela'	<i>dorama</i> 'drama'
<i>aparutamento</i> 'apartamento'	<i>apaato</i> abrev. de 'apartment'
<i>fesuta</i> 'festa'	<i>paatti</i> 'party'
<i>soburemeesa</i> 'sobremesa'	<i>dezaato</i> 'dessert'
<i>nataru</i> 'Natal'	<i>kurisumasu</i> 'Christmas'

Fonte: Ota (1993, p. 51-52)

No entanto, algumas palavras oscilam entre como são faladas no Brasil e o empréstimo do inglês usado no Japão, às vezes, em uma mesma matéria (OTA, 1993, p. 52).

Quadro 9:
Oscilação no emprego de empréstimos no Brasil e no Japão

Como é empregado no Brasil:	Como é empregado no Japão:
<i>serubeeja</i> 'cerveja'	<i>biiru</i> 'beer'
<i>baire</i> 'baile'	<i>dansu paatii</i> 'dance party'

Fonte: Ota (1993, p. 52)

Na verificação, também foram encontrados casos de formação de palavras híbridas compostas por empréstimos do português. Por exemplo: *dai-sekka* (<*dai* 'grande' + *sekka* 'seca') 'grande seca', *semi-sinsya* (<*semi* 'semi' + *sinsya* 'carro novo') 'carro semi-novo', *ensyaada-nou* (<*ensyaada* 'port. enxada' + *nou* 'agricultura') 'agricultura a base da enxada'. Segundo a autora, as palavras híbridas demonstram "certo grau de integração e aceitação dos empréstimos do português" (OTA, 1993, p. 53).

Por fim, a pesquisadora relata casos em que as expressões do português são traduzidas parcialmente para a língua japonesa. O resultado da tradução são

“expressões inexistentes no japonês do Japão”. A frase abaixo é um dos exemplos retirado da carta de um leitor. Ota (1993, p. 53) afirma ser este fenômeno uma evidência de que a influência do português não se limita ao nível lexical.

41. *ensyaada* *wo* *hipparu*
 enxada ACU puxar

‘puxar enxada’

(OTA, 1993, p. 53)

Enquanto a expressão em português é ‘puxar enxada’, no japonês padrão, seria *kuwa wo motsu* ‘lit. segurar a enxada’ ou *kuwa wo ireru* ‘lit. enfiar a enxada’. Assim, a expressão apresentada em 41 é a tradução literal de como é falada em português.

Ao finalizar as análises, Ota (1993) assevera que a necessidade de expressar objetos e fatos que fazem parte da realidade dos falantes é marcante no emprego do português nos escritos em japonês. Na preferência em empregar palavras usadas no Brasil, mesmo quando existem correspondentes em japonês, se contempla a figura dos jornalistas ou dos redatores (emissores) que levam em conta os leitores que compartilham a mesma realidade: o cotidiano brasileiro.

Ota (1993, p. 54) conclui afirmando que “esses termos evocam, (...), o consenso entre o emissor e o receptor, a pressuposição do emissor em relação ao receptor como um outro membro da mesma comunidade, ou do grupo de falantes de japonês que convivem num meio social brasileiro, distinto do japonês”.

1.3.3 Fatores sociais e frequência de empréstimo – Kuyama (2000)

Artigo publicado no número 20 da revista acadêmica *Estudos Japoneses* (USP) é sobre a frequência de empréstimo lexical feita pelos imigrantes japoneses. A autora, Megumi Kuyama, realizou um levantamento de dados por meio de entrevistas feitas a 70 japoneses residentes no Distrito Federal. A partir dos dados levantados, a pesquisadora relacionou a recorrência de empréstimos a dez fatores sociais. Os fatores estabelecidos foram: sexo, idade, ano de chegada ao Brasil, idade de ingresso no país, anos de permanência no Brasil, profissão, escolaridade, domínio da língua portuguesa, proporção de uso da língua japonesa no dia a dia, número de visitas ao Japão e tempo de estadia no país após a vinda ao Brasil.

A frequência de empréstimo da língua portuguesa foi relacionada aos fatores sociais a fim de esboçar quais são os fatores sociais dos imigrantes mais ligados aos empréstimos lexicais. Kuyama (2000) apresenta primeiro os resultados de cada fator versus o número de empréstimos em forma de gráficos, acrescidos das possíveis explicações para os dados obtidos. Em seguida, a pesquisadora submeteu todos os fatores sociais a um cálculo estatístico denominado regressão de *Poisson* e obteve que 1) a *profissão*, 2) o *nível de escolaridade*, 3) a *proficiência em português*, 4) a *proporção de uso da língua japonesa e portuguesa* e 5) o *número de visitas ao Japão* são fatores que tem efeito significativo no que concerne à regularidade de empréstimos lexicais do português.

No quesito *profissão*, dentre agricultores, comerciantes e os “profissionais qualificados”, esta última categoria é a que menos faz empréstimos, fato que chama a atenção por ter um valor muito inferior em relação às outras profissões. A autora atribui a baixa ocorrência entre essas pessoas devido a uma consciência maior em relação à língua, sendo este grupo composto por tradutores, advogados e professores. Por outro lado, são os comerciantes os que mais fazem uso de empréstimos (KUYAMA, 2000, p. 74-75).

Quanto ao *nível de escolaridade*, os imigrantes com nível superior são os que menos fazem empréstimos lexicais em língua japonesa. Não há uma variação significativa na frequência de empréstimo nos outros níveis (KUYAMA, 2000, p. 75).

Outro fator que se mostrou significativo foi a *proficiência na língua portuguesa*. Dentre as opções: *nulo*, *fraco*, *médio*, *bom* e *excelente*, os colaboradores que autodeclararam ter um *bom* nível de proficiência na língua portuguesa foram os que mais recorreram ao empréstimo. No entanto, o número cai de forma significativa dentre aqueles que declaram ter um nível *excelente* (KUYAMA, 2000, p. 76).

O *número de visitas ao país de origem* também se mostrou estatisticamente significativo. Quanto maior o número de idas ao Japão pelo imigrante, menor a frequência de empréstimos (KUYAMA, 2000, p. 78).

A *proporção de uso do japonês no cotidiano* é a que se mostrou mais relevante dentre os fatores. Os resultados mostram uma inclinação ascendente. Quanto menor o uso da língua japonesa no cotidiano, maior é a frequência de empréstimo. A regularidade do crescimento é quebrada pelos informantes que declaram ter contato

exclusivamente com o português no cotidiano. Estes são os que menos fizeram empréstimos (KUYAMA, 2000, p. 77).

Apesar de a pesquisa propiciar um melhor entendimento do perfil dos japoneses da Capital Federal, alguns dados metodológicos ficaram obscuros. O período da coleta dos dados e o critério de contagem dos empréstimos foram algumas informações omitidas que seriam de grande valia para melhor contextualização e compreensão do fenômeno linguístico. Também não houve uma descrição sobre como os empréstimos foram contados, se por número de ocorrências ou por palavras distintas.

O trabalho realizado por Megumi Kuyama registra valiosos dados relacionados aos hábitos linguísticos dos imigrantes japoneses residentes no Distrito Federal, evidenciando com valores numéricos quais os fatores que mais contribuem para a ocorrência de empréstimo lexical da língua portuguesa ao se comunicarem em japonês. A extensão da pesquisa se mostra também no número de participantes reunidos pela pesquisadora. Certamente foi necessária determinação para reunir 70 colaboradores e ainda mais persistência para inserção dos dados.

1.3.4 Morfemas –*te iru* e –*toru* – Ferreira (2009)

Dentre as pesquisas relativas à VBLJ, um dos poucos trabalhos na área de morfossintaxe é a pesquisa feita por Ferreira (2009). O autor apresenta neste artigo os resultados da pesquisa que teve como objetivo fazer uma descrição de questões semânticas relativas ao aspecto verbal da variante da língua japonesa falada no Distrito Federal.

O alvo da investigação é, mais especificamente, o que o autor chamou de “morfema –*te iru*”. Na língua japonesa, os verbos com sufixo –*te* seguidos do verbo auxiliar *ir-u* ‘existir-NPASP’ são utilizados para expressar os aspectos progressivo, resultativo ou habitual, dependendo do aspecto lexical do verbo (FERREIRA, 2009, p. 337). A problematização levantada pelo pesquisador em relação a esta construção é ilustrada nas orações abaixo:

42. a. *Taroo wa ima ie wo tate-te iru*
 Tarou TOP agora casa ACU construir-te iru
 ‘Tarou está agora construindo uma casa’

b. *Hito ga asoko de sin-de iru*
 pessoa NOM ali LOC morrer-te iru

‘Existe um corpo ali’ (Lit. ‘Uma pessoa está morta ali’)

(FERREIRA, 2009, p. 338)

Devido à natureza aspectual do verbo *sin* ‘morrer’ na língua japonesa, a mesma codificação gramatical que dá à frase 42.a uma leitura progressiva, traz uma leitura resultativa à oração em 42.b, o que impossibilita a interpretação a 42.b como ‘Uma pessoa está morrendo’. Em suma, os exemplos acima ilustram que os verbos carregam entre si distinções quanto ao aspecto. As diferenças entre os significados aspectuais inerentes aos verbos são chamadas *aktionsart*.

Embasado na definição de aspecto de Comrie (1976) e na definição de *aktionsart* de Dahl (1985), Ferreira (2009) analisou a ocorrência da construção *-te iru* com os verbos *mieru* ‘ser possível ver’ (estativo), *sinu* ‘morrer’ e *tsukareru* ‘cansar’ (pontual), e ‘escrever’ (processual) em orações principais e subordinadas.

Segundo Ferreira, os dados foram colhidos por meio da aplicação do questionário de Tempo-Modo-Aspecto de Dahl (1985) e a partir da gravação de histórias narradas. Os instrumentos de pesquisa foram aplicados a dois falantes nativos de japonês que residiam no DF por pelo menos 20 anos. O critério de escolha dos falantes não foi esclarecido pelo autor.

A pesquisa não encontrou a ocorrência de *-te iru* com os verbos estativos. Nas orações principais, houve a ocorrência desta construção com o verbo ‘morrer’, classificado pelo autor como um verbo pontual. Neste caso, a adição de *-te iru* traz “uma leitura aspectual resultativa ao verbo” (p. 341).

43. *Ki no sita ni neko ga sin-de ir-u*
 árvore GEN embaixo LOC gato NOM morrer-CONJ ASP

‘Tem um gato morto debaixo da árvore’

(FERREIRA, 2009, p. 341)

Nos dados levantados, não foram encontradas ocorrências de *-te iru* em verbos pontuais em orações subordinadas. Houve a ocorrência do morfema *-toru*, quando se fez necessária a leitura aspectual resultativa, como ilustrado no dado abaixo:

44. *Tsukare-toru kara, neru to omou.*
 cansar-ASP por isso, dormir Cmplz pensa

‘Porque está cansado, penso que (ele) vai para a cama.’

(FERREIRA, 2009, p. 341)

No caso dos verbos processuais em orações principais, houve a ocorrência da construção *-te iru* com o verbo ‘escrever’. Neste caso, a adição de *-te iru* traz “uma leitura aspectual progressiva ao verbo” (FERREIRA, 2009, p. 342).

45. a. *Kinou ani ga tegami wo kai-te iru uti,*
 ontem irmão NOM carta ACU escrever-ASP durante
niwa de mat-teita
 quintal LOC esperar-PROG.PAST

‘Ontem, enquanto meu irmão escrevia, eu esperava no jardim’

(FERREIRA, 2009, p. 342)

- b. *Boku no aniki ga tegami wo kai-toru toki wa,*
 eu GEN irmão NOM carta ACU escrever-ASP quando TOP
kouen de matteimasita
 parque LOC esperar.PROG.POL

‘Enquanto meu irmão escrevia, eu esperava no parque’

(FERREIRA, 2009, p. 343)

No caso dos verbos processuais em orações subordinadas, houve a ocorrência tanto de *-te iru* como do morfema *-toru*. Os dois dão “uma leitura progressiva do lexema verbal” (FERREIRA, 2009, p. 343). Contudo, o uso do morfema *-toru*, se restringiu às orações subordinadas.

Dessa forma, o *-te iru*, alvo inicial desta pesquisa, é usado com uma leitura aspectual resultativa e progressiva. Além disso, no levantamento de dados, foi constatado o uso do morfema *-toru*, ora em coocorrência com a forma *-te iru*, ora em distribuição complementar.

Em síntese, conforme os resultados da pesquisa de Ferreira (2009), o aspecto resultativo é expresso por verbos pontuais sufixados com *-te* e seguido por verbo auxiliar *iru* ‘existir’, em orações principais, e pelo morfema *-toru* em orações subordinadas. E o aspecto progressivo em orações principais é expresso por verbos processuais marcados por *-te iru*. Nas orações subordinadas, para expressar o aspecto progressivo foi usado tanto com *-te iru* como com *-toru*. O uso do morfema *-toru* com leitura aspectual progressiva se limitou, no levantamento feito pelo autor, a orações subordinadas.

Ferreira (2009, p. 343) conclui afirmando que há a necessidade de pesquisas aprofundadas acerca de “diferentes motivações por trás do uso dos dois morfemas”, *-te iru* e *-toru* – encontrados neste levantamento.

1.3.5 Repertório Linguístico dos Nipo-brasilienses – Takano (2009)

Publicado nos Anais do XX ENPULLCJ / VII CIEJB³⁹, realizado no ano de 2009, o artigo traz como temática a língua japonesa falada pelos nipo-brasileiros residentes em Brasília e nas cidades satélites do Distrito Federal. A autora apresenta o perfil linguístico dos nipo-brasileiros que fazem uso da variante nipo-brasileira. Ao apresentar o tema, Takano (2009) aborda de forma diluída no corpo do artigo fundamentos como o conceito de língua materna e variante linguística por uma perspectiva sociolinguística.

Ao explanar sobre o estigma em que o termo *koronia-go* é envolto, a autora propõe o termo variante linguística, uma vez que o trabalho visa a distinção entre a “língua padrão versus falar nipo-brasileiro” (TAKANO, 2009, p. 381).

Neste artigo, Takano (2009, p. 383) apresenta os resultados parciais de uma pesquisa por ela realizada em 2007 com 70 participantes. De acordo com os dados analisados pela autora, “80% dos *nisseis* utilizam o japonês como língua materna”.

No entanto, a partir da terceira geração (*sansei*) a língua japonesa se torna língua estrangeira (LE). A autora prevê que, com o passar do tempo, a língua japonesa será substituída pela língua majoritária, o português. Ainda, no trabalho é apresentado que são os *nisseis* (51%) que mais fazem uso da variante nipo-brasileira sendo seguidos pelo *sansseis* (22%), *isseis* (20%) e por fim pelos *yonsseis* com apenas 7% dos que declaram fazer uso da variante.

Apesar de descrever sobre a metodologia adotada, poucas foram as informações apresentadas sobre os participantes. Consta que foram 70 questionários aplicados em cinco cidades – Vargem Bonita, Núcleo Bandeirante, Taguatinga, Brazlândia e Plano Piloto. No entanto, não constam quantas pessoas de cada localidade foram entrevistadas, a proporção de colaboradores do sexo masculino e feminino, nem a faixa etária. Essas informações poderiam dar maior perspectiva do perfil linguístico dos *nikkeis*. Quanto ao perfil dos nipo-brasileiros que utilizam a variante, não é esclarecido como os colaboradores foram abordados no questionário no que concerne à utilização ou não da variante. Ao se mostrar preocupada com o

³⁹ XX Encontro Nacional de Professores Universitários de Língua, Literatura e Cultura Japonesa (ENPULLCJ) / VII Congresso Internacional de Estudos Japoneses no Brasil (CIEJB) realizados em na Universidade de São Paulo.

estigma que envolve a variante, surte a curiosidade de como esta questão foi contornada na aplicação do questionário.

No entanto, o artigo traz um tema ainda não aprofundado que é o contato linguístico entre a língua portuguesa e as variantes regionais da língua japonesa em um mesmo espaço físico. O que se destaca no artigo de Takano (2009) é o cuidado em propor o termo *variante da língua japonesa* para definir a língua japonesa falada no Brasil.

1.3.6 Professor não deve usar o *koronia-go* – Morales (2011)

O artigo, *O professor de língua japonesa e a linguagem*, escrito pela professora Leiko Matsubara Morales é um dos trabalhos que compõem o livro organizado pela própria autora, intitulado *Ensino e aprendizagem da língua japonesa no Brasil: um convite à reflexão sobre a prática de ensino*. O artigo traz breves explicações sobre o *koronia-go* e reflexões sobre o uso desta variedade por professores de língua japonesa no Brasil.

Sendo a autora brasileira descendente de japoneses, Morales (2011) introduz o tema com relatos da própria vivência no *koronia-go*. Assim, traz exemplos ao mesmo tempo em que explica ao leitor as peculiaridades do falar dos japoneses e seus descendentes. O empréstimo lexical da língua portuguesa em verbos é ilustrada como se segue:

46. a. *Pega-suru*
pegar-fazer

‘pegar’

b. *Senta-suru.*
sentar-fazer

‘sentar’

(MORALES, 2011, p. 28)

A autora considera também que para que o *koronia-go* seja usado e que para que haja comunicação, é necessário que seus interlocutores sejam bilíngües. Ou seja, afirma que provavelmente japoneses recém-chegados ao Brasil não entenderão esta variedade, pois precisariam de conhecimento da língua portuguesa para compreendê-la (MORALES, 2011, p. 28).

É chamada a atenção de que a formação desta variedade não se deve apenas ao contato da língua japonesa com a língua portuguesa, mas de que é resultado do agrupamento em um mesmo lugar de pessoas oriundas de diferentes regiões do Japão (MORALES, 2011, p. 30).

Em seguida, são levantadas três hipóteses que motivaram o surgimento do *koronia-go*. A primeira atribui a origem desta variedade “à simples substituição de palavras japonesas pelas portuguesas”. A segunda hipótese é de que o *koronia-go* surgiu da preocupação do *isseis* em facilitar a fala para que filhos e netos com vocabulário restrito os compreendam. A terceira hipótese considera que esta língua tenha surgido “do contato entre os dialetos de várias regiões do Japão no período compreendido entre o pré e o pós-guerra (2ª Guerra Mundial)” (MORALES, 2011, p. 30).

A autora quem traz a percepção dos *nikkeis* em relação ao uso desta variedade com relatos de outros descendentes acerca do *koroniga-go*, uma língua definida pelos seus falantes como feia, de dentro de casa (MORALES, 2011, p. 33).

Baseada na sua vivência sobre o *koronia-go*, Morales traz explicações claras e objetivas sobre alguns aspectos desta variedade da língua japonesa para aqueles que não têm conhecimento sobre o tema. No entanto, não elucida algumas das referências relacionadas às hipóteses do surgimento do *koronia-go*.

Contudo, o foco maior da autora é levar os professores de língua japonesa, a quem o artigo é voltado, à reflexão sobre o uso desta variedade diante dos aprendizes da língua. Segundo a autora, deve-se evitar falar a VBLJ em sala de aula e alertar os descendentes quanto ao uso do *koronia-go* a fim de evitar “situações constrangedoras” ao conversarem com nativos da língua japonesa.

1.3.7 Atlas do falar dos nipo-brasileiros no DF – Takano (2013)

A pesquisadora, Yuko Takano (2013), teve como meta descrever o falar dos imigrantes japoneses e seus descendentes através da elaboração daquilo que leva o título da tese: *Esboço do Atlas do Falar dos Nipo-Brasileiros do Distrito Federal: Aspecto semântico-lexical*.

A pesquisa foi realizada em cinco pontos do Distrito Federal. São eles: Brasília, Brazlândia, Núcleo Bandeirante, Taguatinga e Vargem Bonita. Com base em uma pesquisa anteriormente realizada pela própria pesquisadora, em 2007 (TAKANO, 2013, p. 108), foram escolhidas duas mulheres de cada ponto de pesquisa, totalizando dez colaboradoras (TAKANO, 2013, p. 105). Todas as participantes são filhas de imigrantes japoneses (*nissei*) que foram divididas em duas faixas etárias, 51 a 65 anos (faixa etária 1) e 66 anos em diante (faixa etária 2) (TAKANO, 2013, p. 106).

O levantamento de dados consistiu na aplicação de um *Questionário semântico-lexical visual* – QSLV. Composto por 219 figuras, o questionário foi elaborado com base em figuras retiradas de materiais suplementares de dois livros didáticos de ensino de língua japonesa (TAKANO, 2013, p. 109). Originalmente em formato de cartão, o material é formado por figuras situacionais do dia a dia (TAKANO, 2013, p. 109). Por exemplo, a primeira figura do questionário ilustra um homem consertando uma cadeira. Ao colaborador, foi solicitado que diga o que se passa na figura.

Foram analisadas 25 figuras⁴⁰ de cada uma das 10 colaboradoras (TAKANO, 2013, p. 110). Na análise, a pesquisadora verificou como as colaboradoras expressam a ação representada na figura. A frase expressa por cada uma das 25 figuras foi analisada e foram correlacionadas com a faixa etária e a região onde moram os colaboradores. Em seguida, os dados são apresentados em forma de cartograma.

A análise dos dados contemplou duas perspectivas distintas – de aspectos qualitativo e quantitativo. Devido à extensão da pesquisa, serão abordados aqui as questões linguísticas e sociais mais relevantes para o presente trabalho.

No aspecto qualitativo, a autora buscou analisar as ocorrências dos empréstimos independentemente da frequência em que se manifestaram. Algumas das considerações feitas por Takano (2013) a partir desta análise são as seguintes: as colaboradoras recorrem ao empréstimo quando há lacunas lexicais da língua

⁴⁰ A saber: 1) consertar a cadeira; 2) tomar o remédio; 3) pagar a conta; 4) esquecer a chave; 5) parar o carro – semáforo; 6) estudar; 7) correr – torcer; 8) limpar (fazer limpeza) – varrer; 9) lavar a roupa; 10) sair – despedir-se; 11) fechar a janela; 12) abrir a janela; 13) usar hashi – comer; 14) datilografar; 15) cortar o papel – tesoura; 16) chover; 17) usar guarda-chuva; 18) falar – dizer; 19) ajudar – mala; 20) mala pesada; 21) mostrar a fábrica – indústria de carro; 22) viajar; 23) passear com cachorro; 24) aprender – estudar e 25) telefonar.

japonesa a fim de manter a comunicação. Também, o empréstimo lexical em verbos é feito por meio da adição do verbo *suru* 'fazer' ao verbo em português.

47. a. *Corre-si-teru*
Correr-fazer-PROG
'Está correndo' (TAKANO, 2013, p. 155)

b. *Viaja-site, turismo yat-teru*
viajar-fazer turismo fazer-PROG
'Viajou e está fazendo turismo' (TAKANO, 2013, p. 284)

Além disso, foi constatado o emprego de itens lexicais da língua portuguesa mantendo a estrutura gramatical japonesa, como pode ser observado no exemplo abaixo:

48. a. *Carro wo fabrica si-yoru*
carro ACU fabricar fazer-PROG
'Está fabricando carro(s)' (TAKANO, 2013, p. 285)

Assim como no exemplo acima, houve ocorrência do morfema *-yuru* e do morfema *-toru* nos dados da pesquisa de Takano (2013), ambos traços da variedade regional do Japão.

49. a. *Hasit-toru*
correr-ASP
'Está correndo' (TAKANO, 2013, p. 156)

50. b. *Kussuri wo non-doru*
remédio ACC beber-ASP
'Está tomando remédio' (TAKANO, 2013, p. 130)

A pesquisadora relata, ainda, alternância de língua das participantes. Ou seja, falaram em língua japonesa e em seguida repetiram a frase correspondente, aparentemente, com o intuito de enfatizar o que foi dito.

51. *Moo outra coisa dakara/ nan-ka yut-teru, falando alguma coisa (...)*
Já outra coisa por isso/ o que-Q falar-PROG, falando alguma coisa.
'Já é outra coisa, por isso está dizendo alguma coisa' (TAKANO, 2013, p. 285)

Na análise quantitativa, a pesquisadora lista palavras com maior ocorrência em português em comparação às da língua japonesa. Foram listadas também as palavras em língua japonesa que tiveram menor ocorrência que em português.

Ao serem analisadas as frequências de empréstimos da língua portuguesa por faixa etária e por ponto de coleta, constatou-se que as colaboradoras da faixa etária 1 fizeram menos empréstimos, em frequências absolutas, que a faixa etária 2.

Ao ver a frequência absoluta de empréstimos por ponto de pesquisa, se verificou que as colaboradoras de Taguatinga foram as que mais recorreram aos empréstimos enquanto as participantes de Brazlândia apresentaram uma frequência menor.

É preciso registrar que ocorreu, também, o que a autora chamou de “respostas com problemas”. Por ser o instrumento de pesquisa um conjunto de ilustrações, houve casos em que as participantes interpretaram de maneira diferente da que a pesquisadora esperava, assim como outros em que só se obteve a resposta em língua portuguesa e aquelas em que não houve resposta.

Ao considerarmos o início da imigração japonesa ao Brasil, o contato entre as línguas portuguesa e japonesa ocorre há 110 anos. No entanto, a literatura em relação à língua japonesa falada no Brasil ainda é limitada. O número reduzido de estudos justifica a necessidade de pesquisas com levantamentos de dados sistemáticos para uma análise e descrição da VBLJ dentro de uma abordagem funcional tipológica.

Payne (2006, p. 1) afirma que há ganhos em adotar a perspectiva de linguagem como ferramenta de comunicação seja em contribuições de teorias linguísticas, seja em documentação de uma língua não escrita. Ao adotar uma visão de linguagem como instrumento de comunicação, a presente pesquisa almeja se tornar uma contribuição para novas descrições, elaboração de materiais didáticos e, principalmente, um meio de revitalizar e valorizar a VBLJ.

2 METODOLOGIA DE PESQUISA

2.1 CONTEXTO DE PESQUISA

Para alcançar o objetivo de analisar, descrever e documentar o falar dos imigrantes japoneses e seus descendentes, em sua maioria, residentes no Distrito Federal, foram adotadas as seguintes frentes metodológicas: o levantamento bibliográfico das pesquisas preliminares feito no Capítulo 1; o levantamento de dados por meio de entrevistas com os falantes desta variedade; e, por fim, a análise e a descrição dos fenômenos linguísticos da VBLJ, segundo uma perspectiva funcional tipológica baseadas nos trabalhos de Andrews (2007), Dryer (2007), Givón (2001), Comrie (1976), Lichtenberk (1999), Siewierska (2013) entre outros.

2.2 PARTICIPANTES

Participaram deste estudo 36 imigrantes, filhos e netos de imigrantes japoneses, em sua maioria, residentes no Distrito Federal, com idade entre 17 e 81 anos no momento da pesquisa. A média aritmética da idade dos colaboradores é de 50 anos, com desvio padrão de 18,88, sendo 19 (53%) são do gênero feminino e 17 (47%) do gênero masculino.

Quanto às nacionalidades, das 36 pessoas, quatro colaboradores têm nacionalidade japonesa (chegaram ao Brasil em 1955, 1957, 1960 e 1971), 30 são brasileiros e dois têm dupla nacionalidade. Adicionado à nacionalidade, os colaboradores foram perguntados sobre a naturalidade. Dos 28 colaboradores com nacionalidade brasileira, 19 são naturais do Estado de São Paulo, três são do Estado do Paraná, nove nasceram no Distrito Federal e uma pessoa nasceu no Japão. Dos quatro japoneses, três nasceram no Japão e uma pessoa na Coreia do Sul. A

Tabela 1 mostra a distribuição em relação à geração.

Tabela 1:
Distribuição de gerações dos colaboradores

Geração	nº de respondentes
Imigrantes japoneses (<i>issei</i>)	04
Filhos de imigrantes (<i>nissei</i>)	22
Netos de imigrantes (<i>sanssei</i>)	10
Total	36

A contagem de gerações aqui considerada é a mesma usada pelo governo japonês na emissão de vistos. Segundo o Consulado Geral do Japão em São Paulo, a contagem de gerações é feita pelo parentesco mais próximo ao japonês. Ou seja, o filho do casal, cuja mãe seja imigrante (*issei*) e o pai seja filho de imigrantes (*nissei*), é considerado filho de imigrantes (*nissei*). Sendo a mãe, o parentesco mais próximo ao japonês, a contagem de gerações é feita por ela (NIKKEY SHIMBUN, 2017).

Aos imigrantes japoneses (*issei*) foi perguntada a província do Japão de origem, assim como aos filhos (*nissei*) e netos (*sansei*) a província de origem dos pais ou avós. É preciso registrar que de um total de 36 participantes, a região de origem dos ascendentes japoneses de quatro *sansei* não foi registrada, uma vez que, para eles, seria necessário referir a região de origem de cada um dos quatro avós. A pergunta foi feita com o intuito de rastrear a variedade dialetal da língua japonesa com o qual o colaborador teve ou tem contato, pois o Japão apresenta diferenças dialetais que, por vezes, falantes de dialetos distintos não se compreendem (SHIBATANI, 1990, p. 185).

Na análise foi registrada apenas de qual das duas regiões, Leste ou Oeste, o colaborador ou os ascendentes são. Isto porque, apesar de haver várias divisões dialetais naquele país, a mais popular e difundida na linguística japonesa é a divisão de Tojo Misao (1954) (SHIBATANI, 1990, p. 187), uma isoglossa bastante destacada que divide a ilha central em Leste e Oeste (Anexo B), traçada pela cadeia de montanhas conhecida como Alpes Japoneses.

Na Tabela 2 está a distribuição das regiões de origem dos colaboradores ou seus ascendentes. O rótulo Leste/Oeste indica que cada um dos pais tem origem em uma região. As pessoas de Okinawa não foram incluídas na região Oeste por terem um dialeto bastante distinto do Leste ou do Oeste.

Tabela 2:
Distribuição da região de origem dos colaboradores ou ascendentes

Região	nº de colaboradores
Leste	12
Oeste	12
Leste/Oeste	06
Okinawa	02
Total	32

Outra pergunta feita aos participantes foi qual língua aprenderam primeiro, japonês ou português. Dos 36 colaboradores, 25 pessoas disseram que aprenderam primeiro a língua japonesa, oito declaram ter sido a língua portuguesa e três pessoas disseram terem aprendido as duas línguas ao mesmo tempo.

A maioria dos participantes tiveram a experiência de ir ao Japão ou, no caso dos imigrantes, voltar ao Japão. Dos 36 colaboradores, apenas nove pessoas nunca voltaram ou foram à terra do sol nascente. Aos que já foram ao Japão, foi perguntado também o tempo de permanência. O participante com maior tempo de estadia foi de 18 anos e o menor tempo de estadia foi de 15 dias.

Quanto à oportunidade de usar a língua japonesa, 28 participantes utilizam o japonês no cotidiano enquanto oito pessoas afirmaram não ter oportunidade de falar a língua.

Por fim, quanto à profissão, entre os colaboradores há desde aposentados até estudantes. No Tabela 3 está a distribuição das profissões dos colaboradores.

Tabela 3:
Distribuição da profissão dos colaboradores

Profissão	nº de colaboradores
Agricultor	4
Aposentado	6
Assessora Executiva	1
Assistente Administrativo	2
Autônomo	2
Comerciante	2
Coordenador de Projetos	1

Empregado Público	1
Empresário	2
Engenheiro Agrônomo	2
Engenheiro de Aquicultura	1
Estudante	3
Militar	1
Professor	5
Secretário	1
Terapeuta	1
Total	36

2.3 INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS

Para a coleta da VBLJ, assim como para a obtenção das informações relativas aos colaboradores descrita na seção anterior, foram utilizadas as ferramentas explanadas em sequência.

2.2.1 Vídeo Pear Stories

Foi utilizado o vídeo *Histórias de peras* (Pear Stories⁴¹), criado pelo linguista e professor americano Wallace Chafe nos anos 70. Com duração de aproximadamente seis minutos, o vídeo não tem falas, apenas efeitos sonoros e foi confeccionado para extrair amostras de línguas de todo o mundo (ERBAUGH, 2001).

O curta-metragem conta uma breve aventura de um menino que rouba as frutas de um camponês. O cenário inicial é um homem no campo subindo em uma árvore com o auxílio de uma escada para colher as peras. Embaixo da árvore estão três cestas grandes onde as frutas colhidas são colocadas. Enquanto o camponês está em cima da árvore concentrado na colheita, passa por ali um menino em uma bicicleta. O menino se aproveita que o camponês está atento tirando as peras em cima da árvore, e coloca uma cesta cheia da fruta na bicicleta e a leva embora. Em meio à fuga, o menino se distrai ao cruzar com uma menina que também está montada em uma bicicleta, bate em uma pedra e cai. Espalham-se as peras na estrada. Em

⁴¹ Disponível em: http://www.pearstories.org/pears_video.htm

seguida, entram em cena três jovens garotos que o ajudam a se recompor e a recolher as peras. Em agradecimento, o menino dá a cada um dos garotos uma das peras furtadas e então se separam. Ao seguirem o caminho, os garotos passam pelo mesmo camponês. O vídeo acaba quando o homem confuso já notando a falta de um dos cestos, observa os três garotos que passam diante dos olhos comendo suas peras.

2.2.2 Questionário de Contexto Linguístico e Social

O *Questionário de contexto linguístico e social* (Anexo 02) foi utilizado com o intuito de registrar os dados e as informações básicas do colaborador. Com cerca de 20 perguntas, além dos dados básicos como data e local de nascimento, foi registrado também o ano em que passaram a residir no Distrito Federal, escolaridade, aprendizagem formal da língua japonesa, experiência de visitar e/ou residir no Japão (no caso dos filhos de imigrantes). Para os colaboradores japoneses (*issei*), foi perguntado também o ano de imigração e aprendizagem formal da língua portuguesa.

2.3 PROCEDIMENTOS PARA COLETA DE DADOS

Para obter os extratos da VBLJ, adotaram-se os seguintes procedimentos: primeiro, aos colaboradores foi solicitado que assistissem a um vídeo de aproximadamente seis minutos de duração, em laptop de 14 polegadas. Em seguida, solicitou-se ao participante que narrasse em japonês o enredo da história, com o maior detalhamento possível, a uma imigrante japonesa⁴², membro da comunidade linguística dos colaboradores.

A narrativa, portanto, não foi feita à autora da presente pesquisa. Dois foram os motivos pelos quais não se solicitou que o relato do vídeo fosse feito à própria pesquisadora. Primeiro, provavelmente, o colaborador não veria significado em narrar uma história à mesma pessoa que solicitou assisti-la, ao interpretar que a pesquisadora obviamente já tem conhecimento da história. Assim, optou-se por

⁴² A imigrante japonesa desembarcou no Brasil em fevereiro de 1971. Atualmente reside na área agrícola da cidade de Brazlândia (desde 1986) e é inserida na comunidade japonesa. É participante ativa das atividades realizadas pela associação japonesa local. Entende-se assim que a assistente é falante da variedade brasileira da língua japonesa.

solicitar a participação de uma terceira pessoa. O segundo motivo é que a variedade, como apontada em pesquisas anteriores, é muitas vezes estigmatizada. Tentou-se, portanto, amenizar os impactos de fala monitorada solicitando descrever o curta-metragem a um membro da própria comunidade de fala, e não para a pesquisadora, pois a maioria dos colaboradores tem conhecimento que a solicitante atua como professora de língua japonesa.

As narrativas foram gravadas em áudio no gravador *H4nPro Handy Record*. Por vezes, quando foi possível reunir dois participantes, estes assistiram ao vídeo juntos, mas as narrativas foram feitas individualmente.

Além da narrativa, foi solicitado aos colaboradores que respondessem ao questionário relativo ao seu perfil (Apêndice A). Os questionários foram lidos e preenchidos pela própria pesquisadora. A pesquisa foi aplicada ao longo dos anos de 2018 e 2019. Em média, a participação de cada colaborador durou de 20 a 25 minutos.

É pertinente, ainda, esclarecer que a presente pesquisa obedeceu às diretrizes e normas da Resolução nº 466 de 12 de dezembro de 2012 do Conselho Nacional de Saúde – CNS do Ministério da Saúde relativas às pesquisas envolvendo seres humanos no Brasil. Assim, a proposta deste trabalho foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) e à Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) por meio da Plataforma Brasil sob o CAAE: 74722117.1.0000.5540. Por se tratar de uma variedade da língua japonesa estigmatizada (TAKANO, 2009, p. 387; MORALES, 2011, p. 33), como já mencionado anteriormente, optou-se por adotar o seguinte título: *Relatos de eventos em língua japonesa: Um levantamento* como nome fantasia, a fim de amenizar os impactos da pesquisa.

2.4 PROCEDIMENTOS PARA ANÁLISE

Todas as 36 narrativas foram transcritas e glosadas com o auxílio do programa *FieldWorks Language Explorer* (FLE_x), disponibilizado no site do *Summer Institute of Linguistics International* (SIL International). As análises dos dados coletados foram feitas sob os preceitos da abordagem funcional tipológica discorridos na abordagem teórica (Vide 1.1 LINHA TEÓRICA).

3 CLASSE DE PALAVRAS

Este capítulo tratará das *classes lexicais*, iniciando pelas classes lexicais principais (ou maiores) nomes e verbos, adjetivos e advérbios, e, em seguida, abordando as posposições que pertencem às classes menores.

3.1 NOMES

3.1.1 Características Semânticas

Givón (2001, p. 55-56) lista algumas das características semânticas mais importantes dos nomes como **concreticidade** (concreto ou abstrato), **animacidade** (animado ou inanimado), **humanicidade** (humano ou não humano) e **gênero** (feminino ou masculino). Os nomes inanimados podem ainda ser divididos em naturais e artificiais. Além disso, há a divisão semântica em relação à possibilidade de individualização ou não. Ou seja, nomes massivos (ou incontáveis) e contáveis.

Nesta seção, serão tratados os traços semânticos animacidade, humanidade e massividade que têm implicações gramaticais na VBLJ.

3.1.1.1 Animacidade

A animacidade é um parâmetro classificatório com consequência gramatical. Em orações existenciais, o verbo usado para expressar a existência de seres animados e inanimados é distinto. Para seres animados é usado *i-ru*, 'existir-NPASD', enquanto para os inanimados é usado o verbo *ar-u*, 'existir-NPASD'.

52. a. *mit-tu* *no* *kago* *ga* ***ari-mas-u***
três-CLS GEN cesta NOM existir-POL-NPASD

'Existem três cestas.'

(2018-03-03 HHS)⁴³

⁴³ A notação entre parênteses corresponde à data da coleta (ano, mês e dia) seguido pelas das iniciais do colaborador.

- b. [*toorisat-te ik-u*] *hito mo i-mas-u*
 passar-CONV⁴⁴ ir-NPASD pessoa também existir-POL-NPASD
 ‘Tem também pessoas que passam (por aí).’ (2017-12-08 KY)

3.1.1.2 Humanicidade

Nomes referentes a humanos e a não humanos são distinguidos em relação à marcação de plural. Enquanto os nomes humanos recebem o sufixo *-tati*, os não humanos não levam a marca de plural. Observe abaixo o morfema *-tati* presente na palavra *kodomo* ‘criança’ no exemplo 53.b. No entanto, o sufixo plural não ocorre na palavra *kago* ‘cesto’ no dado 52.a, mesmo se referindo a três cestos. Ainda nos dados em 53.a e 53.b, é possível verificar o paradigma com e sem, respectivamente, o sufixo plural *-tati*.

53. a. *sono kodomo ga bousi wo otosi-te (i)-ta no ne*
 essa criança NOM chapéu ACU derrubar-CONV existir-PASD NMLZ né?
 ‘É que essa criança que derrubou o chapéu.’ (2017-09-16 EKT)
- b. *kodomo-tati wa kaeri-mas-ita*
 criança-PL TOP ir.embora-POL-PASD
 ‘As crianças foram embora.’ (2017-03-26 KT)

Nos dados seguintes, *-tati* é sufixado ao nome humano, *otokonoko* ‘menino’, no entanto, ao nome não humano, *nasi* ‘pera’, não recebe o sufixo.

54. a. *sono otokonoko-tati ga nasi wo mot-te it-ta*
 DEM menino-PL NOM pera ACU segurar-CONV ir-PASD
 ‘Esse menino levou as peras.’ (2017-12-15 CM)
- b. *nasi ga zenbu miti ni mak-are-te simai-masi-ta*
 pera NOM tudo estrada LOC espalhar-PASS-CONJ acabar-POL-PASD
 ‘As peras todas acabaram sendo espalhadas.’ (2017-03-26 KT)

Na oração 54.b, a ideia de pluralidade em relação às peras é dada pelo contexto. A presença da palavra *zenbu* ‘tudo’ e o uso do verbo *mak-are-ru* ‘espalhar-PASS-NPASD’ demonstra que trata-se de mais de uma pera, mas não leva nenhuma marca de plural.

⁴⁴ CONV – converbo é definido aqui como um *verbo não-finito cuja função principal é marcar subordinação adverbial*. Outra forma de dizer isso é que os converbos são advérbios verbais, como participípios são adjetivos verbais (HASPELMATH, 1995).

3.1.1.3 Massividade

A necessidade de classificador nos números indica que a língua trata os nomes como uma entidade massiva. Observe no dado 55 abaixo em que a quantidade é seguida de classificador específico para humanos.

55. *hito-ri* *otokonoko* *ga* *yagi* *wo* *ture-te* *toot-ta*
 um-CLS.PES menino NOM cabra ACU levar-CONV passar-PASD
 ‘Um menino passou levando uma cabra.’ (2018-03-03 YY)

Os dados em 56.a e 56.b exemplificam, respectivamente, os classificadores para objetos em geral e para humanos, respectivamente.

56. a. *kago* *ga* *huta-tu* *at-te,* [*ippai* *nat-ta*] *yatu* *ga*
 cesto SUJ dois-CLS existir-CONJ cheio tornar-se-PASD o qual SUJ
 ‘Tem/tinha duas cestas cheias, aquelas que estavam cheias.’
 (2018-03-03 YY)
- b. *huta-ri* *de* *wake-te,* *hoide,* *kaet-te* *simou-te(...)*
 dois-CLS.PES LIM dividir-CONJ, e, voltar-CONV acabar-CONJ
 ‘Dividiram (as peras) entre as duas pessoas e foram embora.’
 (2017-12-08 RU)

Note que os dois exemplos dizem respeito à mesma quantidade, dois, mas cada qual recebe um sufixo classificador a que se refere: *-tu* para objetos em geral e *-ri*⁴⁵ para humanos.

3.1.2 Características Morfológicas

De forma geral, a VBLJ se mostra pouco produtiva em relação à afixação dos nomes, principalmente quanto aos prefixos.

3.1.2.1 Gênero

A VBLJ, assim como a língua japonesa, não apresenta marcação morfológica de gênero nos nomes, sendo o gênero biológico indicado lexicalmente.

⁴⁵ o sufixo *-ri* para contagem de humanos se limita a uma e a duas pessoas. A partir de três é usado o sufixo *-nin*.

3.1.2.2 Plural

O plural é marcado apenas em humanos por meio do sufixo *-tati*, como já abordado na classificação semântica, nos dados em 53 e 54 acima. Além do sufixo *-tati*, foi encontrado o sufixo *-ra*, também usado só em humanos.

57. *koitu-ra ga tot-ta n⁴⁶ ka*
 sujeito-PL NOM pegar-PASD NMLZ Q
 ‘Esses sujeitos que pegaram?’ (2018-05-18 CMM)

3.1.2.3 Outros processos morfológicos

Um dos poucos **prefixos** encontrados nos dados é o *you-* ‘ocidental’ que na presente pesquisa é usado para indicar a variedade da pera. Os dados em 58.a e 58.b mostram *nasi* ‘pera’ com e sem o prefixo *-you*, respectivamente:

58. a. *sono you-nasi wo mit-tu age-ru nsu yo, sono ko*
 DEM ocidental-pera OBJ três-CLS dar-NPASD NMLZ.COP ENF essa criança
 ‘Essa criança dá essas três peras ocidentais.’ (2017-12-08 GK)
- b. [*kago ippai ni nat-ta*] *nasi ga zenbu tirakat-ta n*
 cesta cheio COP.ADV tornar.se-PASD pera SUJ tudo espalhar-PASD NMZL
 ‘É que as peras estavam cheias na cesta se espalharam todas.’ (2017-07-16 MT)

Apesar de, na tradução, o prefixo *you-* ‘ocidental’ dar margem à interpretação de ser uma palavra independente caracterizando uma composição, este morfema não se realiza como uma palavra independente.

Houve também a ocorrência do prefixo *hi-* de negação, como mostra o dado abaixo:

59. *aru hi-nikkei no hito ga nasi, nasi-saibai wo*
 certo não-descendente GEN pessoa NOM pera pera-cultivo ACU
si-te i-ru you desi-ta ne
 fazer-CONV existir-NPASD parece COP-PASD né
 ‘Um não descendente de japoneses parecia estar fazendo cultivo de peras’. (2017-09-23 HKT)

⁴⁶ Na língua japonesa falada no Japão, é relatado que o morfema *no* se realiza como *n* na conversação (MAKINO e TSUTSUI, 1986, p. 326).

Quanto aos **sufixos**, foi identificado o sufixo *-kai* ‘criador’ que indica a pessoa que cria. Uma vez que não há a ocorrência da palavra *kai*, com esse sentido, como palavra independente, não pode ser considerada uma composição.

60. *hituzi-kai* *no* *hito* *ga* *tyotto* *toot-tari* *toka*
 ovelha-criador GEN pessoa NOM ligeiramente passar-LIST REP

‘Por exemplo, rapidamente passou um criador de ovelhas, etc.’

3.1.3 Caracterização Sintática

Os nomes, ocorrendo em sintagmas nominais, assumem a função de sujeito, objeto direto, objeto indireto e predicado nominal, como ilustram os dados abaixo:

- Sujeito
 61. a. [*nasi* *ga*]_{suj} *zenbu* *tirakat-ta* *n*
 pera NOM tudo espalhar-PASD NMZL
 ‘É que as peras todas se espalharam’ (2017-07-16 MT)

- Objeto Direto
 b. *kodomo* *ga* [*nasi* *wo*]_{od} *tot-te* *tabe-te* *i-ru*
 criança SUJ pera OBJ pegar-CONJ comer-CONV existir-NPASD
 ‘As três crianças pegaram a pera e estão comendo.’ (2018-03-03 HHS)

- Objeto Indireto
 c. [*nasi* *wo* *nusun-da*]_{srel} *hito* *ga* *mit-tu* *nasi* *wo*
 pera ACU roubar-PASD pessoa NOM três-CLS pera ACU
 [*sono* *sito* *ni*]_{oi} *yat-te* (...),
 DEM pessoa OI dar-CONJ
 ‘A pessoa que roubou as peras deu três peras para essa pessoa.’
 (2017-12-08 RU)

- Predicado Nominal
 d. [*nasi*]_{sn} *des-u* *yo* *ne*
 pera COP.POL-NPASD ENF né
 ‘É pera, né?’ (2018-08-11 TA)

Os nomes podem ser modificados por outros nomes, pronomes, demonstrativos, numerais, adjetivos, advérbios e orações relativas. Como pode ser verificado nas orações abaixo, os modificadores antecedem o nome modificado *nasi* ‘pera’, com exceção do exemplo 62.f em que o nome modificado é *kao* ‘cara, rosto’.

Modificado por um nome

62. a. [*ue no hou no nasi wo*]
 alto GEN direção GEN pera ACU

tor-u you ni si-te i-ta
 tirar-NPASP para COP.ADV fazer-CONV existir-PASP

‘(O agricultor) estava tentando tirar as peras do alto.’ (2017-12-15 ATO)

Modificado por um pronome

- b. *Dousite kono ko-tati wa [ore no nasi wo]*
 por que essa criança-PL TOP eu GEN pera ACU

tabe-te (i)-ru n da
 comer-CONV existir-NPASP NMLZ COP

‘Por que é que essas crianças estão comendo minha pera.’ (2017-07-16 MT)

Modificado por um demonstrativo

- c. *Miti-bata de [sono nasi wo] tot-te i-ta no ne*
 estrada-beira LOC DEM pera ACU tirar-CONJ existir-PASP NMLZ né

‘Estava colhendo essas peras na beira da estrada.’ (2017-07-16 YN)

Modificado por um numeral

- d. [*mit-tu no nasi wo*] *sono hito-tati ni*
 três-CLS GEN pera ACU DEM pessoa-PL DAT

yat-ta n des-u yo
 dar-PASP NMLZ COP.POL-NPASP ENF

‘Deu para essas pessoas três peras.’

Modificado por um adjetivo verbal

- e. *sono nidai ni [omota-i nasi wo] sono mama nose-te*
 DEM carroceria LOC pesado-NPASP pera ACU DEM como está carregar-CONJ

zitensya de nusun-de it-tyat-ta
 bicicleta INST roubar-CONV ir-CONV.acabar-PASP

‘Carregou na carroceria as peras pesadas como estavam e levou de bicicleta.’ (2017-09-23 HKT)

Modificado por um adjetivo nominal

- f. [*hen na⁴⁷ kao wo*] *si-te mi-te (i)-ta*
 estranho COP.ADJ cara ACU fazer-CONJ ver-CONV existir-PASP

‘(O senhor) fez uma cara feia e ficou olhando.’ (2017-07-16 MT)

Modificado por uma oração relativa

- g. [[*syuukaku si-ta*] *nasi wo*] *hito-kago zidensya ni nose-te*
 colheita fazer-PASP pera ACU um-cesto bicicleta LOC carregar-CONJ

mot-te it-ta
 pegar-CONV ir-PASP

‘Colocou na bicicleta a pera que estava colhida, uma cesta, e levou embora.’ (2017-07-16 MT)

⁴⁷ Vide seção sobre cópulas em 4.1.1 Cópulas e as Cópulas da VBLJ

Nos exemplos, 62.a, 62.b e 62.d, sintagmas genitivos que codificam nomes, pronomes e numerais, respectivamente, modificam os nomes.

3.2 VERBOS

3.2.1 Caracterização Morfológica

Segundo Givón (2001), as línguas, geralmente, expressam morfologicamente no verbo ou no sintagma verbal o tempo-modo-aspecto, a negação e os pronomes/concordância, nas orações simples. No caso da VBLJ, a língua apresenta as categorias abaixo no verbo:

- Negação verbal
- Tempo, Modo e Aspecto (TMA)
- Valência (4.2.2.4 Construções Passivas)
- Coordenação (5.3 COORDENAÇÃO)

As categorias acima listadas são expressas por meio de morfemas sufixados à raiz verbal. Cada morfema expressa apenas um sentido, mostrando ser uma língua aglutinante em relação aos verbos. Serão tratados nesta seção a negação verbal, o tempo e o aspecto. O modo da VBLJ será tratado em trabalhos futuros.

É importante salientar que as raízes verbais não ocorrem no discurso sem ao menos um dos morfemas listados acima. Neste trabalho, ao se referir a um determinado verbo, este será grafado com o morfema de tempo não passado, forma pela qual os verbos são registrados no dicionário japonês. Observe o exemplo abaixo⁴⁸ com o verbo *tabe-ru* ‘comer-NPASD’.

63. a. *tabe-ru*

comer-NPASD

‘come/comerá’⁴⁹

(2018-05-15 CHH)

⁴⁸ Os exemplos com a indicação do colaborador são os que foram diretamente coletados dos dados. Os exemplos sem essa indicação não ocorreram com o verbo *taberu* ‘comer’, especificamente. No entanto, ocorreram em outros verbos com mesma estrutura morfológica.

⁴⁹ A VBJL não marca no verbo nem pessoa, nem gênero e nem número. No entanto, a tradução livre é feita na terceira pessoa do singular somente por questão de padronização.

- b. ***tabe-ta***
comer-PASD
'comeu' (2018-05-18 CMM)
- c. ***tabe-na-i***
comer-NEG-NPASD
'não come/não comerá' (2018-05-19 EYT)
- d. ***tabe-na-katta***⁵⁰
comer-NEG-PASD
'não comeu'
- e. ***tabe-mas-u***⁵¹
comer-POL-NPASD
'come/comerá'
- f. ***tabe-mas-ita***
comer-POL-PASD
'comeu' (2017-09-30 THA)
- g. ***tabe-mas-en***⁵²
comer-POL-NEG
'não come/não comerá'
- h. ***tabe-mas-en*** ***des-ita***⁵³
comer-POL-NEG COP.POL-PASD
'não comeu'
- i. ***tabe-te***
comer-CONJ/CONV
'comer e' (2018-03-03 HHS)

A distinção entre os sintagmas verbais de 63.a a 63.d, em comparação a 63.e a 63.h são de formalidade no discurso expresso pelo sufixo de polidez, *-mas*. Note que a VBLJ não apresenta marcação de pessoa, gênero ou número dos argumentos no verbo.

Antes de pormenorizar como as categorias gramaticais são morfologicamente expressas, é preciso esclarecer os tipos de estruturas verbais. Assim como a língua japonesa falada naquele país, os verbos podem ser divididos em três grupos quanto a sua estrutura morfológica:

⁵⁰ Forma similar encontrada com o verbo *mieru* 'é visível': *mie-na-katta* (2018-03-03 HHS).

⁵¹ Forma similar encontrada com o verbo *oriru* 'desce': *ori-mas-u* descer-POL.NPASD (2017-09-16 EKT).

⁵² Forma similar encontrada com o verbo *iru* 'existe/tem', para seres inanimados: *i-mas-en*, existir-POL-NEG 'não ter/não existir' (2017-09-23 HKT).

⁵³ Forma similar encontrada com o verbo *aru* 'existe/tem' para seres animados: *ar-imas-en des-ita*, existir-POL-NEG 'não ter/não existir' (2017-09-23 HKT).

- a) grupo vocálico: aqueles em que a raiz verbal termina nas vogais *i* ou *e*;
- b) grupo consonantal: outros em que a raiz termina em consoantes, *e*;
- c) grupo dos irregulares: os verbos que a raiz é composta por uma consoante.

Os verbos são assim divididos por ter impacto na regularidade ou não dos sufixos que recebem.

a) Grupo vocálico

A raiz dos verbos pertencentes a este grupo termina ou na vogal *i* ou *e*. Os morfemas sufixados aos verbos deste grupo são bastante regulares. Além do verbo *tabe-ru* ‘comer-NPASD’ já exemplificado anteriormente, veja abaixo o verbo *mi-ru* ‘ver-NPASD’ e o *wasure-ru* ‘esquecer-NPASD’:

64. a. ***mi-ru***
ver-NPASD
‘vê/verá’ (2017-09-16 EKT)
- b. ***mi-ta***
ver-PASD
‘viu’ (2018-05-15 CHH)
- c. ***mi-te***
ver-CONJ/CONV
‘ver e’ (2018-10-27 TS)
65. a. ***wasure-ru***
esquecer-NPASD
‘esquece/esquecerá’
- b. ***wasure-ta***
esquecer-PASD
‘esqueceu’ (2018-03-03 HHS)
- c. ***wasure-mas-i-ta***
esquecer-POL-VT-PASD
‘esqueceu’ (2018-03-03 HHS)
- d. ***wasure-te***
esquecer-CONJ/CONV
‘esquecer e’ (2018-03-03 YY)

b) Grupo consonantal

Pertencem ao grupo consonantal os verbos que têm a raiz terminada em consoante. Observe o exemplo abaixo com o verbo *hanas-u* ‘falar/conversar-NPASD’.

66. a. *hanas-u*
conversar-NPASP
'conversa/conversará'
- b. *hanas-i-ta*
conversar-VT-PASD
'conversou'
- c. *hanas-a-na-i*
conversar-VT-NEG-NPASP
'não conversa/não conversará'
- d. *hanas-i-mas-u*
conversar-VT-POL-NPASP
'conversa/conversará'
- e. *hanas-i-te*
conversa-VT-CONJ/CONV
'conversar e'
- f. *hanas-e-ba*
conversar-VT-COND
'se conversar'
- g. *hanas-ou*
conversar-VT-VOL
'vamos conversar'
67. a. *butukar-u*
chocar-NPASP
'bate/baterá'
- b. *butukar-a-nai*
chocar-VT-NEG
'não bate/não baterá'
- c. *buttukat-ta*
chocar-PASD
'bateu'
- d. *butukar-i-mas-u*
chocar-VT-POL-NPASP
'bate/baterá'
- e. *buttukat-te*
chocar-CONJ/CONV
'bater e'

A depender do morfema, há mudanças na consoante final da raiz verbal. A última consoante da raiz muda ao receber morfemas sufixais iniciados e /t/ e /d/. As mudanças consonantais podem ser observadas nos verbos listados no quadro abaixo:

Quadro 10:
Mudanças consonantais na raiz dos verbos consonantais

	NPASD	PASD	CONV/CONJ
r-t	<i>butukar-u</i>	<i>butukat-ta</i>	
	<i>kaer-u</i>	<i>kaet-ta</i>	<i>kae-te</i>
k-t	<i>ik-u</i>	<i>it-ta</i>	<i>it-te</i>
k-i	<i>ok-u</i>	<i>oi-ta</i>	<i>oi-te</i>
	<i>aruk-u</i>	<i>arui-ta</i>	<i>arui-te</i>
	<i>hatarak-u (-)</i>	<i>hatarai-ta</i>	<i>hatarai-te</i>
b-n	<i>asob-u</i>	<i>ason-da</i>	<i>ason-de</i>
	<i>hakob-u</i>	<i>hakon-da</i>	<i>hakon-de</i>
m- n	<i>nusum-u</i>	<i>nusun-da</i>	<i>nusun-de</i>
w-t	<i>aw</i>	<i>at-ta</i>	<i>at-te</i>
	<i>omow</i>	<i>omot-ta</i>	<i>omot-te</i>

c) Grupo dos irregulares

Composto por apenas dois verbos, *k-u-ru* 'vir-VT-NPASD' e *s-u-ru* 'fazer-VT-NPASD', a característica destes verbos é a raiz ser composta por apenas uma consoante.

68. a. *k-u-ru*
vir-VT-NPASD
'vem/virá'
- b. *k-o-nai*
vir-NEG
'não vem/ não virá'

- c. *k-i-ta*
vir-VT-PASD
'veio'
 - d. *k-i-mas-u*
vir-VT-POL-NPASD
'vem/virá'
 - e. *k-i-te*
vir-CONJ/CONV
'vir e'
 - f. *k-o-you*
vir-VOL
'vamos vir'
- 69.
- a. *s-u-ru*
fazer-VT-NPASD
'faz/fará'
 - b. *s-i-nai*
fazer-VT-NEG
'não faz/ não fará'
 - c. *s-i-ta*
faz-VT-PASD
'fez'
 - d. *s-i-mas-u*
fazer-VT-POL-NPASD
'faz/fará'
 - e. *s-i-te*
fazer-VT-CONJ
'fazer e'
 - f. *s-i-you*
fazer-VT-VOL
'vamos fazer'

3.2.1.1 Negação

Nos dados da VBLJ, constata-se que há uma variedade de formas usadas para expressar a negação de uma oração. Foram encontrados quatro morfemas que são sufixados aos verbos: *-na*, *-n*, *-en* e *-zu*.

Observe abaixo o exemplo sem e com o morfema *-na* sufixado ao verbo *iw-u* ‘dizer-NPASP’, um verbo do grupo consonantal:

70. a. *nan te iw-u no?*
o quê CMLPZ dizer-NPASP NMLZ
‘Como se diz?’ (2017-07-23 YS)
- b. *kangae wa iw-a-na-i kedo, husigi ni omot-te*
pensamento TOP dizer-VT-NEG-NPASP mas misterioso COP.ADV achar-CONJ
‘O pensamento (o senhor) não externa, mas acha misterioso’
(2017-12-15 CSM)

O morfema negativo *-na* encontrado nos dados é o mesmo usado na língua japonesa daquele país. Segundo Frellesvig (2010, p. 401), o *-na* surgiu da gramaticalização do adjetivo *na-i*, ‘não existir-NPASP’, forma supletiva do verbo existencial *ar-u* (alomorfe *at*) ‘existir-NPASP’. Observe abaixo o morfema *nai* sendo usado como negação da existência no dado 71.b em oposição ao verbo existir em 71.b.

71. a. *Yama ni nasi no ki ga at-ta*
montanha LOC pera GEN árvore NOM existir-PASD
‘Tinha uma árvore de pera na montanha.’ Lit.: Uma árvore de pera existia na montanha’
(2018-03-03 TY)
- b. *ozisan hukuro ippai nat-ta kara,*
senhor saco cheio tornar-PASD por isso
ori-te ki-ta-ra, hito-tu kago ga na-i
descer-CONJ vir-VT-PASD-COND dois-CLS cesto NOM não.existir-NPASP
‘Quando o senhor desceu (da árvore) porque o saco encheu, não tinha um cesto.’
(2017-06-25 HAS)

Houve também a ocorrência do morfema *-n* como negação nos dados. O dado abaixo apresenta o verbo do grupo consonantal *sir-u* ‘saber-NPASP’ com o sufixo *-n* e com *-na*, na VBLJ.

72. a. *Morat-ta ka tot-ta ka sir-a-n*
receber-PASD Q tomar-PASD Q saber-VT-NEG
‘Se ganhou ou se roubou, não sei.’ (2017-07-23 YS)
- b. *Ozisan sir-a-na-i de, nasi tigit-te-mas-u*
senhor saber-VT-NEG-NPASP COP.CONJ pera tirar-CONJ-POL-NPASP
‘O senhor está colhendo as peras, sem saber (do roubo).’ (2017-09-30 THA)

Em 72.a há a ocorrência de *sir-u* ‘saber-NPASP’ com o morfema *-n*, enquanto 72.b apresenta o mesmo verbo com o sufixo *-na*. No Japão, há registros deste

morfema negacional *-n* desde o séc. VIII (FRELLESVIG, 2010, p. 64). Apesar de terem formas parecidas, a fonte de *-na* e *-n* não é a mesma. A forma *-na* é uma inovação da região de Kanto, leste do Japão, registrada apenas no século XVII, que se sobrepôs à forma anterior, *-n*. O morfema *-n* permanece em uso na região oeste como uma variedade dialetal (FRELLESVIG, 2010, p. 401).

Outra maneira de se expressar a negação da ação é com o morfema *-en* também sufixada ao verbo. No entanto, a ocorrência deste morfema é limitada e segue o morfema de polidez, *-mas*. Os dados em 73.a e 73.b mostram o verbo *ar-u* ‘existir’ com e sem o sufixo de negação *-en*.

73. a. *mou hito-tu no kago wa ar-i-mas-en des-i-ta*
 mais um-CLS GEN cesto TOP existir-VT-POL-NEG COP.POL-VT-PASD
 ‘Não havia mais um cesto (o outro cesto).’ (2018-03-03 HHS)

b. *mit-tu no kago ga ar-i-mas-u*
 três-CLS GEN cesto SUJ existir-VT-POL-NPASD
 ‘Há três cestos.’ (2018-03-03 HHS)

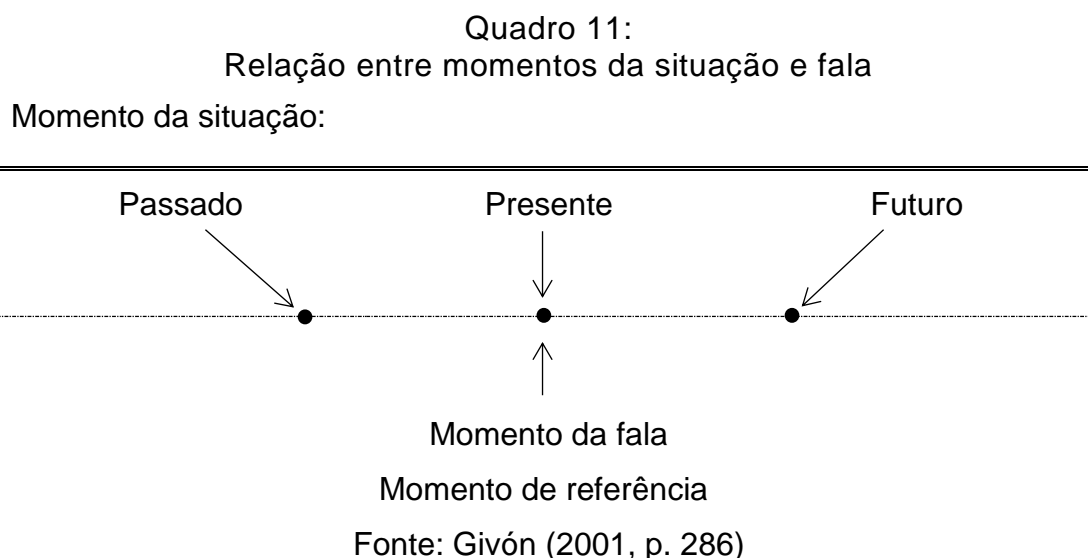
Por fim, há ainda o uso do sufixo verbal *-zu* que toma função adverbial. O dado apresentado abaixo é com o verbo *iw-u* ‘dizer-NPASD’.

74. *Soko wo zii tto mi-te (i)-ru dake,*
 aí LOC fixamente tto ver-CONV existir-NPASD só
nanni mo iw-a-zu ni
 nada nenhum dizer-VT-NEG COP.ADV
 ‘Só está observando fixamente aí, sem dizer nada.’ (2017-07-16 MT)

Assim, a VBLJ expressa a negação de quatro formas distintas: *-na*, *-n*, *-en* e *-zu*. A forma *-na* é a mesma daquela amplamente usada no Japão. O morfema *-n*, apesar de ser anterior ao *-na* naquele país, se mantém como variedade dialetal do Oeste do Japão. A ocorrência do *-n* vai de encontro como as afirmações de Mase (1987, p. 138). Não só as línguas em São Miguel do Arcanjo e Ibiúna no Estado de São Paulo, comunidades japonesas pesquisadas pelo autor, têm características dialetais do Oeste. Verifica-se a ocorrência de características dialetais do Oeste também nos falantes da VBLJ residentes no Distrito Federal.

3.2.1.2 Tempo

A categoria gramatical tempo é a relação entre o momento da situação (estado, evento ou ação) referida em outro momento, em geral, o momento da fala (COMRIE, 1976, p. 1-2). Givón (2001, p. 286) representa essa relação entre o momento da situação e o da fala da seguinte maneira:



Assim, o tempo é dividido em três: passado, presente e futuro. No passado, a situação ocorre antes do momento da fala. No futuro, o evento ocorre depois do enunciado e, no presente, a situação ocorre no momento do ato de fala. Agregado a esses três tempos, Givón adiciona o tempo habitual – um evento ou estado que ocorre sempre ou repetidamente, ou cujo momento do evento não é especificado (GIVÓN, 2001, p. 286). No entanto, o próprio autor explica a divergência em relação ao tempo habitual que pode ser tratado como aspecto.

O momento de referência não se limita ao da fala (tempo absoluto). Segundo Givón, a referência pode, ainda, estar ancorada a um ponto de referência temporal anterior (passado), ou estar baseada em um fato após (futuro) ao enunciado (tempo relativo) (GIVÓN, 2001, p. 286).

A língua japonesa utiliza o sistema de tempo absoluto nas orações principais. No entanto, em orações relativas e em subordinadas adverbiais a língua usa o sistema de tempo relativo. Ou seja, o tempo nesses casos é determinado com base na relação temporal do evento da oração principal (IWASAKI, 2013, p. 129).

Em sequência é feita a descrição da marcação de tempo nas orações simples. A língua marca morfologicamente o tempo passado com o sufixo *-ta* (alomorfe *-da*) e o não passado com o morfema *-(r)u*, que expressa tanto o tempo presente como o futuro. Os dados em 75.a e 75.b mostram o verbo *toor-u*, ‘passar-NPASP’, verbo do grupo consonantal sem e com a codificação de tempo passado, respectivamente:

75. a. [*yagi wo ture-ta*] *ozisan ga toor-u*
 [cabra OBJ levar-PASD] senhor NOM passar-NPASP
 ‘Passa um homem que leva uma cabra.’ (2017-06-25 HAS)

b. *hito-ri otokonoko ga yagi wo ture-te toot-ta*
 um-CLS.PES homem NOM cabra ACU levar-CONJ passar-PASD
 ‘Um menino passou levando uma cabra.’ (2018-03-03 YY)

Já os dados em 76.a e 76.b mostram o verbo *korob-u* (alomorfe *koron*), ‘cair-NPASP’, outro verbo do grupo consonantal sem e com, nesta ordem, o sufixo *-da* (alofomorfe *-ta*).

76. a. *zitensya ga isi ni atat-te, korob-u n des-u yo ne*
 bicicleta NOM pedra LOC bater-CONJ cair-NPASP NMLZ COP.POL-NPASP ENF né
 ‘É que a bicicleta bate na pedra e cai, né.’ (2017-12-08 TI)

b. *Roda isi ni atat-te, koron-da no*
 roda pedra LOC bater-CONJ cair-PASD NMLZ
 ‘É que a roda bateu na pedra e caiu.’ (2017-07-23 YS)

Os dados abaixo são exemplos de verbo do grupo vocálico, *ire-ru* ‘inserir-NPASP, colocar’ no passado e no não passado, respectivamente.

77. a. *kago ni ire-ru*
 cesta LOC inserir-NPASP
 ‘Coloca na cesta.’ (2017-06-25 HAS)

b. *mata kago ni ire-ta*
 novamente cesta LOC inserir-PASD
 ‘Colocou a pera na cesta.’ (2017-07-23 YS)

Por fim, observe os dados com o contraste não passado, passado do verbo irregular *k-u-ru* ‘vir-VT-PASD’

78. a. *kou k-u-ru*
 assim vir-VT-NPASP
 ‘(A criança) vem assim.’ (2017-12-08 GK)

b. *otokonoko ga zitensya de k-i-ta*
 menino NOM bicicleta INST vir-VT-PASD
 ‘O menino veio de bicicleta.’ (2018-03-03 YY)

Foram até aqui mostradas as orações afirmativas com tempo passado. Já o tempo passado nas orações negativas é expresso por meio do morfema *-katta* que segue o sufixo negativo *-na*. No dado abaixo, verifica-se a ocorrência do morfema passado no verbo *wakar-u* ‘entender-NPASP’ no tempo presente e no passado, respectivamente.

79. a. *Nihongo de wakar-a-na-i*
japonês INST compreender-VT-NEG-NPASP
‘Não entendo em japonês.’ (2018-08-04 RA)
- b. *Sono ato yo-ku wakar-a-na-katta*
DEM depois bom-ADV compreender-VT-NEG-PASP
‘Depois disso, não entendi bem.’ (2018-08-04 RA)

Nos dados abaixo, é possível observar o verbo *mie-ru*, ‘ver, ser visível-NPASP’ no tempo presente e passado, respectivamente:

80. a. *sita no koto ga zenzen mie-na-i n su yo*
em baixo GEN coisa NOM nada visível-NEG-PASP NMLZ COP.POL-NPASP ENF
‘É que as coisas de baixo não estão visíveis’ (2017-12-08 GK)
- b. *sono syuukaku s-i-te i-ru ozisan ga/ nya mie-na-katta*
DEM colheita fazer-VT-CONV existir-NPASP senhor NOM DAT.TOP visível-NEG-PASP
‘Para esse senhor que está fazendo a colheita, não estava visível.’ (2017-12-08 KY)

Ambos os dados se referem à narração dos colaboradores quando o protagonista rouba uma cesta cheia de peras, mas não é visto pelo senhor dono das peras.

A negação, assim, é codificada nas orações afirmativas com o morfema *-ta* e alomorfe *-da* sufixado aos verbos e com *-katta* em orações negativas sendo sufixadas após o morfema *-na*.

3.2.1.3 Aspecto

Comrie (1976, p. 2) afirma que dentre as características de tempo, modo e aspecto, esta última tende a ser a categoria verbal menos familiar para os estudantes de linguística. Isso porque a distinção entre tempo e aspecto nem sempre é clara. No entanto, a divisão entre as duas é necessária para compreender como o aspecto se manifesta nas línguas.

Ao discorrer sobre a importância de distinguir as categorias verbais tempo e

aspecto, Velupillai (2012, p. 208) esclarece que, enquanto o tempo gramatical localiza um determinado evento⁵⁴ na linha temporal, o aspecto é o dispositivo pelo qual se expressa gramaticalmente a perspectiva de um evento. A distinção das duas categorias é demonstrada com os exemplos abaixo:

81. a. *He coughed (once)*
 ‘Ele tossiu (uma vez).’
 b. *He was coughing (repeatedly or over a period of time)*
 ‘Ele estava tossindo’ (repetidamente por um período de tempo)’
82. a. *He will cough (once)*
 ‘Ele vai tossir (uma vez)’
 b. *He will be coughing (repeatedly or over a period of time)*
 ‘Ele estará tossindo’ (repetidamente por um período de tempo)’

(VELUPILLAI, 2012, p. 209)

Em 81.a e 81.b, o tempo passado é mantido nas orações, enquanto o aspecto é modificado. Nos exemplos 82.a e 82.b, ocorre o mesmo contraste: o tempo futuro é mantido, enquanto o aspecto é alterado. A possibilidade de se manter o tempo enquanto o aspecto é alterado demonstra que se tratam, o tempo e o aspecto, de duas categorias verbais distintas.

Basicamente, o aspecto se refere à perspectiva de um determinado evento. Ou ainda como define Comrie (1976, p. 3), “aspectos são maneiras diferentes de ver a *constituição temporal interna* de uma situação”⁵⁵.

A divisão primária da categoria aspectual é entre **perfectivo** e **imperfectivo**. Um mesmo evento pode ser visto tanto como um todo delimitado quanto como durante o seu curso. Os eventos observados como um todo único, sem menção às fases que compõem um determinado evento, se referem ao **aspecto perfectivo**. Já a perspectiva do evento em curso que foca na sua estrutura interna se refere ao **aspecto imperfectivo** (VELUPILLAI, 2012, p. 210; COMRIE, 1976, p. 3).

Como ilustração mais concreta do perfectivo e do imperfectivo, Comrie (1976) traz, dentre outros, um exemplo da língua espanhola.

83. *Juan leía cuando entré*
 ‘João lia quando entrei.’

Comrie (1976, p. 3)

⁵⁴ A palavra *evento* no presente trabalho está sendo empregada abrangendo ações, situações e estados, assim como faz Palmer (2001, p.1).

⁵⁵ No original “Aspects are different ways of viewing the internal temporal constituency of a situation.” (COMRIE, 1976, p. 3)

Na oração acima, o verbo da primeira oração, *leía*, traz o contexto situacional, enquanto o verbo da segunda oração, *entré*, introduz um novo evento. *Entré* expressa um evento completo sem referência à constituição temporal interna, sendo um exemplo do aspecto perfectivo. *Leía* que, por sua vez, é focado na constituição temporal interna, exemplifica o aspecto imperfectivo.

Ainda segundo Comrie (1976), muitas vezes, a perfectividade é equivocadamente associada a eventos de curta duração ou de duração limitada. No entanto, línguas como o russo com marcas aspectuais morfológicas claras demonstram que essa interpretação é errônea. O perfectivo traz em si o sentido de completude, ou seja, expressa um evento com início, meio e fim. Desse modo, a perfectividade indica a omissão, e não a ausência, de uma estrutura interna.

Em muitas das línguas que fazem distinção formal entre perfectivo e imperfectivo, a forma perfectiva de alguns verbos, principalmente de verbos estativos, expressa a ingressividade, ou seja, o início de uma ação. São exemplos, verbos como *conocer* e *saber*, também do espanhol. Em orações como *Conoci a Pedro hace muchos años*, *conoci* (passado perfectivo) se refere ao início da situação conhecer (COMRIE, 1976, p. 19).

Enquanto a forma perfectiva pode ser usada para se referir a eventos que têm estrutura interna, a forma imperfectiva necessariamente se refere a eventos com estrutura interna (COMRIE, 1976, p. 25). A imperfectividade engloba duas categorias semânticas distintas: a **habitual** e a **progressiva**.

A habitualidade se refere a eventos característicos de um período prolongado de tempo, não incidental, sejam elas situações repetidas (iterativas) ou não (COMRIE, 1976, p. 27). A progressividade, por sua vez, expressa um evento em andamento (VELUPILLAI, 2012, p. 212).

É importante destacar que as línguas variam em como agrupam e codificam essas categorias semânticas aspectuais: a) algumas línguas expressam ambas as categorias semânticas de uma única maneira, b) outras expressam cada uma das categorias de forma distinta, c) por fim, há ainda línguas que uma determinada categoria expressa apenas uma parte da imperfectividade (COMRIE, 1976, p. 24-25).

O russo e o francês têm uma forma imperfectiva geral que corresponde a ambas as formas, habitual e progressiva. Ou seja, a frase em russo *On čital Pravda*

pode significar ‘Lia Pravda⁵⁶’ ou ‘Estava lendo Pravda’ (COMRIE, 1976, p. 26). O português, por sua vez, é uma das línguas que expressam a habitualidade e a progressividade de forma distinta. Confira os exemplos abaixo:

- | | | |
|-----|-------------------------------------|----------------------------|
| 84. | a. Pinky, meu gato, comeu peixe. | Perfectivo |
| | b. Pinky comia peixe todos os dias. | Imperfectivo - Habitual |
| | c. Pinky estava comendo peixe. | Imperfectivo - Progressivo |

O exemplo 84.a expressa um evento em sua totalidade com início, meio e fim representando o aspecto perfectivo. A oração em 84.b expressa aspecto imperfectivo trazendo uma leitura habitual, apesar de não excluir a leitura progressiva. A frase em 84.c também é um exemplo de aspecto imperfectivo expressando progressividade.

Outro subtipo de aspecto é o aspecto **perfeito** que segundo define Comrie (1976, p. 52), “indica a relevância contínua de uma situação anterior”⁵⁷. Ou seja, o perfeito se refere à relevância de uma situação ocorrida anteriormente ao ponto de enunciação ou referência. O inglês é exemplo de uma língua que expressa formalmente o perfeito:

85. a. *My cat disappeared.*
 b. *My cat has disappeared*
 ‘Meu gato desapareceu’

Enquanto em 85.a o gato pode já ter sido encontrado, em 85.b essa interpretação não é possível. O perfeito é, assim, expresso pelo exemplo 85.b em que o evento do desaparecimento é anterior à enunciação e o efeito se mantém até o momento do enunciado.

O **resultativo** e **experencial** são alguns dos tipos específicos do perfeito (COMRIE, 1976, p. 56), relevantes para esta pesquisa. Comrie (1976) se refere ao perfeito de resultado como “uma das manifestações mais claras da relevância atual de uma situação passada”⁵⁸ (p. 56). Ou seja, o próprio conceito de perfeito. O experencial descreve um evento que ocorreu ao menos uma vez ao longo de um determinado tempo antecedente ao presente (COMRIE, 1976, p. 58).

⁵⁶ Pravda: nome de um jornal russo.

⁵⁷ No original “the perfect indicates the continuing present relevance of a past situation.” (COMRIE, 1976, p. 52)

⁵⁸ No original “one of the clearest manifestations of the present relevance of a past situation.” (COMRIE, 1976, p. 56)

Feito o levantamento dos aspectos explanados acima nos dados coletados na presente pesquisa, verificou-se que, na VBLJ, a categoria aspectual é expressa por meio do verbo auxiliares ou por morfemas sufixados à raiz verbal.

3.2.1.3.1 *Perfectivo versus Imperfectivo*

A descrição das noções aspectuais da VBLJ será iniciada pela oposição perfectivo-imperfectivo. Constata-se nesta oposição que o perfectivo não é marcado na VBLJ, como se verifica em sequência:

Perfectivo

86. a. *Sono hito ga ori-te, mata kago ni ire-ta*
 DEM pessoa NOM descer-CONJ novamente cesta LOC inserir-PASD

‘Essa pessoa desceu e novamente inseriu (as peras) na cesta.’

(2017-07-23 YS)

Progressivo

- b. *nasi wo kago ni ippai [kou syuukakusi-te] ire-te (i)-ta*
 pera ACU cesta LOC muito assim colher-CONV inserir-CONJ existir-PASD

‘Colhendo assim estava colocando muitas peras na cesta.’ (2017-03-26 KT)

Nos dados 86.a acima, o verbo *ire-ta* ‘inserir-PASD’ expressa aspecto perfectivo, um evento visto como um todo sem divisões. Já em 86.b, o verbo *ire-te* ‘inserir-CONV’ é seguido do verbo auxiliar *i-ru* ‘existir-NPASD’, o que dá uma leitura progressiva à oração.

Quanto à habitualidade do **aspecto imperfectivo**, nesta pesquisa não houve ocorrência de dados com semântica **habitual**. Isto, provavelmente, porque a história utilizada não favoreceu o uso de expressões desta natureza.

Em relação ao **aspecto progressivo**, foram encontradas três formas distintas para codificá-la. A primeira delas é por meio do verbo auxiliar *i-ru* ‘existir-NPASD’.

Observe a oposição, nos dados abaixo, sem e com a codificação progressiva no verbo *aruk-u* ‘andar’ (alomorfe *arui*).

87. a. *Kare-ra ga aruk-u sai ni*
 ele-PL NOM andar-NPASD momento LOC

‘No momento em que eles andam’

(2018-05-18 FTY)

- b. *sono kodomo ga arui-te i-ru uti ni*
 DEM criança NOM andar-CONV existir-NPASD durante LOC

‘Enquanto essa criança está andando’

(2017-09-16 EKT)

Os casos acima são exemplos de aspectos progressivos em orações relativas que modificam *sai* ‘momento’ e *uti* ‘durante’, em 87.a e 87.b, respectivamente.

As orações abaixo são outros exemplos sem e com a marcação do aspecto progressivo, agora no verbo *tabe-ru*, ‘comer-NPASP’

88. a. *san-nin de wake-te, kou yat-te, tabe-mas-i-ta*
três-CLS LIM dividir-CONJ assim fazer-CONJ comer-POL-VT-PASD
‘Dividiram em três e, fazendo assim, comeram.’ (2017-09-30 THA)

b. *sono san-nin no kodomo ga nasi wo tot-te*
dem três-CLS.PS GEN criança NOM pera ACU pegar-CONJ
tabe-te i-ru
comer-CONV existir-NPASP

‘Essas três crianças pegam as maçãs e estão comendo.’ (2018-03-03 HHS)

Os dados mostram que o uso do verbo auxiliar *i-ru* ‘existir-PASD’ não é a única estratégia utilizada para dar à oração um sentido progressivo. Outro modo pelo qual a língua codifica a progressividade é por meio do morfema *-yor* (alomorfe *-yot*).

Este morfema é sufixado à raiz verbal e é seguido por morfemas temporais ou conjuntivos, *-te*. O morfema *yor-*, que codifica o aspecto progressivo, é uma variedade dialetal amplamente difundida na região oeste do Japão (NINJAL). Abaixo exemplos destes morfemas sufixados ao verbo *mi-ru* ‘ver-NPASP’:

89. a. *mi-yor-u*
ver-PROG-NPASP
‘está vendo’⁵⁹
b. *mi-yot-ta*
ver-PROG-PASD
‘estava vendo’
c. *mi-yot-te*
ver-prog-conj
‘está vendo e...’

Observe no verbo *k-u-ru*⁶⁰, ‘vir-VT-NPASP’, com o morfema *-yor*, o contraste entre as duas noções aspectuais nos dados em 90.a e 90.b abaixo:

⁵⁹ Os verbos da VBJL não têm marcas nem de pessoa, nem de gênero e nem de número. No entanto, a tradução livre será feita na terceira pessoa do singular por questão de padronização.

⁶⁰ O verbo *kuru* ‘vir’ é irregular tendo como raiz do verbo a consoante *k*. A vogal que segue a raiz varia de acordo com os morfemas sufixados, sendo *-u* diante do morfema não-passado, *-i* diante do sufixo passado *-ta* e também do morfema em tela, *-yor*.

90. a. *san-nin* *otokonoko* *ga* *k-i-mas-i-ta*
três-CLS.PES menino NOM vir-VT-POL-VT-PASD
'Três meninos vieram.' (2017-09-30 THA)

- b. *Onna* *ga* *hantai* *de* *zidensya* *de* *k-i-yot-te*
mulher SUJ oposto LOC bicicleta INST vir-VT- PROG-CONJ
sono *hito* *ni* *at-te, (...)* *acho que* *onna* *ni*
DEM pessoa com encontrar-CONJ acho que mulher LOC
tyotto *atat-te(...)* *koron-da* *no*
um pouco bater-CONJ cair-NPASD NMLZ

'Uma mulher estava vindo no outro lado de bicicleta e encontrou com essa pessoa, acho que (essa pessoa) esbarrou na mulher e caiu.'

(2017-07-23 YS)

O morfema *-yor* ocorre inclusive em verbos estativos, *ar-u* 'existir-NPASD'. Ao se combinar com o verbo *ar-u* 'existir-NPASD', o morfema *-yor* também toma uma leitura aspectual progressiva, como pode ser visto nos exemplos abaixo.

91. a. *Erai* *toko* *ga* *ar-u* *ga*
louvável parte SUJ existir-NPASD ENF
'Tem uma parte louvável (na história)' (2017-12-12 KI)

- b. *mukasi* *no* *hito-tati* *wa* *kirei* *na* *kokoro* *de*
antigamente GEN pessoa-PL TOP bonito COP.ADJ coração COP.CONJ
tasukeat-te, *yat-te* *ik-ou* *tte* *i-u*
colaborar-CONV fazer-CONJ ir-VOL Cmplz dizer-PASD
kimoti *ga* *ar-i-yot-ta* *keredo* *ne*
sentimento NOM existir-VT-PROG-PASD mas ENF

'As pessoas de antigamente tinham coração bonito e tinham o sentimento de ir ajudando um ao outro.' (2017-12-12 KI)

Vale ressaltar que dentre os verbos desta pesquisa, *ar-u* 'existir' é o único verbo estativo existencial em que um dos morfemas aspectuais foi encontrado. Os demais verbos onde os morfemas aspectuais ocorreram são todos eventivos.

Os dados acima são exemplos do morfema *-yor* sufixado a verbos intransitivos. A mesma semântica progressiva é obtida com *-yor* também em verbos transitivos. Observa-se a diferença semântica no verbo *mi-ru* 'ver-NPASD' sem e com a codificação nos dados em 92.a e 92.b abaixo:

92. a. *otokonoko* *wa* *zubon* *wo* *age-te,*
menino TOP calça ACU levantar-CONJ

hiza, kega si-te i-na-i ka mi-ru
joelho machucado fazer-CONV existir-NEG-NPASD Q ver-NPASD

‘O menino levanta a calça e vê se o joelho não está machucado.’

(2017-06-25 HAS)

b. *okasii na tte omot-te mi-yor-u uti ni*
estranho COP.ADJ CMLPZ pensar-CONJ ver-PROG-NPASD durante LOC
sono kodomo-tati san-nin ga tabe-nagara,
DEM criança-PL três-CLS.PES NOM comer-enquanto
asobi-nagara toot-te ik-u
brincar-enquanto passar-CONV ir-NPASD

‘No durante em que (o homem) está olhando e pensando que é estranho, essas três crianças vão passando enquanto comem e brincam.’

(2017-06-25 HAS)

Por fim, a terceira forma encontrada nos dados expressando leitura aspectual progressiva é o morfema *-tor*. Similarmente ao morfema *-yor*, o *-tor*⁶¹ é sufixado à raiz verbal. Observe os dados abaixo em que o morfema *-tor*, sufixado ao verbo intransitivo *ik-u* ‘ir-NPASD’ (alofone *it*), foi utilizado para expressar progressividade:

93. a. *kaeri ni nasi wo tabe-nagara it-tot-ta ra,*
volta LOC pera ACU comer-enquanto ir-PROG-PASD COND

miti da kara sono nasi tot-ta
estrada COP por isso DEM pera tirar-PASD

hito no toko ni tyoudo at-ta no yo
pessoa GEN local LOC exatamente existir-PASD NMLZ ENF

‘Na volta, quando (os meninos) seguiam comendo, como era uma estrada, (ela) levava exatamente ao local da pessoa que colheu essa pera.’

(2017-07-23 YS)

b. *Soko wo sugi-te arui-te/ it-tor-u/ itt/ it-te (i)-ru*
aí ACU passar-CONJ andar-CONJ ir-PROG-NPASD ir ir-CONV existir-NPASD

tokoro de maa, bousi ga oti-te (i)-ta node,
momento LOC eee, chapéu NOM cair-CONV existir-PASD devido a

sono bousi wo mata sono otokonoko ni
DEM chapéu ACU novamente DEM menino DAT

modosi-te yar-u
devolver-CONV dar-NPASD

‘Como tinha um chapéu caído no momento que ia passando andando, fez o favor de devolver para esse menino esse chapéu.’

(2017-12-08 KY)

⁶¹ Este morfema é amplamente utilizado na região oeste do Japão com a mesma semântica aspectual (NINJAL).

O morfema *-tor* com leitura progressiva também ocorre sufixado a verbos transitivos. Nos dados abaixo é possível verificar o verbo *tabe-ru* ‘comer-NPASP’ com a oposição sem e com o morfema:

94. a. *san-nin de wake-te ne, kou yat-te, tabe-mas-i-ta*
 três-CLS.PES entre dividir-CONJ né assim fazer-CONJ comer-POL-VT-PASD
 ‘Dividiram entre três, e fazendo assim, comeram.’ (2017-09-30 THA)
- b. *kodomo-tati ga too-te, nasi tabe-tot-te* (...)
 criança-PL SUJ passar-CONJ pera comer-PROG-CONJ
 ‘As crianças passaram e estavam comendo as peras e (2018-10-27 TS)
- Já os exemplos 95.a e 95.b mostram o verbo *s-u-ru* ‘fazer’ sem e com o

morfema *-tor*:

95. a. *nasi wo cesta ni ire-ru no tetudat-te*
 pera OBJ cesta LOC inserir-PASD NMLZ ajudar-CONJ
sonna ii koui wo s-i-ta no
 assim bom ação OBJ fazer-VT-PASD NMLZ
 ‘(Os três meninos) fizeram uma boa ação ao ajudar a colocar as peras na cesta.’ (2017-09-30 THA)
- b. *mukou mo wakar-a-n you na kao*
 outro lado também entender-VT-NEG parecer COP.ADJ cara
si-tot-ta n des-u
 fazer-PROG-PASD NMLZ COP.POL-NPASP
 ‘As crianças passaram comendo as peras e o homem também estava fazendo cara de quem não compreendia.’ (2018-10-27 TS)

A VBLJ, portanto, não codifica o aspecto perfectivo. Para a codificação do aspecto progressivo, foram encontradas três estratégias distintas: 1) uso do verbo *i-ru*, ‘existir’, como verbo auxiliar seguindo verbo principal com o morfema verbal *-te*; 2) sufixação do morfema *-yor* ao verbo, e 3) sufixação do morfema *-tor* ao verbo. O aspecto habitual, por sua vez, também pode ser expresso por meio do verbo na forma verbal seguido do verbo auxiliar *i-ru*, ‘existir’.

Quadro 12:
Codificação de aspectos verbais (Perfectivo vs Imperfectivo)

Perfectivo	não marcado	
Imperfectivo	(verbo)- te i-ru	Progressivo
	(verbo)- yor-u	
	(verbo)- tor-u	

3.2.1.3.2 *Perfeito versus não Perfeito*

Pelos dados, constata-se duas maneiras de codificar a noção de **perfeito de resultado**, ambas similares às codificações do aspecto progressivo. A primeira é através do verbo principal converbal *-te* seguido do verbo *i-ru*, ‘existir’. A segunda estratégia é por meio do morfema *-tor* sufixado ao verbo.

Observe, inicialmente, a codificação do aspecto perfeito de resultado com a primeira estratégia. Nos dados que se seguem, verifica-se o verbo *oti-ru* ‘cair-PASD’ sem e com a codificação que traz a leitura aspectual resultativa.

96. a. *hito-tu chãõ ni oti-ta*
um-CLS chãõ LOC cair-PASD
‘Uma (pera) caiu no chãõ’ (2017-07-23 YS)
- b. *bousi ga oti-te (i)-ru yo*
chapéu NOM cair-CONV existir-NPASD ENF
‘O chapéu está caído, viu?’ (2017-09-16 EKT)
- c. *bousi ga [oti-te i-ru no] wo mi-te (...)*
chapéu NOM cair-CONV existir-NPASD NMLZ ACU ver-CONJ
‘Viu o chapéu que está caído.’

A oração em 96.a está no aspecto perfectivo, sem menção às fases que compõem o evento. Já os dados em 96.b e 96.c trazem uma leitura resultativa, o chapéu caiu e segue caído. No dado em 96.b, a raiz do verbo auxiliar *i-ru*, expresso entre parênteses, passou por um processo de elisão regular na língua e foi omitida. Este é um fenômeno visto com frequência na linguagem oral, mas atesta-se que se trata da supressão da vogal /i/, quando confrontado com o dado em 96.c que tem a mesma leitura aspectual.

A leitura resultativa é obtida não somente em verbos intransitivos, como no dado acima, mas também com verbos transitivos. É possível verificar com a oposição sem e com a codificação de aspecto resultativo no verbo *otos-u* ‘derrubar-NPASP’.

97. a. *butuka-ru toki ni bousi wo otos-i-ta*
 bater-NPASP momento LOC chapéu ACU derrubar-VT-NPASP
 ‘No momento que bate, o chapéu caiu.’ (2018-03-03 YY)

b. *zitensya no otokonoko ga bousi wo otos-i-te (i)-ta*
 bicicleta GEN menino NOM chapéu ACU derrubar-VT-CONV existir-PASD
 ‘É que essa criança tinha derrubado o chapéu.’ (2017-09-16 EKT)

A segunda forma pela qual a língua japonesa falada no Brasil expressa a leitura resultativa é por meio do morfema *-tor*. O mesmo morfema *-tor* (alomorfe *-tot*) apresentado anteriormente expressando aspecto progressivo codifica também o aspecto resultativo⁶². Os exemplos 98.a e 98.b mostram o verbo *nar-u* ‘tornar-se-NPASP’ (alomorfe *nat*) sem e com o morfema *-tor*, respectivamente.

98. a. *kago ga huta-tu at-te, [ippai nat-ta] yatu ga*
 cesta SUJ dois-CLF existir-CONJ cheio tornar-PASD isso NOM
 ‘Havia duas cestas, as quais tinham ficado cheias.’ (2018-03-03 YY)

b. *sono kago wo [ippai ni nat-tor-u] kago wo tot-te,*
 DEM cesta OBJ cheio ADV tornar-se-RES-NPASP cesto OBJ pegar-CONJ
zitensya nosi-te, mot-te it-ta
 bicicleta colocar-CONJ levar-CONV ir-PASD
 ‘E (o menino) pegou esse cesto tornado cheio, colocou na bicicleta e levou.’
 (2018-03-03 YY)

Com o verbo *nar-u* ‘tornar-se’, ambas as orações sem ou com o sufixo *-tor* trazem a ideia de *kago* ‘cesto’ estar cheio ou completo. Isso porque na oração 98.a *nat-ta* ‘tornar-PASD’, no perfectivo, a leitura ingressiva vai de acordo com a descrição de Comrie (1976, p. 19) de que em muitas línguas a forma perfectiva de alguns verbos, principalmente de verbos estativos, expressa o início de uma ação. Ou seja, o *yatu* ‘DEM’ que se refere a ‘cesto’, foi preenchido e continua repleto. Já *nat-tor-u*, em 98.b, expressa o resultativo, aspecto perfeito. Isto é, a ação de encher ocorreu antes do enunciado e a sua plenitude tem efeitos que continuam no momento da enunciação.

⁶² Vide levantamento exaustivo das ocorrências do morfema *-tor* e *-yor* no artigo *Morfemas Aspectuais Na Variedade Brasileira Da Língua Japonesa*, na Revista Hon no Mushi, volume 5, número 08 (2020). Disponível em: <https://www.periodicos.ufam.edu.br/index.php/HonNoMushi/article/view/7086>

Desse modo, as duas orações expressam que o cesto está cheio: em 98.a com o aspecto perfectivo e em 98.b por meio do aspecto resultativo (perfeito).

A oração abaixo traz a ocorrência do morfema no verbo *koe-ru* ‘engordar-NPASP’ em uma oração nominal do tipo tópico⁶³ comentário em que o nome *hito* ‘pessoa’ é modificado pela oração relativa entre colchetes [*tyotto koe-tor-u*], ‘um pouco engordada’, traduzido literalmente:

99. (*sono hito wa*) [*tyotto koe-tor-u*] *hito*
 (essa pessoa TOP) um pouco engordar-RES-NPASP pessoa

‘Essa pessoa é uma pessoa um pouco gorda.’ (Lit. ‘Essa pessoa é uma pessoa que está um pouco engordada’) (2018-03-03 KSH)

A leitura resultativa não se restringe à *-tor* sufixado às orações intransitivas apresentadas até aqui. Os verbos transitivos *wasureru* ‘esquecer’ e *motu* ‘pegar’ ao serem sufixados com o morfema *-tor*, tomam leitura resultativa. Os exemplos 100.a e 100.b a seguir demonstram esse contraste com o verbo *wasure-ru* ‘esquecer-NPASP’ sem e com o morfema, respectivamente:

100. a. *Oou, bousi wo wasure-ta yo*
 Oou, chapéu OBJ esquecer-PASD ENF

‘Eei, você esqueceu o chapéu.’ (2018-03-03 HHS)

b. *Ah, bousi wasure-tor-u yo*
 Ah, chapéu esquecer-RES-NPASP ENF

‘Ah, você esqueceu o chapéu.’ (Lit. ‘Ah, você está esquecido do chapéu’.) (2018-03-03 YY)

Há uma distinção semântica relevante entre os exemplos 100.a e 100.b. Em 100.a, *wasureta* está no perfectivo, evento observado como um todo único. Assim, a ação de esquecer pode já ter sido finalizada. Em outras palavras, o agente pode já ter se dado conta do esquecimento. Já em 100.b, em que o mesmo verbo expressa o aspecto resultativo, essa interpretação não é possível. Exemplos análogos em 101.a e 101.b ilustram melhor a distinção de leitura aspectual entre eles.

101. a. *Hiroshi wa keitai wo wasure-ta kara tori ni ki-ta*
 Hiroshi TOP celular ACU esquecer-PASD por isso pegar DAT vir-PASD

‘Hiroshi esqueceu o celular por isso veio buscar’

b. **Hiroshi wa keitai wo wasure-tor-u kara tori ni ki-ta*
 Hiroshi TOP celular ACU esquecer-RES-NPASP por isso pegar DAT vir-PASD

⁶³ A noção de tópico aqui se baseia em LI, C. N.; THOMPSON, S. A. *Subject and topic: a new typology of language*. In: LI, C. N. *Subject and topic*. New York: Academic Press, 1976. p. 457-489.

‘Hiroshi está esquecido do celular por isso veio buscar’⁶⁴

A oração em 101.a é gramatical, mas em 101.b é agramatical, ao menos, sendo Hiroshi autor da ação de buscar o celular, uma vez que é incompatível a leitura resultativa e não-passada de um verbo com a ação tomada em consequência do seu resultado.

Também ao verbo *mot-u* ‘pegar-NPASP’, o morfema *-tor* dá à oração uma leitura resultativa.

102. a. *nasi wo mot-ta mama toot-ta no*
 pera ACU pegar-PASD como está passar-PASD NMLZ
 ‘(O menino) passou em posse da pera.’ Lit.: ‘(O menino) passou do jeito que pegou a pera.’ (2017-12-15 ATO)
- b. *takkyuu no are wo mot-tot-ta no kana*
 tênis de mesa GEN aquilo ACU portar-RES-PASD NMLZ será
 ‘(A criança) estava em posse daquilo (raquete) de tênis de mesa, será?!’
 Lit.: ‘(A criança) tinha pegado daquilo (raquete) de tênis de mesa, será?!’
 (2017-12-08 RU)

Dentre os significados do verbo *mot-u* que constam no dicionário digital *Daikodien*, três são relevantes neste contexto: a) levar nas mãos, como em *Migite ni pen wo motu* ‘Segurar a caneta na mão direita’; b) portar, levar consigo, como em *Saifu wo motanai de dekakeru* ‘Sair de casa sem levar a carteira’; c) ter, possuir, tornar seu, como em *Eiyousi no sikaku wo motu* ‘ter licença de nutricionista’.

Como visto anteriormente, a forma perfectiva de verbos estativos expressa, principalmente, ingressividade. É também o caso do verbo *motta*, forma perfectiva no tempo passado do verbo *motu*, em 102.a que expressa o ingresso no estado de ‘estar em posse ou porte de/provido de’, resultado do ato inicial ‘pegar, tomar para si’. Ou seja, o menino em algum momento passado pegou a pera e passou em posse dela. O fato de o menino continuar com a pera na mão é evidenciado por *mama* em *nasi wo motta mama* que significa ‘da maneira como está, do jeito como pegou a pera’.

Em 102.b, *mot-tot-ta* com o morfema *-tor* significa ‘estava em posse de’, no caso, da raquete, expressando a relevância de um evento ocorrido anteriormente, a ação de pegar, com pertinência no momento referido. Ou seja, aspecto perfeito com leitura resultativa.

⁶⁴ Conhecimento da autora.

O Quadro 13 resume as codificações aspectuais encontradas nas narrativas da VBLJ.

Quadro 13:
Codificação de aspectos verbais (perfeito vs não perfeito)

Perfeito de resultado	(verbo)- te i-ru
	(verbo)- tor-u
Não perfeito	não marcado

3.2.2 Caracterização Semântica e Sintática

As análises da VBLJ se baseiam nos conceitos de Givón (2001). Logo, aqui são revisados os conceitos por ele trabalhados e nos quais se guiam e permeiam não só esta, mas também as outras seções.

De acordo com Givón (2001, p. 105), os verbos ocupam o núcleo semântico e sintático de uma oração simples. E, desse modo, descrever os tipos de verbo é o mesmo que descrever os tipos de orações simples. Assim, a caracterização dos verbos leva em consideração os participantes obrigatórios do estado ou do evento codificado pela oração.

Semanticamente, os verbos são caracterizados pelos papéis semânticos assumidos pelos participantes em um evento ou estado; e, sintaticamente, os verbos são caracterizados pelos papéis gramaticais, ou seja, pelas relações gramaticais, que esses participantes assumem dentro da oração (GIVÓN, 2001, p. 105).

Os principais **papeis semânticos** listados e definidos por Givón (2001, p. 107) são os seguintes:

- **agente** = o participante, normalmente animado, que age deliberadamente para iniciar o evento e, portanto, assume a responsabilidade por ele (Agt)
- **paciente** = o participante, animado ou inanimado, que esteja em um estado ou registre uma mudança de estado como resultado de um evento (Pat)
- **dativo** = um participante consciente do evento, normalmente animado, mas não o iniciador deliberado (Dat)
- **instrumento** = um participante, normalmente inanimado, usado pelo agente para executar a ação (Instr)
- **benefactivo** = o participante, normalmente animado, para cujo benefício a ação é executada (Ben)
- **locativo** = o local, tipicamente concreto e inanimado, onde está o estado, onde o evento ocorre ou para o qual ou para onde o participante está se movendo (Loc)

- **associativo** = um associado do agente, paciente ordinário do evento, cuja função no evento é semelhante, mas que não é tão importante (Assoc)
- **maneira** = a maneira pela qual um evento ocorre ou um agente executou a ação (Mann)⁶⁵ (GIVÓN, 2001, p. 107)

O presente trabalho adota o termo **experienciador** (EXP) no lugar do termo dativo utilizado por Givón (2001), pois este último se refere a um papel sintático e não a um papel semântico.

Já as principais relações gramaticais são sujeito, objeto direto, objeto indireto, predicado e advérbio (GIVÓN, 2001, p. 108).

A relação entre os papéis semânticos e sintáticos dos participantes, nas orações simples, não é aleatória tendo um isomorfismo entre eles. Um mapeamento entre os papéis semânticos e as relações gramaticais mostram que há restrições de quais papéis semânticos exercem determinados papéis sintáticos (GIVÓN, 2001, p. 105).

Givón (2001, p. 108) generaliza as restrições do mapeamento de papéis semânticos para relações gramaticais nas línguas da seguinte maneira:

- Um agente pode ser apenas sujeito.
- Um paciente pode ser apenas sujeito ou objeto direto.
- Um dativo pode ser sujeito, objeto direto ou objeto indireto.
- Todas as outras funções semânticas podem ser apenas objetos indiretos.⁶⁶ (GIVÓN, 2001, p. 108)

Outra noção que baseou a análise é quanto ao tipo de proposição. Uma proposição pode significar um *estado*, um *evento* ou uma *ação*. Givón (2001, p. 106)

⁶⁵ “• agent = the participant, typically animate, who acts deliberately to initiate the event, and thus bears the responsibility for it (Agt)

- patient = the participant, either animate or inanimate, that either is in a state or registers a change-of-state as a result of an event (Pat)
- dative = a conscious participant in the event, typically animate, but not the deliberate initiator (Dat)
- instrument = a participant, typically inanimate, used by the agent to perform the action (Instr)
- benefactive = the participant, typically animate, for whose benefit the action is performed (Ben)
- locative = the place, typically concrete and inanimate, where the state is, where the event occurs, or toward which or away from which some participant is moving (Loc)
- associative = an associate of the agent, patient or dative of the event, whose role in the event is similar, but who is not as important (Assoc)
- manner = the manner in which an event occurs or an agent performed the action (Mann)”

⁶⁶ “a. An agent can only be the subject.

b. A patient can only be a subject or direct object.

c. A dative can be a subject, direct object or indirect object.

d. All other semantic roles can only be indirect objects.”

define o estado como as proposições que não denotam mudança ao longo do tempo, podendo o estado ser temporário, permanente ou mesmo de duração intermediária. Os eventos, por outro lado, são proposições que expressam um estado final distinto do estado inicial, ou seja, que envolvem mudança. A mudança pode ser rápida ou lenta, limitada ou ilimitada e interpretada como um processo contínuo, sem os limites temporais do evento. Por fim, significam ações os eventos iniciados deliberadamente por um agente ativo (GIVÓN, 2001, p. 106).

As proposições expressas por orações variam quanto à transitividade, fenômeno que envolve tanto componentes semânticos como sintáticos. Segundo Givón (2001, p. 109), semanticamente, um evento transitivo prototípico é definido pelas propriedades do agente, do paciente e do verbo. Assim, um evento transitivo prototípico é aquele que tem um agente ativo e deliberado; tem um paciente concreto e afetado; e envolvem um evento limitado, encerrado com rápida mudança em tempo real, sendo esses papéis semânticos passíveis de um grau de variação entre as línguas.

Sintaticamente, apesar de estar sujeito a variações tipológicas entre as línguas, uma oração transitiva prototípica é aquela que tem um objeto direto. As demais orações são intransitivas (GIVÓN, 2001, p. 109).

A definição sintática é mais sucinta que a semântica por ser “a forma gramatical muito mais esquemática, redutiva e discreta do que a função semântica ou pragmática” (GIVÓN, 2001, p. 109).

Em um evento semanticamente transitivo, o agente deste evento será o sujeito da oração e o paciente será o objeto direto desta oração. Em outras palavras, na maioria das línguas um evento semanticamente transitivo é sintaticamente transitivo também (GIVÓN, 2001, p. 109).

Os dados da VBLJ a seguir são apresentados de acordo com a transitividade, os papéis semânticos dos estados, eventos, ações e os papéis sintáticos nas orações.

3.2.1.1 Verbos intransitivos

Os verbos intransitivos podem codificar estados, eventos ou ações com sujeitos desempenhando papel semântico de agente, paciente ou experienciador (GIVÓN, 2001, p. 125).

Abaixo um exemplo de uma oração com verbo de ação e com **sujeito agente** ocorrido nos dados:

103. a. [*ozisan* *wa*]_{suj} ***hatarai-te*** ***(i)-ru*** *no*
 senhor TOP trabalhar-CONV existir-NPASP NMLZ
 ‘É que o homem está trabalhando.’ (2018-02-10 AYS)

b. [*kodomo-tati* *wa*]_{suj} ***kaer-i-mas-i-ta***
 criança-PL TOP ir.embora-POL-VT-PASD
 ‘As crianças foram embora.’ (2017-03-26 KT)

Em 103.a, o verbo intransitivo ***hatarak-u*** (alofone *hatarai-*) ‘trabalhar-NPASP’ tem o sujeito agente marcado pela partícula de tópico, *wa*. Em 103.b apresenta-se o verbo ***kaer-u*** ‘ir embora, voltar’ com o sujeito agente topicalizado *kodomo-tati* ‘crianças’.

Em seguida, alguns exemplos de verbos que codificam **processo** com **sujeito paciente de mudança** encontrados na VBLJ.

104. a. *Sono* *toki* *ni,* [*nasi* *wa*]_{SUJ} *zenbu* *sita* *ni*
 DEM momento LOC pera TOP tudo embaixo LOC
barabara *to* ***oti-mas-i-ta***
 ONOMT Cmplz cair-POL-VT-PASD
 ‘Nesse momento, as peras todas caíram espalhadamente no chão’
 (2017-12-15 CM)

b. [*mugi-wara* *no* *bousi* *ga*]_{SUJ} ***oti-te*** (...)
 trigo-palha GEN chapéu NOM cair-CONJ
 ‘Chapéu de palha de trigo caiu.’ (2017-09-23 HKT)

c. ***koron-zyat-ta*** *no* *ne*
 tropeçar-CONV.acabar-PASD NMLZ né?
 ‘(A criança) acabou tropeçando.’ (2017-09-16 EKT)

Os dados em 104.a e 104.b são orações com o verbo ***oti-ru*** ‘cair-NPASP’ e em 104.c com o verbo ***korob-u*** (alomorfe *koron-*) ‘tropeçar’. Os sujeitos pacientes de ambos os verbos são marcados pela partícula *ga*, morfema que marca o sujeito.

3.2.1.2 Verbos intransitivos com objeto indireto

Givón (2001, p. 137) descreve um subgrupo de verbos intransitivos com objeto indireto que, geralmente, recebem uma adposposição. Os objetos indiretos desses verbos intransitivos têm subtipos semânticos variados, são eles: locativo, experienciador ou paciente e associativo.

O primeiro subgrupo é o dos verbos com **objeto indireto locativo**. Os verbos deste subgrupo têm o sujeito agente ou paciente. Com alguns verbos que codificam movimentos, o objeto indireto locativo corresponde a referência espacial em relação aos movimentos tomados pelo sujeito (GIVÓN, 2001, p. 137). A oração em 105.a e 105.b se enquadram nesta definição.

105. a. *sono ko wa ie no hou ni modot-ta*
 DEM criança TOP casa GEN direção LOC voltar-PASD
 ‘Essa criança voltou em direção de casa’ (2017-03-26 KT)
- b. *nasi mo zenbu iremono kara soto ni de-mas-i-te*
 pera também tudo vasilha ABLA fora LOC sair-POL-VT-CONJ
 ‘Também as peras saíram tudo da vasilha para fora.’ (2018-10-27 TS)

O segundo é o subgrupo de verbos com **objeto indireto experienciador** ou **paciente**. Com verbos expressando estados mentais, o sujeito deste subgrupo é agente ou experienciador. A marcação dos objetos como um direcional-locativo, segundo Givón (2001, p. 140), possibilita a interpretação metafórica destes objetos como alvo especial ou fonte do movimento do sujeito. A entidade em movimento é a voz, visão, atenção, sentimento ou o pensamento do sujeito e não o sujeito em si.

O verbo *wakar-u* ‘entender’ é um exemplo de objeto experienciador marcado pela posposição *ni* e com a experiência marcada pelo morfema de sujeito *ga* (IWASAKI, 2013, p. 106). Verifique o exemplo ilustrativo abaixo:

106. *watasi ni wa sore ga wakar-u*
 eu DAT TOP isso NOM entender-NPASD
 ‘Eu entendo.’ Lit.: ‘Pra mim, isso é compreensível’ (da autora)

No dado acima, *watasi* ‘eu’ é marcado pelo morfema *wa* ‘tópico’, além da posposição dativa, *ni*. Apesar do verbo *wakar-u* ‘entender’ ter ocorrido nos dados desta pesquisa, em nenhuma das ocorrências o sujeito experienciador foi codificado.

107. *Nihongo de wakara-na-i*
japonês INST entender-NEG-NPASP

‘Não sei em japonês.’ (2018-08-04 RA)

Na produção espontânea, o sujeito da oração acima foi omitido, subentendendo-se que a codificação não era necessária para a compreensão do ouvinte.

Outro exemplo deste subgrupo é o verbo *mie-ru* ‘ver, ser visível’:

108. *sono syuukaku s-i-te i-ru ozisan ga/ nya mie-na-katta*
DEM colheita fazer-VT-CONV existir-NPASP senhor NOM DAT.TOP visível-NEG-PASP

‘Para esse senhor que está fazendo a colheita, não estava visível.’
(2017-12-08 KY)

O trecho acima se refere à descrição do momento em que o protagonista, o menino da bicicleta, se aproxima da árvore e carrega uma cesta cheia de peras na própria bicicleta. O colaborador expressa no excerto que, para o lavrador, a presença do garoto não é visível. Apenas o objeto indireto paciente foi expresso, sendo o sujeito gramatical, ‘a presença do garoto’, não codificado.

O colaborador inicialmente marca o objeto paciente, *ozisan* ‘senhor’, com morfema de sujeito. No entanto, no caso de marcar com o morfema *ga*, significaria que o lavrador não era visível. Assim, logo em seguida, substitui pela *nya* ‘TOP.DAT’, dando a entender que, para o lavrador, a cena do menino roubando as peras é que não era visível.

Há ainda **verbos intransitivos** com sujeito agente e **objeto indireto co-agente associativo** (GIVÓN, 2001, p. 141). Veja um exemplo deste tipo de verbo ocorrido nos dados da VBLJ:

109. *toorikakari no hito to suretigai-mas-u*
passagem GEN pessoa COM cruzar-POL-NPASP

(O menino) cruza com uma pessoa de passagem.’ (2017-12-15 FI)

No dado 109, o sujeito agente não foi codificado pelo falante. O verbo é *suretiga-u* ‘cruzar’ e o *toorikakari no hito* é o nominal complementado pelo SP comitativo *to*.

3.2.1.3 Verbos transitivos

Abaixo algumas orações da VBLJ com **verbos transitivos prototípicos** com **sujeito agente** e **objeto paciente**:

110. a. (...) [*dansei* *ga*]_{SUJ} [*nasi wo*]_{OBJ} *kat-te* *i-ru*
 homem NOM pera ACU colher-CONV existir-NPASP
 ‘Um homem está colhendo peras.’ (2018-05-15 CHH)

b. *ozisan wa yagi wo hippat-te it-ta*
 senhor TOP cabra ACU puxar-CONV ir-PASP
 ‘O senhor foi puxando a cabra.’ (2017-07-16 YN)

c. *sono kodomo ga bousi wo otosi-te (i)-ta*
 DEM criança NOM chapéu ACU derrubar-CONV existir-PASP
 ‘Essa criança tinha derrubado o chapéu.’ (2017-09-16 EKT)

Nos dados acima, os verbos denotam alteração na localização física do objeto marcado pela posposição *wo*, ‘ACU’.

Apresentados os verbos intransitivos e transitivos prototípicos, apresenta-se, em seguida, alguns casos de verbos transitivos menos prototípicos.

3.2.1.4 Verbos transitivos menos prototípicos

Alguns verbos fogem do protótipo de eventos semanticamente transitivos e são vistos como extensões metafóricas do protótipo em relação aos agentes e pacientes (GIVÓN, 2001, p. 128). Em sequência, levantou-se alguns desses verbos observados nos dados.

Um tipo de verbo que não está em conformidade com o protótipo semântico de evento transitivo são os verbos transitivos com **locativos de meta ou fonte como objetos diretos**. Givón (2001) se refere a este grupo nos seguintes termos:

Alguns verbos sintaticamente transitivos estendem o paciente-objeto protótipo a um participante *locativo*, que é normalmente codificado como objeto indireto na oração simples. Por extensão metafórica, o objeto locativo se torna semelhante ao paciente, parecendo ser mais afetado pelo evento. (GIVÓN, 2001, p. 131)

O tipo de verbo descrito acima por Givón (2001) é encontrado na língua japonesa em dois grupos de verbos. O primeiro deles são os verbos que expressam **movimento transversal** como *aruku* ‘andar’, *hasiru* ‘correr’ e *oriru* ‘descer’, em que a

3.2.1.5 Verbos bitransitivos

Com três participantes obrigatórios, os verbos bitransitivos codificam eventos com um sujeito agente, um objeto direto paciente e um objeto indireto que pode variar em relação aos papéis semânticos que codifica.

Observe o dado abaixo com um sujeito agente, um objeto direto paciente em um objeto indireto benefactivo:

112. [kodomu wa]_{SUJ} [sono san-nin no kodomo ni]_{OI}
 criança TOP DEM três-CLS.PES GEN criança DAT
 [mit-tu no nasi wo]_{OD} age-masi-ta
 três-CLS GEN pera ACU dar-POL-PASD

‘A criança deu três peras a essas três crianças.’

No dado acima, o sujeito agente é codificado por *kodomu* ‘criança’, o objeto direto paciente por *mittu no nasi* ‘três peras’ e o objeto indireto por *sono sannin no kodomo* ‘essas três crianças’.

3.2.1.6 Verbos com complemento verbal

Os verbos de percepção, cognição e enunciado com complemento verbal serão tratados no 5.4 ORAÇÕES COMPLEMENTARES.

3.3 ADJETIVOS

3.3.1 Caracterização Semântica

Os adjetivos estão entre os nomes e os verbos em uma escala linear de estabilidade temporal progressiva que parte do mais estável para o menos estável. Nessa escala, no extremo mais estável estão os nomes prototípicos, e no extremo oposto menos estável estão os verbos. Não tão estáveis no tempo como os nomes, mas também não tão dinâmicos como os verbos, os adjetivos se situam entre os dois extremos, uns mais próximos aos nomes e outros mais próximos aos verbos de acordo com a sua natureza semântica (GIVÓN, 2001).

Givón (2001, p. 81-82) caracteriza semanticamente os adjetivos em mais prototípicos e menos prototípicos. São **mais prototípicos** aqueles que codificam qualidades inerentes, concretas e relativamente estáveis no tempo, aproximando-se, assim, aos nomes. São eles os adjetivos que se referem a tamanho, cor, forma, sabor e tutilidade. Os adjetivos **menos prototípicos**, por outro lado, codificam estados temporários e menos concretos referentes aos adjetivos avaliativos (bom/ruim, feio/bonito); de estados transitórios que descrevem estados temporários mentais internos (bravo, cansado, feliz), sociais (ocupado, ocioso) ou condições externas (sujo/limpo, rápido/lento, quente/frio).

No Quadro 11, foram listados os todos adjetivos mais prototípicos utilizados pelos colaboradores nas narrativas de acordo com as subclasses semânticas:

Quadro 14:
Lista de adjetivos *mais prototípicos* usados pelos colaboradores

Subclasses semântica	Adjetivos nominais ⁶⁸	Adjetivos verbais
Tamanho	-	<i>ookii</i> 'grande' <i>tiisai</i> 'pequeno' <i>semai</i> 'estreito'
Cor	-	<i>siroi</i> 'branco' <i>kuroi</i> 'preto' <i>aoi</i> 'azul'
Forma	<i>massugu</i> 'reto'	
Sabor		<i>oisii</i> 'gostoso'

Abaixo, regista-se o contexto em que um dos adjetivos do tipo mais prototípico ocorreu nos dados desta pesquisa:

113. ***sema-i*** *miti* *wo* *suretigat-ta*
estreita-NPASD estrada LOC cruzar-PASD

'Cruzou a estrada estreita.'

(2017-09-23 HKT)

Na oração acima, o adjetivo *sema-i* qualifica o nome *miti* 'estrada', objeto do verbo *suretigaw-u*.

Já no Quadro 12, foram listados, de acordo com as subclasses semânticas, os adjetivos menos prototípicos também utilizados pelos colaboradores na narração da história:

⁶⁸ A distinção entre adjetivos nominais e verbais será explicada na seção seguinte.

Quadro 15:
Lista de adjetivos *menos prototípicos* usados pelos colaboradores

Subclasse semântica	Adjetivos nominais	Adjetivos verbais
Avaliativos	<i>hen</i> 'estranho' <i>husigi</i> 'misterioso' <i>kantan</i> 'fácil', <i>taisetu</i> 'precioso' <i>taihen</i> 'grave' <i>sinsetu</i> 'gentil' <i>takusan</i> 'muito'	<i>arigatai</i> 'grato' <i>betu</i> 'distinto, diferente' <i>erai</i> 'louvável' <i>ii</i> 'bom' <i>warui</i> 'mau, ruim' <i>kawaii</i> 'fofo', <i>kawairasii</i> 'bonitinho' <i>kirei</i> 'bonito' <i>muzukasii</i> 'difícil', <i>okasii</i> 'estranho' <i>omosiroi</i> 'engraçado' <i>sugoi</i> 'espantoso, surpreendente' <i>tondemonai</i> 'absurdo' <i>yoi</i> 'bom'
Condições mentais interna	<i>mutyu</i> 'concentrado' <i>betu</i> 'diferente'	-
Condições externas	<i>mitai</i> 'parecido' <i>kara</i> 'vazio', <i>iroiro</i> 'várias'	<i>hurui</i> 'velho'(inanimados) <i>omotai</i> 'pesado' <i>tikai</i> 'perto' <i>hayai</i> 'cedo'
Estágios de vida:	-	<i>wakai</i> 'novo' <i>itai</i> 'dolorido'

Abaixo, um exemplo de adjetivo menos prototípico no contexto dos dados:

114. *Ah, kawaii onnanoko da na*
 ah fofo menina COP ENF

'Ah, que menina fofo!'

(2017-12-08 GK)

Passa-se para as características sintáticas dos adjetivos acima listados.

3.3.2 Caracterização Sintática

Nas línguas, os adjetivos tendem a aparecer em dois contextos sintáticos dentro de uma oração: a) como predicado em uma oração com cópula e b) como modificador de um sintagma nominal (GIVÓN, 2001, p. 84). Além dessas funções, os

adjetivos também funcionam em algumas línguas c) como parâmetro em orações comparativas e, ainda, d) como advérbios especificando um verbo (DIXON, 2010, p. 70).

Além disso, é possível dividir as línguas em quatro tipos quanto às propriedades gramaticais dos adjetivos. Naquelas línguas em que os adjetivos têm propriedades gramaticais 1) similares aos nomes; 2) similares aos verbos; 3) combinadas, com algumas propriedades de nomes e outras aos verbos, 4) diferentes dos nomes e dos verbos (DIXON, 2010, p. 63-64).

É relatado que a língua japonesa tem duas classes de adjetivos: uma com propriedades morfossintáticas mais próximas aos nomes (doravante **adjetivos nominais**), e a outra classe com características mais similares aos verbos (doravante **adjetivos verbais**⁶⁹), o que parece ter sido mantido na VBLJ.

Os **adjetivos nominais** precisam da cópula tanto na função predicativa como na função adjetiva, tendo, assim, propriedades gramaticais similares aos dos nomes. As formas da cópula são apresentadas na seção 4.1.1 Cópulas e as Cópulas da VBLJ.

Confira, nos dados da VBLJ que se seguem, o adjetivo nominal *husigi* ‘surpreendente’ em cada um dos contextos sintáticos citados no início desta seção.

Função predicativa

115. a. *are-ra* *mit-tu* *hito-ri* *hito-ri* *tabe-te* *it-ta* *no* *ga*
 aquilo-PL três-CLS um-CLS.PES um-CLS.PES comer-CONV ir-PASD NMLZ NOM
[kore ga husigi da] na tte omou-ta
 isto SUJ surpreendente COP na NMLZ pensar-PASD
 ‘Achou ser surpreendente o fato de eles... três (peras)... cada um comeu e se foi.’ (2017-12-08 RU)

Função adjetiva

b. [*husigi na kao*] *si-te*
 surpreendente COP.ADJ cara fazer-CONJ
mi-te i-ru no
 ver-CONV existir-PASD NMLZ
 ‘(O senhor) está olhando fazendo uma cara surpreendente’ (2018-02-10 AYS)

⁶⁹ A gramática japonesa se refere aos adjetivos verbais como *keiyoo-dooshi* (SHIBATANI, 1990, p. 179)

Função adverbial

- c. *sono otokonohito wa [sono otokonoko-tati ga*
 DEM homem TOP DEM crianças-PL NOM
nasi wo mot-te i-ta/ te ni mot-te i-ru] koto wo
 pera ACU segurar-CONJ existir-PASD mão LOC segurar-CONJ existir fato ACU
tyotto husigi ni omot-te
 um pouco surpreendente COP.ADV pensar-CONJ

‘Esse homem pensou surpreendentemente o fato que as crianças estavam segurando a pera na mão.’ (2017-12-15 CM)

Em 115.a, o adjetivo nominal *husigi* ‘surpreendente’ está em função predicativa, sendo *husigi da*, ‘é surpreendente’, o predicado da oração entre colchetes *kore ga husigi da* ‘isto é surpreendente’. Em 115.b, *husigi* ‘surpreendente’ está na função atributiva, ocorrendo antes do nome. Neste caso também, se requer a cópula na forma atributiva *na* para qualificar a palavra *kao* ‘rosto’. O dado em 115.c mostra o mesmo adjetivo especificando um verbo que o segue. Ao especificar um verbo, o adjetivo solicita a cópula na forma adverbial, *ni*. Não foram encontrados, nesta pesquisa, exemplos dos adjetivos nominais em orações comparativas.

Os **adjetivos verbais**, por sua vez, não necessitam da cópula e apresentam marcas de tempo e polaridade que serão minuciadas nas caracterizações morfológicas. Seguem-se exemplos do adjetivo verbal *ooki-i*, ‘grande’, desempenhando função predicativa, adjetiva e adverbial:

Função predicativa

116. a. *Hito-kago tte sugoi ooki-i n s-u ne*
 um-cesto to.TOP espantoso grande-NPASD NMLZ COP.POL-NPASD né
 ‘É que um cesto é espantosamente grande, né.’ (2017-12-08 GK)

Função adjetiva

- b. *sono hasigo wo ori-te, [ooki-i iremono ni]*
 DEM escada OBJ descer-CONJ grande-NPASD vasilha LOC
sono tigit-ta nasi wo ire-te i-mas-ita
 DEM colher-PASD pera OBJ inserir-CONJ existir-PASD
 ‘Roubou a vasilha em que estava inserindo essas peras.’ (2018-05-18 SYA)

- c. *Sono kago wa kekkou na ooki-sa de*
 DEM cesta TOP bastante COP.ATR grande-NMLZ CONJ

kare yori ooki-i gurai
 ele comp grande aproximadamente

‘Esse cesto é bastante de grande e é mais ou menos maior que ele (menino).’ (2018-05-18 FTY)

Função adverbial

d. *mata omo-ku nat-te i-ru*
 novamente pesado-ADV tornar-se-CONV existir-NPASP

‘Tinha ficado pesado novamente.’ (2017-09-23 HKT)

No dado em 116.a, *ooki-i* ‘grande-NPASP’, está na função predicativa com marca de tempo expressa por meio do morfema, *-i*. Apesar da presença da cópula ao final da sentença, ela expressa a polidez e pode ser dispensada em discursos informais. Já em 116.b, o mesmo adjetivo, *ooki-i* ‘grande-NPASP’ está modificando o nome *iremono* ‘vasilha’ que o segue. Em 116.c, observa-se uma oração comparativa com o mesmo adjetivo. Por fim, em 116.d, tem-se um exemplo do adjetivo verbal *omo-i* ‘pesado-NPASP’ em função adverbial com morfema *-ku*. Nota-se que a cópula não acompanha os adjetivos verbais que carregam flexão de tempo nas funções predicativas e atributivas.

3.3.3 Caracterização Morfológica

Por serem duas classes de adjetivos, faz-se necessário abordar as caracterizações morfológicas dos adjetivos nominais e verbais separadamente.

3.3.3.1 Morfologia Flexional

Os **adjetivos nominais** não apresentam flexão nem de tempo ou polaridade. Assim como as funções adjetiva e adverbial, demonstradas nos dados em 115.b e 115.c, a polaridade e o tempo em contextos sintáticos predicativos são expressos pela cópula que segue os adjetivos nominais. Observe os dados:

117. a. *hen na kao wo si-te mi-te (i)-ta*
 estranho COP.ADJ cara ACU fazer-CONJ ver-CONV (existir)-PASD

‘Estava olhando e fazendo cara estranha.’ (2017-07-16 MT)

b. *Kantan ni i-e-ba (...)*
 fácil COP.ADV dizer-VT-COND
 ‘Dito de forma simples...’ (2018-05-18 FTY)

c. *tyotto hen da*
 pouco estranho COP
 ‘É um pouco estranho.’ (2017-12-15 ATO)

d. *naiyou wa kantan datta*
 conteúdo TOP fácil COP.PASD
 ‘O conteúdo era fácil.’ (da autora)

Em 117.a e 117.b, percebe-se os adjetivos *hen* ‘estranho’ e *kantan* ‘simples, fácil’, nesta ordem, em funções adjetiva e adverbial. Na oração em 117.c e 117.d, tem-se os mesmos adjetivos com função predicativa. Nota-se que a expressão do tempo passado no dado em 117.d é codificada por meio da flexão da cópula e não do adjetivo.

Já os **adjetivos verbais**, de forma análoga aos verbos, flexionam em tempo e polaridade. Também recebem sufixo específico quando desempenham função adverbial, de onde a explicação partirá.

Os adjetivos recebem o morfema *-ku* ao desempenhar a **função adverbial**. Nas amostras que se seguem, verifica-se os adjetivos *haya-i* ‘cedo’ e *yo-i* ‘bom’ desempenhando essa função.

118. a. *Asa haya-ku oki-te, nasi no syuukaku ni*
 manhã cedo-ADV acordar-CONJ pera GEN colheita DAT
aru dansei ga ganbat-te i-mas-ita
 certo homem SUJ empenhar-CONJ existir-POL-PASD

‘Um certo homem acordou cedo e estava empenhado na colheita de peras’
 (2017-07-16 MT)

b. *Sono ato yo-ku wakar-a-na-katta*
 DEM depois bom-ADV compreender-VT-NEG-PASD
 ‘Depois disso, não entendi bem.’ (2018-08-04 RA)

A classe dos adjetivos verbais codifica o **tempo** passado e não passado por meio de morfemas sufixados a eles. O passado é marcado com o sufixo *-katta* e o não passado com o morfema *-i*. Observe os exemplos abaixo com a palavra *muzukasi-i* ‘difícil’.

119. a. *muzukasi-i*
 difícil-NPASD
 ‘é difícil’ (2018-03-03 TY)

b. *muzukasi-katta*

difícil-PASD

'foi/era difícil'

(2018-08-11 EK)

A **polaridade** nos adjetivos verbais é expressa pelo morfema *na-i* após o adjetivo com morfologia de função adverbial, *-ku*, explanado anteriormente nas características sintáticas e morfológicas desta classe. *Na-i* 'existir' 'não existir' é a forma supletiva da negação do verbo *ar-u*, e é considerada a fonte da negação verbal *-na* que se gramaticalizou como sufixo verbal (FRELLESVIG, 2010, p. 401). Nos dados desta pesquisa, não houve ocorrências de adjetivos verbais na forma negativa. As orações abaixo são ilustrativas da própria autora:

120. a. *muzukasi-ku na-i*
difícil-ADV não existir-NPASD

'não é/está difícil'

(da autora)

b. *muzukasi-ku na-katta*

difícil-ADV NEG-PASD

'não foi/era difícil'

(da autora)

O dado em 120.a é um exemplo da negação de ser/estar difícil. A flexão para o passado de ser/estar difícil é expressa no verbo *na-i*, 'existir-NPASD'. Formalmente, *na-i* se comporta como um adjetivo verbal. Assim, o morfema *-i* é substituído por *-katta* quando codifica o passado, obtendo-se a forma ilustrada em 120.b.

Constata-se pelos dados coletados que a VBLJ, assim como a língua japonesa, tem duas classes de adjetivos com características morfossintáticas bem distintas uma da outra. Enquanto os adjetivos nominais precisam estar acompanhados da cópula, não há essa necessidade em relação aos adjetivos verbais.

Pela similaridade morfossintática com os nomes, poderia se esperar que, semanticamente, os adjetivos nominais coincidisse com os mais prototípicos, mais estáveis no tempo, e que adjetivos verbais expressassem os adjetivos menos prototípicos, menos estáveis no tempo e mais próximos aos verbos. No entanto, não há essa correspondência entre eles como se observa no Quadro 14 e no Quadro 15, em que foram listados todos os adjetivos ocorridos nos dados. Por exemplo, *kantan* 'fácil' é um dos adjetivos nominais, pois requer cópula tanto na função atributiva como predicativa, mas é um adjetivo avaliativo, semanticamente menos prototípico.

3.3.3.2 Morfologia Derivacional

Além da morfologia derivacional de adjetivo para advérbio abordada acima, constata-se nos dados que a sufixação do morfema *-ta-i* ao verbo acrescenta semântica desiderativa aos eventos. Observe o dado abaixo:

121. a. *zibun ga tabe-ta-i dake nusun-de ik-eba i-i noni,*
 si mesmo SUJ comer-DES-NPASP só roubar-CONV ir-COND bom-NPASP mas

kago hito-tu marugoto ni mot-te tyat-ta no
 cesto um-CLS inteiro DAT levar-CONJ ir.FRU-PSD NMLZ

‘Ao invés de roubar só o quanto ele mesmo queria comer, acabou levando um cesto inteiro’ (2018-02-10 AYS)

b. *yagi wa tabe-ta-katta n da kedo*
 cabra TOP comer-DES-PASD NMLZ COP mas

‘É que a cabra queria comer.’ (2018-02-10 AYS)

Em oposição ao dado 121.a em que o morfema desiderativo, *-ta*, recebe sufixo de tempo não passado *-i*, em 121.b, tem-se o mesmo verbo, também com morfema desiderativo, recebendo o morfema *-katta* indicando tempo passado. O comportamento deste morfema desiderativo é, portanto, similar ao dos adjetivos verbais. Pode-se afirmar, assim, que a sufixação de *-ta-i* **deriva os verbos para adjetivos verbais** atribuindo leitura desiderativa.

Outro morfema derivacional encontrado nos dados é o sufixo *-sou*, que agrega semântica evidencial com informação visual. Observe o morfema *-sou*, ‘parecer’, nos dados abaixo:

122. a. *Kekkou omo-sou na isi ni taiya wo*
 bastante pesado-EVID COP.ADJ pedra LOC pneu ACU

buttuke-te simau n desu yo
 bater-CONV acabar-NPASP NMLZ COP.POL ENF

‘Acabou batendo o pneu em uma pedra aparentemente bastante pesada.’ (2018-05-18 CMM)

b. *mata omo-ku nat-te-i-ru*
 novamente pesada-ADV tornar-conv

‘torna-se pesada novamente’ (2017-09-23 HKT)

A palavra *omo-i* ‘pesada-NPASP’ é um adjetivo verbal, fato que pode ser afirmado observando a derivação por meio do sufixo *-ku* quando assume função adverbial. Ao receber o sufixo *-sou*, no entanto, **o adjetivo verbal deriva para um**

adjetivo nominal, solicitando a cópula *na* ao exercer função adjetiva, como se verifica no dado em 122.a acima.

O dado em 123.a é mais um exemplo da derivação do adjetivo verbal para um adjetivo nominal, desta vez com *muzukasi-i*, ‘difícil’. Ao receber o sufixo *-sou*, morfema evidencial de informação visual, o adjetivo verbal passa a requerer cópula *ni* na função adverbial, assim como os adjetivos nominais.

O dado em 123.b demonstra que a palavra em questão é um adjetivo verbal pelo sufixo *-katta*, flexão de passado desta classe.

123. a.	<i>sugo-ku</i> muito-ADV	<i>muzukasi-sou</i> difícil-EVID	<i>ni</i> COP.ADV	<i>kogi-nagara</i> pedalar-enquanto	<i>mo</i> mesmo
	<i>it-tyat-ta</i> ir-CONV.acabar-PASD	<i>n</i> NMLZ	<i>desu</i> COP.POL	<i>yo</i> ENF	

‘É que foi pedalando mesmo que com muita dificuldade.’

b. *muzukasi-katta*
difícil-PASD

‘foi/era difícil’

(2018-08-11 EK)

3.4 ADVÉRBIOS

Tanto em termos semânticos como em termos morfológicos e sintáticos, a classe dos advérbios é a menos homogênea. É também a menos universal entre as línguas, segundo Givón (2001, p. 88). Como os advérbios cobrem uma ampla gama de conceitos, é difícil a demarcação de parâmetros definidos para essa classe. O que se pode afirmar é que o efeito semântico de alguns advérbios é amplo e alcança unidades inteiras - toda uma oração ou um discurso (PAYNE, 2006, p. 117).

A amplitude dos advérbios se aplica, também, aos aspectos sintáticos. Normalmente, os advérbios são irrestritos em sua distribuição, ou seja, podem ocorrer em qualquer posição nas orações (PAYNE, 2006, p. 117). Além da ampla distribuição, formalmente, as línguas podem codificar um mesmo sentido adverbial de várias maneiras: utilizando-se de estratégias morfológicas, lexicais ou sintáticas. Isto é, há línguas que codificam a semântica adverbial por meio de um morfema gramatical, outras através de uma palavra independente e/ou ainda por meio de uma construção oracional inteira (GIVÓN, 2001, p. 87). O autor ilustra com os exemplos abaixo os três recursos que as línguas, no caso o inglês, utilizam para expressar sentido adverbial:

124. a. *He **may** leave tomorrow*
 ‘Ele pode partir amanhã.’
- b. *He will **probably** leave tomorrow*
 ‘Ele provavelmente vai partir amanhã.’
- c. ***It is very likely that he’ll leave tomorrow***
 ‘É muito provável que ele vá partir amanhã.’ (GIVÓN, 2001, p. 88)

Na oração em 124.a, o sentido adverbial é expresso por um auxiliar modal, *may*, um clítico verbal, ou seja, utiliza-se de estratégia morfológica. Em 124.b, é expresso por meio da palavra *probably*, utilizando um recurso lexical. No exemplo em 124.c, a oração em negrito, como um todo, funciona como advérbio.

Certamente, é por essas características amplas que Payne (2006, p. 117) menciona não ser possível esboçar advérbios prototípicos como é feito, por exemplo, com os adjetivos.

Expõe-se a seguir os advérbios da VBLJ classificados por critérios semânticos. Esta seção se restringirá à descrição dos advérbios codificados por estratégias lexicais, uma vez que não foram identificadas estratégias morfológicas para expressar noções adverbiais. As noções semânticas adverbiais expressas sintaticamente, isto é, que fazem uso de orações, serão abordadas na seção 5.2 ORAÇÕES ADVERBIAIS.

3.4.1 Advérbio de Modo

Geralmente, os advérbios de modo constituem a maior subclasse dos advérbios (PAYNE, 2006, p. 118) e modificam ou acrescentam o significado do verbo. Na VBLJ, são expressos por palavras independentes, como se observa abaixo:

125. a. *otousan-tati ga issyoukenmei sigoto s-i-te (i)-ru*
 pais-PL NOM empenho trabalho fazer-vt-NPASD existir-NPASD
 ‘Os pais estão trabalhando empenhadamente.’ (2017-12-12 KI)
- b. *Soko wo zii tto mi-te (i)-ru dake (...)*
 aí ACU fixamente tto ver-CONV existir-NPASD só
 ‘Só está olhando aí fixamente.’ (2017-07-16 MT)
- c. *otoko no kodomo-tati ga sono nasi wo tyanto hiro-u (...)*
 menino GEN criança-PL NOM DEM pera ACU direito catar-NPASD
 ‘Os meninos catam essas peras direitinho.’ (2019-10-05 EH)

Os adjetivos também exercem função adverbial por meio do acréscimo do morfema *-ku* (Vide 3.3 ADJETIVOS).

3.4.2 Advérbio de Tempo e Aspecto

São advérbios que expressam um ponto no tempo ou vários aspectos temporais de um evento. O escopo semântico desses advérbios abrange toda a oração (GIVÓN, 2001). Em sequência, alguns exemplos encontrados nos dados desta pesquisa.

126. a. *yo ga ake-ta-ra, sugu nouka no hito wa*
 noite NOM abrir-PASD-COND logo agricultor GEN pessoa TOP
hatake no hou e it-te (...)
 roça GEN direção DIR ir-CONJ

Lit. 'A noite se abriu e logo o agricultor foi em direção à roça e...'
 (2017-12-08 KY)

- b. *Sosite mata ki ni agat-te it-ta ne*
 e novamente árvore LOC subir-CONV ir-PASD né

'E, foi subindo para a árvore novamente.'
 (2017-07-16 YN)

Na VBLJ, os advérbios de tempo são expressos também por orações subordinadas que serão tradas em 5.2 ORAÇÕES ADVERBIAIS.

3.4.3 Advérbio Epistêmicos

Os advérbios epistêmicos "denotam a atitude do falante em relação à verdade, certeza ou probabilidade do estado ou evento"⁷⁰ (GIVÓN, 2001). Na VBLJ, alguns dos advérbios epistêmicos com estratégias lexicais podem ser vistos abaixo:

127. a. *Tabun nusun-de it-ta to omoi-mas-u*
 provavelmente roubar-CONJ ir-PASD Cmplz pensar-POL-NPASD

'Acho provavelmente que roubou.' Lit. 'Acho provavelmente que roubou e foi.'
 (2017-09-23 HKT)

- b. *tasika, sore dake datta*
 certamente isso só COP.PASD

'Certamente, era só isso.'
 (2018-03-03 TY)

⁷⁰ No original: "(...) they denote the speaker's attitude toward the truth, certainty or probability of the state or event."

3.4.3 Advérbio Deônticos

Os advérbios deônticos expressam posicionamento valorativo como avaliações e julgamento dos falantes em relação a um estado ou evento (GIVÓN, 2001, p. 93).

128. c.	Kekkou	<i>omo-sou</i>	<i>na</i>	<i>isi</i>	<i>ni</i>	<i>taiya</i>	<i>wo</i>
	bastante	pesado-EVID	COP.ADJ	pedra	LOC	pneu	ACU
	<i>buttuke-te</i>	<i>simau</i>	<i>n</i>	<i>desu</i>	<i>yo</i>		
	bater-CONV	acabar-NPASP	NMLZ	COP.POL	ENF		

‘Acabou batendo o pneu em uma pedra aparentemente bastante pesada.’
(2018-05-18 CMM)

d.	[<i>kago</i>	<i>ni</i>	<i>hait-te</i>	<i>i-ta</i>] _{Srel}	<i>nasi</i>	<i>mo</i>
	cesta	LOC	inserir-CONV	existir-PASD	pera	também
	motiron	<i>zenbu</i>	<i>oti-te</i>	<i>simai-masi-ta</i>		
	obviamente	tudo	cair-CONV	acabar-POL-PASD		

‘As peras que estavam inseridas na cesta também, obviamente, acabaram todas caindo.’
(2018-05-18 FTY)

Apresentou-se, nesta seção, os advérbios expressos por meio de palavras classificados por critérios semânticos. A semântica lexical expressa por meio de orações será tratada no Capítulo 5.

3.5 POSPOSIÇÃO

A VBLJ, assim como a língua japonesa, faz uso de morfemas posposicionais que marcam caso.

3.5.1 Locativo

Ao discorrer sobre as funções locativas da categoria de casos, Lyons (1979, p. 314) esclarece que “o termo locativo deve ser entendido como incluindo as distinções temporais e as espaciais, pois são comumente reunidas nos sistemas orientacionais de diversas línguas”. Na VBLJ, assim como na língua japonesa, a função locativa tanto espacial como temporal pode ser expressa por *ni* e por *de*.

Os dados abaixo são exemplos de posposições que marcam locativo espacial por meio do morfema *ni*:

129. a. (...) *nasi ga zenbu [miti ni] mak-are-te simaimasi-ta*
 pera SUJ tudo estrada LOC espalhar-PASS-CONJ acabar-PASD
 ‘As peras todas acabaram sendo espalhadas na estrada.’ (2017-03-26 KT)

b. *mata [ki ni] agat-ta no*
 novamente árvore LOC subir-PASD NMLZ
 ‘É que (o senhor) subiu novamente na árvore.’ (2018-04-21 HMA)

Nas amostras da VBLJ, houve, também, a ocorrência do sintagma locativo espacial marcado com *de*:

130. [*Miti-bata de] sono nasi wo tot-te i-ta no ne*
 estrada-beira LOC DEM pera OBJ tirar-CONJ existir-PASD NMLZ né?
 ‘É que estava colhendo essas peras na beira da estrada.’ (2017-07-16 YN)

Em 131.a e 131.b, a posposição *ni*, em destaque, marca sintagmas locativos temporais.

131. a. [*Hazime ni] oziisan ga hatake ni hatarai-te i-ru*
 início LOC senhor NOM roça LOC trabalhar-CONJ existir-NPASD
 ‘No início, um senhor está trabalhando na roça.’ (2018-08-04 RA)

b. [*Sono toki ni], sositara, nasi wa zenbu sita ni*
 DEM momento LOC e então pera TOP tudo embaixo LOC
barabara to oti-masi-ta
 espalhadamente to cair-POL-PASD
 ‘Nesse momento, e então, as peras tudo caíram no chão esparsamente.’
 (2017-12-15 CM)

Vale ressaltar que, na língua japonesa, a posposição locativa *ni* é usada para locais de existência e para onde se voltam as ações expressas pelos verbos de movimento. Nas demais situações, o locativo espacial é marcado com o morfema *de*. Os dados da VBLJ em 129 e 130 condizem com a distinção de uso das duas posposições locativas. No entanto, o locativo *hatake ni* ‘roça LOC’, no dado em 131.a, não está de acordo com essa distinção. É possível que seja uma perda de distinção na aplicação do uso destes dois morfemas locativos.

A posposição *de* também é usada em sintagmas locativos temporais:

132. [*ozisan êee tte si-tor-u tokoro de] owari-masi-ta*
 senhor ué tte fazer-PROG-NPASD momento LOC acabar-POL-PASD
 ‘(O vídeo) acabou no momento o senhor está fazendo ‘ué?!’ (2017-09-30 THA)

No dado acima, o sujeito do verbo *owar-u* ‘acabar-NPASD’ não foi codificado. No entanto, pode-se afirmar pelo contexto que se trata do vídeo da história. O nominal *tokoro* ‘momento,’ complemento do SP locativo, recebe uma oração relativa.

3.5.2. Genitivo

O genitivo é expresso por *no* e ocorre na fronteira direita do sintagma posposicionado. Como descrito na seção das classes lexicais, os nomes podem ser modificados por outros nomes, pronomes, demonstrativos, numerais, adjetivos, advérbios e orações relativas. O dado em 133 traz um exemplo de nome sendo modificado por outro nome.

133. *sono ko wa [ie no] hou ni modot-ta*
 essa criança TOP casa GEN direção LOC voltar-PASD
 ‘Essa criança voltou em direção a casa’ (2017-03-26 KT)

3.5.3 Direcional

O direcional expressa movimento em direção a algum lugar. Na VBLJ, o direcional é marcado pela posposição *e*, como pode ser observado na sentença que segue:

134. [*doko e*] *mot-te it-te (i)-ru ka wakara-nai n desu kedo*
 onde DIR levar-CONV ir-CONV (existir)-NPASD Q saber-NEG NMLZ COP.POL mas
 ‘Para onde está levando não dá pra saber, mas...’ (2018-08-11 EK)

3.5.4 Instrumental

A posposição *de* marca nominal instrumental como pode ser verificado no dado 135 abaixo:

135. *Sono hito-ri hito wa [pinpon mitai no omotya de]/*
 DEM um-CLS.PS pessoa TOP ping pong parecido GEN brinquedo INST
 [*bolinha de*] *ason-de (i)-ta*
 bolinha INST brincar-CONJ (existir)-PASD
 ‘Essa uma pessoa estava brincando com um brinquedo parecido com ping pong /com uma bolinha’ (2017-07-23 YS)

Na oração acima, a posposição instrumental *de* ocorre duas vezes, pois o colaborador expressa de duas formas distintas o sintagma posposicionado com a semântica instrumental a fim de esclarecer com o que a pessoa estava brincando.

3.5.5 Comitativo

Na VBLJ, o sintagma comitativo, ou seja, o acompanhamento, é expresso por *to* como mostra o dado abaixo:

136. *sono miti ni [hito/onna to] at-ta no yo*
 DEM estrada LOC pessoa/mulher COM encontrar-PASD NMLZ ENF
 ‘É que nessa estrada encontrou com uma mulher.’ (2017-07-23 YS)

3.5.6 Ablativo

O ablativo, que é usado com uma série de significados locativos ou instrumentais (CRISTAL, 2008, p. 2) é expresso com a posposição *kara*. Nos dados que seguem, a posposição *kara* marca ponto de partida ou origem, um tipo de locativo espacial.

137. a. (...) [*zitensya kara*] *okkot-tyat-ta no ne*
 bicicleta ABL cair-CONV.acabar-PASD NMLZ né
 ‘É que (o menino) acabou caindo da bicicleta, né?’ (2017-12-15 ATO)

- b. *otokonoko ga koke-te,*
 menino NOM tropeçar-CONJ
nasi mo zenbu [iremono kara] soto ni de-masi-te (...)
 pera também tudo vasilha ABL fora LOC sair-POL-CONJ
 ‘O menino tropeçou e as peras também saíram completamente da vasilha para fora.’ (2018-10-27 TS)

Em 137.a e 137.b, *kara* marca o locativo espacial de onde caiu o menino e de onde saíram as peras, respectivamente.

Assim como no caso da posposição *ni*, o ablativo *kara* é usado tanto para marcar um locativo espacial como para um locativo temporal de origem. Veja o dado ilustrativo abaixo:

138. *mou [asa hayaku kara] hutatu no kago no nasi wo*
 já manhã cedo ABL dois-CLS GEN cesta GEN pera ACU
mou syuukaku si-te ari-masi-ta
 já colheita fazer-conv existir-POL-PASD
 ‘Desde já cedo da manhã, já tinha deixado colhida duas cestas de pera.’ (2018-08-11 TA)

Na fala acima, *kara* segue *asa hayaku* ‘cedo da manhã’, um locativo temporal.

3.5.7 Meta

A meta, expressa por *made*, marca o sintagma referente ao ponto de chegada, podendo o SN marcado ser um elemento animado, como em 139.a, ou inanimado como em 139.b.

139. a. (...) *hito-ri ga mata [sono kodomo **made**] bousi wo*
 um-CLS.PES SUJ de novo DEM criança MET chapéu OBJ
mot-te (i)t-ta-ra, nusun-da kodomo ga zya,
 pegar-CONV ir-PASD-COND roubar-PASD criança SUJ COP.TOP
nasi wo hito-tu zutu kubat-te ageta no ne
 pera OBJ um-CLS cada distribuir-CONV dar-PASD NMLZ né

‘É que quando um deles (meninos) levou novamente o chapéu até essa criança, a criança que roubou (as peras), então, distribuiu uma pera para cada. (2017-09-16 EKT)

- b. *kodomo ga zitynsya de not-te ki-te,*
 criança SUJ bicicleta INST montar-CONJ vir-CONJ
 [*sono ki no sita **made** ki-te (...)*]
 DEM árvore GEN embaixo MET vir-CONJ

‘A criança veio montada em uma bicicleta, veio até embaixo dessa árvore e (...)’ (2017-09-16 EKT)

As marcas de casos da VBLJ que ocorreram nos dados foram organizadas no quadro abaixo:

Quadro 16:
 Marcação de casos da VBLJ

Caso	Posposição
locativo (LOC)	<i>ni</i> <i>de</i>
genitivo (GEN)	<i>no</i>
direcional (DIR)	<i>e</i>
instrumental (INST)	<i>de</i>
comitativo (COM)	<i>to</i>
ablativo (ABL)	<i>kara</i>
meta (MET)	<i>made</i>

4 ORAÇÕES SIMPLES

Pela natureza metodológica adotada na coleta de dados, foram escassas as orações simples coletadas nesta pesquisa. Justificada pela recursividade infinita das línguas humanas, na maior parte das vezes, os colaboradores concatenaram uma oração após outra tornando os exemplos de orações simples bastante limitados. Deste modo, quando não houve ocorrência de orações simples que expressassem os fenômenos, utilizou-se as orações principais ou a última oração de uma construção coordenada. Nos dados apresentados, parênteses e três pontos serão aplicados para indicar a omissão de parte da sentença original.

4.1 ORAÇÕES NÃO VERBAIS

As orações podem ser classificadas de acordo com os tipos de predicados: verbais ou não verbais. Os predicados não verbais, nas línguas do mundo, podem ser expressos codificando diretamente o predicado, por justaposição dos sintagmas nominais ou por meio de uma cópula (DRYER, 2007, p. 224-225) e, ainda, há línguas que utilizam a cópula somente em tempo não presente (PAYNE, 1997, p. 119). Entende-se por predicados não verbais os *predicados nominais, adjetivais e locativos* e construções similares que serão exploradas mais à frente.

4.1.1 Cópulas e as Cópulas da VBLJ

Sendo a VBLJ, assim como o japonês, uma língua que se utiliza de cópula na maioria dos predicados não verbais, esta seção traz informações básicas relativas às cópulas nas línguas do mundo em contraste com a cópula na VBLJ.

Dentre as línguas que fazem uso da cópula, há uma variedade na natureza das palavras que servem como tal. Segundo Dryer (2007), as cópulas podem ser verbais, como é o caso do verbo *be* no inglês; podem ser originadas de pronomes, como é o caso das cópulas pronominais da língua Nuer, falada no Sudão; podem ainda ser uma partícula invariável, como é o caso do Swahili com a cópula *ni*, ou podem ser expressas por um processo derivacional, de substantivo para verbo,

aplicada ao predicado, como é relatado em Ngalakan, uma língua aborígine australiana (p. 225-226). Há ainda algumas línguas em que a cópula é opcional, ocorrendo, por exemplo, só em determinado tempo, como é o caso da língua Yanomâmi que ocorre no tempo não presente (DRYER, 2007, p. 236).

Payne (1997, p. 119) resume a tipologia das construções dos predicados nominais como apresentado abaixo. A ordem dos constituintes, entretanto, não necessariamente se apresenta como colocado.

1. sem cópula.....SN SN
2. com cópula
 - (a) a cópula é um verbo.....SN V SN
 - (b) a cópula é um pronome.....SN PRO SN
 - (c) a cópula é uma partícula invariável.....SN COP SN
 - (d) a cópula é uma operação derivacional.....[SN]_v SN
3. cópula só em tempo não presente.....SN (COP) SN

(PAYNE, 1997, p.119)

Na VBLJ, os predicados não verbais são codificados, também, por uma cópula que toma formas variadas de acordo com o tempo e a polaridade. A cópula apresenta ainda variações estilísticas. Na língua japonesa, a cópula é tipicamente usada em sentenças tópico-comentário (IWASAKI, 2013, p. 65), o que parece ocorrer também na VBLJ.

Ao esquematizar os predicados não verbais da VBLJ temos a seguinte forma:

[SN TOP/NOM] [SN (COP)]

Devido ao fato de as cópulas coletadas nesta pesquisa ocorrerem, na maior parte das vezes, em orações em que os tópicos são omitidos e/ou se encontram em orações subordinadas, serão expostos exemplos com construções simples da própria autora para uma melhor compreensão. Os dados coletados serão apresentados em seguida.

Os predicados não verbais são formados na VBLJ pela cópula *da* que toma formas variadas de acordo com o tempo e a polaridade. Segue o exemplo ilustrativo:

	Tópico		Comentário			
140.	[<i>Pinky</i>	<i>wa</i>]	[<i>watasi</i>	<i>no</i>	<i>neko</i>	<i>da</i>]
	Pinky	TOP	eu	GEN	gato	cop

'Pinky é meu gato.'

(da autora)

Nos dados da pesquisa, a cópula *da* é encontrada na seguinte passagem em que o colaborador descreve o local onde se encontra a árvore de pera.

Tópico	Comentário						
141. [Soko wa]	[acho que	anou	are	da	to	omo-u	
aí TOP	acho que	êee	aquilo	COP	CMPLZ	pensar-NPASD	
	'(Eu) penso que aí é aquilo.'						(2017-07-16 YN)

No exemplo acima, a cópula *da* aparece como oração complementar que tem como verbo da oração principal *omo-u* 'pensar-NPASD', com sujeito agente e narrador. Quanto a *are* 'aquilo', corresponde à frase acrescentada pelo colaborador em sequência *minna ga tooru miti ne* 'estrada em que todos passam'. Ou seja, a oração complementar é 'Aí é a estrada onde todos passam'.

Já as orações no tempo passado são expressas com a cópula na forma *datta*, ilustrada no exemplo 142.

Tópico	Comentário		
142. [Pinky wa]	[koneko	datta]	
Pinky TOP	filhote	COP.PASD	
	'Pinky era um filhote.'		
			(da autora)

Datta surge também no início de uma das narrativas quando o falante da VBLJ descreve que havia três cestas dos quais uma estava vazia.

Tópico	Comentário				
143. [hito-tu wa]	[kara	datta],	mada	ne	
um-CLS TOP	vazio	COP.PASD	ainda	né	
	'Um (das cestas) estava vazia, ainda, né?!'				
					(2018-03-03 YY)

A oração acima é uma das poucas completas e não subordinadas. Na língua japonesa, a cópula *da* se origina de *de aru*, forma conjuntiva da cópula *de* mais o verbo *ar-u* 'existir-NPASD' (*de aru* > **daru* > *da*) (FRELLESVIG, 2010, p. 395). A forma passada *datta*, portanto, surgiu da forma conjuntiva da cópula, *de*, mais o verbo existir flexionado no passado, *de ari-ta* > *de atta* > *datta*.

A cópula também toma uma forma específica em orações negativas, o *zya nai*. Os exemplos em 144.a e 144.b são da própria autora.

144. a. [Pinky wa]	[osu	da]	
Pinky TOP	macho	COP	
	'O Pinky é macho.'		
b. [Pinky wa]	[mesu	zya	na-ī]
Pinky TOP	fêmea	COP.TOP	não existir-NPASD
	'O Pinky não é fêmea.'		
			(da autora)

Na amostra da VBLJ, *zya nai* é encontrado no início da narrativa de outro colaborador. Na descrição das primeiras cenas, o colaborador cogita que o senhor que colhe as peras pode não ser o dono daquela propriedade.

145. [*kono hito ga*] [*dono zya na-i*]
 DEM pessoa NOM dono COP.TOP não existir-NPASP

ka mo sir-e-nai n des-u yo ne
 Q nenhum saber-POT-NEG-NPASP NMLZ COP-NPASP ENF né

‘Talvez essa pessoa não seja o dono’ (2018-08-11 EK)

Assim como as outras formas da cópula, *zya nai* é similar à usada na língua japonesa. Na descrição da língua japonesa de Iwasaki (2013), *zya* resulta da contração da forma conjuntiva *de* com a posposição de tópico *wa* usada na fala cotidiana (p. 88). A forma negativa da cópula sem contração é *de wa nai*, constituída por *de wa* ‘COP.CONJ TOP’ (IWASAKI, 2013, p. 88) mais *nai*, a forma negativa do verbo *ar-u* ‘existir-NPASP’. A visualização da forma negativa se torna mais clara quando se observa a variação da cópula *de aru*, que é formada pela mesma forma conjuntiva *de* acrescida do verbo *ar-u* ‘existir-NPASP’. A negação do verbo *ar-u* ‘existir’ é uma forma supletiva, *na-i* ‘não-existir-NPASP’.

Há ainda a forma da cópula *darou* para expressar suposição, conjectura ilustrada a seguir:

Tópico Comentário
 146. [*Pinky wa*] [*ima go-sai gurai darou*]
 Pinky TOP agora cinco-CLS.ID por volta de COP.SUP

‘O Pinky deve ter por volta de cinco anos.’ (da autora)

Nos dados da pesquisa, essa forma da cópula é usada quando o colaborador descreve a criança da bicicleta. O colaborador acredita que ela seja o filho do homem que está colhendo as peras.

Comentário
 147. [*tiisa-i musuko darou ne*]
 pequeno-NPASP filho COP.SUP né

(A criança) deve ser o filho pequeno, né.’ (2017-03-26 KT)

No dado 147, o colaborador não deixa o tópico explícito, uma vez que o falante parte do pressuposto de que o ouvinte sabe que se trata do protagonista da história, o menino da bicicleta.

Nas narrativas coletadas, é encontrada a cópula *des*, sua flexão no passado (*desita*) e sua forma supositiva polida (*desyou*). Segundo Iwasaki (2013, p. 66), *des* é a versão polida da cópula *da*, na língua japonesa.

Os exemplos em 148.a até 148.d são ilustrativos.

	Tópico	Comentário					
148. a.	[<i>Neko</i> gato	<i>no</i> GEN	<i>namae</i> nome	<i>wa</i> TOP	[<i>Pinky</i> Pinky	<i>da</i> COP	
	'O nome do gato é Pinky.'						
b.	[<i>Neko</i> gato	<i>no</i> GEN	<i>namae</i> nome	<i>wa</i> TOP	[<i>Pinky</i> Pinky	<i>des-u</i> COP.POL-NPASP	
	'O nome do gato é Pinky.'						
c.	[<i>Pinky</i> Pinky	<i>wa</i> TOP	[<i>koneko</i> filhote		<i>datta</i> COP.PASD		
	'Pinky era um filhote.'						
d.	[<i>Pinky</i> Pinky	<i>wa</i> TOP	[<i>koneko</i> filhote		<i>des-ita</i> COP.POL-PASD		
	'Pinky era um filhote.'						(da autora)

As formas da cópula *des-u* 'COP-NPASP' e *des-ita* 'COP-PASD', apresentadas a seguir, ocorreram ao final das narrativas.

	Comentário	
149.	[<i>izyou</i> fim	<i>des-u</i> COP.POL-NPASP
	'(A história) é findada.'	
		(2018-05-18 FTY)

	Comentário			
150.	[<i>tte</i> Cmplz	<i>i-u</i> dizer-NPASP	<i>sutoori</i> história	<i>des-ita</i> COP.POL-PASD
	'(A história) foi uma história dita assim...'			
				(2018-05-15 CHH)

Apesar dos tópicos não terem sido codificados pelos colaboradores, é possível inferirlos pelo contexto. No dado em 149, o tópico é, possivelmente, 'história'. Em 150 o tópico é, provavelmente, *kono hanashi wa* 'esta história TOP' e o comentário é o predicado nominal *sutoori* 'história', que é modificada por *tte i-u* 'Cmplz dizer-NPASP'. Ou seja, toda a narrativa serve de oração complementar do verbo *i-u* 'dizer-NPASP', a história dita, contada.

A variação polida da forma supositiva da cópula *darou* é *desyou*. Nos dados desta pesquisa, essa forma da cópula aparece na descrição do menino da bicicleta.

151.	<i>kozou</i>	<i>to</i>	<i>it-ta-ra</i>	<i>i-i</i>	<i>des-you</i>	<i>ka</i>
------	--------------	-----------	-----------------	------------	-----------------------	-----------

moleque Cmplz dizer-PASD-COND bom-NPASD COP.POL-SUP Q

‘Será que posso dizer que é um moleque?’ (2017-09-23 HKT)

Abaixo o quadro resumo das formas e as variações estilísticas da cópula encontradas nos dados desta pesquisa.

Quadro 17:
Formas da cópula da VBLJ

Função	Forma	Varição Polida
não-passado	<i>da</i>	<i>desu</i>
passado	<i>datta</i>	<i>desita</i>
negativa	<i>zya nai</i>	
passado negativo	<i>zya na-katta</i>	
supositiva	<i>darou</i>	<i>desyou</i>

Desta maneira, a cópula apresenta formas distintas de acordo com o tempo e a polaridade, assim como os verbos. Apesar de ter sido originada de um verbo, a cópula é não verbal, uma vez que difere morfologicamente das flexões verbais (vide 3.2.1 Caracterização Morfológica).

4.1.2 Tipos de Orações Não verbais

Em relação à tipologia das orações não verbais, Dryer (2007, p. 224) afirma que há três tipos: orações com *predicados nominais*, *adjetivais* e *locativos*, sendo que suas propriedades variam de acordo com as línguas. Em línguas como o inglês, os três tipos de predicado são tratados da mesma forma, com a cópula verbal *be*, como ilustrado abaixo pelo autor:

152. a. My dog is *black*

b. My dog is a cocker spaniel

c. My dog is *in the house*

(DRYER, 2007, p. 224)

No entanto, frequentemente as línguas tratam um desses tipos de predicado de maneira diferente das outras duas (DRYER, 2007, p. 224).

Na VBLJ, assim como no inglês, os três tipos de predicado não-verbal são tratados da mesma forma, com a cópula *da* e suas variações formais e estilísticas.

Abaixo exemplos ilustrativos de cada um dos três tipos de predicados não verbais:

- | | | | | | | |
|---------|------------------------------------------------|--|------------------------------|--|-------------------------|---------------------|
| | [Tópico] | | [Comentário] | | | |
| 153. a. | [<i>Pinky wa</i>] | | [<i>watasi no neko da</i>] | | | Predicado nominal |
| | Pinky TOP | | eu GEN gato COP | | | |
| | ‘Pinky é meu gato.’ | | | | | |
| b. | [<i>Pinky no ke wa</i>] | | [<i>kirei</i>] | | da ⁷¹ | Predicado adjetival |
| | Pinky GEN pelo TOP | | bonito | | COP | |
| | ‘O pelo do Pinky é bonito.’ | | | | | |
| c. | [<i>Pinky wa</i>] | | [<i>tana no ue da</i>] | | | Predicado locativo |
| | Pinky TOP | | estante GEN em cima COP | | | |
| | ‘O Pinky está em cima da estante.’ (da autora) | | | | | |

Além dos predicados nominais, adjetivais e locativos, Payne (1997) agrega mais dois tipos de construção que são expressas por meio de predicados não verbais nas línguas do mundo, as construções *existenciais* e *possessivas*. No entanto, na VBLJ, essas construções são codificadas por orações verbais, sendo assim as construções *existenciais* e *possessivas* serão abordadas na seção relativa às orações verbais.

As próximas seções tratarão dos predicados nominais, adjetivais e locativos, nesta sequência, com exemplos extraídos dos dados desta pesquisa.

4.1.2.1 Predicados Nominais

Os predicados nominais da VBLJ têm a seguinte estrutura morfossintática:

Tópico	Comentário
(SN <i>wa/ga</i>)	SN COP

Os parênteses indicam que o tópico pode ser omitido, o que é feito com frequência pelos colaboradores ao narrarem a história. Veja dois exemplos de predicado nominal encontrados nos dados:

⁷¹ A língua japonesa tem duas categorias de adjetivos com características morfossintáticas bastante distintas entre elas. A dos adjetivos com morfologia verbal e outra com características nominais. O exemplo aqui ilustrado é com um dos adjetivos com características nominais, pois os de características verbais não requerem cópula (ver Capítulo 3).

	Tópico							Comentário
154. a.	[<i>watasi no kioku ni nokot-ta no wa</i>]							[<i>sore dake des-u</i>]
	eu	GEN	memória	LOC	sobrar-PASD	NMLZ	TOP	isso só COP.POL-NPASD
	'O que sobrou na minha memória só foi isso.'							(2017-09-23 HKT)

	Comentário							
b.	[<i>sore dake da to omoi-mas-u</i>]							
	isso	só	COP	CMPLZ				pensar-POL-NPASD
	'Penso que (a história) é só isso.'							(2017-12-15 CM)

Os dois dados da VBLJ apresentados acima foram ditos no final da narrativa se referindo à própria história. Uma oração nominalizada compõe o tópico do dado em 154.a. Em 154.b, o tópico da oração não foi expresso pelo falante pressupondo que o ouvinte saiba do que estava sendo falado.

O morfema *wa* de tópico algumas vezes ocorre variando com o nominativo, *ga*.

	Tópico			Comentário				
155.	[<i>sono ko ga</i>]			[<i>onnanoko datta n des-u yo</i>]				
	DEM	criança	NOM	menina	COP.PASD	NMLZ	COP.POL-NPASD	ENF
	'É que essa criança era uma menina.'							(2018-05-18 CMM)

4.1.2.2 Predicados Adjetivais

Quanto aos predicados adjetivais, há variação no uso da cópula de acordo com as propriedades dos dois tipos de adjetivos (vide capítulo 03). Na língua japonesa, os adjetivos são divididos em duas categorias (SHIBATANI, 1990, p. 179), uma categoria de adjetivos com propriedades verbais - adjetivos verbais e outra similar aos nomes - adjetivos nominais.

4.1.2.2.1 Predicados Adjetivais Nominais

Os predicados não verbais formados por adjetivos nominais requerem que a cópula os siga, seja ela uma versão não polida ou polida, obtendo-se a seguinte estrutura:

Tópico	Comentário
(SN <i>wa/ga</i>)	SA COP

Veja o exemplo ilustrativo abaixo:

	Tópico		Comentário
156.	[<i>Pinky wa</i>]	[<i>genki da/des-u</i>]	
	Pinky TOP	saudável COP/COP.POL-NPASD	

‘O Pinky é saudável.’ (da autora)

Nos dados, há a seguinte ocorrência de predicado adjetival quando um dos colaboradores descreve uma das últimas cenas do vídeo, a cena em que o dono das peras vê três meninos passando comendo as peras. Isso logo após o homem ter se dado conta de que faltava uma das suas cestas cheias de peras.

	Comentário
157.	[<i>tyotto hen da</i>]
	um_pouco estranho COP

‘É um pouco estranho.’ (2017-12-15 ATO)

O dado em 157 é o que o colaborador supõe que o dono das peras tenha pensado ao ver a cena. No caso da oração acima, o fato de os meninos passarem comendo peras seria o tópico não codificado do comentário *hen da* ‘estranho COP’.

Nos predicados adjetivais nominais, também se verifica a possibilidade da marca de nominativo, *ga*, no tópico.

	Tópico		Comentário
158.	[<i>kore ga</i>]	[<i>husigi da</i>]	
	isto NOM	surpreendente COP	

‘Isto é surpreendente.’ 2017-12-08 RU

A frase acima foi dita pelo colaborador ao narrar a surpresa do senhor, dono das peras, ao ver os três meninos comendo suas peras.

4.1.2.2.2 *Predicados Adjetivais Verbais*

Quando os adjetivos verbais são o núcleo do predicado eles dispensam a cópula. O predicado formado por um adjetivo verbal só é seguido das formas copulares para expressar polidez. Ou seja, o predicado adjetival verbal só pode ser seguido das versões polidas da cópula (*desu, desita, desyou*). Veja os exemplos ilustrativos:

	Tópico		Comentário
159. a.	[<i>Pinky wa</i>]	[<i>ooki-i</i>]	
	Pinky TOP	grande-NPASD	

‘O Pinky é grande.’

b. [*Pinky wa*] [*ooki-i*] [*des-u*]
 Pinky TOP grande-NPASD COP.POL-NPASD

‘O Pinky é grande.’

c. * [*Pinky wa*] [*ooki-i*] [*da*]
 Pinky TOP grande-NPASD COP

‘O Pinky é grande.’

(da autora)

Assim, o adjetivo verbal na função predicativa pode ocorrer sem a cópula, como em 159.a, ou seguida da forma polida (159.b), mas não da forma não polida da cópula, o que torna o exemplo em 159.c agramatical.

Uma ocorrência de predicado verbal na VBLJ se deu quando um dos colaboradores, ao terminar a narrativa, pergunta se a história contada por ele está satisfatória, dizendo:

Comentário

160. [*Kore de i-i*]
 isto LIM bom-NPASD

‘(A narrativa) está bom assim?’

(2017-12-15 ATO)

No dado 160, o falante não codifica o tópico da oração, ficando subentendido que o tópico é a narrativa feita.

Sendo a cópula ausente em predicados compostos por adjetivos verbais (exceto para expressar polidez), a negação e o tempo dessas orações são expressos flexionando-se o adjetivo⁷², e não a cópula. Este fato demonstra que os predicados adjetivais podem ser divididos formalmente em dois grupos: os que requerem a cópula (adjetivos nominais) e os que não requerem a cópula (adjetivos verbais).

161. a. [*Pinky wa tiisa-ku na-i des-u*]
 Pinky TOP pequeno não-existir COP-NPASD

‘O Pinky não é pequeno.’

b. * [*Pinky wa tiisai de wa na-i*]
 Pinky TOP pequeno COP TOP não-existir-NPASD

‘O Pinky não é pequeno.’

c. [*Kim wa tiisa-katta des-u*]
 Kim TOP pequeno-PASD COP-NPASD

‘Kim era pequena.’

d. * [*Kim wa tiisa-i desi-ta*]
 Kim TOP pequeno-NPASD COP-PASD

‘Kim era pequena.’

(da autora)

⁷² No japonês, os adjetivos verbais flexionam-se para tempo e polaridade (vide capítulo 3).

Nota-se, nos dados acima, que a flexão negativa (em 161.a e 161.b) e de tempo passado (em 161.c e 161.d) estão sufixadas ao adjetivo verbal e não à cópula.

Observa-se, nos dados da VBLJ, um exemplo de predicado de adjetivo verbal flexionado para o passado:

162. [*tyotto muzukasi-katta des-u*]
 um_pouco difícil-PASD COP-POL

‘(A narrativa) foi difícil.’ (2018-08-11 EK)

Na fala acima, o colaborador, ao final da narrativa, opina sobre a dificuldade sentida ao contar a história.

4.1.2.3 Predicados Locativos

Como visto anteriormente, é comum que as línguas marquem predicado locativo de maneira distinta dos predicados nominais e adjetivais. No entanto, a VBLJ mantém a mesma estrutura oracional do predicado nominal e adjetival no predicado locativo.

Tópico	Comentário
(SN <i>wa</i>)	SN COP

Ou seja, a VBLJ marca os três tipos de predicado com a mesma cópula *da* ou com uma de suas variações estilísticas. Observe o exemplo ilustrativo abaixo:

Tópico	Comentário
163. [<i>Pinky wa</i>] [<i>hako no naka da/des-u</i>] Pinky TOP caixa GEN dentro COP/COP.POL-NPASD	

‘O Pinky está dentro da caixa.’ (da autora)

A oração com predicado locativo ocorre logo no início de uma das narrativas.

Tópico	Comentário
164. [<i>ima mi-ta sutoorii wa</i>] [<i>doko ka yooroppa no kuni da</i>] agora ver-PASD história TOP onde Q europa GEN país COP	

‘A história que vi agora é em algum país da Europa.’ (2018-05-15 CHH)

A oração 164 é dita logo no início da narrativa quando o colaborador descreve onde se passa a história.

Assim, as orações não verbais da VBLJ vistas nesta seção podem ser sistematizadas da seguinte maneira:

Predicado nominal	SN <i>ga/wa</i> SN COP
Predicado adjetival nominal	SN <i>ga/wa</i> SN COP
Predicado adjetival verbal	SN <i>wa</i> SN (COP.POL)
Predicado locativo	SN <i>wa</i> SN COP

Nos dados desta pesquisa foram encontrados tópicos marcados tanto com a posposição *wa* como com a posposição nominativa *ga*, com predicados nominais e adjetivos nominais. Pela regularidade na estrutura das orações, é possível que a ausência de tópico marcando predicados adjetival verbal e locativo seja uma lacuna nos dados. Uma coleta mais direcionada é necessária para viabilizar generalizações sobre essas orações na VBLJ.

4.1.3 Orações Existenciais

A função primária das orações existenciais é apresentar um novo participante (o **tema**, seguindo a terminologia de Dryer) na cena do discurso (DRYER, 2007, p. 241) e, normalmente, mas não necessariamente, requerem um adjunto locativo ou temporal. Um exemplo prototípico é:

165. Têm gatos na caixa. (da autora)

Algumas línguas carecem de construções existenciais e se utilizam de orações não verbais, mais especificamente predicados locativos, para expressar sentido similar (DRYER, 2007, p. 243). As orações existenciais têm características que se sobrepõem aos predicados nominais, como no caso do inglês que usa o mesmo morfema copular *be* nas duas construções (PAYNE, 1997, p. 124), além do fato de ambas expressarem a existência de uma entidade em um determinado local espacial, no caso do exemplo que se segue, ou temporal. Observe as orações ilustrativas abaixo:

166. a. *There is a cat in the box.* Oração existencial
 'Tem um gato na caixa.'
- b. *The cat is in the box.* Predicado locativo
 'O gato está na caixa.' (da autora)

A distinção entre as duas orações está na natureza do tema que resulta, justamente, da função básica das orações existenciais já citada anteriormente. A

apresentação de um novo participante faz com que, na maioria das vezes, o tema seja um elemento indefinido (PAYNE, 1997, p. 123). Fator este que também pode ser observado no exemplo anterior e faz com que construções como *There is the cat in the box* ‘Tem o gato na caixa’ sejam estranhas.

A VBLJ faz parte do grupo de línguas que possui tanto construções existenciais específicas como também orações não verbais com predicados locativos, previamente debatidas na seção 4.1 ORAÇÕES NÃO VERBAIS, neste mesmo capítulo.

Nas orações existenciais, a VBLJ utiliza dois verbos distintos de acordo com o traço semântico animacidade do tema: *ar-u* ‘existir-NPASD’ e *i-ru* ‘existir-NPASD’ para temas inanimados e animados, respectivamente (vide capítulo 3).

Observe, primeiro, as orações existenciais com o verbo *at-ta* ‘existir-PASD’ nos dados 167.a e 167.b e, em seguida, com os verbos *i-ta* ‘existir-PASD’ nos dados 168.a e 168.b que seguem:

167. a. *Yama ni [nasi no ki ga] at-ta*
 montanha LOC pera GEN árvore NOM existir-PASD
 ‘Na montanha, tinha uma árvore de pera.’ (2018-03-03 TY)
- b. *sono sita ni wa [kago ga] at-ta ne*
 DEM embaixo LOC TOP cesta NOM existir-PASD né
 ‘Embaixo disso tinha uma cesta, né.’ (2017-07-16 YN)
168. a. *son toko ni mata [san-nin no otokonoko ga]*
 DEM momento LOC novamente três-CLS.PS GEN menino NOM
i-ta n des-u yo
 existir-PASD NMLZ COP-NPASD ENF
 ‘É que nesse momento, havia três crianças novamente.’ (2018-08-11 EK)
- b. *soko no tonari ni [san-nin no syounen ga] i-masi-te, (...)*
 aí GEN vizinho LOC três-CLS.PS GEN jovem NOM existir-POL-CONJ
 ‘Do lado daí havia três jovens e ...’ (2017-12-08 TI)

Pelo ponto de vista semântico, os dados acima estão de acordo no que se refere à introdução do tema, entre colchetes, na cena do discurso, sendo os participantes indeterminados. Nas orações existenciais desta pesquisa não foram encontrados temas definidos indo de encontro com as afirmações de Payne (1997).

Formalmente, as orações existenciais apresentadas acima são bastante distintas dos predicados locativos que são expressos por meio da cópula *da* ou suas variações estilísticas. A presença da flexão de tempo passado tanto em *ar-u* ‘existir-

NPASD' como em *i-ru* 'existir-NPASD', além da sufixação de polidez no dado 168.b, similares aos demais verbos, comprova que se trata de um verbo.

Outra característica das orações existenciais entre as línguas é o fato de não apresentarem ou apresentarem poucas evidências de relações gramaticais: marcação de caso, concordância verbal e ordem dos constituintes. Isso sinaliza a anormalidade dessas construções (PAYNE, 1997, p. 123). Nas línguas, se a expressão do tema deve ou não ser considerada sujeito é um questionamento que frequentemente se levanta nas construções existenciais (DRYER, 2007, p. 241), como consequência da opacidade das relações gramaticais. Em uma oração como *Existem muitos gatos na UnB*, por exemplo, o verbo concorda com o tema, *muitos gatos*, mas o sujeito seguir o verbo não é a posição prototípica de sujeito na língua portuguesa.

Do mesmo modo, em *Há muitos gatos na UnB*, além de *muitos gatos* não ocupar a posição de sujeito, o verbo não concorda com o tema. Assim, a oração é considerada uma oração impessoal, sem sujeito, na gramática tradicional.

No caso da VBLJ, como se constata nos dados acima, a expressão do tema é complemento do sintagma nominativo, possibilitando a interpretação de que se trata do sujeito, no critério marcação de caso. No entanto, em relação à ordem dos constituintes, a sequência de preferência para as construções existenciais parece ser a de sintagma locativo seguido do tema que, por sua vez, é seguido pelo verbo existencial. Ordem esta que difere das demais construções que é, comumente, encabeçada pelo sintagma nominativo.

Payne (1997, p. 124) afirma que os existenciais frequentemente têm estratégias especiais de negação. No caso da VBLJ, *nai* é a forma supletiva para a negação do verbo existencial para temas inanimados, *ar-u* 'existir-NPASD'.

169. a. (...) *ori-te ki-ta-ra, hito-tu kago ga na-i*
 descer-CONV vir-PASD-COND um-CLS cesta NOM não.existir-NPASD

'Quando veio descendo, faltava uma cesta. (Lit. Quando desceu, um cesto não existe.)' (2017-06-25 HAS)

b. *De, osimai na-i no*
 e fim não.existir-NPASD NMLZ

'E não tem final.' (2018-02-10 AYS)

A negativa, *na-i* 'não.existir-PASD', formalmente se comporta como um adjetivo verbal (vide seção 3.3 ADJETIVOS). A negativa do verbo *ar-u* 'existir-NPASD' empresta sua forma como sufixo de polaridade para os demais verbos (vide 3.2

Verbos). Logo, a flexão negativa do verbo existencial para temas animados é *i-na-i* ‘não.existir-NEG-NPASD’.

170. *sono* [*daremo* ***i-na-i***_{Srel} *tokoro* (...)]
 DEM ninguém existir-NEG-NPASD lugar
 ‘esse lugar que não tem ninguém.’ (2017-09-23 HKT)

A VBLJ faz parte do grupo de línguas que tem orações existenciais próprias e que expressam a existência do tempo por meio de dois verbos, *ar-u* e *i-ru* ‘existir-NPASD’, para temas inanimados e animados, respectivamente. Assim como em outras línguas, no que diz respeito a este tipo de oração, as relações gramaticais não são bem claras. O tema é marcado com a posposição nominativa, mas não encabeça a oração como é comum nos demais tipos de oração. A forma negativa da oração existencial é expressa por *na-i* ‘não_existir-NPASD’, forma supletiva do verbo *ar-u*, ‘existir-NPASD’.

Nos dados, também houve a ocorrência de *or-u* ‘existir-NPASD’ (alomorfe *ot* quando seguido de morfemas iniciados com *t*), variação dialetal do verbo *i-ru* ‘existir-NPASD’ para temas animados.

171. [*Sono* *ko* *wa* *yareyare* *to* *koron-de* *tat-ta*] *toki* *ni*
 DEM criança TOP esforço to cair-CONJ levantar-PASD momento LOC
 [*san-nin* *ga*]_{suj} ***ot-ta*** *no*
 três-CLS.PES SUJ existir-PASD NMLZ
 ‘Essa criança quando caiu e se levantou com esforço, tinham três crianças.’
 (2017-07-16 YN)

4.2 ORAÇÕES VERBAIS

4.2.1 Relações Gramaticais

Segundo Payne (2006, p. 210), “as relações gramaticais são estruturalmente definidas entre palavras dentro dos sintagmas e orações”⁷³. Sujeito, objeto direto e objeto indireto são os termos empregados para os componentes dessas relações gramaticais em uma oração com mais consequências gramaticais entre as línguas (GIVÓN, 2001, p. 108).

⁷³ No original: “Grammatical relations (GRs) are structurally defined relations between words in phrases and clauses.”

As relações gramaticais são expressas tradicionalmente por propriedade de codificação explícita. As propriedades universalmente mais relevantes são a) a ordem de palavras; b) a concordância verbal e c) a marcação de caso (GIVÓN, 2001, p. 175).

A identificação dos papéis semântico-sintáticos básicos rotulados como S, A e O é eficaz para uma discussão das relações gramaticais mais criteriosa (PAYNE, 2006, p. 216).

O S corresponde à primeira letra, em inglês, do termo único argumento (*single-argument*) da oração. Ou seja, o único argumento da oração intransitiva. O A se refere ao argumento mais agente ou àquele que é tratado como agente (*agent-like*) da oração transitiva. Por fim, o O se refere à palavra outro argumento (*other argument*) da oração transitiva, podendo ser, também, denominado como P, o argumento mais paciente de uma oração. Sob essa identificação dos papéis semântico-sintáticos, portanto, a relação gramatical de sujeito pode ser rotulada tanto como S ou como A. O objeto, por sua vez, só pode ser identificado como O (PAYNE, 2006, p. 217).

As línguas têm maneiras distintas de alinhar S, A e O. É chamado nominativo-acusativo o alinhamento em que o S e o A se comportam da mesma maneira e o O de modo distinto ($S=A \neq O$). Nominativo, neste caso, é utilizado para S e A, acusativo para O. O alinhamento que trata os Ss da mesma forma que os Os e os As diferentemente ($S=O \neq A$) é denominado ergativo-absolutivo. O absolutivo alinha Ss e Os e categoriza diferentemente A (o ergativo). Há, ainda, línguas que tratam os três, S, A e O, da mesma forma ($S=A=O$), sendo esse sistema denominado neutro.

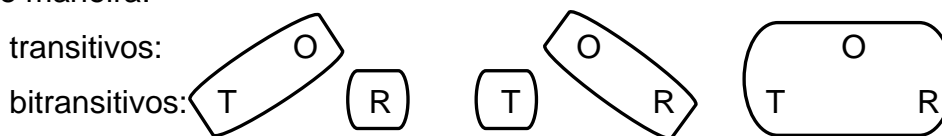
Dryer (2007) propõe notações análogas a S, A e O, em relação às orações bitransitivas, isto é, às orações com dois argumentos além do argumento mais agentivo. O autor usa o rótulo R para o argumento mais semelhante ao recipiente e T para o argumento tema, isto é, aquilo que é deslocado de um lugar ou que é atribuído a um local (DRYER, 2007, p. 254).

Castro Alves (2021, p. 5), seguindo a proposta de Dryer (2007), diagrama os rótulos de acordo com a transitividade da seguinte forma:

verbo intransitivo S
verbo transitivo A O⁷⁴
verbo bitransitivo A T R

Da mesma maneira que há variações em relação a como as línguas agrupam S, A e O, as línguas variam em como alinham os argumentos não-agentes, o O, T e R. Há sistemas que tratam o O da mesma forma que o T, enquanto o R é tratado de modo distinto ($O=T \neq R$). Há outros sistemas em que O é alinhado com o R e trata T diferentemente ($O=R \neq T$). Há, ainda, sistemas que tratam os três da mesma maneira (DRYER, 2007, p. 253-256).

Os três tipos de alinhamentos para os objetos podem ser esquematizados da seguinte maneira:



Nesta seção, as relações gramaticais da VBLJ serão observadas de acordo com as três características: a *marcação de caso*, a *ordem dos constituintes* e a *concordância verbal*, que expressam essas relações gramaticais, utilizando-nos dos rótulos acima.

4.2.1.1 Marcação de Caso

Os casos na VBLJ são marcados por morfemas que seguem os sintagmas nominais. Ao analisar as orações intransitivas abaixo, é possível verificar a relação entre o argumento único (S) dessas orações e o morfema *ga*.

172. a. (...)[*sono otokonoko no bousi ga*]_S *ton-da* *no*
DEM menino GEN chapéu *ga* voar-PASD NMLZ
‘O chapéu desse menino voou.’ (2017-06-25 HAS)
- b. [*yagi wo ture-ta ozisan ga*]_S *toor-u*
ovelha ACU levar-PASD senhor *ga* passar-NPASD
‘Passa um senhor que está levando uma ovelha.’ (2017-06-25 HAS)

⁷⁴ Castro Alves (2021) utiliza a notação P – argumento mais paciente. No entanto, deu-se preferência a O a fim de padronizar a notação neste trabalho, adaptando, assim, o diagrama da autora.

c. *sono sita ni wa [kago ga]s at-ta*
 DEM embaixo LOC TOP cesta ga existir-PASD

‘Embaixo disto tinha (uma) cesta(s)’ (2017-07-16 YN)

Observa-se que os argumentos únicos (S) das orações acima estão marcados com a morfema *ga*.

O argumento mais agente (A) das orações transitivas abaixo também é marcado por *ga*, enquanto o outro argumento da oração (O) é marcado pelo morfema *wo*.

173. a. (...) [*sono kodomo ga*]_A [*bousi wo*]_O *otosi-te (i)-ta no ne*
 DEM criança ga chapéu wo cair-CONV (existir)-PASD NMLZ né

‘É que essa criança tinha deixado cair o chapéu.’ (2017-09-16 EKT)

b. (...) [*dansei ga*]_A [*nasi wo*]_O *kat-te i-ru n desu ne*
 homem ga pera wo colher-CONV existir-NPASD NMLZ COP.POL né

‘É que o homem colhendo peras, né?’ (2018-05-15 CHH)

Constata-se pelos dados apresentados acima que tanto os Ss, em 172.a e 172.b, como os As, em 173.a e 173.b, são marcados pelo morfema *ga*, enquanto os Os são marcados por *wo*. Assim, podemos afirmar que, quanto à marcação de caso, a VBLJ apresenta alinhamento nominativo-acusativo. Ou seja, o argumento S é marcado da mesma forma que argumento A, enquanto o argumento O é tratado de maneira distinta.

Segue-se para os dados das orações bitransitivas, utilizando-se dos rótulos propostos por Dryer (2007) abordados previamente.

174. a. [[*nasi wo nusun-da*]_{Srel} *hito ga*]_A [*mit-tu nasi wo*]_T
 pera ACU roubar-PASD pessoa NOM três-CLS pera ACU
 [*sono sito ni*]_R *yat-te (...),*
 DEM pessoa DAT dar-CONJ

‘A pessoa que roubou as peras deu três peras para essa pessoa.’

(2017-12-08 RU)

b. [[*zitsensya ni not-te (i)-ta*]_{Srel} *otokonoko ga*]_A
 bicicleta LOC montar-CONV existir-PASD menino NOM

[*sono mit-tu no nasi wo*]_T [*sono hito-tati ni*]_R *yat-ta n des-u yo*
 DEM três-CLS GEN pera ACU DEM pessoa-PL DAT dar-PASD NMLZ COP ENF

‘É que o menino que estava montado na bicicleta deu três peras para essas pessoas.’

(2018-08-11 EK)

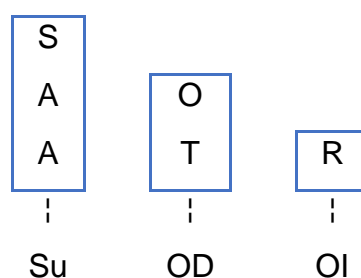
c. [*sono kudamono wo*]_T [*hito-ri ni*]_R
 DEM fruta ACU um-CLS.PES DAT

hito-tu-zutu watas-u wakena no
 um-CLS-cada entregar-NPASP razão NMLZ

‘É que (o menino) entrega essa fruta, uma para cada um.’ (2017-06-25 HAS)

Observa-se pelos dados acima que o R é seguido pelo morfema *ni*, que se distingue da marca tanto de A como de T. Organizando o alinhamento da marcação de caso da VBLJ obtém-se o quadro seguinte:

Quadro 18:
 Alinhamento da marcação de caso na VBLJ



No entanto, a marcação de caso de S, A e O podem variar. Os argumentos também podem vir marcados pelos morfemas *wa* ‘TOP’ ou *mo* ‘também’, além de poderem ocorrer sem nenhuma dessas marcas.

Observe abaixo os dados em que o argumento S das orações intransitivas é marcado por *wa*:

175. a. [*ozisan wa*]_s *hatarai-te* (*i*)-*ru* *no*
 senhor TOP trabalhar-CONV (existir)-NPASP NMLZ

‘É que o homem está trabalhando.’ (2018-02-10 AYS)

b. [*kodomo-tati wa*]_s *kaer-imas-ita*
 criança-PL TOP ir.embora-POL-PASP

‘As crianças foram embora.’ (2017-03-26 KT)

Nos dados acima, os argumentos Ss, *ozisan* ‘senhor’ e *kodomo-tati* ‘crianças’, dos respectivos verbos intransitivos, *hatarak-u* (alofone *hatarai-*) ‘trabalhar’ e *kaer-u* ‘ir embora, voltar’ estão marcados por *wa* ‘TOP’.

Do mesmo modo, o argumento A do verbo *mi-ru* ‘ver-NPASP’ também ocorre com o morfema de tópico *wa*, no exemplo 176 abaixo:

176. [*sono kodomo wa*]_A [*nasi wo*]_o *mi-te, (...)*
 DEM criança TOP pera ACU ver-CONJ

‘Essa criança viu a pera e ...’ (2018-05-19 EYT)

O morfema *wa* também segue o argumento O, como se observa no dado seguinte em que *nasi* ‘pera’ é topicalizado. O argumento A, por sua vez, não foi codificado. Observe:

177. *sono toki ni [nasi wa]o mit-tu no hako ni*
 DEM momento LOC pera TOP três-CLS GEN caixa LOC
ire-te i-masi-ta
 inserir-CONV existir-POL-PASD

‘Nesse momento, estava colocando as peras nas três caixas.’

(2018-04-21 KRT)

Como demonstrado acima, tanto a marca de nominativo como a marca de acusativo podem dar lugar ao morfema de tópico *wa* ao serem esses sintagmas topicalizados.

Outro morfema que ocorre onde se esperaria *ga* ‘NOM’ ou *wo* ‘ACU’ é *mo* ‘também’, como ilustrado nos dados seguintes:

178. a. [*nasi mo*]s *zenbu gorogoro tto korogat-tyat-ta no ne*
 pera também todo póim póim tto rolar-CONJ.acabar-PASD NMLZ né

‘As peras também acabaram rolando completamente, fazendo póim póim póim.’

(2017-09-16 EKT)

- b. *zitensya ni oti-ru mae ni, [sono kodomo mo]A*
 bicicleta LOC cair-NPASD antes LOC DEM criança também

[*bousi mo*]o *otosi-tyat-ta no ne*
 chapéu também derrubar-CONV.acabar-PASD NMLZ né

‘É que essa criança também acabou derrubando o chapéu também antes de cair da bicicleta.’

(2018-05-19 EYT)

- c. (...) [*sono san-nin no kodomotati ga*]A [*bousi mo*]o *kaesi-masi-ta*
 DEM três-CLS.PS GEN crianças NOM chapéu também devolver-POL-PASD

‘As três crianças devolveram o chapéu também’

(2018-08-11 TA)

A oração em 178.b, possivelmente, tem leituras distintas na língua japonesa e na VBLJ. Na língua japonesa, *mo* ‘também’ no SN *sono kodomo mo* ‘essa criança também’ significa que há mais de uma criança que acaba derrubando o chapéu. Na VBLJ, ao observar o contexto, a interpretação é de que o mesmo participante cai da bicicleta e acaba derrubando o chapéu também.

O dado abaixo mostra ainda que a marca do nominativo *ga* é opcional:

179. a. [*hukuro* ∅]s *ippai nat-ta kara,*
 saco cheio tornar-se-PASD por isso
ori-te ki-ta-ra, hitotu kago ga na-i
 descer-CONV vir-PASD-COND um-CLS cesta NOM não.existir-NPASD

‘Pelo saco ter enchido, quando (o homem) desceu, não tinha uma cesta.’

(2017-06-25 HAS)

- b. [[*ozisan* Ø]_A *éee tte si-tor-u*]_{Srel} *tokoro de owari-masi-ta*
 senhor ué tte fazer-ASP-NPASD momento LOC acabar-POL-PASD

‘Acabou (o vídeo) quando o senhor está fazendo “Ué?!”.’ (2017-09-30 THA)

- c. *orei ni [nasi wo]_T hito-tu-zutu [sono sannin no dansei ni]_R*
 gratidão DAT pera ACU um-CLS-cada DEM três-CLS.PES GEN menino DAT
kure-te age-ta no ne, [sono otokonoko Ø]_A
 dar-CONV dar-PASD NMLZ né DEM menino

‘É que em agradecimento, esse menino deu peras, um cada, para os três meninos, né.’ (2017-07-16 MT)

No dado em 179.b, o morfema apagado marcaria o argumento A da oração relativa (*S_{rel}*) que modifica o nominal *tokoro* ‘local’, complemento do SP locativo.

Assim como a marca do nominativo, a marca do acusativo também se mostra passível de omissão, como é verificado abaixo:

180. a. *sakki bideo ni ne, [hito-ri ozisan ga]_A [nasi Ø]_O*
 há pouco vídeo LOC né um-CLS.PS senhor NOM pera
tot-te (i)-ta no, ki kara
 tirar-CONV existir-PASD NMLZ árvore ABL

‘No vídeo há pouco, um senhor estava tirando peras da árvore.’ (2018-04-21 HMA)

- b. [*koko ni at-ta koto Ø]_O syabe-ru no?*
 aqui LOC existir-PASD fato falar-NPASD NMLZ

‘É para eu falar o fato que ocorreu aqui (vídeo)?’ (2018-03-03 YY)

No exemplo 180.a, *nasi* ‘pera’ não recebeu o morfema *wo* mesmo desempenhando função de argumento O. No dado 180.b, o argumento A não foi codificado e o argumento O, *koto* ‘coisa’, é modificado por uma oração relativa, *koko ni at-ta* ‘aconteceu aqui’.

Não foram encontrados casos de omissão do morfema *ni* que marca R, o argumento recipiente.

4.2.1.2 Ordem dos Constituintes

Outra propriedade que caracteriza as relações gramaticais das línguas é a ordem dos constituintes. Muitos dos dados utilizados nesta seção são os mesmos utilizados na seção anterior que trata da marcação de caso.

Nas orações intransitivas, o argumento único (S) ocorre antes do verbo, como é verificado nos dados apresentados em seguida:

181. a. (...) [*sono otokonoko no bousi ga*]_s *ton-da no*
 DEM menino GEN chapéu NOM voar-PASD NMLZ
 ‘O chapéu desse menino voou.’ (2017-06-25 HAS)
- b. (...) *sono aida ni [yagi wo ture-ta ozisan ga]*_s *toor-u*
 DEM espaço LOC ovelha ACU levar-PASD senhor NOM passar-NPASD
 ‘Nesse espaço (de tempo), passa um senhor que está levando uma ovelha.’
 (2017-06-25 HAS)

A ordem continua igual mesmo quando o S é topicalizado pela partícula *wa*, como se segue:

182. a. [*ozisan wa*]_s *hatarai-te (i)-ru no*
 senhor TOP trabalhar-CONV (existir)-NPASD NMLZ
 ‘É que o homem está trabalhando.’ (2018-02-10 AYS)
- b. [*kodomo-tati wa*]_s *kaer-imas-ita*
 criança-PL TOP ir.embora-POL-PASD
 ‘As crianças foram embora.’ (2017-03-26 KT)

Desse modo, seja marcado pelo morfema de sujeito *ga*, em 181.a e 181.b, ou com a marca de tópico *wa*, em 182.a e 182.b, o argumento S se apresenta em posição pré-verbal.

O argumento S pode ser separado do sintagma verbal por um componente não nuclear (S X V), como pode ser visto no dado seguinte:

183. [*Sono hito-ri hito wa*]_s *pinpon mitai no omotya de/*
 DEM um-CLS.PS pessoa TOP ping pong parecido GEN brinquedo INST
bolinha de ason-de (i)-ta
 bolinha INST brincar-CONV (existir)-PASD
 ‘Essa uma pessoa estava brincando com um brinquedo parecido com ping pong/
 com uma bolinha’ (2017-07-23 YS)

Na oração acima, o colaborador repete o sintagma com a semântica instrumental a fim de esclarecer com o que a pessoa estava brincando.

Nas orações transitivas, constata-se nos dados que tanto o argumento A como o O também se posicionam pré-verbalmente. Verifique as amostras abaixo com ordem A O V:

184. a. (...) [*sono kodomo ga*]_A [*bousi wo*]_O *otosi-te (i)-ta no ne*
 DEM criança NOM chapéu ACU cair-CONV (existir)-PASD NMLZ né
 ‘É que essa criança tinha deixado o chapéu cair.’ (2017-09-16 EKT)

- b. (...) [*dansei ga*]_A [*nasi wo*]_O *kat-te* *i-ru* *n* *desu* *ne*
 homem NOM pera OBJ colher-CONV existir-NPASP NMLZ COP.POL né
 ‘É que o homem colhendo peras, né?’ (2018-05-15 CHH)

Assim como o argumento S nas orações intransitivas, o argumento O pode ser separado do sintagma verbal por um componente não nuclear, seguindo a ordem (A) O X V, como pode ser visto no dado seguinte:

185. [*nasi wo*]_O *issyokenmei* *syuukakusi-te* *i-mas-u*
 pera ACU empenhadamente colher-CONV existir-POL-NPASP
 ‘(O homem) está colhendo as peras empenhadamente.’ (2018-05-15 CHH)

No dado 185, o argumento O, *nasi* ‘pera’, é separado do sintagma verbal *syuukakusite imasu* ‘está colhendo’ pelo advérbio *issyokenmei* ‘empenhadamente’. O argumento A não foi expresso nesta oração, tendo sido extraído pelo contexto da narrativa.

Com verbos bitransitivos, o verbo segue sendo o último elemento da oração. Assim, o T é seguido pelo R, ambos ocorrendo antes do verbo. Observe os dados previamente apresentados em 174 replicados em 186 abaixo, com ordem (A) T R V:

186. a. [[*nasi wo nusun-da*]_{Srel} *hito ga*]_A [*mit-tu nasi wo*]_T
 pera ACU roubar-PASP pessoa NOM três-CLS pera ACU
 [*sono sito ni*]_R *yat-te* (...),
 DEM pessoa DAT dar-CONJ
 ‘A pessoa que roubou as peras deu três peras para essa pessoa.’
 (2017-12-08 RU)

- b. [*zitensya ni not-te* (*i-ta* *otokonoko ga*)]_A
 bicicleta LOC montar-CONV existir-PASP menino NOM
 [*sono mit-tu no nasi wo*]_T [*sono hito-tati ni*]_R *yat-ta* *n* *des-u* *yo*
 DEM três-CLS GEN pera ACU DEM pessoa-PL DAT dar-PASP NMLZ COP ENF
 ‘É que o menino que estava montado na bicicleta deu três peras para essas pessoas.’
 (2018-08-11 EK)

- c. [*sono kudamono wo*]_T [*hito-ri ni*]_R
 DEM fruta ACU um-CLS.PES DAT
hito-tu-zutu watas-u wakena no
 um-CLS-cada entregar-NPASP razão NMLZ
 ‘É que (o menino) entrega essa fruta, uma para cada um.’ (2017-06-25 HAS)

O argumento A, ‘o menino’, em 186.c, não é codificado pelo falante, sendo inferido pelo contexto e pelas orações precedentes.

Também foram encontrados dados em que o argumento mais recipiente (R) ocorre antes do tema (T):

187. a. [*kodomo wa*]_A [*sono san-nin no kodomo ni*]_R *mit-tu no,*
 criança TOP DEM três-CLS GEN criança DAT três-CLS GEN
hito-tu, [*hito-ri hito-ri ni*]_R [*nasi wo*]_T *age-masi-ta*
 um-CLS um-CLS.PES um-CLS.PES DAT pera ACU dar-POL-PASD
 ‘A criança deu três..., uma pera para cada um.’ (2018-03-03 HHS)

- b. [*kodomo wa*]_A [*sono sannin no otoko-tati ni*]_R
 criança TOP DEM três-CLS.PES GEN homem-PL DAT
 [*nasi wo*]_T *kure-ta no/ age-ta no*
 pera ACU me.dar-PASD NMLZ dar-PASD NMLZ
 ‘É que a criança deu peras para esses três homens.’ (2018-04-21 KRT)

Os argumentos também podem ocorrer após o verbo. A pausa colocada entre o verbo e os argumentos sugere que são casos de adendos de informações feitos após finalização prévia da oração. Observe os dados ilustrativo com disposição V S abaixo:

188. *zenbu oti-te simat-ta, [kago ni at-ta nasi ga]*_s
 tudo cair-CONV acabar-PASD cesta LOC existir-PASD pera NOM
 ‘Acabaram tudo caindo, as peras que estavam na cesta.’ (2018-03-03 YY)

No exemplo 188, o colaborador acrescenta o sintagma S, *kago ni atta nasi ga* ‘a pera que estava na cesta’, após o verbo.

O dado a seguir, apresentado anteriormente em 179.c e replicado em 189 abaixo, mostra que o argumento A da oração bitransitiva também pode ocorrer após o verbo.

189. *orei ni [nasi wo]*_T *hito-tu-zutu [sono sannin no dansei ni]*_R
 gratidão COP.ADV pera ACU um-CLS-cada DEM três-CLS.PES GEN menino DAT
*kure-te age-ta no ne, [sono otokonoko]*_A
 dar-CONV dar-PASD NMLZ né DEM menino
 ‘É que em agradecimento, esse menino deu peras, um cada, para os três meninos, né.’ (2017-07-16 MT)

Assim como é o caso dos argumentos S e A já demonstrados, o R também pode ocorrer pós-verbalmente como adendo de informações, obtendo-se a ordem T V T R.

190. *orei ni [nasi wo]*_T *age-run des-u yo ne,*
 gratidão COP.ADV pera ACU dar-NPASD.NMLZ COP.POL-NPASD ENF né
 O OI
 [*nusunda nasi wo*]_T, [*syounen san-nin ni*]_R
 roubada pera ACU jovem três-CLS.PES DAT

‘É que em agradecimento deu as peras né? As peras roubadas, para as três crianças.’ (2017-12-08 TI)

Na oração em 190, tanto o T como o R são adicionados depois do verbo. Apesar de o T, *nasi* ‘peras’, ocorrer antes do verbo, o sintagma é repetido pós-verbalmente acrescido da informação de que se trata das ‘peras roubadas’.

A partir dos dados acima apresentados, não se pode saber se o argumento S está alinhado com A ou O, não sendo possível, assim, estabelecer um sistema de relações gramaticais quanto à ordem de constituintes.

4.2.1.3 Concordância Verbal

Em relação a concordância verbal, a VBLJ não apresenta, no verbo, marcação de *número*, *gênero* ou *persona* dos argumentos S, A ou O, o que será demonstrado com os dados abaixo.

Observe que, apesar de os argumentos das orações mudarem em *número*, não há marcas no verbo que indiquem essa variação.

Apresenta-se três orações com o mesmo verbo, *toor-u* ‘passar-NPASD’, com variação em número do argumento S:

191. a. [*yagi* *wo* *ture-ta* *ozisan* *ga*]s ***toor-u***
 ovelha ACU levar-PASD senhor NOM passar-NPASD
 ‘Passa um senhor que acompanhado de uma ovelha.’ (2017-06-25 HAS)
- b. [*iron* *na* *hito* *ga*]s ***toor-u*** *n* *desu* *yo*
 variados COP.ADJ pessoa NOM passar-NPASD NMLZ COP ENF
 ‘É que passam várias pessoas.’ (2018-08-11 EK)

As orações intransitivas acima têm como argumento S *ozisan* ‘senhor’ e *iron na hito* ‘várias pessoas’, em 191.a e 191.b, respectivamente. Apesar de os argumentos variarem em número, não se observa mudanças no verbo que possam indicar essa variação do S.

Tampouco se observa no verbo marcas que indiquem concordância em número como o argumento A ou O nas orações transitivas. Seguem duas orações com o mesmo verbo transitivo *mi-ru* ‘ver-NPASD’, com variação em número do argumento A.

192. a. [*ozisan* *ga*]A *nani* *wo* *kangae-ta-n* *da-rou* *ka*
 senhor NOM o que ACU pensar-PASD-NMLZ COP-SUP Q

[sono ko-tati wo]o **mi-te** (i)-ta
 DEM criança-PL ACU ver-CONV existir-PASD

‘O senhor, o que será que estava pensando, estava olhando essas crianças.’
 (2017-07-16 YN)

b. Sore ni [san-nin otokonoko ga]A [sore wo]o **mi-te**,
 isso LOC três-CLS.PS menino NOM isso ACU ver-CONJ
 zitensya no kou tetsudatte, kaerimasita
 bicicleta GEN assim ajudar-CONJ ir embora-POL-PASD

‘Além disso, os três meninos viram isso e ajudaram assim da bicicleta e foram embora.’
 (2018-05-18 SYA)

No dado 192.a, o sujeito agente é *ozisan* ‘senhor’, enquanto em 192.b o sujeito é *sannin otokonoko* ‘três meninos’. No entanto, não há marcas no verbo que indiquem essa distinção.

Utilizando-se ainda dos dados acima, verifica-se que o argumento O não é marcado no verbo em relação ao número. O dado em 192.a tem como argumento O *sono kotati* ‘essas crianças’ enquanto o 192.b tem *sore* ‘isso’, mas não há no verbo qualquer marca de concordância com o argumento O.

A variação em número do argumento R tampouco é marcada no verbo, fato que pode ser confirmado nos dados apresentados em 186. Observe que o nominal seguido do morfema *ni* em 186.a é *sono sito* ‘essa pessoa’, enquanto em 186.b é *sono hitotati* ‘essas pessoas’. No entanto, não há concordância no verbo em relação ao número do argumento R.

Não se nota também marcas no verbo que indiquem concordância com a pessoa do argumento A na VBLJ. Abaixo, duas orações em que os argumentos A diferem quanto a pessoa, mas não há marcas no verbo que indiquem concordância com A.

193. a. *nasi no ki da to omoi-mas-u*
 pera GEN árvore COP CMLZ pensar-POL-PASD
 ‘(Eu) acho que é uma árvore de pera.’ (2017-09-16 EKT)

b. [sono hito ga]A [cesta wo]o **mi-te** *huta-tu dake at-ta kara*,
 DEM pessoa NOM cesta ACU ver-CONJ dois-CLS só existir-PASD por isso
okasi-i na to omot-ta
 estranho-NPASD né CMLZ pensar-PASD
 ‘Essa pessoa viu a cesta e como só havia dois cestas, pensou: Que estranho.’ (2018-03-03 TY)

Apesar de não expresso formalmente, o agente do verbo *omo-u* ‘pensar-NPASP’, em 193.a, é a primeira pessoa, o narrador. Ao descrever o vídeo, o colaborador diz acreditar serem de pera, as árvores que apareceram no vídeo. Em 193.b, é possível constatar pelo contexto que o agente de *omo-u* (alomorfe *omot* quando seguido de morfemas iniciados com *t*) se refere a *sono hito* ‘essa pessoa’. Desse modo, é possível afirmar que não há nos dois verbos apresentados nenhuma marca que distinga o argumento A de primeira pessoa e de terceira pessoa na oração.

Observe mais alguns exemplos que demonstram não haver marca de pessoa no verbo.

194. a. *Setumei-s-i-mas-u*
explicação-fazer-VT-POL-NPASP
‘(Eu) vou explicar.’ (2018-05-15 CHH)

b. *Grava-s-u-ru* *no?*
gravar-fazer-VT-NPASP NMLZ
‘(Você) vai gravar?’ (2017-12-08 KY)

b. *tori ga canta-s-u-ru*
ave NOM cantar-fazer-VT-NPASP
‘A(s) ave(s) canta(m).’ (2017-07-23 DIN))

O sujeito é, mais uma vez, omitido nas orações 194.a e 194.b, no entanto, é possível recuperá-los pelo contexto de fala. A frase em 194.a é a primeira coisa dita pelo colaborador ao iniciar a narrativa, sendo o sujeito, portanto, a primeira pessoa, eu. A expressão em 194.b também se refere à primeira coisa dita pelo colaborador antes de começar a contar a história. Assim, a pergunta é dirigida ao pesquisador que iniciou a gravação.

O verbo também não recebe concordância em relação ao gênero de seus argumentos, como é possível verificar nos dados abaixo:

195. a. *Onnanoko wa sassa to it-te simat-ta*
menina TOP apressadamente to ir-CONV acabar-PASD
‘A menina acabou indo apressadamente.’ (2017-07-16 YN)

b. *san-nin-gumi ga nasi wo tabe-tabe tabe-te toot-te*
três-CLS.PES-grupo NOM pera ACU comer-comer comer-CONJ passar-CONJ
it-te simou-ta
ir-CONV acaba-PASD

‘O grupo de três comendo, comendo a pera passaram e acabaram indo.’
(2017-12-08 RU)

Assim, pelo exposto acima, pode se afirmar que a concordância verbal é uma propriedade que não se aplica às relações gramaticais da VBLJ.

4.2.2 Tipos de Orações

Os tipos de oração tratados nesta seção se referem a como um mesmo evento ou situação pode ser descrito sob diferentes perspectivas com consequências gramaticais. Primeiro, serão tratadas as orações ativas, em seguida as orações reflexivas e, por fim, as orações passivas.

4.2.2.1 Orações Ativas

Assim como a língua japonesa falada no Japão e como explorado na seção anterior, a VBLJ é uma língua de verbo final apresentando a ordem S V para orações intransitivas e A O V para orações transitivas. A língua marca o S e o A com o morfema de caso *ga* e o O com o morfema *wo*. E não apresenta indexação no verbo de nenhum dos argumentos.

196. a. *bideo ga owari-masi-ta*
vídeo NOM acabar-POL-PASD

‘O vídeo acabou.’

(2017-12-15 ATO)

b. *Sono otokonoko-tati ga sono kodomo wo tetudai hazime-masi-ta*
DEM menino-PL NOM DEM criança ACU ajudar começar-POL-PASD

‘Esses meninos começaram a ajudar essa criança.’

(2018-04-21 KRT)

As orações ativas na VBLJ são não marcadas em relação à voz. Os dados apresentados em sequência demonstram a ausência de marcação.

4.2.2.2 Orações Interrogativas

Foram encontrados ao menos três recursos usados pela VBLJ para expressar orações interrogativas. São elas: a) o uso de morfema *ka* no final da oração; b) elevação de entonação do verbo, e c) aplicação do morfema *no* ao final da sentença com elevação da entonação.

Os dados em 197.a e 197.b são exemplos de orações expressas pelo morfema *ka* em final de oração.

197. a. *Dokka nuke-ta toko at-ta ka*
 onde.Q faltar-PASD lugar existir-PASD Q
 ‘Tem algum lugar faltando?’ (2017-09-30 THA)

b. *koitu-ra ga tot-ta n ka*
 sujeito-PL NOM pegar-PASD NMLZ Q
 ‘Esses sujeitinhos é que pegaram?’ (2018-05-18 CMM)

Já os dados em 198.a e 198.b são orações interrogativas expressas com elevação da entonação no verbo.

198. a. *Are douga tyu-u↗*
 DEM vídeo Cmplz.dizer-NPASD
 ‘Aquilo se chama vídeo?’ (2017-06-25 HAS)

b. *nan te i-u↗*
 oque Cmplz dizer-NPASD
 ‘Como se diz?’ 2018-05-18 CMM

Por fim, seguem os dados em que a pergunta é expressa pelo morfema nominalizador *no* em combinação com a elevação da entonação neste mesmo morfema.

199. a. [*koko ni at-ta*]_{Srel} *koto syabe-ru no↗*
 aqui LOC existir-PASD coisa falar-NPASD NMLZ
 ‘É para falar o que houve aqui?’ (2018-03-03 YY)

b. *Grava-s-u-ru no?↗*
 gravar-fazer-VT-NPASD NMLZ
 ‘Vai gravar?’ (2017-12-08 KY)

São essas as três estratégias que a VBLJ usa para expressar orações interrogativas.

Uma observação paralela em relação ao dado em 199.b é o empréstimo da língua portuguesa. O verbo do português ‘gravar’ conjugado na terceira pessoa do singular, tempo presente do indicativo, é seguido do verbo *su-ru* ‘fazer-NPASD’ em japonês.

O fenômeno é similar aos nomes-verbais da língua japonesa falada no Japão descritos por Shibatani (vide 1.2.1.6 Categorias lexicais). Algumas palavras, principalmente de origem sino-japonesa, predicam ao serem sufixadas com o verbo

su-ru ‘fazer-NPASP’. No caso do dado acima, o verbo da língua portuguesa é adaptado gramaticalmente às regras da língua japonesa.

4.2.2.3 Orações Reflexivas

Lichtenberk (1999) considera que uma *situação reflexiva prototípica* é aquela em que “um participante age sobre si mesmo, ao invés de qualquer outro” (p. 313), como em *O gato se lambeu*. Em outras palavras, um participante atua ao menos duas vezes desempenhando papéis distintos em uma situação: o papel de agente e o de paciente, ou o de agente e o de possuidor (LICHTENBERK, 1999, p. 314).

Ainda segundo o mesmo autor, uma **situação reflexiva** não necessariamente é expressa por uma **construção reflexiva** e/ou com **marcadores especiais reflexivos**. As orações como *The man shaved* ‘O homem se barbeou’ como do inglês são expressas sem o uso desse tipo de construção. Por mais que a língua tenha construções e marcadores reflexivos, ações como essa mais comumente realizadas em si mesma que em outros não fazem uso de construções reflexivas (LICHTENBERK, 1999, p. 313).

Dentre as línguas que codificam as situações reflexivas, há diferentes tipos de marcadores especiais reflexivos. Lichtenberk (1999, p. 313) classifica as codificações das reflexivas em três grupos: **reflexivos nominais**, **verbais** e **possessivos**, definindo-os da seguinte maneira:

- a) reflexivos nominais, em que o marcador exhibe propriedades características de nomes ou pronomes na língua;
- b) reflexivos verbais, em que o marcador faz parte da morfologia associada aos verbos (um afixo, um clítico ou uma partícula); e
- c) reflexivos possessivos, onde o marcador exhibe propriedades características de certas formas possessivas, como adjetivos possessivos.⁷⁵

(LICHTENBERK, 1999, p. 313)

Na VBLJ, a construção reflexiva exhibe o marcador reflexivo *zibun*, que apresenta características nominais (ver capítulo 3 para as características nominais da VBLJ).

⁷⁵ No original: “(a) nominal reflexives, where the marker exhibits properties characteristic of nouns or pronouns in the language; (b) verbal reflexives, where the marker is part of the morphology associated with verbs (an affix, a clitic, or a particle); and (c) possessive reflexives, where the marker exhibits properties characteristic of certain possessive forms, such as possessive adjectives.”

Lichtenberk (1999, p. 314) aponta que, em aspectos formais, em uma construção reflexiva prototípica do tipo nominal, o marcador reflexivo ocorre como objeto direto e o antecedente ao qual ele se refere funciona como sujeito. O marcador reflexivo codifica o paciente, enquanto seu antecedente, o agente. O antecedente corresponde apenas a um sintagma nominal. No entanto, essas propriedades variam de língua para língua.

Logo, considerando as definições de Lichtenberk (1999), um exemplo de oração reflexiva prototípica, na VBLJ, seria:

200. *Hanako wa itsumo zibun wo seme-ru*
Hanako TOP sempre próprio ACU repreender-NPASD

‘Hanako sempre se repreende.’ (da autora)

No entanto, nos dados da VBLJ coletados nesta pesquisa não foram encontradas construções reflexivas nominais prototípicas como as descritas por Lichtenberk (1999). Todavia, nota-se nos dados da VBLJ que os ambientes em que o marcador reflexivo pode ocorrer vão além do objeto direto. Essa afirmação está de acordo com Lichtenberk (1999) que o descreve os ambientes em que o marcador reflexivo ocorre nas línguas com estratégia reflexiva nominal. Pela independência fonológica e pelas propriedades (pro)nominais, o conjunto de ambientes sintáticos em que as reflexivas nominais podem ocorrer são maiores em comparação aos reflexivos verbais e possessivos (LICHTENBERK, 1999, p. 314).

Abaixo, casos de situações reflexivas em que o marcador ocorre em posição tipicamente nominal, como complemento de sintagma posposicional genitivo e locativo.

A
201. [*otokonoko*_i wa]_{suj}
menino TOP
*[kago ni hait-te (i)-ta, syuukaku si-ta, takusan no nasi wo]*_{obj}
cesta LOC inserir-CONJ existir-PASD colheita fazer-PASD muitos GEN pera ACU

V
[[*zibun*_i no] zitensya ni]_{Loc} hakon-de, hasiri dasi-ta no ne
próprio GEN bicicleta LOC carregar-CONJ correr começar-PASD NMLZ né

É que o menino carregou na própria bicicleta as inseridas na cesta, as colhidas, as muitas peras e começou a correr. (2017-12-15 ATO)

No dado acima, *zibun* tem como antecedente *otokonoko* ‘menino’, sujeito da oração. *Zibun* indica o possuidor da bicicleta e ocorre como SN complemento do SP genitivo, *zibun no zitensya ni* ‘na própria bicicleta’, da oração.

Veja outro exemplo de *zibun* como SN complemento do SP genitivo:

A					V			
202. [Ø _i]	[[zibun _i	<i>no</i>]	<i>onaka</i>	<i>ni</i>] _{loc}				
	próprio	gen	barriga	loc				
O					V			
[<i>siroi</i>	<i>hukuro</i>	<i>mitai</i>	<i>na</i>	<i>mono</i>	<i>wo</i>] _{obj}	<i>mot-te</i>	<i>i-te, (...)</i>	
branco	saco	parecido	COP.CONJ	coisa	ACU	pegar-CONV	existir-CONJ	

‘O homem segurava uma coisa parecida com saco branco na própria barriga’
(2018-05-18 FTY)

Em 202, o sujeito da oração, o antecedente de *zibun*, não foi codificado pelo falante, mas ao retroceder algumas orações no discurso, identifica-se *seiyoukei no dansei* ‘homem ocidental’ que é o possuidor de *onaka* ‘barriga’. Assim, *zibun* ocorre como SN complemento do SP genitivo, como no exemplo anterior.

Ao descrever as construções reflexivas, Lichtenberk (1999, p. 314) relata que há línguas em que não necessariamente o antecedente e o marcador reflexivo precisam estar na mesma oração. É o caso da VBLJ, como pode ser verificado abaixo:

S				V			
203. [<i>kodomo</i> _i	<i>ga</i>] _{suj}	<i>ki-te,</i>					
criança	NOM	vir-CONJ					
				S			V
[<i>zidensya</i>	<i>ni</i>	<i>not-te</i>	<i>(i)-ta</i>	<i>kodomo</i>	<i>ga</i>] _{suj}	<i>ki-te,</i>	
bicicleta	LOC	montar-CONJ	existir-PASD	criança	NOM	vir-CONJ	

‘Uma criança vem, uma criança montada na bicicleta e ...’

A	O			O			
Ø _i	[<i>sito-tu</i>	<i>dake</i>] _{obj}	[[zibun _i	<i>ga</i>]	<i>tabe-tai</i>	<i>dake</i>] _{obj}	
	um-CLS	só	próprio	NOM	comer-DES	só	
V							
<i>nusun-de</i>	<i>ik-eba</i>	<i>ii</i>	<i>noni</i>				
roubar-CONJ	ir-COND	bom	mas				
<i>kago</i>	<i>hitotu</i>	<i>marugoto</i>	<i>ni</i>	<i>mot-te</i>	<i>(i)-tyat-ta</i>	<i>no</i>	
cesta	um	inteiro	COP.ADV	levar-CONJ	(ir)-acabar-PASD	NMZL	

‘... seria bom se roubasse apenas uma (pera), apenas o que ela mesma quer comer, mas acabou levando inteiramente uma cesta.’ (2018-02-10 AYS)

O antecedente do marcador, no dado 203, está na oração anterior, sendo as duas orações ligadas por coordenação. Assim, na VBLJ a condição de o marcador

reflexivo e seu antecedente estarem na mesma oração não precisa ser preenchida, mostrando ser uma língua com *reflexivos de longa distância*, como são chamados quando o antecedente e o marcador reflexivo estão em orações distintas.

No trecho que se segue, *zibun* ocorre no SN complemento do SP locativo.

204.	[<i>kega</i> ferida	<i>ga</i> NOM	<i>na-i</i> não.existir-NPASP	<i>ka</i>] _{OBJ} , Q		
	[[<i>zibun</i> próprio	<i>ni</i>] _{LOC} LOC	<i>kega</i> ferida	<i>ga</i> NOM	<i>na-i</i> não.existir-NPASP	<i>ka</i>] _{OBJ} Q
		V				
	<i>tte</i> <i>tte</i>	<i>mi-te</i> ver-CONJ	<i>i-ru</i> existir-NPASP			

‘É que (o menino) estava olhando se não havia ferida, se não havia ferida nele mesmo.’ (2018-05-18 CMM)

No dado acima, o antecedente não só não aparece na mesma oração, como só pode ser recuperado em orações anteriores. Apesar disso, pelo contexto da narração, é possível afirmar que o antecedente é ‘o menino que caiu da bicicleta’.

Em 204, a oração complementar objeto, [*kega ga nai ka*] ‘se não há ferida’, é repetida duas vezes. Primeiro sem e depois com o acréscimo do SN complemento do SP locativo, *zibun ni* ‘em si mesma’, dando ao marcador reflexivo um caráter enfático.

Observe o dado abaixo em que o marcador ocorre no sintagma posposicional:

	A					
205.	[<i>imin</i> imigração	<i>de</i> INS	<i>ko-rare-ta</i> vir-HON-PASP	<i>hito</i> pessoa	<i>nan</i> o que	<i>ka</i>] _{suje} Q (tal como)
	O					
	[<i>miso</i> missô	<i>made</i> até				
		V				
	[<i>zibun</i> próprio	<i>de</i> INS	<i>tukut-ta</i> fazer-PASP	<i>n</i> NMLZ	<i>da</i> COP	<i>mon</i> coisa
						<i>ne</i> né

‘A coisa é que as pessoas que vieram por meio de imigração até *missô* fizeram por elas mesmas.’ (2017-12-12 KI)

No extrato acima, *zibun* ocorre como complemento do SP instrumental e tem como antecedente *imin de korareta hito* ‘pessoas que vieram como imigrantes’.

Outra característica do marcador reflexivo é o fato de não variar em relação ao número da entidade que indica. Uma vez que a informação de que produziam

*miso*⁷⁶ não se refere a uma pessoa em específico e sim às pessoas que vieram como imigrantes, é possível afirmar a partir do dado que *zibun* não varia em número.

Lichtenberk (1999, p. 314) aponta que, além das possíveis restrições em relação à posição do marcador reflexivo, pode haver, entre as línguas, restrições quanto à natureza e ao tipo de argumento que pode atuar como antecedente. Nos dados da VBLJ, todos os antecedentes de *zibun* são animados e todos são, também, o sujeito da oração.

Ao sistematizar as características das construções reflexivas com marcador reflexivo *zibun* encontradas nesta pesquisa, temos:

1. O marcador reflexivo *zibun* ocorre como objeto direto e em SNs complementos dos SPs genitivo, locativo, instrumental e nominativo;
2. O antecedente ao qual o marcador reflexivo se refere funciona como sujeito, muito embora a condição de o marcador e seu antecedente estarem na mesma oração não precisa ser preenchida;
3. Não há concordância entre *zibun* e seu antecedente em relação a número;
4. Os antecedentes de *zibun* são animados;
5. O marcador reflexivo pode aparecer na posição de sujeito de uma oração subordinada.

Apesar de não terem sido encontradas construções reflexivas nominais prototípicas nos dados coletados nesta pesquisa, muitas das características de marcadores reflexivos da VBLJ correspondem àquelas descritas por Lichtenberg (1999) em relação aos reflexivos nominais.

4.2.2.4 Construções Passivas

As línguas, segundo Payne (2006), apresentam construções de voz que afetam a relação entre os papéis semânticos e gramaticais, como é o caso da voz passiva. Enquanto na voz ativa o agente, geralmente, ocupa o lugar de sujeito e o paciente o lugar do objeto, nas orações passivas prototípicas o paciente é o sujeito e o objeto surge com um papel oblíquo (p. 237).

⁷⁶ *miso* ou *missô*- pasta de soja cozida e fermentada frequentemente usada na culinária japonesa.

Siewierska (2013) detalha as propriedades das construções passivas da seguinte maneira:

- i. contrasta com uma construção, a **ativa**;
 - ii. o sujeito da ativa corresponde a um sintagma oblíquo não obrigatório na passiva ou não é expresso explicitamente;
 - iii. o sujeito da passiva, se houver, corresponde ao objeto direto da ativa;
 - iv. a construção é pragmaticamente restrita em relação à ativa
 - v. a construção exibe alguma marcação morfológica especial no verbo.⁷⁷
- (SIEWIERSKA, 2013)

A autora traz o Swahíli como exemplo de uma construção passiva prototípica:

206. a.	<i>Hamisi</i>	<i>a-li-pik-a</i>	<i>chakula</i>	Ativa
	Hamisi	3SG-PASD-cozinhar-IND	comida	
	‘Hamisi cozinhou a/alguma comida.’			
b.	<i>chakula</i>	<i>ki-li-pik-w-a</i>	(<i>na Hamisi</i>)	Passiva
	comida	3SG-PASD-cozinhar-PASS-IND	por Hamisi	
	‘A comida foi cozida (por Hamisi).’ (Siewierska (2013) Ashton 1947: 224)			

Observe no exemplo que o objeto da oração ativa, *chakula* ‘comida’, toma o lugar do sujeito na oração passiva e o sujeito da ativa é demovido para um oblíquo. O verbo, por sua vez, recebe marcação morfológica indicando a construção passiva.

A distinção formal entre uma construção ativa e passiva consiste na mudança no sintagma verbal (KEENAN e DRYER, 2007, p. 332). Quanto à forma que as línguas marcam essas mudanças no sintagma verbal, as orações passivas podem ser classificadas em **passivas sintéticas** (morfológicas) ou **perifrásticas** (analíticas). As passivas sintéticas são formuladas por meio de afixação verbal, como é o caso do Swahíli ilustrado acima. As passivas perifrásticas, por sua vez, são feitas com o uso de uma forma de particípio do verbo lexical mais um verbo auxiliar, como é o caso do inglês (SIEWIERSKA, 2013) e da língua portuguesa.

É feita, ainda, a distinção de **passivas pessoais** e **impessoais**. As passivas pessoais se referem às construções similares à apresentada no exemplo 206.b: o sujeito da ativa é demovido para um oblíquo, quando não suprimido totalmente, e o paciente da ativa é promovido para sujeito da oração passiva. As passivas

⁷⁷ No original:

- I. it contrasts with another construction [sic], the **active**;
- II. the subject of the active corresponds to a non-obligatory oblique phrase of the passive or is not overtly expressed;
- III. the subject of the passive, if there is one, corresponds to the direct object of the active;
- IV. the construction is pragmatically restricted relative to the active;
- V. the construction displays some special morphological marking of the verb.

impessoais, por sua vez, envolvem apenas o rebaixamento do agente para um oblíquo mantendo o paciente como objeto. O agente rebaixado pode ou não ser expresso dependendo da língua (SIEWIERSKA, 2013). Observe um exemplo de passiva impessoal no Canarês, uma língua dravídica:

207. a. *ya:ro:* *i:* *nirNayav-annu* *khaNDisidaru* **Ativa**
 alguém esse resolução-ACU denunciar.PASD.3PL.HUM

‘Alguém denunciou essa resolução’

b. *i:* *nirNayav-annu* *khaNDisala:yitu* **Passiva**
 essa resolução-ACU denunciar.INF.tornar.3N

‘Essa resolução foi denunciada.’ (SRIDHAR apud SIEWIERSKA, 2013)

O objeto direto da oração ativa em 207.a se mantém como objeto na passiva, como pode ser observado pelo sufixo acusativo *-annu* em 207.b. O auxiliar passivo é representado por *a:gu* ‘tornar’, que não concorda com *nirNayav-annu* ‘resolução-ACU’, comprovando não ser ele o sujeito da oração. No caso do Canarês, não é possível ter o agente expresso na passiva, mas não é uma regra das passivas impessoais. Há línguas em que o agente é evidenciado (SIEWIERSKA, 2013).

4.2.2.4.1 Construções Passivas na Língua Japonesa

A língua japonesa tem construções passivas prototípicas, similares às descritas acima por Siewierska (2013), em que o agente da oração ativa é demovido do papel de sujeito para o de oblíquo e o paciente é promovido a sujeito da oração passiva. Observe dois exemplos dados por Shibatani (1990, p. 318, adaptado⁷⁸):

208. a. *Tomodati ga Taroo wo nagur-u* **Ativa**
 amigo NOM Tarou ACU agredir-NPASD

‘O amigo bate o Tarou.’

b. *Taroo wa tomodati ni nagur-are-ta* **Passiva**
 Tarou TOP amigos DAT agredir-PASS-PAST

‘Tarou foi agredido pelo amigo.’

209. a. *Zirou ga Taroo wo koros-u* **Ativa**
 Zirou NOM Taro ACU matar-NPASD

‘Zirou matou Taro.’

b. *Taroo wa Zirou ni koros-are-ta* **Passiva**

⁷⁸ A adaptação é referente à regra de transliteração adotada neste trabalho que não é a mesma adotada por Shibatani (1990).

Taro TOP Zirou DAT matar-PASS-PASD

'Tarou foi morto por Zirou.'

O objeto da oração ativa, *Tarou*, tanto em 208.a como em 209.a, é promovido a sujeito da oração passiva e o agente é demovido para o papel de oblíquo, no caso do japonês marcado pelo dativo *ni*. É o caso de *tomodati* 'amigo' e *Zirou* nas orações 208.b e 209.b, respectivamente. Na oração passiva, o morfema *-(r)are* é sufixado à raiz verbal. Assim, a língua japonesa usa a estratégia morfológica (passivas sintéticas) para codificar as construções passivas.

Os sintagmas marcados pela posposição *ni*, isto é, os agentes da ação não são necessariamente codificados na oração passiva (TSUJIMURA, 2007, p. 278).

210. a. *Doroboo ga e wo nusun-da* **Ativa**
ladrão NOM pintura ACU roubar-PASD

'O ladrão roubou a pintura.'

b. *e ga (doroboo ni) nusum-are-ta* **Passiva**
pintura NOM ladrão DAT roubar-PASS-PASD

'A pintura foi roubada pelo ladrão. (TSUJIMURA, 2014, p. 274)

Os exemplos de orações passivas apresentados até aqui (208 a 210) se encaixam nas passivas pessoais descritas por Siewierska (2013). No entanto, há na língua japonesa registro de uma construção passiva semântica e sintaticamente distinta das passivas prototípicas apresentadas acima. Essas construções são chamadas, por Shibatani (1990, p. 318), de **passivas indiretas** em oposição às construções passivas mais prototípicas que o autor denomina como **passivas diretas**. São chamadas de passivas indiretas porque o sujeito não está diretamente envolvido no evento. Veja um exemplo de construção passiva indireta abaixo:

211. a. *Hanako ga piano wo hik-u* **Ativa**
Hanako NOM piano ACU tocar-NPASD

'Hanako toca piano.'

b. *Taroo wa Hanako ni piano wo hik-are-ta* **Indireta**
Tarou TOP Hanako DAT piano ACU tocar-PASS-PASD

'O piano foi tocado por Hanako em detrimento de Tarou.'

(SHIBATANI, 1990, p. 319, adaptado)

As construções passivas indiretas têm uma peculiaridade semântica: os sujeitos das orações passivas são adversamente afetados (SHIBATANI, 1990, p. 319-320). Isto é, o evento descrito pelo verbo é desvantajoso, prejudicial ou incômodo ao sujeito desta construção. Dois cenários possíveis para a oração 211.b seriam ou de

que Hanako não toca bem a ponto de causar embaraço a Tarou que testemunha o dedilhado, ou que o próprio Tarou planejava tocar e teve os planos interrompidos por Hanako que tomou conta do piano.

Segundo Shibatani (1990), essa leitura adversativa não está presente nas passivas prototípicas e vai além do significado lexical próprio do verbo. Usando o dado 208.b (*Taroo wa tomodati ni nagur-are-ta* 'Tarou apanhou do amigo/ Tarou foi atingido pelo amigo') como ilustração, o autor afirma que, apesar de *naguru* 'bater' ter um sentido adversativo, não necessariamente implica que Tarou esteja incomodado ou em embaraço por conta do ocorrido (p.318).

Como pode se observar no exemplo 211.b, a passiva indireta tem peculiaridades sintáticas: o objeto da oração ativa, 'piano', é mantido como objeto também na oração derivada. Além disso, um novo participante surge no papel de sujeito, motivo pelo qual Iwasaki (2013, p. 158) intitula a seção que trata dessas construções de *passivas indiretas: -(r)are como aumentador de valência*⁷⁹ (p. 158). Essa característica de aumentar um participante vai na contramão das passivas prototípicas que diminuem a valência.

O fato de o sujeito da oração derivada não estar diretamente envolvido no evento faz com que essas construções passivas também possam ser formadas a partir de orações intransitivas. Os exemplos de 212 a 214 trazidos por Shibatani (1990, p.318) são ilustrativos:

- | | | | | | |
|---------|-------------------------------------------------------|------------------|----------------------------------|--------------------------------------------------|----------------|
| 212. a. | <i>Tomodati</i>
amigo | <i>ga</i>
NOM | <i>kaet-ta</i>
ir embora-PAST | Ativa | |
| | 'O amigo foi embora.' | | | | |
| b. | <i>Taroo</i>
Tarou | <i>wa</i>
TOP | <i>tomodati</i>
amigo | <i>ni kaer-are-ta</i>
DAT ir embora-PASS-PASD | Passiva |
| | 'Tarou foi adversamente afetado pela ida dos amigos.' | | | | |
| 213. a. | <i>Ame</i>
chuva | <i>ga</i>
NOM | <i>hur-u</i>
cair-NPASD | Ativa | |
| | (lit.) 'A chuva cai.' | | | | |
| b. | <i>Taroo</i>
Taro | <i>wa</i>
TOP | <i>ame</i>
chuva | <i>ni hur-are-ta</i>
DAT cair-PASS-PASD | Passiva |
| | 'Tarou foi adversamente afetado pela queda da chuva.' | | | | |
| 214. a. | <i>Kodomo</i> | <i>ga</i> | <i>nak-u</i> | Ativa | |

⁷⁹ No original: *Indirect passives: -(r)are- as a "valence increaser"*.

crianças NOM chorar-NPASD

'A criança chora.'

b. *Taroo wa kodomo ni nak-are-ta* **Passiva**
 Tarou TOP criança DAT chorar-PASS-PASD

'Tarou foi adversamente afetado pelo choro da criança'

(SHIBATANI, 1990, p. 318, adaptado)

Semanticamente, a leitura dos exemplos acima é de que não era conveniente, vantajoso ou da vontade de Tarou que o amigo fosse embora, que tivesse chovido ou que a criança chorasse.

Keenan e Dryer (2007, p. 341) relatam alguns casos de construções passivas com leitura adversativa na Ásia Oriental citando, além do japonês, o mandarim e o coreano. Shibatani (1990, p. 329) cita também o caso do sufixo passivo *-bi* em vietnamita (com a mesma origem do mandarim *-bèi*), que também tem um efeito adversativo, mas, no caso do vietnamita, a ocorrência não se limita à passiva indireta.

Sintaticamente, há uma distinção destoante entre as construções passivas prototípicas e as passivas adversativas da língua japonesa: o fato de que podem ser derivadas de orações intransitivas. Há relatos de outras línguas que possibilitam a construção de passivas a partir de orações intransitivas como o latim, o alemão e o Ute (SHIBATANI, 1990, p. 317). No entanto, ainda segundo Shibatani (1990), nessas línguas, passivizar uma oração intransitiva de um argumento (*place*) resulta em uma oração de zero argumentos. O que não é o caso das passivas adversativas da língua japonesa, em que um novo participante é acrescentado não só às orações intransitivas como também às orações transitivas. Observe os dados apresentados pelo autor:

Predicado de 1 lugar → predicado de 2 lugares

215. a. *Kodomo ga nai-ta* **Ativa**
 criança NOM chorar-PASD

'A criança chorou.'

b. *Hanako wa kodomo ni nak-are-ta* **Passiva**
 Hanako TOP criança DAT chorar-PASS-PASD

'Hanako foi adversamente afetada pelo choro da criança'

Predicado de 2 lugares → predicado de 3 lugares

216. a. *Taroo ga doramu wo rensyuusi-ta* **Ativa**
 Tarou NOM bateria ACU praticar-PASD

'Tarou praticou bateria.'

- b. *Hanako wa Taroo ni doramu wo rensyuus-are-ta* **Passiva**
 Hanako TOP Tarou DAT bateria ACU praticou-PASS-PASD

'Hanako foi adversamente afetada pela prática de bateria.'

Predicado de 3 lugares → predicado de 4 lugares

217. a. *Sensei ga Hanako ni kotae wo osie-ta* **Ativa**
 professor NOM Hanako DAT resposta ACU ensinar-PASD

'O professor ensinou a resposta para Hanako.'

Passiva

- b. *Taroo wa sensei ni Hanako ni kotae wo osie-rare-ta*
 Tarou top professor DAT Hanako DAT resposta ACU ensinar-PASS-PASD

'Tarou foi afetado pelo professor dando a resposta para Hanako.'⁸⁰

(SHIBATANI, 1990, p. 326, adaptado)

Outra distinção sintática entre os dois tipos de passiva é o fato de que, nas passivas indiretas, o sintagma agente marcado por *ni* não pode ser apagado (TSUJIMURA, 2014, p. 279).

Iwasaki (2013) e Tsujimura (2014) divergem de Shibatani (1990) na classificação entre passivas diretas e indiretas de um tipo de construção passiva.

As orações em 218.c e 219.b são trazidas por Iwasaki (2013) e Tsujimura (2014), respectivamente, como exemplos de orações passivas indiretas.

218. a. *neko ga sakana wo tabe-ta* **Ativa**
 gato NOM peixe ACU comer-PASD

'O gato comeu o peixe.' (IWASAKI, 2013, p. 158)

- b. *sakana ga neko ni tabe-rare-ta* **Direta**
 peixe NOM gato DAT comer-PASS-PASD

'O peixe foi comido pelo gato.' (IWASAKI, 2013, p. 158)

- c. *Yamada-san wa neko ni sakana wo tabe-rare-ta* **Indireta**
 Sr. Yamada TOP gato DAT peixe ACU comer-PASS-PASD

'Sr. Yamada teve o peixe comido pelo gato.' (IWASAKI, 2013, p. 159)

219. a. *Sensei wa Taro no musuko wo home-ta*
 professor TOP Tarou GEN filho ACU elogiar-PASD

'O professor elogiou o filho de Tarou.' (da autora)

- b. *Taro wa sensei ni musuko wo home-rare-ta*
 Tarou TOP professor DAT filho ACU elogiar-PASS-PASD

'Tarou teve o filho elogiado pelo professor' (TSUJIMURA, 2014)

⁸⁰ No original: 'Taro was adversely affected by the teacher's teaching the answer to Hanako.'

À primeira vista, as orações acima se enquadrariam nas passivas indiretas. O objeto da oração ativa é mantido na passiva; o agente da ativa é demovido a um oblíquo e um novo participante é adicionado. No entanto, Shibatani (1990) classifica esse tipo de construção como passivas diretas, assim como as orações apresentadas em 220.b e 221.b.

220. a. *Zirou ga Tarou no atama wo nagut-ta* **Ativa**
Zirou NOM Tarou GEN cabeça ACU bater-PASD

'Zirou bateu na cabeça do Tarou.' (da autora)

b. *Taroo wa Zirao ni atama wo nagur-are-ta* **Passiva**
Tarou TOP Zirou DAT cabeça ACU bater-PASS-PASD

'Tarou foi atingido por Zirou na cabeça.' (SHIBATANI, 1990, p. 327)

221. a. *Ziro ga Tarou no asi wo hun-da* **Ativa**
Zirou NOM Tarou GEN pé ACU pisar-PASD

'Zirou pisou no pé do Tarou.' (da autora)

b. *Taroo wa Ziroo ni asi wo hum-are-ta* **Passiva**
Tarou TOP Zirou DAT pé ACU pisar-PASS-PASD

'Tarou teve seu pé pisado por Zirou.' (SHIBATANI, 1990, p. 327)

O autor apresenta os três seguintes argumentos em defesa da classificação dessas construções como passiva diretas:

1. *Envolvimento direto do sujeito*: Segundo Shibatani (1990, p. 327), o sujeito da construção passiva está diretamente envolvido na ação, uma vez que se trata, nos exemplos acima, da parte do corpo de Tarou. Assim, não há diferença semântica com as passivas diretas, neste caso, como *Taroo wa Ziroo ni nagura-re-ta* 'Tarou foi atingido por Ziro'. E quanto ao sentido adversativo que se constata, este é gerado do significado lexical de *naguru* 'bater'.
2. *Opcionalidade da codificação do agente*: A *codificação do agente* nas derivações passivas, em 220.b e 221.b, é opcional, assim como ocorre nas passivas diretas (SHIBATANI, 1990, p. 327). Nas passivas indiretas, por outro lado, o sintagma marcado por *ni* não pode ser apagado.
3. *Ocorrências similares em outras línguas*: A construção deste tipo é relatada em línguas sem passivas indiretas (SHIBATANI, 1990, p. 328).

Outro critério que pode ser aplicado a favor da argumentação de que as construções em questão são passivas diretas, é o fato de que todos os participantes das orações derivadas podem ser recuperados nas correspondentes ativas. O sujeito

da oração passiva corresponde ao sintagma genitivo do paciente da oração ativa, havendo, assim, uma promoção do possuidor para sujeito.

A presente pesquisa, seguindo Shibatani (1990), classificará as construções similares às apresentadas acima como construção passiva direta. Assim, repassadas as características gerais da voz passiva da língua japonesa, vejamos as construções na VBLJ que exibem essas propriedades.

4.2.2.4.2 Construções Passivas na VBLJ

Nos dados desta pesquisa, foram coletadas algumas ocorrências de construções passivas. Até a seção anterior, apresentou-se a oração ativa antes para depois apresentar a oração passiva. Com o intuito de valorizar os dados coletados, nesta seção, será apresentada primeiro a construção passiva para em seguida registrar o correspondente ativo reconstruído pela própria autora.

Observe abaixo o trecho da narrativa que se refere à cena em que o garoto cai da bicicleta e as peras se espalham no chão:

Trecho 1:

<i>Tiisa-i</i>		<i>musuko</i>	<i>darou</i>	<i>ne,</i>	<i>zitensya</i>	<i>de</i>	<i>ki-te,</i>	
pequeno-NPASD		filho	COP.SUP	né	bicicleta	INST	vir-CONJ	
<i>sono</i>	<i>kago</i>	<i>wo,</i>	<i>ippai</i>	<i>no</i>	<i>kago</i>	<i>wo</i>		
este	cesta	ACU	cheio	GEN	cesta	ACU		
[<i>nasi</i>	<i>ga</i>	<i>ippai</i>	<i>hait-ta</i>]	<i>kago</i>	<i>wo</i>	<i>zitensya</i>	<i>ni</i>	<i>nose-te,</i>
cesta	NOM	cheio	inserir-PASD	cesta	ACU	bicicleta	LOC	carregar
<i>maa, ie</i>	<i>ni</i>	<i>hakon-de</i>	<i>age-yoo</i>	<i>to</i>	<i>tetudai</i>	<i>ni</i>	<i>ki-masi-ta</i>	
eh	casa	LOC	transportar-conv	dar-VOL	to	ajudar	DAT	vir-POL-PASD
<i>Totyuu</i>	<i>ooki</i>	<i>na</i>	<i>isi</i>	<i>ni</i>	<i>tumadui-te,</i>			
percurso	grande	COP.ADV	pedra	LOC	tropeçar-CONJ			
<i>zitensya</i>	<i>ga</i>	<i>hikkurikaet-te,</i>						
bicicleta	NOM	tombiar-CONJ						
<i>nasi</i>	<i>ga</i>	<i>zenbu</i>	<i>miti</i>	<i>ni</i>	<i>mak-are-te</i>	<i>simai-masi-ta</i>		
pera	NOM	todo	estrada	LOC	espalhar-PASS-CONV	acabar-POL-PASD		

‘E então, deve ser o filho pequeno, (ele) veio de bicicleta e carregou na bicicleta a cesta que estava cheio de peras. Veio na tentativa de ajudar a transportar para casa. No percurso, (o filho) tropeçou numa pedra grande, a bicicleta tombou e as peras acabaram sendo completamente espalhadas na estrada.’
(2017-03-26 KT)

Ao final do trecho acima, observa-se a construção passiva replicada em 222.a:

222. a. *nasi ga zenbu miti ni mak-are-te simai-masi-ta* **Passiva**
 pera NOM todo estrada LOC espalhar-PASS-CONV acabar-POL-PASD

‘As peras tudo acabaram sendo espalhadas na estrada.’ (2017-03-26 KT)

Ativa

b. (*musuko wa*) *nasi wo zenbu miti ni mai-te simai-masi-ta*
 filho TOP pera ACU todo estrada LOC espalhar-CONV acabar-POL-PASD

‘O filho acabou espalhando as peras todas na estrada.’ (da autora)

Observa-se que a construção passiva na VBLJ, assim como na língua japonesa daquele país, é do tipo morfológica (sintética), feita por meio da sufixação do morfema *-(r)are* imediatamente após a raiz verbal.

No dado 222.b, correspondente ativa da oração passiva em 222.a, *musuko* ‘filho’ é o agente e *nasi* ‘pera’ o paciente do verbo *mak-u* (com alomorfe *mai*) ‘espalhar-NPASD’. Na construção passiva, o objeto da ativa *nasi* ‘pera’ é promovido a sujeito da oração derivada e ao verbo foi adicionado o sufixo *-are*. O agente da oração ativa foi suprimido na construção passiva. Na língua japonesa, o sujeito é frequentemente omitido quando o contexto linguístico ou não linguístico o deixa claro (KUNO, 1978), não só nas construções passivas.

Verifique outra ocorrência de construção passiva que, assim como no trecho anterior, se refere à cena em que o garoto cai da bicicleta e as peras se espalham no chão.

Trecho 2:

[*Yosomi si-ta*] *totan ni isi ni tumazui-te*,
 desvio de olhar fazer-PASD momento LOC pedra LOC tropeçar-CONJ

zidensya ga batan to hikkurikae-tyat-ta.
 bicicleta NOM ONOMT to tomlar-CONV.acabar-PASD

Nasi wa barabara tto oti-tyat-ta.
 pera TOP onom tto cair-CONV.acabar-PASD

Noo/ mak-are-tyat-ta
 não/ espalhar-PASS-CONV.acabar -PASD

‘No instante que olhou para o lado, tropeçou em uma pedra e a bicicleta tombou. As peras acabaram caindo. Não, acabaram sendo espalhadas.’

(2017-09-30 THA)

No trecho acima, há uma construção passiva com o verbo *mak-u* ‘espalhar-NPASD’.

223. a. *Nasi wa barabara tto mak-are-tyat-ta* **Passiva**
 pera TOP ONOM tto espalhar-PASS-CONV.acabar-PASD

‘As peras acabaram sendo espalhadas.’ (2017-09-30 THA)

Ativa

- b. *Otokonoko ga nasi wo barabara tto mai-tyat-ta*
 menino NOM pera ACU onom tto espalhar-CONV.acabar-PASD
 ‘Acabou espalhando as peras.’ (da autora)

Ao retroceder na narrativa, é possível verificar que o agente do verbo *mak-u* ‘espalhar-NPASD’ é *otokonoko* ‘menino’. Assim como no exemplo 222, na construção passiva, *nasi* ‘pera’ é promovido a sujeito e o agente da oração ativa é suprimido.

Identifica-se outra ocorrência de passivização no trecho seguinte em que o colaborador descreve o momento em que os três meninos passam ao lado do pomar onde o senhor está colhendo as peras.

Trecho 3:

- Sositara, tyoudo, yappari,*
 Então justamente como se esperava
- [*ima sakki kago ga nusum-are-ta*]_{Srel} *togoro no..., anou,*
 agora há pouco cesta NOM roubar-PASS-PASD local GEN êee,
- ozisan no togoro wo toorikaka-ru-n-su yo ne.*
 senhor GEN local ACU passar-NPASD-NMLZ-COP ENF né

‘Então, como se esperava, (os meninos) passam justamente pelo local *onde a cesta foi roubado*, o local do senhor.’ (2017-12-08 GK)

No exemplo acima, a passiva está na oração relativa, entre colchetes, que delimita a palavra *togoro*⁸¹ ‘local’.

224. a. [*kago ga nusum-are-ta*] *togoro* **Passiva**
 cesta NOM roubar-PASS-PASD local
 ‘local onde a cesta foi roubada’ (2017-12-08 GK)
- b. [*kago wo nusum-u*] *tokoro* **Ativa**
 cesta ACU roubar-PASD local
 ‘local onde roubou a cesta’ (da autora)

No dado 224, o paciente da oração ativa, *kago* ‘cesta’, ocupa papel de sujeito da oração passiva e o verbo recebe sufixo *-are*. Já o agente da ação de roubar não está explícito, mas supõe-se pelo contexto que seja *otokonoko* ‘menino’. Assim, a oração completa seria:

225. a. *kago ga (otokonoko ni) nusum-are-ta togoro* **Passiva**
 cesta NOM (menino DAT) roubar-PASS-PASD local
 ‘local onde a cesta foi roubada (pelo menino)’
- b. (*otokonoko ga*) *kago wo nusum-u tokoro* **Ativa**

⁸¹ A palavra *togoro* ‘local’ foi grafada da forma que foi pronunciada pelo colaborador. Na língua japonesa comum, esta palavra é pronunciada *tokoro*.

(menino NOM) cesta ACU roubar-PASD local

‘local onde (o menino) roubou a cesta’

Os exemplos de orações passivas mostrados até aqui se enquadram nas construções mais prototípicas. Também se apresentaram nos dados coletados nesta pesquisa construções passivas diretas com alçamento do possuidor como as descritas por Shibatani (1990). Observe o trecho da narrativa abaixo que se refere ao momento em que o menino montado na bicicleta cruza com uma menina que, segundo o colaborador, toma o chapéu do menino:

Trecho 4:

<i>nose-te</i> carregar-CONJ	[<i>mot-te</i> levar-CONV	<i>it-te</i> ir-CONV	<i>i-ru</i>] _{Srel} existir-NPASD	<i>totyuu</i> percurso	<i>ni</i> LOC
[[<i>onasi</i> mesmo	<i>zitsyasya</i> bicicleta	<i>ni</i> LOC	<i>not-te</i> montar-CONV	(<i>i-ru</i>)] _{Srel} existir-NPASD	
<i>zyosee</i> mulher	<i>to</i> com	<i>suretigat-ta</i> cruzar-PASD	<i>tokoro</i> local	<i>de</i> LOC	
<i>zyosee</i> mulher	<i>ni</i> DAT	<i>bousi</i> chapéu	<i>wo</i> ACU	<i>tor-are-ta</i> tomar-PASS-PASD	

‘E no percurso em que estava levando (a cesta), e no momento em que cruzou com uma mulher que estava igualmente montada em uma bicicleta, teve seu chapéu tomado pela mulher.’ (2017-07-16 MT)

Extraíndo-se a oração passiva do trecho acima, temos:

226. a. *zyosee* *ni* *bousi* *wo* *tor-are-ta* **Passiva**
mulher DAT chapéu ACU tomar-PASS-PASD
- ‘Teve o chapéu tomado pela mulher’ (2017-07-16 MT)
- b. *zyosee* *wa* *bousi* *wo* *tot-ta* **Ativa**
mulher TOP chapéu ACU tomar-PASD
- ‘A mulher tomou o chapéu. (da autora)

Na oração passiva em 226.a, o agente da ação do verbo *tor-u* ‘tomar-NPASD’ é *zyosee* ‘mulher’, marcado pela posposição *ni* e, no verbo, identifica-se o sufixo *-are*, morfema passivo. A oração ativa que corresponde à construção passiva acima está representada em 226.b. Mais uma vez, o sujeito da passiva, no dado em 226.a, não foi codificado pelo colaborador. Contudo, é possível afirmar que se trata de *otokonoko* ‘menino’ pelo contexto da narrativa. Assim, ao codificar o sujeito não explicitado da oração passiva acima, temos:

227. a. (*otokonoko wa*) *zyosee ni bousi wo tor-are-ta* **Passiva**
 menino TOP mulher DAT chapéu ACU tomar-PASS-PASD

‘(O menino) teve o chapéu tomado pela mulher’ (2017-07-16 MT)

b. *zyosee wa (otokonoko no) bousi wo tot-ta* **Ativa**
 mulher TOP menino GEN chapéu ACU tomar-PASD

‘A mulher tomou o chapéu (do menino).’ (da autora)

Formulando a oração ativa correspondente a partir da oração passiva, verifica-se que o sujeito da ativa *zyosee* ‘mulher’ ocupa papel de objeto indireto e o paciente, *bousi* ‘chapéu’, manteve-se como objeto na passiva. Considerando a codificação de *otokonoko* ‘menino’ como sujeito da oração passiva, ele ocupa papel de possuidor do chapéu na oração ativa correspondente. Dessa forma, o dado acima se encaixa nas passivas diretas com promoção do possuidor para sujeito, descritas anteriormente.

Verifica-se a ocorrência de uma construção similar no trecho seguinte em que, montado em uma bicicleta, o menino que roubou as peras cruza com uma menina que também está em uma bicicleta.

Trecho 5:

De totyuu de onnanoko ga, [zidensya ni not-ta no ga],
 E percurso LOC menina NOM bicicleta LOC montar-PASD NMLZ NOM

toot-ta-ra, sono ko ni ki wo tor-are-te...
 passar-PASD-COND essa criança DAT atenção ACU tomar-PASS-CONJ

[ki wo tor-are-te] tte /to i-u no ka sira-n
 atenção ACU tomar-PASS-CONJ CMPLZ CMPLZ dizer-NPAST NMLZ Q saber-NEG

‘No percurso, quando uma menina passa, uma montada em uma bicicleta, (o menino) teve a atenção tomada por essa criança... Não sei se se diz que teve a atenção tomada.’ (2017-06-25 HAS)

De novo, extraíndo a oração passiva do trecho acima, temos:

228. a. (*otokonoko ga*) *sono ko ni ki wo tor-are-te*
 menino TOP DEM criança DAT atenção ACU tomar-PASS-CONJ

‘Essa criança (menino) teve a atenção tomada.’ (2017-06-25 HAS)

b. *sono ko ga (otokonoko no) ki wo tot-te*
 essa criança NOM menino GEN atenção ACU tomar-NPASD

‘A menina tirou a atenção.’ (da autora)

No dado apresentado, o sujeito da oração passiva não foi codificado e, neste caso, também é possível inferir pelo contexto da narrativa que ele seja *otokonoko*

'menino', como já incluído entre parênteses em 228.a e na oração ativa correspondente em 228.b.

Na oração passiva, além do morfema passivo *-are* sufixado à raiz verbal, o agente, *sono ko* 'essa criança', é demovido de sujeito na oração ativa para oblíquo. O paciente *ki* 'atenção', por sua vez, se manteve como objeto.

Assim como no exemplo anterior, considerando que seja *otokonoko* 'menino' o sujeito da oração passiva, ele equivale ao possuidor de *ki* 'atenção' na oração ativa correspondente. Dessa forma, pode-se afirmar que as orações passivas demonstradas em 226.a e 228.a são exemplos de passivas diretas em que o sujeito corresponde ao sintagma genitivo do objeto direto da oração ativa.

Nos dados coletados nesta pesquisa, não houve nenhuma ocorrência de construções passivas indiretas que aumentam um participante na oração derivada, como relatadas na língua japonesa daquele país. Não é possível afirmar se a ausência deste tipo de construção passiva se dá pelo contato com a língua portuguesa ou pelo enredo não oportunizar a ocorrência.

5 ORAÇÕES COMPLEXAS

5.1 ORAÇÕES RELATIVAS

Andrews (2007, p. 206) define a oração relativa como “uma oração subordinada que delimita a referência de um SN ao especificar o papel do referente do SN na situação descrita pela oração relativa”⁸².

Assim como toda essa seção, os termos aqui utilizados baseiam-se nos adotados por Andrews (2007). Isto posto, é chamado de **SN matriz** (SN_{matr}) o SN que tem o significado delimitado pela oração relativa, de **sentença relativa** (S_{rel}) a oração relativa em si, podendo fazer parte do SN_{matr}, a depender da língua (ANDREWS, 2007, p. 207).

Observe o exemplo ilustrativo abaixo para identificação dos elementos:

229.	SN _{matr} (Argumento A)	Argumento O	Predicado
	<div style="display: flex; justify-content: space-between; align-items: flex-start;"> <div style="text-align: left; width: 40%;"> <p>[<i>Kaoru ga</i> \emptyset_i <i>ka-u</i>]_{Srel}</p> <p>Kaoru NOM criar-NPASP</p> </div> <div style="text-align: left; width: 40%;"> <p><i>neko wa</i></p> <p><u>gato TOP</u></p> <p style="text-align: center;">Domínio Nominal</p> </div> </div>	<div style="display: flex; justify-content: space-between; align-items: flex-start;"> <div style="text-align: left; width: 40%;"> <p><i>hakusai wo</i></p> <p>acelga ACU</p> </div> </div>	<p><i>taber-u</i></p> <p>comer-NPASP</p>
	‘O gato [que a Kaoru cria] come acelga.’		(da autora)

No exemplo acima, *Kaoru ga ka-u neko wa* ‘o gato que a Kaoru cria’ corresponde ao SN_{matr} e a parte entre chaves, [*Kaoru ga kau*] ‘a Kaoru cria’ restringe o referente *neko* ‘gato’ e corresponde à S_{rel}.

Outros componentes da oração relativa são o **domínio nominal**, o elemento delimitado pela S_{rel}, e o **SN relacional** (SN_{rel}), o correferente do domínio nominal dentro da S_{rel} (ANDREWS, 2007, p. 208). No dado 229, o domínio nominal é *neko* ‘gato’ e o correferente a *neko* ‘gato’, o SN_{rel}, na S_{rel} ocuparia o lugar do \emptyset , que foi omitido.

Organizando os elementos componentes da oração relativa, ainda se utilizando do exemplo 229, temos:

⁸² “is a subordinate clause which delimits the reference of an NP by specifying the role of the referent of that NP in the situation described by the relative clause (RC)” (ANDREWS, 2007, p. 206).

[<i>Kaoru ga</i> \emptyset_i <i>ka-u</i>] <i>neko wa_i</i>	SN matriz (SN _{matr})
<i>Kaoru ga</i> \emptyset_i <i>ka-u</i>	Sentença relativa (S _{rel})
<i>neko</i>	Domínio nominal
\emptyset_i	SN relacional (SN _{rel})

Alguns dos parâmetros tipológicos abordados por Andrews (2007, p. 207) pelos quais as orações relativas podem ser classificadas são:

- 1) a relação estrutural entre o SN_{matr} e a S_{rel} - se as orações relativas vêm dentro (embutidas) ou fora (adjuntas) do SN_{matr};
- 2) o tratamento do SN_{rel} - como o correferente ao domínio nominal é expresso ou não dentro da S_{rel} – se há mudança na ordem de palavras, marcação especial ou omissão;
- 3) as restrições da função SN_{rel} – quais funções sintáticas são desempenhadas pelo SN_{rel};
- 4) o tratamento da oração relativa como um todo – se a S_{rel} sofre redução ou nominalização.

Os parâmetros acima são comentados a seguir utilizando-se dos dados da VBLJ.

5.1.1 Relação Estrutural entre o SN_{matr} e a S_{rel}

O primeiro parâmetro é a relação estrutural entre SN_{matr} e a S_{rel} quanto à disposição de um em relação ao outro. Observe um dos dados da VBLJ abaixo em que o S_{rel} está entre colchetes e o domínio nominal em negrito:

230. <i>sono</i>	<i>toki</i>	<i>ni</i>	<i>tyoudo</i>	<i>san-nin-gumi</i>	<i>ga,</i>	
DEM	momento	LOC	exatamente	três-CLS.PES-grupo	NOM	
[<i>nasi</i>	<i>wo</i>	<i>tabe-ru</i>]	<i>san-nin-gumi</i>	<i>ga</i>	<i>toorisugi-te</i>	<i>it-ta</i>
pera	ACU	comer-NPASD	três-CLS-PES-grupo	NOM	passar-CONV	ir-PASD

'Exatamente nesse momento, o grupo de três crianças, o grupo de três crianças que estavam comendo pera foi passando. (2018-05-15 CHH)

Abaixo a mesma oração apresentada de forma enxuta:

230'. SN _{matr} (Argumento S)	Predicado
[Ø _i <i>nasi wo tabe-ru</i>] _{Srel} pera ACU comer-NPASP	<i>san-nin-gumi</i> <i>ga,</i> três-CLS-PES-grupo NOM
S _{rel}	<i>toorisugi-te it-ta</i> passar-CONV ir-PASP
	Domínio Nominal

‘o grupo de três crianças que comem a pera foi passando.’ (2018-05-15 CHH)

Ao observar o dado 230 é possível afirmar que a oração relativa é do tipo incorporado. Ou seja, a S_{rel} está dentro da SN_{matr} tendo *sanningumi* ‘grupo de três’ como domínio nominal.

Muitas vezes, a posição das S_{rel} coincide com a de outros modificadores da língua, como a posição dos adjetivos em relação aos nomes (PAYNE, 2006, p. 303; ANDREWS, 2007, p. 209). Ao verificar o dado acima, esse parece ser o caso da VBLJ: o S_{rel} precede o nome modificado assim como os adjetivos desta língua. Observe os dados em que *iremono* ‘vasilha’, em negrito, recebe uma S_{rel} e um adjetivo nos dados 231.a e 231.b, respectivamente:

231. a. [*sono nasi wo* Ø_i *ire-te* (*i*)-*ta*]_{Srel} ***iremono*** *wo nusumi-mas-ita*
DEM pera ACU inserir-CONV existir-PASP vasilha ACU roubar-POL-PASP

‘Roubou a vasilha em que estavam inseridas essas peras.’ (2018-05-18 SYA)

b. *sono hasigo wo ori-te,* [*ooki-i*]_{adj} ***iremono*** *ni*
DEM escada ACU descer-CONJ grande-NPASP vasilha LOC

sono tigit-ta nasi wo ire-te i-mas-ita
DEM colher-PASP pera ACU inserir-CONV existir-PASP

‘Descia essa escada e estava inserindo essas peras colhidas na vasilha grande.’ (2018-05-18 SYA)

Em 231.a, a palavra *iremono*, ‘vasilha’, é modificada pela S_{rel} *sono nasi wo irete (i)ta*, ‘estavam inseridas essas peras’, enquanto em 231.b é modificada pelo adjetivo *ooki-i* ‘grande-NPASP’. Percebe-se, portanto, que tanto o S_{rel} como o adjetivo ocupam a mesma posição: antes do nome modificado.

Entretanto, Andrews (2007) relata que na língua japonesa falada no Japão, a posição dos pronomes demonstrativos, que se esperaria ocorrer na mesma posição dos adjetivos, não segue essa tendência. Enquanto os pronomes demonstrativos precedem os adjetivos, eles tendem a seguir o S_{rel} quando a oração relativa é composta de várias palavras, apesar das duas possibilidades serem possíveis (p.210). Abaixo exemplo trazido pelo autor:

232. a. **ano** yasui konpyuutaa
DEM barato computador
- b. *yasui **ano** konpyuutaa
barato DEM computador
- ‘aquele computador barato’ (ANDREWS, 2007, p. 210)

233. a. [boku ga sonkei-si-te i-ru] kono hito
eu NOM respeito-fazer-CONJ existir-NPASP DEM pessoa
- b. kono [boku ga sonkei-si-te i-ru] hito
DEM eu NOM respeito-fazer-CONJ existir-NPASP pessoa
- ‘esta pessoa que eu respeito’ (ANDREWS, 2007, p. 210)

A tendência vista na língua japonesa é encontrada também na VBLJ.

Observa-se que, no dado em 234.a, o pronome demonstrativo precede a S_{rel} , ao passo que no dado em 234.b o dêitico sucede a S_{rel} composta de várias palavras.

234. a. iremono ni sono [tigit-ta] S_{rel} nasi wo ire-te i-masi-ta
recipiente LOC DEM colher-PASP pera ACC inserir-CONV existir-POL-PASP
- ‘Estava inserindo essas peras *colhidas* no recipiente.’ (2018-05-18 SYA)

- b. [sono you-nasi tot-te (i-ru) S_{rel} sono ozisan wa
DEM ocidente-pera tirar-CONV existir-NPASP DEM senhor TOP
- tyoudo ki no ue no tokoro ni kou hasigo wo
exatamente árvore GEN em cima GEN lugar LOC assim escada ACU
- kake-te, ue no hou de itiyou mi wo
colocar-CONJ em cima GEN direção LOC a princípio fruto ACU
- tot-te (i)ru n (de)su
colher-CONV (existir)NPASP NMLZ (COP)NPASP

‘Esse senhor que *estava colhendo* essas peras colocou a escada assim em um lugar alto da árvore e estava, a princípio, colhendo frutos em cima da árvore.’ (2017-12-08 GK)

Confira abaixo as versões concisas da oração apresentada acima:

234.a'	SN _{matr} (Argumento O)			Predicado
iremono ni	sono	[Ø _i tigit-ta] S_{rel}	nasi wo	ire-te i-masi-ta
recipiente LOC	esse	colher-PASP	pera ACU	inserir-CONV existir-POL-PASP
	DEM	S_{rel}	Domínio Nominal	

‘está inserindo no recipiente essas peras colhidas’

b.' SN_{matr} (Argumento A)

$[\emptyset_i$ sono you-nasi tot-te (i)ru] _{S_{rel}}	sono	ozisan	wa
DEM ocidental-pera tirar-CONV existir-NPASD	esse	senhor	TOP
S _{rel}	DEM	Domínio Nominal	

‘esse senhor que está colhendo essas peras ocidentais’

As orações que dão origem às orações relativas acima são, respectivamente:

235. a. *nasi wo tigit-ta*
pera ACU colher-PASD

‘colheu as peras’

b. *sono ozisan sono you-nasi tot-te (i)-ru*
DEM senhor DEM ocidental-pera tirar-CONV existir-NPASD

‘esse senhor está colhendo essas peras ocidentais’

De todo modo, não há variação quanto à posição da S_{rel} em relação ao domínio nominal: a S_{rel} precede o domínio nominal.

5.1.2 Tratamento do SN_{rel}

O segundo parâmetro é quanto ao tratamento do SN_{rel}, o correferente do domínio nominal na S_{rel}. A estratégia de omissão, isto é, a não codificação do referente do domínio nominal na S_{rel} é o artifício usado na VBLJ. Observe mais uma vez a construção em 230 replicada abaixo:

230'. SN _{matr} (Argumento S)	Predicado
$[\emptyset_i$ nasi wo tabe-ru] _{S_{rel}}	<i>san-nin-gumi ga, toorisugi-te it-ta</i>
pera ACU comer-NPASD	três-CLS-PES-grupo NOM
S _{rel}	Domínio Nominal

‘o grupo de três crianças que comem a pera foi passando.’ (2018-05-15 CHH)

A palavra *sanningumi* ocupa, tanto na oração matriz como na S_{rel}, a função de sujeito sendo omitida na oração relativa.

Apesar da omissão do SN_{rel} ser um tratamento comum entre as línguas, é também frequente que siga certas condições. O inglês, por exemplo, não permite a omissão de SN_{rel} que desempenha função de sujeito ou possessivos na própria oração relativa (S_{rel}) (ANDREWS, 2007, p. 222). Aparentemente, no caso da VBLJ, não há restrição quanto à omissão do referente que desempenha função de sujeito na S_{rel}.

Na VBLJ, encontrou-se ainda a omissão do SN_{rel} com função locativa na S_{rel} com SN_{matr} desempenhando papel de objeto direto. Para melhor visualização e identificação dos argumentos, apresenta-se abaixo o trecho da narrativa e em seguida o dado de forma mais enxuta.

Trecho 6:

Tiisa-i *musuko* *darou* *ne,* *zitensya* *de* *ki-te,*
pequeno-NPASD filho COP.SUP né bicicleta INST vir-CONJ

sono *kago* *wo,* *ippai* *no* *kago* *wo*
DEM cesta ACU cheio GEN cesta ACU

[*nasi ga ippai hait-ta*]_{Srel} *kago* *wo* *zitensya* *ni* *nose-te,*
pera NOM cheio inserir-PASD cesta ACU bicicleta LOC carregar-CONJ

maa, ie ni hakon-de age-yoo to tetudai ni ki-masi-ta
eh casa LOC transportar-CONV dar-VOL CIT ajudar DAT vir-POL-PASD

‘E então, deve ser o filho pequeno, (ele) veio de bicicleta e veio na tentativa de ajudar a transportar para casa, carregou na bicicleta a cesta na qual as peras se inseriram repletamente. (2017-03-26 KT)

Apresentando a oração apenas com os argumentos centrais, temos:

236. [*nasi ga ippai hait-ta*]_{Srel} ***kago*** *wo* *zitensya* *ni* *nose-te, (...)*
pera NOM cheio inserir-PASD cesta ACU bicicleta LOC carregar-CONJ
- ‘carregou na bicicleta a cesta *na qual as peras se inseriram repletamente (...)*’
(2017-03-26 KT)

Com os elementos devidamente indicados, temos:

236’.	Argumento A	Argumento O	Predicado
	(<i>musuko wa</i>) filho TOP	[<i>nasi ga Ø; ippai hait-ta</i>] _{Srel} pera NOM cheio inserir-PASD S _{rel}	<i>kago;</i> <i>wo</i> cesta ACU carregar-CONJ Domínio Nominal

Verifica-se que o SN_{rel} tem função locativa na S_{rel} do dado acima, fato que fica mais claro quando se reconstrói a oração que dá origem à S_{rel}:

237. *nasi ga* [*kago ni*]_{Srel} *ippai* *hait-ta*
pera NOM cesta LOC cheio inserir-PASD

‘As peras plenamente inseridas [na cesta].’

Constata-se, assim, que na VBLJ o correferente do domínio nominal na S_{rel} não é codificado e não há papéis sintáticos desempenhados pelo SN_{rel} que condicionem essa omissão. Ou seja, oblíquos são relativizados da mesma forma que argumentos.

5.1.3 Possíveis Restrições do SN_{rel}

A omissão como tratamento do SN_{rel} está interligada com o terceiro parâmetro relativo às possíveis restrições quanto às funções sintáticas desempenhas pela SN_{rel} (ANDREWS, 2007, p. 207).

Nos dados da VBLJ, foram encontrados SN_{rel} desempenhando função de sujeito, objeto e oblíquo. O dado em 238 é uma das ocorrências do SN_{rel} com função de sujeito:

238. [*kago* *ni* *hait-te* *i-ta*]_{Srel} *nasi* *mo*
cesta_{LOC} inserir-CONV existir-PASD pera também
motiron *zenbu* *oti-te* *simai-masi-ta*
obviamente tudo cair-CONV acabar-POL-PASD
‘As peras que estavam inseridas na cesta também, obviamente, acabaram todas caindo.’
(2018-05-18 FTY)

Destacando-se apenas os elementos centrais da oração temos:

- | | | |
|-------|---------------------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------|
| 238’. | Argumento S | Predicado |
| | <u>[\emptyset_i <i>kago</i> <i>ni</i> <i>hait-te</i> <i>i-ta</i>]_{Srel}</u> | <u><i>nasi</i> <i>mo</i></u> |
| | cesta LOC inserir-CONV existir-PASD | pera também |
| | S _{rel} | Domínio Nominal |

‘as peras que estavas inseridas na cesta também acabaram caindo.’
(2018-05-18 FTY)

O SN_{matr} e SN_{rel} desempenham função de sujeito na oração matriz e na relativa, respectivamente. A oração em 239 dá origem à S_{rel} da construção 238 acima:

239. [*nasi* *ga*]_{SNrel} *kago* *ni* *hait-te* *i-ta*
pera NOM cesta LOC inserir-CONV existir-PASD
‘[As peras] estavam inseridas na cesta.’ (da autora)

Outro exemplo de SN_{rel} com função de sujeito é encontrado no dado abaixo:

240. *Sono* *sannin* *no* *otokonohito* *ga*
DEM três-CLS.PES GEN homem NOM
issyogeme *de* *tetudat-te* *yat-te*
com empenho COP.ADV ajudar-CONV dar-CONJ
[*sono* *otokonoko* *no* \emptyset_i *ne* *oti-ta*]_{Srel} *nasi* *wo* *zenbu* *hirot-te...*
DEM menino GEN né cair-PASD pera ACU tudo catar-CONJ
‘Esses três homens ajudaram com empenho e cataram todas as peras caídas desse menino’
(2017-07-16 YN)

A S_{rel} precede o SN acusativo da oração matriz, mas o SN_{rel} desempenha papel de sujeito na S_{rel}. A oração que dá origem a oração relativa acima é:

241. *sono otokonoko no [nasi ga]^{SNrel} ne oti-ta*
 DEM menino GEN pera NOM né cair-PASD

‘As peras desse menino caíram.’

Já o dado em 242 é uma das ocorrências de SN_{rel} com função de objeto:

242. *Iremono ni sono tigit-ta nasi wo ire-te i-masi-ta*
 recipiente LOC DEM colher-PASD pera ACU inserir-CONJ existir-POL-PASD

‘Estava inserindo no recipiente essas peras *que colheu*.’ (2018-05-18 SYA)

Com os componentes devidamente rotulados, temos:

242’.	Argumento O			Predicado	
<i>iremono ni</i>	<i>sono</i>	$[\emptyset_i$	<i>tigit-ta]</i> ^{S_{rel}}	<i>nasi wo</i>	<i>ire-te i-masi-ta</i>
recipiente LOC	DEM		colher-PASD	pera ACU	inserir-CONV existir-POL-PASD
		S _{rel}		Domínio	
				Nominal	

A oração relativa acima também está no SN acusativo da oração principal e o SN_{rel} desempenha papel de objeto na S_{rel} . A oração que dá origem a S_{rel} do dado 243 é a seguinte:

243. *Sono [nasi wo]^{SNrel} tigit-ta*
 DEM pera ACU colher-PASD

‘Colheu esse [as peras].’ (da autora)

Portanto, nos dados desta pesquisa foram encontrados SN_{rel} desempenhando função de sujeito, objeto e oblíquo (locativo, apresentados em 236 e 237), não tendo sido identificados SN_{rel} com papel de objeto indireto. No entanto, Keenan e Comrie (1977 apud ANDREWS, 2007, p. 226) postularam a chamada Hierarquia de Acessibilidade, que trata sobre universais implicacionais que governam quais funções gramaticais o SN_{rel} são aceitos na S_{rel} . Nela é proposta que as funções gramaticais das línguas são dispostas hierarquicamente da seguinte maneira:

sujeito > objeto direto > objeto indireto > oblíquo > genitivo > objeto de comparação

Em uma determinada língua, se o SN_{rel} ocupa certa função gramatical, então o SN_{rel} pode desempenhar todos os papéis gramaticais das funções hierarquicamente acima dela. Isto é, caso na língua o SN_{rel} possa ocupar a função de genitivo, então o SN_{rel} pode ser ocupado por qualquer função gramatical a esquerda da lista acima.

Considerando a Hierarquia de Acessibilidade e a ocorrência de SN_{rel} no dado em 236 e 237 ocupando a função semântica de locativo, um oblíquo, supõe-se assim

que o SN_{rel} possa desempenhar também a função de objeto indireto, além do papel de objeto direto e sujeito.

5.1.4 Tratamento da S_{rel}

O quarto e último parâmetro em relação à tipologia das orações relativas é quanto à marcação da S_{rel}. As línguas comumente empregam algum tipo de marcador da S_{rel}. Esses marcadores podem ser exclusivos às orações relativas ou podem compartilhar a mesma estratégia com outras orações subordinadas. A conversão parcial da oração relativa para um tipo nominal (nominalização) e a limitação das expressões de tempo, modo e aspecto ou a omissão de participantes obrigatórios (redução) são outros recursos que as línguas usam para marcar a S_{rel} (ANDREWS, 2007, p. 231-232).

Verifique abaixo mais uma ocorrência de orações relativas na VBLJ:

244. [Ø _i	<i>Issoukenmei</i>	<i>younasi</i>	<i>wo</i>	<i>kari</i>	<i>si-te</i>	<i>(i)-ru</i> _{Srel}	
	empenho	pera	ACU	colheita	fazer-CONV	existir-NPASP	
	<i>ozisan</i> _i	<i>no</i>	<i>eiga</i>	<i>wo</i>	<i>mi-ta</i>	<i>n</i>	<i>da kedo (...)</i>
	senhor	GEN	filme	ACU	ver-PASD	NMLZ	COP mas

'É que eu vi um filme de um senhor *que está fazendo colheita de peras com empenho.*' (2018-01-06 CS)

No dado em 244, a S_{rel} modifica *ozisan* 'senhor' que por sua vez modifica *eiga* 'filme', SN acusativo da oração matriz. Verifica-se que não há marcas que introduzem a S_{rel} e não há, também, sinais de nominalização. Como a S_{rel} mantém a expressão de tempo e aspecto, não se pode afirmar que houve redução da oração relativa. Reconstituindo a oração fonte da S_{rel} do dado em 244, obtém-se:

245. [<i>ozisan ga</i>] _{SNrel}	<i>issoukenmei</i>	<i>younasi</i>	<i>wo</i>	<i>kari</i>	<i>si-te</i>	<i>(i)-ru</i>	
senhor NOM	empenho	pera	ACU	colheita	fazer-CONV	existir-NPASP	
'[O senhor] está colhendo as peras com empenho.'							(da autora)

A ausência de recursos que marquem a S_{rel} independe da função sintática ocupada pelo SN_{rel}. Nos dados que se seguem, temos SN_{rel} desempenhando papel de sujeito e de oblíquo (locativo) em 246 e 248, respectivamente.

246. [*koko ni Ø_i at-ta*]_{S_{rel}} *koto_i syaberu no?*
 aqui LOC existir-PASD coisa falar-NPASD NMLZ

‘É para falar o que houve aqui?’ lit.: ‘É para falar as coisas *que existiram aqui?*’
 (2018-03-03 YY)

A pergunta feita antes do colaborador iniciar a narrativa tem como S_{rel}, entre colchetes, *koko ni at-ta* ‘o que existiu aqui’, que restringe o SN acusativo da oração matriz. Ao recompor a oração fonte da S_{rel} do dado em 246, obtém-se:

247. *koko ni [koto ga]*_{SN_{rel}} *at-ta*
 aqui LOC coisa NOM existir-PASD

‘Aqui houve [fatos].’ lit.: ‘Aqui coisas existiram.’ (da autora)

Nota-se, portanto, que o SN_{rel} no dado 246 desempenha papel de sujeito. Já no dado apresentado a seguir, o SN_{rel} ocupa lugar de oblíquo.

248. *sita ni [nasi wo Ø_i ippai syuukaku si-ta]*_{S_{rel}}
 embaixo LOC pera ACU cheio colheita fazer-PASD
kago_i ga mit-tu-gurai at-te (...)
 cesta NOM três-CLS-mais ou menos existir-CONJ

‘Embaixo havia mais ou menos três cestas onde *colheu a pera repletamente.*’
 Lit.: As três cestas *onde colheu as peras repletamente* existiam.’
 (2018-05-15 CHH)

No dado acima, a S_{rel} está restringindo o SN nominativo *kago ga* ‘a cesta’ da oração matriz. A oração que dá origem a S_{rel} do exemplo 248 é:

249. *nasi wo [kago ni]*_{SN_{rel}} *ippai syuukaku si-ta*
 pera ACU cesta LOC cheio colheita fazer-PASD

‘Colheu as peras repletamente [na cesta].’ (da autora)

É possível constatar, portanto, que o SN_{rel} ocupa posição de um locativo, ou seja, de um oblíquo.

Um exemplo de SN_{rel} exercendo função de objeto direto pode ser conferido no dado em 242 apresentado anteriormente. Constata-se que, independente da função sintática assumida pelo SN_{rel}, não há codificação na S_{rel}. Não há também indícios de nominalização ou redução, uma vez que as marcas de tempo e de aspectos são mantidas na S_{rel}.

Por fim, as características das orações relativas da VBLJ podem ser sintetizadas do seguinte modo:

1. a S_{rel} precede e faz parte do SN restrito por ela;
2. o SN_{rel}, o correspondente do domínio nominal na S_{rel}, não é codificado;

3. o SN_{rel} pode desempenhar papel de sujeito, objeto direto, objeto indireto e obliquo;
4. o S_{rel} não apresenta codificação de um introdutor, também não há sinais claros de nominalização ou redução.

5.2 ORAÇÕES ADVERBIAIS

Como visto anteriormente na seção 3.4 Advérbios, essa classe é a menos homogênea e a menos universal entre as línguas. A semântica adverbial pode ser expressa por morfemas, palavras, sintagmas nominais ou orações (GIVÓN, 2001, p. 87). Seus efeitos alcançam um sintagma verbal ou mesmo uma oração inteira e não são um argumento da oração, segundo Payne (2006, p. 297).

Nesta seção, serão tratadas algumas das orações adverbiais de tempo e de local encontradas na VBLJ expressas por orações. Segundo Thompson, Longacre e Hwang (2007), entre as línguas é comum que as orações adverbiais de tempo, local e modo compartilhem propriedades com as orações relativas.

A VBLJ expressa as orações adverbiais de tempo e de local com um tipo de oração relativa, mas que difere daquelas apresentadas na seção anterior. Em 5.1 Orações Relativas, foi visto que o SN_{rel} não é codificado, sendo utilizada a estratégia zero ou de lacuna. Ao discorrer sobre as orações relativas da língua japonesa, Tsujimura (2014, p. 290) menciona haver um tipo de oração relativa sem apagamento da SN_{rel} e ilustra com os seguintes exemplos:

250. a. [*musuko ga iede-si-ta*] *Tarou*
 filho NOM fugir de casa-fazer-PASD Tarou

‘Tarou que o filho fugiu de casa.’

b. [*atama ga yoku nar-u*] *hon*
 cabeça NOM bom tornar-se-PASD livro

‘livro que deixa inteligente’ Lit.: ‘livro que a cabeça torna-se boa.’

(TSUJIMURA, 2014, p. 290 com adaptações)

A explicação da autora é que os verbos das S_{rel} são intransitivos e, assim, não possuem lacunas nas orações acima.

As orações adverbiais de tempo e de local da VBLJ aparentemente são expressas por meio de orações relativas sem lacunas, assim como os dados

apresentados por Tsujimura (2014). No entanto, não são casos similares aos exemplos acima. Observe os dados da VBLJ que se seguem.

5.2.1 Orações adverbiais de tempo ou temporais

Adiante, exemplos de orações adverbiais expressas por oração subordinada em 251.a em contraste com um sintagma adverbial em 251.b.

251. a. [sonna huu ni si-te i-ru]_{Srel} **aida** ni kodomo,
 assim forma COP.ADV fazer-CONV existir-NPASP espaço LOC criança
 [otokonoko san-nin ga]_{SUJ} ki-te tetudat-te kure-te (...)
 menino três-CLS.PES NOM vir-CONJ ajudar-conv dar-conj
 ‘No espaço (de tempo) estava fazendo dessa forma, crianças, três meninos vieram e ajudaram e ...’
 (2017-06-25 HAS)
- b. (...) **sono aida** ni [yagi wo ture-ta ozisan ga]_{SUJ} toor-u
 DEM espaço LOC ovelha ACU levar-PASD senhor NOM passar-NPASP
 ‘Nesse espaço (de tempo), passa um senhor que acompanhado de uma ovelha.’
 (2017-06-25 HAS)

A oração adverbial é expressa por meio de uma construção relativa, que tem como S_{rel} a oração entre colchetes. A S_{rel} restringe o domínio nominal, *aida* ‘espaço’, em negrito. No entanto, não se identifica lacunas na S_{rel} , correferente com *aida* ‘espaço’, – padrão de tratamento da SN_{rel} apresentado anteriormente. Não se trata, tão pouco, de uma S_{rel} com oração intransitiva, como os exemplos utilizados por Tsujimura (2014, p. 290). O sujeito da S_{rel} foi omitido, mas ao retroceder na narrativa identifica-se como sendo *otokonoko* ‘menino’. Ou seja, a sentença sem a omissão de sujeito seria (*otokonoko wa*) *sonna huu ni site iru* ‘o menino estava fazendo dessa forma’. Constata-se, ainda, que a oração adverbial mantém o tempo e aspecto evidenciado pelo verbo auxiliar *i-ru* ‘existir-NPASP’ que expressa ação em andamento.

Outro exemplo de oração adverbial é o dado 252.a. A oração adverbial é expressa por uma oração relativa atribuída à palavra *toki* ‘momento’, SN complemento do SP locativo com semântica adverbial. Em contraste ao dado 252.a, observe o dado 252.b em que este mesmo nominal, *toki* ‘momento’, recebe um demonstrativo como modificador.

252. a. [sono bousi wo otosi-ta]_{Srel} **toki** ni
 DEM chapéu ACU derrubar-PASD momento LOC

zitchensya ga isi ni atat-te,
 bicicleta NOM pedra LOC bater-CONJ

korobun des-u yo ne, zitchensya ga
 cair COP-NPASP ENF né bicicleta NOM

‘Quando derrubou esse chapéu, a bicicleta bateu na pedra e caiu, né, a bicicleta.’ (2017-12-08 TI)

b. *sono itiban saisyo no toki wa*
 DEM um-CLS.ORD primeiro GEN momento TOP

ikko otosi-tyat-ta no ne
 um.CLS.PEQ derrubar-CONJ.acabar-PASP NMLZ né

Nesse primeiro momento, acabou derrubando um, né? (2017-09-16 EKT)

Assim como no dado anterior, a oração relativa de tempo em 252.a não apresenta a lacuna correferente a *toki* ‘momento’ na S_{rel} .

Abaixo, mais um exemplo com o nominal *toko* ‘local’ para fins elucidativos:

253. [*taore-te asi ga itai tte tyotto nayan-de i-ru*] S_{rel} ***toko ni***
 caiu-CONJ pé NOM doído CIT um.pouco afligir-CONV existir-NPASP local LOC

sannin no dansei ga tayot-te ki-te tasuke-te kure-ta
 três-CLS.PES GEN homem NOM confimar-CONJ dar-PASP salvar-CONV dar-PASP

‘Quando caiu e estava um pouco aflito dizendo o pé dói, três crianças vieram confiando e deram o favor de ajudar.’ (2017-07-16 MT)

Assim, constata-se que a oração adverbial encabeça a oração e é expressa em forma de oração relativa que restringe o nome *toki* ‘momento’ ou *toko* ‘local’. Este último é utilizado tanto em orações adverbiais de tempo como local, podendo ser interpretado como local no tempo no caso do dado acima.

5.2.2 Orações adverbiais de local

As orações adverbiais de local também seguem o mesmo padrão das orações adverbiais de tempo: utilizando-se de orações relativas sem aparente lacuna. Segue-se marcando as orações relativas em si (S_{rel}) entre colchetes e os SNs relativizados em negrito:

254. a. *otokonoko ga zitchensya de toorikakat-te,*
 homem NOM bicicleta INST passar-CONJ

[*sono nasi wo tot-te (i-ru)*] S_{rel} ***toko ni tomat-te,***
 DEM pera ACU tirar-CONJ existir-NPASP local LOC parar-CONJ

nasi wo hito-tu tor-u n
 pera ACU um-CLS tirar-NPASP NMLZ

‘O menino passou de bicicleta, parou onde (o homem) estava tirando essas peras e tira uma pera.’ (2017-07-16 YN)

b. <i>tyoudo</i>	<i>sono</i>	<i>tokoro</i>	<i>ni/</i>	<i>son</i>	<i>toko</i>	<i>ni</i>
exatamente	DEM	local	LOC	DEM	local	LOC
<i>mata</i>	[<i>san-nin</i>	<i>no otokonoko</i>	<i>ga</i>] _{subj}	<i>i-ta</i>	<i>n</i>	<i>des-u yo</i>
novamente	três-CLS.PES	GEN homem	NOM	existir-PASD	NMLZ	COP-NPASD ENF

As três crianças estavam novamente exatamente neste local.’

(2018-08-11 EK)

O mesmo nominal *tokoro* ‘local’ pode receber um demonstrativo, como mostrado em 254.b.

É possível afirmar, assim, que as orações adverbiais de tempo e local são expressas utilizando-se de orações relativas sem correferente do SN_{mat} na S_{rel}. Os nomes que a oração relativa modifica são as palavras como *aida* ‘espaço’, *toki* ‘quando’ e *tokoro* ‘local’, as quais se enquadram no que Thompson, Longacre e Hwang (2007, p. 245) chamam de nomes genéricos relativamente vazios semanticamente. No entanto, as orações adverbiais compõem um dos tópicos que precisam ser aprofundados em pesquisas futuras.

5.3 COORDENAÇÃO

Apesar das variações entre as línguas, aparentemente, todas elas apresentam alguma forma de combinar duas ou mais palavras, sintagmas, orações ou sentenças inteiras de igual status (HASPELMATH, 2007, p. 1). Ou seja, todas as línguas têm dispositivos para formar construções coordenadas. As construções coordenadas, segundo Martin Haspelmath (2007), são aquelas em que “duas ou mais unidades do mesmo tipo são combinadas em uma unidade linguística maior e ainda têm as mesmas relações semânticas com outros elementos circundantes”⁸³.

Além das variações interlinguísticas, uma única língua pode utilizar uma variedade de construções coordenadas que se relacionam umas com as outras de forma complexa. Uma das estratégias que as línguas lançam mão é colocar os elementos em sequência, sem qualquer elemento que ligue um ao outro por meio de justaposição. Outra maneira de unir os elementos (ou os **coordenados**, como serão

⁸³ No original: “(...) two or more units of the same type are combined into a larger unit and still have the same semantic relations with other surrounding elements”

denominados aqui) é usando conectores denominados **coordenadores**, como partículas ou afixos (HASPELMATH, 2007, p. 1). As construções coordenadas feitas por justaposição são chamadas de **coordenações assindéticas** e as codificadas por meio de partículas ou afixos são denominadas **coordenações sindéticas** (HASPELMATH, 2007, p. 6).

Considerando as coordenações binárias, ou seja, combinação de duas unidades de mesmo tipo, Haspelmath (2007) resume todas as possibilidades lógicas quanto ao número e à posição dos coordenadores através do esquema mostrado abaixo em que **co** indica coordenador.

Quadro 19:
Tipos de coordenadores

Assindética	A B	
Sindética		
Monossindética	A co-B	(prepositivo, no segundo coordenado)
	A-co B	(pospositivo, no primeiro coordenado)
	A B-co	(pospositivo, no segundo coordenado)
	co-A B	(prepositivo, na primeira coordenado)
Bissindética	co-A co-B	(prepositivo)
	A-co B-co	(pospositivo)
	A-co-B	(misto)
	co-A B-co	(misto)

Fonte: Haspelmath (2007, p. 06)

A classificação inicial é entre as coordenações não codificadas, assindéticas, e as codificadas, sindéticas. Sendo as assindéticas feitas por justaposição, não há variações a serem consideradas. Já as coordenações sindéticas podem ser subdividas de acordo com o número e a posição dos coordenadores, significando **monossindéticas** e **bissindéticas** as construções coordenadas que apresentam um e dois coordenadores, respectivamente (HASPELMATH, 2007, p. 6-7).

Além das classificações formais, as construções coordenadas podem ser semanticamente divididas em:

- a. coordenação conjuntiva (ou conjunção): *e*
- b. coordenação disjuntiva (ou disjunção): *ou*
- c. coordenação adversativa: *mas*
- d. coordenação causal: *porque*

Demais características das construções coordenadas relevantes para a descrição serão trazidas à medida em que os dados da VBLJ forem apresentados. A ordem de apresentação dos dados seguirá os critérios semânticos acima.

5.3.1 Coordenações Conjuntivas

Observe, a seguir, as orações coordenadas conjuntivas encontradas na VBLJ. As primeiras duas são exemplos de coordenação de eventos unidos por meio do sufixo *-te* afixado ao verbo.

255. *sono toki ni san-nin no otokonoko ga ki-te,*
 DEM momento LOC três-CLS.PES GEN menino NOM vir-CONJ
tetudat-te age-ru
 ajudar-CONV dar-NPASP

‘Nesse momento, três meninos vieram e fizeram o favor de ajudar.’

(2017-12-15 CM)

256. *otokonosito ga nasi mitai na kudamono ki ni agat-te*
 homem NOM pera parecida COP.ADV fruta árvore LOC subir-CONJ
hasigo ni nobot-te,
 escada LOC subir-CONJ
kudamono wo tot-te,
 fruta ACU tirar-CONJ
kago ni utus-u
 cesto LOC transferir-PASP

‘O homem sobe em um pé de fruta parecido com pera, sobe em uma escada, colhe as frutas e transfere para uma cesta.’

(2017-06-25 HAS)

Enquanto o dado 255 mostra a união de dois eventos, em 256 há a união de quatro eventos, ambos os dados coordenados por meio do sufixo verbal *-te*.

Além da coordenação conjuntiva *-te*, a VBLJ também apresenta o sufixo *-tari* como coordenador de orações. Verifique o trecho ilustrativo abaixo:

257. *Sono totyuu de zidensya de onnanoko to deat-te*
 DEM percurso LOC bicicleta INS menina COM encontrar-CONJ
sotti no hou ni ki wo/ ga torareta n da-rou ne
 DEM rumo GEN direçãoLOC atenção ACU NOM tirar-PASS-PASP NMLZ COP-SUP né
Sositara, bousi ga mat-tari, yoko mui-te (i)-ta kara,
 E então chapéu NOM voar-LIST lado virar-CONV (existir)-PASP por isso
zidensya ga isi ni butukat-te koron-de simat-ta no
 bicicleta NOM pedra LOC bater-CONJ tombar-CONV acabar-PASP NMLZ

‘No percurso, (o menino) encontrou com uma menina e, provavelmente, teve a atenção tomado por ela, né. Então, o chapéu voou, **etc.** E por (ele) estar olhado para o lado, a bicicleta bateu na pedra e (ela) acabou caindo.’

O coordenador *-tari* funciona para listar algumas ações de forma não exaustiva. Adotou-se, aqui, o rótulo coordenador listativo (LIST).

A VBLJ apresenta outro tipo de coordenador conjuntivo, a posposição *toka*. Em todas as ocasiões em que *toka* ocorreu ligando orações, este coordenador aconteceu juntamente com *-tari*. Verifique o dado abaixo:

258. *De soko ni iroiro hito ga toor-u n des-u kedo,*
 e aí LOC vários pessoa NOM passar-NPASP NMLZ COP.POL-NPASP mas
iroiro, hituzikai no hito ga tyotto toot-tari toka
 vários carneiro-criador GEN pessoa NOM um pouco passar-LIST REP

‘Aí passam várias pessoas, como passa o criador de carneiro, por exemplo.’
 (2017-12-08 GK)

A posposição *toka* corresponde com a descrição de **conjunção representativa** (REP) em que um elemento é tomado como representante das demais unidades ou de uma classe maior, podendo ocorrer com uma única unidade, a representativa (HASPELMATH, 2007, p. 24).

As línguas podem usar coordenadores diferentes dependendo do tipo sintático das unidades coordenadas (HASPELMATH, 2007, p. 3). Na VBLJ, há variações dependendo do tipo de coordenador, mesmo dentro da mesma classificação semântica.

Um dos recursos usados para a coordenação de SNs na VBLJ é a justaposição, como é observado no dado 259:

259. *nanka sugo-ku kou insyou tui-ta no wa*
 como espantoso-ATR assim impressão pegar-PASD NMLZ TOP
san-nin no sono otokonoko no syatu ga
 três-CLS.PES NMLZ DEM menino GEN camiseta NOM
aka, kiiro, ao nan des-u yo ne
 vermelho amarelo azul é que COP.POL ENF né

‘A impressão que ficou foi que a camiseta desses três meninos era vermelho, amarelo e azul.’
 (2018-05-18 CMM)

Nota-se a ausência de coordenadores entre as cores, no caso da oração acima.

Outra forma de coordenar SN é feita com a posposição *to*, que difere, portanto, do sufixo verbal *-te* usado para ligar orações e sentenças. Observe o trecho abaixo

em que o colaborador descreve as três crianças que aparecem para ajudar o protagonista do vídeo a catar as peras.

260. *tyoudo sono toki n, naze ka,*
justamente DEM momento loc por que Q

sannin no kodomo ga, san-nin no kodomotati ga ne,
três-CLS.PES GEN criança NOM três-CLS.PES GEN criança-PL NOM né

gakidaisyoo mitai na ko ga hitori to;
moleque.líder parecido COP.ATR criança NOM um-CLS.PES e

mou hito-ri wa sugoi yase-te (i)-ru ko to,
mais um-CLS.PES TOP espantoso emagrecer-CONV (existir)-NPASD criança e

mou hitori wa tiisa-i ko to
mais um-CLS.PES TOP pequeno-NPASD criança e

san-nin kono de-te ku-ru n su yo ne
três-CLS.PES este sair-CONV vir-NPASD NMLZ COP ENF né

‘Justamente nesse momento, não se sabe porquê, vem surgindo três crianças, uma criança com aparência de líder da molecada e mais uma criança bem magra e mais outra pequena.’ (2017-12-08 GK)

Destaca-se que, assim como ocorre em várias línguas do mundo, o coordenador conjuntivo para SNs é formalmente idêntico à marcação do comitativo (HASPELMATH, 2007, p. 29), a posposição *to* é a mesma que indica acompanhamento, ‘com’. O dado 261 ilustra a posposição *to* como marca de comitativo.

261. *Ao-i huku wo ki-te i-ru/ta dansei ga sika wo,*
azul-NPASD roupa ACU vestir-CONV existir-NPASD/PASD homem NOM veado ACU

nan da-rou ne,
o que COP-SUP né

sika to issyo ni kare no mae wo yogiri-mas-u
veado COM junto COP.ADV ele GEN frente LOC passar-POL-NPASD

‘Um homem que veste/tido de azul, o veado... como se diz? Passou na frente dele junto com o veado.’ (2018-05-18 FTY)

Já a conjunção representativa *toka* é usada tanto na coordenação oracional, verificada anteriormente, como na ligação de SN. Observe o dado abaixo:

262. *Koron-da toki, bousi mo nakusi-te,*
cair-pasd momento chapéu também perder-conj

nasi toka mo zenbu atti kotti ni
pera REP também tudo para.ali para.aqui LOC

otosi-te simai-masi-ta
cair-CONJ acabar-POL-PASD

‘Quando caiu, perdeu também o chapéu e tal como as peras também acabaram caindo para lá e para cá.’
(2018-05-18 SYA)

Foram identificadas, portanto, coordenações assindéticas e sindéticas como recursos para coordenação conjuntiva tendo, nas coordenações sindéticas, o coordenador *toka* comum à coordenação de SN e à coordenação de oração.

5.3.2 Coordenações Disjuntivas

A noção de disjunção é expressa por meio do morfema interrogativo *ka* que também marca oração interrogativa (vide seção 4.2.2.2 Orações Interrogativas). Veja dois exemplos ilustrativos:

263. a. *Morat-ta ka tot-ta ka sira-n*
ganhar-PASD Q pegou-PASD Q saber-NEG
‘Ou ganhou ou pegou, não sei.’ (2017-07-23 YS)

b. *mata dotti mo kaer-u ka doko ik-u ka siran*
novamente qual também ir.embora-NPASD Q onde ir-NPASD Q saber-NEG
‘Não sei se novamente ambos **ou** vão embora **ou** aonde vão.’
(2017-07-23 YS)

Como se observa, o morfema interrogativo *ka* é requerido após cada oração.

A semântica disjuntiva é obtida da mesma forma nas coordenações de SN, utilizando morfema interrogativo *ka*. Compare a coordenação oracional acima com a coordenação de SN no dado abaixo:

264. *Sono mita bideo de wa*
DEM ver-PASD vídeo LOC TOP
tabun, huukei kara si-tara ne
provavelmente paisagem ABLA fazer-COND né
tabun, itaria ka doko ka no nanka nouen
provavelmente Itália Q onde Q GEN como fazenda
mitai na kanzi na tokoro de
parecido COP.ADV impressão COP.ADV lugar COP.CONJ
kazyuuen kana
pomar será

‘O vídeo visto, partindo da paisagem, provavelmente, é um lugar parecido com **ou** uma fazenda na Itália **ou** algum lugar assim. Será um pomar?’
(2017-12-08 GK)

Assim, verifica-se que, para a coordenação disjuntiva, a língua usa o mesmo recurso tanto para coordenados nominais como oracionais, sendo requerido um coordenador após cada coordenado.

5.3.3 Coordenações Adversativas

Nos dados, foi identificado o coordenador *noni* como forma de coordenação adversativa. Verifique a seguir um exemplo da coordenação adversativa com o uso de *noni* quando o colaborador narra o momento em que o produtor dá falta de uma das cestas de pera:

265.	<i>Mit-tu</i>	<i>no</i>	<i>baketu</i>	<i>ga</i>	<i>at-ta</i>	<i>noni</i>
	três-CLS	GEN	balde	NOM	existir-pasd	apesar
	<i>huta-tu</i>	<i>dake</i>	<i>ga,</i>	<i>dake</i>	<i>at-ta</i>	<i>no ne</i>
	dois-CLS	só	NOM	só	existir-PASD	NMLZ né

‘É que (era para) existir três baldes, mas só havia dois.’ (2018-05-19 EYT)

Observa-se que a construção é monossindética com o coordenador pospositivo junto a primeira oração.

Outro coordenador adversativo encontrado é *kedo*.

266.	<i>Kare</i>	<i>ga</i>	<i>tatiagar-ou</i>	<i>to</i>	<i>si-ta</i>	<i>syunkan,</i>
	ele	NOM	ficar.em.pé-VOL	to	fazer-PASD	instante
	<i>yuuzin</i>	<i>ka</i>	<i>wakan-nai</i>		<i>des-u</i>	<i>kedo,</i>
	amigo	Q	entender-NEG-ATRIB.NPASD		COP.POL-NPASD	mas,
	<i>otokonoko</i>	<i>ga,</i>	<i>syounen</i>	<i>ga</i>	<i>san-miri</i>	<i>araware-masi-ta</i>
	homem	NOM	jovem	NOM	três-CLS.PES	surgir-POL-PASD

‘No instante que ele tentou ficar de pé, se é amigo eu não sei, mas homens, três jovens apareceram.’ (2018-05-18 FTY)’

Assim como *noni*, a construção coordenada adversativa feita com *kedo* é monossindética do tipo A-co B.

5.3.4 Coordenação Causal

Foram encontrados dois coordenadores com semântica causal: os coordenadores *kara* e *node*. Observe os dados a seguir:

267. *yoko mui-te (i)-ta kara,*
 lado virar-CONV existir por isso
zitsya ga isi ni butukat-te koron-de simat-ta no
 bicicleta NOM pera LOC bater-CONJ cair-CONV acabar-PASD NMLZ
 ‘Porque estava virado para lado, a bicicleta acabou batendo e caindo.’
 (2017-07-16 YN)

268. *bousi ga oti-te (i)-ta node,*
 chapéu NOM cair-CONV (existir)-PASD por isso,
sono bousi wo mata sono otokonoko ni modosi-te yar-u
 DEM chapéu ACU novamente DEM menino DAT devolver-CONV dar-NPASD
 ‘Como o chapéu estava caído, novamente devolve esse chapéu para esse menino.’
 (2017-12-08 KY)

Os coordenadores causais, assim como os coordenadores adversativos, são posposicionais e monossindéticos do tipo A-co B.

Os tipos e a posição dos coordenadores foram resumidos no quadro abaixo.

Quadro 20:
 Tipos e posição de coordenadores da VBLJ

Tipos	Ligação de SN	Ligação Oracional
Conjunção Conjuntiva	A- to B ⁽¹⁾	A- te B
	∅	
	A- toka B	A toka B
Conjunção Disjuntiva	A ka B ka	A ka B ka
Conjunção Adversativa	n/a	A kedo B
		A noni B
Conjunção Causal	n/a	A kara B
		A node B

(1) A notação “-” em A-co B segue Haspelmath (2007) e não significa, necessariamente, sufixo e sim a qual coordenado está ligada.

5.4 ORAÇÕES COMPLEMENTARES

Orações complementares “são orações que funcionam como argumentos sujeito ou objeto de outras orações”⁸⁴ (GIVÓN, 2001, p. 39). Segundo o mesmo autor,

⁸⁴ No original: “(..) clauses that function as subject or object arguments of other clauses.”

há três tipos de verbos que recebem uma oração no lugar de um argumento: São os verbos de *modalidade*, de *manipulação* e os verbos de *percepção*, *cognição* e *enunciado* (PCE). Cada um desses tipos de verbos tem características semânticas bem definidas que refletem e definem as características sintáticas dessas orações.

5.4.1 Modalidade

São características semânticas das orações complexas que tem um verbo de modalidade como verbo da oração principal, segundo Givón (2001, p. 149-150):

- a. A oração complementar é semanticamente uma proposição, codificando um estado ou um evento.
- b. O sujeito da oração principal é *correferente* - ou seja, refere-se à mesma entidade do discurso que - ao sujeito da oração complementar.
- c. O verbo principal codifica ou início, término, persistência, sucesso, falha, tentativa, intenção, obrigação ou capacidade - pelo sujeito da oração principal - de executar a ação ou estar no estado descrito na oração complementar⁸⁵ (GIVÓN, 2001, p. 149-150).

E, ainda segundo Givón (2001, p. 150), as características sintáticas das orações com um verbo principal de modalidade são:

- a. O sujeito correferente da oração complementar é deixado sem expressão (zero).
- b. O verbo da oração complementar pode aparecer, em muitas línguas, em uma forma infinitiva ou nominalizada, geralmente sem qualquer morfologia de tempo, aspecto, modalidade ou (concordância) pronominal.
- c. A oração complementar tende a aparecer na posição característica de objeto e é normalmente compactada sob o mesmo contorno de entonação da oração principal ⁸⁶ (GIVÓN, 2001, p. 150).

O autor subdivide semanticamente os verbos de modalidade em outros dois grupos: verbos de *atitude modal* e de *aspectualidade*. Os verbos de atitude modal

⁸⁵ No original:

- a. The complement clause is semantically a proposition, coding a state or an event.
- b. The subject of the main clause is co-referent to — i.e. refers to the same discourse entity as — the subject of the complement clause.
- c. The main verb codes either inception, termination, persistence, success, failure, attempt, intent, obligation or ability — by the subject of the main clause — to perform the action or be in the state that is depicted in the complement clause.

⁸⁶ No original:

- a. The co-referent subject of the complement clause is left unexpressed (zero).
- b. The complement-clause verb may appear, in many languages, in an infinitive or nominalized form, commonly lacking any tense, aspect, modality or pronominal (agreement) morphology.
- c. The complement clause tends to appear in the characteristic object position, and is normally packed under the same intonation contour with the main clause.

expressam vontade, intenção, tentativa, habilidade, necessidade e probabilidade; já os verbos de aspectualidade expressam iniciação, duração, realização ou término (GIVÓN, 2001, p. 151).

Nos dados da presente pesquisa, foram identificadas orações complementares em orações com o verbo principal de modalidade *hazime-ru* ‘começar-NPASD’, *tuduke-ru* ‘continuar-NPASD’ e *tomeru* ‘parar-NPASD’, todos com semântica de atitude aspectual.

O verbo *hazime-ru* ‘começar-NPASD’ é transitivo, como se observa:

	A									
269.	[<i>nouka</i>	<i>no</i>	<i>hito</i>	<i>wa</i>]	<i>hatake</i>	<i>no</i>	<i>hou</i>	<i>e</i>	<i>it-te</i>	
	lavrador	GEN	pessoa	TOP	campo	GEN	direção	DIR	ir-CONJ	
	O					V				
	[<i>kudamono</i>	<i>no</i>	<i>syuukaku</i>	<i>wo</i>]	<i>hazime-ru</i>					
	fruta	GEN	colheita	ACU	começar-NPASD					

‘O agricultor vai em direção do campo e começa a colheita da fruta.’
(2017-12-08 KY)

A oração acima é uma oração coordenada tendo o verbo *hazime-ru*, ‘começar-NPASD’, na segunda oração. Esse verbo tem como argumento A *nouka no hito* ‘lavrador’ e *kudamono no syukaku* ‘colheita da fruta’ como argumento O.

Observe, a seguir, a construção complexa com este mesmo verbo, com semântica aspectual de iniciação, recebendo uma oração complementar como argumento O:

	A									
270.	<i>mata</i>	<i>sono</i>	<i>sannin</i>	<i>no</i>	<i>kodomo</i>	<i>wa_i</i>				
	novamente	DEM	três-CLS.PES	GEN	criança	TOP				
	O					V				
	[Ø _i <i>nasi</i>	<i>no</i>	<i>ki</i>	<i>no</i>	<i>hou</i>	<i>ni</i>	<i>aruki</i>]	<i>hazime-ta</i>	<i>no</i>	<i>ne</i>
	pera	GEN	árvore	GEN	direção	LOC	andar	começar-PASD	NMLZ	né

‘Essas três crianças novamente começaram a caminhar em direção às árvores de peras.’
(2018-05-19 EYT)

A construção acima abriga duas orações que, quando desmembradas, configuram-se da seguinte maneira:

Oração principal:

	A					O	V			
	<i>sono</i>	<i>sannin</i>	<i>no</i>	<i>kodomo</i>	<i>wa_i</i>	[Or. compl.]	<i>hazime-ta</i>	<i>no</i>	<i>ne</i>	
	DEM	três-CLS.PES	GEN	criança	TOP		começar-PASD	NMLZ	né	

‘É que as três crianças começaram...’

Oração complementar:

S
 [Ø_i *nasi no ki no hou ni aruki*]_o
 pera GEN árvore GEN direção LOC andar

‘(As três crianças) andam em direção às árvores de pera.’

As orações principal e complementar têm o mesmo sujeito, *sono sannin no kodomo*, ‘essas três crianças’. Por meio do verbo *hazime-ta* ‘começar-PASD’, a oração principal expressa o início da ação *aruk-u* ‘andar-NPASD’, codificada na oração complementar.

Outro exemplo de oração complementar, também com *hazime-ru* ‘começar-NPASD’ na oração principal pode ser observado abaixo:

A O V
 271. *Sono otokonoko-tati ga; [Ø_i sono kodomo wo tetudai] hazime-masi-ta*
 DEM menino-PL NOM DEM criança ACU ajudar começar-POL-PASD

‘Esses meninos começaram a ajudar essa criança.’ (2018-04-21 KRT)

Do mesmo modo que o dado 270, a construção em 271 comporta duas orações:

Oração principal:

A O V
Sono otokonoko-tati ga; [Or. compl.] hazime-masi-ta
 DEM menino-PL NOM começar-POL-PASD

‘Esses meninos começaram...’

Oração complementar:

A O V
 [Ø_i *sono kodomo wo tetudai*]_o
 DEM criança ACU ajudar

‘(Esses meninos) ajudam essa criança.’

O dado acima é muito similar ao exemplo anterior. A oração principal codifica o início da ação *tetuda-u* ‘ajudar-NPASD’, verbo da oração complementar, realizada por *sono otokonoko-tati*, ‘esses meninos’.

Outro verbo de modalidade encontrado na coleta é *tuduke-ru*, ‘continuar-NPASD’, um verbo transitivo como se constata a seguir:

O V
 272. [*nasi wo tume-ru sagyou wo] tuduke-te or-i-mas-u*
 pera ACU encher-NPASD serviço ACU continuar-CONV existir-VT-POL-NPASD

‘(O homem ocidental) está continuando o serviço de encher as peras.’
 (2018-05-18 FTY)

Na oração acima, o agente *seiyoukei no dansei*, 'homem ocidental', foi codificado no início da narrativa e não foi retomado nesta oração.

Nos dados, verifica-se a construção complexa abaixo com este verbo, *tuduke-ru* 'continuar-NPASD', na oração principal.

A
273. *sono san-nin ga doro kara isi wo tot-te,*
DEM três-CLS.PES NOM estrada ABLA pera ACU tirar-CONJ

O V
[*miti wo aruki*] *tuduke-masi-ta*
estrada LOC andar continuar-POL-PASD

'Essas três crianças tiraram a pedra da estrada e continuaram a andar pela estrada.'
(2018-04-21 KRT)

Desmembradas as duas orações, temos:

Oração principal:

A O V
sono san-nin ga [Or. compl.] *tuduke-masi-ta*
DEM três-CLS.PES NOM continuar-POL-PASD

'Esses três continuaram '

Oração complementar:

S V
[Ø_i *miti wo aruki*]_o
estrada LOC andar

'(Esses três) andaram pela estrada.'

O verbo da oração principal também é um verbo de atitude aspectual, agora de continuidade da ação. O sujeito da oração complementar não foi codificado, mas é o mesmo da oração principal. Assim como no exemplo anterior, o verbo da oração complementar não traz morfologia de tempo, modo ou aspecto.

Outro caso que surge nos dados como verbo de modalidade de uma oração principal de orações complementares é o verbo transitivo *tome-ru* 'parar-NPASD'. Para demonstrar os participantes desta construção, é preciso trazer todo o trecho em que esta construção ocorre:

Trecho 7:

otokonoko san-nin ga ki-te tetudat-te kure-te,
menino três-CLS.PES NOM vir-CONJ ajudar-CONJ dar-CONJ
tyanto kudamono no kago mo zityensya ni nose-ru,
direito fruta GEN cesta também bicicleta LOC carregar-NPASD

zitensya mo okosi-te,
bicicleta também levantar-CONJ

zubon no hokori mo harat-te,
calças GEN poeira também sacudir-CONJ

sosite, kou ikitigai ni nat-te ik-u wake ne
E assim entroncamento COP.ADV tornar-CONJ ir-NPASP motivo né

De, iki-kake-tara, sono otokonoko no bousi ga
Então, ir-tentar-COND DEM menino GEN chapéu NOM

ton-da no ga oti-te i-ru no wo hirot-te,
voar-PASD NMLZ NOM cair-CONJ existir-NPASP NMLZ ACU catar-CONJ

kutibue de yobi tome-te,
assovio INST chamar parar-CONJ

sosite watas-u wake na no
E entrega-NPASP motivo COP.ATR NMLZ

‘Três meninos vieram e fizeram o favor de ajudar: carregaram a cesta também na bicicleta. levantaram a bicicleta, sacodiram a poeira das calças e vão indo cada um para um lado. Então, quando estava indo, catam o chapéu desse menino que estava caído e param (o menino) chamando com assovio e entregam o chapéu.’ (2017-06-25 HAS)

Em todo o trecho, o agente é *otokonoko sannin* ‘três meninos’. Após a apresentação deste agente, as orações são encadeadas por coordenações sem que ele seja novamente codificado. Em uma das orações coordenadas, tem-se:

	A	O		V
274. Ø	[<i>kutibue</i>	<i>de</i>	<i>yobi</i>]	<i>tome-te,</i>
	assovio	INST	chamar	parar-CONJ

‘(Os três meninos) pararam chamando com assovio.’ (2017-06-25 HAS)

Ao separar a oração complementar da oração principal, obtém-se:

Oração principal:

A	O	V
Ø _i	[Or. compl.]	<i>tome-te,</i>
		parar-CONJ

‘(os três meninos) pararam ’

Oração complementar:

A	O		V
[Ø _i	Ø	<i>kutibue</i>	<i>de yobi</i>]o
		assovio	INST chamar

‘(os três meninos) chamaram (o menino) com um assovio.’

O agente de *tome-ru* 'parar-NPASP' e de *yob-u* 'chamar-NPASP' nas orações acima é o mesmo, *otokonoko san-nin* 'três meninos', que apesar de não ter sido codificado na oração em si, encontra-se em algumas orações atrás.

A omissão do objeto da oração complementar pode fragilizar a análise, mas o contexto do trecho acima reforça a interpretação feita.

Assim, nas orações da VBLJ apresentadas observa-se as seguintes características semânticas:

- a. Nos dados apresentados nesta seção, a oração complementar é semanticamente uma proposição que codifica um evento;
- b. Nas orações apresentadas, o sujeito da oração principal é correferente com o sujeito da oração complementar, tratando-se, assim, da mesma entidade.
- c. Os verbos da oração principal expressam o início (em 270 e 271) ou a continuidade (em 272) de uma ação a ser executada pelo sujeito correferente na oração complementar.

Verifica-se, também, as características sintáticas que seguem:

- a. O sujeito da oração complementar, correferente da oração principal, não é expesso.
- b. Não há, nos verbos da oração complementar, expressão de tempo, aspecto e modalidade.
- c. A posição da oração complementar, apesar de não estar marcado pelo morfema acusativo, é pré-verbal assim como os objetos na língua.

Desse modo, as características semânticas e sintáticas apresentadas condizem com as levantadas por Givón (2001) em relação aos verbos de modalidade.

5.4.2 Manipulação

Ainda, Givón (2001, p. 151-152) pormenoriza as características semânticas e sintáticas dos verbos de manipulação. Os verbos de manipulação apresentam as seguintes características semânticas:

- a. A oração principal possui um agente humano que manipula o comportamento de outro humano, o manipulado.
- b. O agente da oração de complemento é correferente com o manipulado da oração principal.

- C. A oração de complemento codifica o evento de destino a ser executado pelo manipulado⁸⁷ (GIVÓN, 2001, p. 151).

E as características sintáticas prototípicas listadas pelo autor são:

- O agente da oração principal é o *sujeito*.
- O manipulado da oração principal é o objeto direto ou indireto.
- O manipulado também é o sujeito principal da oração complementar, onde é deixado não expresso (*zero*).
- O verbo da oração de complemento geralmente aparece de forma não-finita ou nominalizada, sem qualquer morfologia de tempo, aspecto, modalidade ou concordância pronominal⁸⁸ (GIVÓN, 2001, p. 152).

A ocorrência que se enquadra nos verbos de manipulação encontrado nos dados é o verbo *i-u* 'dizer-NPASP'. Para melhor compreensão do contexto em que a oração ocorre, apresenta-se o trecho abaixo:

Trecho 8:

Soko ni toorigakat-ta san-nin no tomodati ga tetudat-te
aí LOC passar-PASD três-CLS.PES GEN amigos NOM ajudar-CONJ

'Os três amigos que aí passaram ajudaram e...

hirot-te kago ni ire-te kure-ta n da kedo
catar-CONJ cesta LOC inserir-CONV dar-PASD NMZL COP mas

fizeram o favor de catar e inserir na cesta, mas...

ki ga tui-te,
atenção NOM fixar-CONJ,

(o menino) percebeu e... (lit.) a atenção fixou-se

[*zya ikko-zutu tabe-te to it-te tomodati ni age-te,*
então um-cada comer-CONV CMPLZ dizer-CONJ amigo DAT dar-CONJ

disse: então, comam um cada... e deu (as peras) aos amigos e

sono ko wa ie no hou ni modot-ta
DEM criança TOP casa GEN direção LOC voltar-PASD

'essa criança voltou para a direção de casa.'

⁸⁷ No original:

- The main clause has a human agent that manipulates the behavior of another human, the *manipulee*.
- The agent of the complement clause is *co-referential* with the manipulee of the main clause.
- The complement clause codes the *target* event to be performed by the manipulee.

⁸⁸ No original:

- The agent of the main clause is the *subject*.
- The manipulee of the main clause is either the *direct object* or *indirect object*.
- The manipulee is also the coreferent-subject of the complement clause, where it is left unexpressed (*zero*).
- The complement-clause verb often appear in a *non-finite* or *nominalized* form, lacking any tense, aspect, modality or pronominal agreement morphology.

‘Os três amigos que passavam aí ajudaram, cataram (as peras), inseriram na cesta, mas (o menino percebeu), disse então comam um cada e deu aos amigos e essa criança voltou em direção à casa.’ (2017-03-26 KT)

O trecho apresenta uma sequência de orações coordenadas em que nem sempre os argumentos são expressos, mas podem ser rastreados pelo contexto. No caso acima, o sujeito da oração em questão é retomado na oração subsequente. Extraindo-se essa parte, temos:

275. [zya ikko-zutu tabe-te] to it-te tomodati ni age-te, (...)
então um-cada comer-CONV CMLPZ dizer-CONJ amigo DAT dar-CONJ

‘(Essa criança) disse: então, comam um cada... e deu (as peras) aos amigos e (...)’ (2017-03-26 KT)

Segmentando as orações deste fragmento, obtemos:

Oração principal:

A	O		V				
∅	[Or. compl.]	to	it-te	tomodati _i	ni	age-te,	
		CMLPZ	dizer-CONJ	amigo	DAT	dar-CONJ	

‘(Essa criança) diz que [Or. compl.] e deu (as peras) aos amigos e ...’

Oração complementar:

	A	O	V
[zya	∅ _i	ikko-zutu	tabe-te]
então		um-cada	comer-CONV

‘Então, comam um cada’

Apesar de o manipulado não estar codificado na oração complementar em si, é expresso na oração coordenada em sequência, deixando claro se tratar de *tomodati* ‘amigos’. Além do dado apresentado, não foram encontrados outros exemplos de verbos de manipulação.

No exemplo acima, é possível identificar as características semânticas listadas por Givón (2001) para essa classe de verbos.

- O agente humano da oração principal, o menino, manipula o comportamento de outros agentes humanos, os manipulados, *tomodati* ‘amigos’.
- O manipulado do verbo principal é *correferente* com o agente do verbo complemento, *tomodati* ‘amigos’;
- a oração complementar codifica uma ação a ser executada pelo manipulado.

Também é possível identificar as características sintáticas levantadas por Givón (2001) para esse grupo de verbos:

- o agente, *sono ko* ‘essa criança’, também é o sujeito da oração principal;

- b. o manipulado do verbo principal, *tomodati* 'amigos', é o objeto indireto da oração principal;
- c. esse mesmo manipulado do verbo principal, se fosse codificado, ocuparia o lugar de sujeito da oração complementar;
- d. a oração complementar é marcada com um complementizador (CMLZ), *to*.
- e. a oração complementar ocupa mesma posição de objeto na oração principal, por mais que não seja posposicionada com marcação de acusativo, o que é o esperado em orações simples com este verbo.

5.4.3 Percepção, Cognição e Enunciado (PCE)

Aqui também foram utilizadas as definições semânticas e sintáticas dos verbos PCE dadas por Givón (2001, p. 153). Segundo o autor, as definições semânticas desses verbos são:

- a. O verbo na oração principal codifica um estado ou evento mental (*percepção, cognição*) ou um ato verbal (*enunciação*).
- b. O sujeito do verbo é dativo ou agente.
- c. O estado ou evento da oração de complemento é o objeto do estado ou evento da oração principal⁸⁹ (GIVÓN, 2001, p. 153).

As definições sintáticas dos verbos PCE, por sua vez, são:

- a. Não há restrições de correferência entre o sujeito ou o objeto da oração principal e o sujeito da oração de complemento.
- b. É mais provável que a oração de complemento tenha a estrutura finita normal de uma oração principal (sem sujeito zero).
- c. A oração subordinada pode ser precedida por um morfema subordinador⁹⁰ (GIVÓN, 2001, p. 153).

Retomadas as definições prototípicas dos verbos de PCE, apresenta-se, em seguida, os dados com esse grupo de verbos levantados na presente pesquisa.

⁸⁹ No original:

- a. The verb in the main clause codes either a mental state or event (perception, cognition) or a verbal act (utterance).
- b. The subject of the verb is either a dative or agent.
- c. The complement-clause state or event is the object of the main-clause state or event.

⁹⁰ No original:

- a. No co-reference restrictions hold between the subject or object of the main and the subject of the complement clause.
- b. The complement clause is more likely to have the normal finite structure of a main clause (no zero subject).
- c. The subordinate clause may be preceded by a subordinator morpheme.

5.3.3.1 Percepção

O verbo *mi-ru* ‘ver-NPASP’ foi um dos verbos de percepção encontrados nos dados. Sendo este verbo transitivo, requer-se um objeto que é marcado pelo morfema acusativo. Observe o dado abaixo, inicialmente, sem a oração complementar:

276. [sono san kodomo wa]_A [bousi wo]_o mi-ta
 DEM três criança TOP chapéu ACU ver-PASD
 ‘Essas três crianças viram o chapéu.’ (2017-07-23 DIN)

Em sequência, apresenta-se o trecho em que o verbo *mi-ru* ‘ver-NPASP’ recebe uma oração complementar como argumento O.

277. sono mama otokonoko wa
 DEM na.mesma menino_{TOP}
 sono younasi wo katugi-nagara, koi-de it-ta ato ni
 DEM pera acu carragar-enquanto pedalar-CONV ir-PASD depois LOC
 O
 [mae kara hoka no hito ga
 frente ABL outro GEN pessoa NOM
 kou zitensya de yat-te ku-ru no wo]
 assim bicicleta INST dar-CONV vir-NPASP NMLZ ACU
 V
 mi-ru n des-u ne
 ver-NPASP NMLZ COP.POL-NPASP né

‘Depois que o menino, como estava, ir pedalando enquanto carregava essas peras, vê outra pessoa vindo pela frente.’ (2018-05-18 CMM)

No trecho apresentado, *otokonoko* ‘menino’ é sujeito do verbo *mi-ru* ‘ver-NPASP’ e a oração complementar é seu objeto, como disposto abaixo:

Oração principal:

A O V
 otokonoko wa [or. compl.] mi-ru n des-u ne
 menino TOP ver-NPASP NMLZ COP.POL-NPASP né?
 ‘É que o menino vê [or. compl.], né.’

Oração complementar:

S V
 [hoka no hito ga kou zitensya de yat-te ku-ru no wo]
 outro GEN pessoa NOM assim bicicleta INST dar-CONV vir-NPASP NMLZ ACU
 ‘Outra pessoa veio vindo assim.’

A oração complementar tem como sujeito *hoka no hito*, ‘outra pessoa’, da ação expressa pela locução verbal *yat-te ku-ru*, ‘veio vindo’, com uma leitura progressiva. Quanto à forma como as orações são unidas, a oração complementar é nominalizada e mantém a marca de caso acusativo, *wo*, a mesma codificação que um SN em função acusativa recebe em uma oração simples.

Um outro verbo de percepção encontrado nos dados é *kiduk-u* ‘perceber-NPASP’, um verbo transitivo. O dado ilustrativo que se segue tem *koto* ‘fato’ como objeto do verbo. A oração relativa que recai sobre o nominal *koto* está entre colchetes.

278. [*nasi wo mot-te i-ru*]_{Srel} *koto wo kidui-ta*
 pera ACU segurar-CONV existir-NPASP fato ACU perceber-PASP

‘Percebeu o fato de estarem segurando as peras.’ (2018-05-18 SYA)

Observe este mesmo verbo recebendo uma oração complementar como argumento O:

O

279. [*sono zidensya ni not-te (i)-ta ko no bousi ga*
 DEM bicicleta LOC montar-CONV existir-PASP criança GEN chapéu NOM

V

tyotto miti ni oti-te (i)-ru no wo] kidui-te
 um pouco estrada LOC cair-CONJ (existir)-NPASP NMLZ ACU perceber-CONJ

hitori no kodomo ga sore wo hirot-te
 um-CLS.PES GEN criança NOM isso ACU catar-CONJ

watasi-te age-ta n s-u yo ne
 entregar-CONV dar-PASP NMLZ COP-NPASP ENF né

‘Percebeu que o chapéu dessa criança que estava montada nessa bicicleta estava caído na estrada e um dos meninos catou isto e fez o favor de entregar, né.’ (2017-12-08 GK)

O sujeito da oração principal, que tem como núcleo o verbo *kiduk-u*, ‘perceber-NPASP’, não está expresso na oração. Contudo, é possível identificar o sujeito, ‘*hitori no kodomo*’ ‘uma criança’, na oração que se segue, como sendo uma das crianças que ajudaram o protagonista.

Oração principal:

A O V
hitori no kodomo ga [compl.] kidui-te
 um-CLS.PES GEN criança NOM perceber-CONJ

‘Uma das crianças percebe.’

Oração complementar:

A								
[sono	zidensya	ni	not-te	(i)-ta	ko	no	bousi	ga
DEM	bicicleta	LOC	montar-CONV	existir-PASD	criança	GEN	chapéu	NOM
V								
miti	ni	oti-te	(i)-ru	no	wo]			
estrada	LOC	cair-CONV	existir-NPASD	NMLZ	ACU			

‘O chapéu do menino montado na bicicleta está caído na estrada.’

A oração complementar, por sua vez, tem como sujeito *bousi* ‘chapéu’ do verbo principal *oti-ru* ‘cair-NPASD’, seguido do verbo *i-ru* ‘existir-NPASD’ que dá à oração uma leitura aspectual continuativa. Similarmente ao dado anterior, a oração complementar é nominalizada e é seguida pelo morfema de caso acusativo, *wo*.

Assim como as características semânticas levantadas por Givón (2001) sobre este grupo de verbos, nos dados acima:

- a. nos eventos da oração principal, *mi-ru* ‘ver-NPASD’ e *kiduk-u* ‘perceber-NPASD’ codificam uma percepção;
- b. os sujeitos dos verbos *mi-ru* ‘ver-NPASD’ e *kiduk-u* ‘perceber-NPASD’ são também experienciadores.
- c. em ambos os dados, o evento expresso pela oração complementar é análogo ao paciente do verbo da oração principal.

E quanto às características sintáticas, observa-se que:

- a. O sujeito da oração principal de ambos os dados, 277 e 279, e de suas respectivas orações complementares não são correferentes;
- b. Na oração complementar, o tempo e o aspecto são expressos;
- c. Não há, entre as duas orações, principal e complementar, a presença de morfema subordinador, mas sim a nominalização da oração complementar por meio do morfema *no*.

5.3.3.2 Cognição

O verbo de cognição encontrado nos dados é o *omo-u* ‘pensar-NPASD’. Este verbo, assim como os verbos de percepção, recebe o argumento paciente seguido do morfema acusativo *wo* quando se trata de um SN. Abaixo, um exemplo com o nominal *koto* ‘fato’ como núcleo do SN:

A										
280.	<i>sono</i>	<i>otokonohito</i>	<i>wa</i>	<i>[sono</i>	<i>otokonokotati</i>	<i>ga</i>				
	DEM	homem	TOP	DEM	crianças	NOM				
O										
	<i>nasi</i>	<i>wo</i>	<i>mot-te</i>	<i>i-ta/</i>	<i>te</i>	<i>ni</i>	<i>mot-te</i>	<i>i-ru]</i>	<i>koto</i>	<i>wo</i>
	pera	ACU	segurar-CONJ	existir-PASD	mão	LOC	segurar-CONV	existir	fato	ACU
	<i>tyotto</i>	<i>husigi</i>	<i>ni</i>	<i>omot-te</i>						
	um pouco	estranho	COP.ADV	pensar-CONJ						

Lit.: 'Esse homem pensou estranhamente o fato que as crianças estavam segurando a pera na mão.' (2017-12-15 CM)

O agente do verbo *omo-u* 'pensar-NPASD' é *sono otokonohito* 'esse homem'.

A oração entre chaves é a oração relativa atribuída ao núcleo nominal do SN acusativo, *koto* 'fato'.

Observe agora esse mesmo verbo recebendo uma oração como argumento O no lugar de um SN.

		O			V
281.	<i>Tabun</i>	<i>[nusun-de</i>	<i>it-ta]</i>	<i>to</i>	<i>omoi-mas-u</i>
	provavelmente	roubar-CONJ	ir-PASD	CMPLZ	pensar-POL-NPASD

'Acho provavelmente que roubou.' Lit. 'Acho provavelmente que roubou e foi.' (2017-09-23 HKT)

No exemplo acima, o agente do verbo *omo-u* 'pensar-NPASD' não foi codificado, mas infere-se que seja o próprio narrador. Segmentando as orações citadas, temos:

Oração principal:

	O			V
<i>Tabun</i>	<i>[or. compl.]</i>	<i>to</i>	<i>omoi-mas-u</i>	
Provavelmente		CMPLZ	pensar-POL-NPASD	

'Penso que [or. compl.]'

Oração complementar:

A	V		
<i>[Ø</i>	<i>nusun-de</i>	<i>it-ta]</i>	
	roubar-CONV	ir-PASD	

'Roubou e foi.'

O agente da ação expresso na oração complementar também não foi codificado, mas se infere, pelo contexto, que seja o protagonista da história. Além disso, destaca-se que quando o verbo expressa uma oração no lugar de objeto,

diferente de quando recebe um nominal, a oração complementar é seguida por um complementizador *to*.

Veja outro exemplo:

282. Ø [Soko wa acho que are da] to omo-u
 aí TOP acho que aquilo COP CMLPZ pensar-NPASD

‘(Eu) penso que aí é aquilo.’ (2017-07-16 YN)

No dado acima, o agente do verbo *omo-u* ‘pensar-NPASD’ também não foi codificado, mas entende-se ser o próprio colaborador. A oração complementar é uma oração não-verbal tópico comentário, tendo como tópico *soko* ‘aí’ e comentário *acho que are* ‘acho que aquilo’. Segmentando as orações acima, temos:

Oração principal:

A			V
Ø	[or. compl]	<i>to</i>	<i>omo-u</i>
		CMLPZ	pensar-NPASD

‘Penso que [or. compl.]’

Oração complementar:

Sujeito				Predicado		
<i>Soko</i>	<i>wa</i>	<i>acho que</i>	<i>anou</i>	<i>are</i>	<i>da</i>	
aí	TOP	acho que	êee	aquilo	COP	

‘Aí é, acho que, aquilo.’

Assim como as características semânticas listadas por Givón (2001), ambos os dados apresentam:

- a. o verbo da oração principal, *omo-u* ‘pensar-NPASD’, codifica um evento de cognição;
- b. apesar de não estar codificado, infere-se que o sujeito da oração principal, tanto do dado 281 quanto do dado 282, é *watasi* ‘eu’, o próprio narrador. Assim, o sujeito é o agente do verbo principal.
- c. o conteúdo do pensamento expresso na oração complementar está onde regularmente está o objeto da oração principal.

Quanto às definições sintáticas, são as seguintes:

- a. não há correferência entre o sujeito da oração principal, *watasi* ‘eu’, e o sujeito das respectivas orações complementares.
- b. há expressão de tempo e aspecto na oração complementar, podendo se realizar como uma oração independente.

- c. há, em ambos os dados, a presença de um complementizador *to* seguindo a oração complementar.

5.3.3.3 Enunciação

Classificado como ato verbal de enunciação, o verbo *i-u* ‘dizer-NPASD’ é encontrado nos dados em uma construção como a que se segue:

283. *dorobou no syounen wa orei wo it-te*
 ladrão GEN jovem TOP agradecimento ACU dizer-CONJ
tatar-ou to si-masi-ta kedo (...)
 partir-VOL to fazer-POL-PASD mas

‘O jovem ladrão disse agradecimentos e tentou partir, mas...’ (2018-05-18 FTY)

No dado acima, apresenta-se uma sentença com duas orações ligadas por coordenação. Na primeira parte da sentença que termina com o verbo *i-u* (alomorfe *it*) ‘dizer-NPASD’, o que é dito é marcado com o morfema acusativo *wo* quando se trata de um SN. Consta-se, assim, que o conteúdo do que é dito está na posição de objeto direto.

Há dados em que o que é dito é seguido pelo morfema *te*, usado na linguagem oral no lugar do morfema *to*. Observe o dado:

284. *nan te i-u n desu ka ne?*
 o que Cmplz.TOP dizer-NPASD NMLZ COP.POL-NPASD Q né?

‘Como será que se diz?’ (2017-12-08 KY)

Abaixo, um exemplo do verbo *i-u* (alomorfe *it*) ‘dizer-NPASD’ com uma oração complementar no lugar de objeto:

285. *[zibun no zya nai desu ka] to it-ta mitai de (...)*
 próprio gen COP.TOP NEG COP.POL-NPASD Q Cmplz dizer-PASD parece COP.CONJ
ah, hontou ni boku no des-u
 ah verdade COP.ADV eu GEN COP.POL-NPASD

‘Parece que disse: não é meu? e ah, é meu mesmo.’ (2018-08-04 RA)

Concentrando-se na primeira metade do dado 285 em que temos três orações, verifica-se:

Oração 1:

[oração 2] *mitai de (...)*
 parece COP.CONJ

‘Parece que [oração 2] e...’

A primeira oração é uma oração não-verbal do tipo tópico comentário com predicado adverbial, *mitai* ‘parecer’.

Oração 2:

[oração 3] *to* *it-ta*
 Cmplz dizer-PASD

‘disse [oração 3].’

Oração 3:

zibun *no* *zya* *nai* *desu* *ka*
 próprio GEN COP.TOP NEG COP.POL-NPASD Q

‘Não é meu?’

O verbo da segunda oração é *i-u* (alomorfe *it-*) ‘dizer-NPASD’, que tem como objeto o conteúdo da fala na oração 3. Como se observa, a oração 3 é seguida do complementizador *to*.

Observa-se que as características semânticas e sintáticas listadas por Givón (2001) para este grupo de verbos são identificadas nas orações da VBLJ apresentadas acima. Em seguida, apresenta-se as características semânticas do verbo de enunciação:

- a. o verbo da oração principal, *i-u* (alomorfe *it-*) ‘dizer-NPASD’, codifica um ato verbal (enunciação).
- b. o sujeito do verbo é agente da oração principal.
- c. o estado ou evento da oração complementar é o objeto do estado ou evento da oração principal.

E o verbo de enunciação encontrado nesta pesquisa tem as características sintáticas dos verbos PCE, em que:

- a. o sujeito da oração principal não necessariamente é correferente do sujeito da oração complementar, como é o caso do dado em 285.
- b. a oração complementar tem estrutura finita.
- c. a oração complementar é seguida por um morfema complementizador, *to*.

A gramática da complementação fornece um exemplo claro do isomorfismo entre a sintaxe e a semântica, a partir do princípio de integração de eventos e de orações. A previsão é de que “quanto mais forte for o vínculo semântico entre os dois eventos, mais vasta será a integração sintática das duas orações em uma única, embora oração complexa” (GIVÓN, 2001, p. 40). Em uma escala de integração, os

verbos de modalidade estão no extremo de eventos mais integrados, enquanto os verbos de PCE estão no outro extremo com menor integração entre os eventos.

A previsão de Givón (2001) pode ser vislumbrada nas orações complementares da VBLJ, mesmo com uma quebra na escalaridade de integração sintática nos verbos de manipulação. Dentre as orações levantadas nesta pesquisa, foram encontradas três estratégias sintáticas na formação de orações complementares. São elas a colexicalização – junção dos verbos da oração complementar e principal para formar uma única palavra fonológica; a marcação de caso – a oração é nominalizada e recebe a mesma marcação de caso de uma oração simples; e a lacuna oracional – separação da oração complementar e principal utilizando um complementizador.

Nos verbos de modalidade em que há uma maior integração entre os eventos expressos pela oração principal e pela complementar, é utilizada a estratégia de colexicalização, os verbos da oração complementar e principal são justapostos nesta ordem não tendo marcas de tempo, modo e aspecto no primeiro verbo.

A oração complementar objeto do verbo de manipulação coletada na pesquisa é marcada pelo complementizador *to* que a segue.

Já na oração com o verbo de percepção, nominaliza-se a oração complementar com o morfema *no* e mantém-se a marcação de caso do mesmo modo que codificaria um SN em uma oração simples. Assim, com os verbos de percepção, há uma menor integração sintática entre as orações, comparada às orações com verbo de modalidade.

Os verbos de cognição e enunciação lançam mão da mesma estratégia, marcam o limite da oração com o complementizador *to*. Dentre as estratégias, é a que se encontra no extremo menos integrado, o que reflete a semântica menos integrada dos eventos das orações complementar e principal. O

oração	Sintaxe
<p><i>ono sannin no kodomo wa [nasi no ki no hou ni aruk-] hazime-ta</i> <small>EM três GEN criança TOP pera GEN árvore GEN direção LOC andar-VT começar-</small> <small>ASD</small></p> <p>‘Essas três crianças novamente começaram a caminhar em direção às árvores de peras.’</p>	colexicalização

<i>sono otokonoko-tati ga [sono kodomo wo tetuda-i] hazime-masi-ta</i> DEM menino-PL NOM DEM criança ACU ajudar-VT começar-POL-PASD	colexicalização
‘Esses meninos começaram a ajudar essa criança.’	
<i>sono sannin ga doro kara isi wo tot-te, [miti wo aruki] tuduke-masi-ta</i> DEM três NOM estrada ABLA pedra ACU tirar-CONJ estrada LOC andar-VT continuar-POL-PASD	colexicalização
‘Essas três crianças tiraram a pedra da estrada e continuaram a andar pela estrada.’	
<i>[kutibue de yobi] tome-te,</i> assovido INST chamar parar-CONJ	colexicalização
‘Os três meninos) pararam chamando com assovio.’	
<i>ya ikko-zutu tabe-te] to it-te tomodati ni age-te, (...)</i> então um-cada comer-CONV CMPLZ dizer-CONJ amigo DAT dar-CONJ	complementizador <i>to</i>
‘Essa criança) disse: então, comam um cada... e deu (as peras) aos amigos e (...)’	
<i>ousi ga oti-te (i)-ru no wo] kidui-te</i> • chapéu NOM cair-CONV (existir)-NPASD NMLZ ACU perceber-CONJ	nominalização
‘Percebeu que o chapéu estava caído na estrada (...)’	
<i>abun [nusun-de it-ta] to omoi-mas-u</i> provavelmente roubar-CONV ir-PASD CMPLZ pensar-POL-NPASD	complementizador <i>to</i>
‘Acho provavelmente que roubou.’ Lit. ‘Acho provavelmente que roubou e foi.’	
<i>ibun no zya nai desu ka] to it-ta mitai de</i> próprio GEN COP.TOP NEG COP.POL-NPASD Q CMPLZ dizer-PASD parece COP.CONJ	complementizador <i>to</i>
‘Parece que disse: não é meu?’	

Quadro 21 Semântica e estruturas formais das orações complementares sistematiza as estruturas formais com a semântica das orações complementares.

Quadro 21:
Semântica e estruturas formais das orações complementares

Dado	Oração	Sintaxe	Semântica
270	<i>sono sannin no kodomo wa [nasi no ki no hou ni aruk-i] hazime-ta</i> DEM três GEN criança TOP pera GEN árvore GEN direção LOC andar-VT começar-PASD 'Essas três crianças novamente começaram a caminhar em direção às árvores de peras.'	colexicalização	Modalidade
271	<i>sono otokonoko-tati ga [sono kodomo wo tetuda-i] hazime-masi-ta</i> DEM menino-PL NOM DEM criança ACU ajudar-VT começar-POL-PASD 'Esses meninos começaram a ajudar essa criança.'	colexicalização	Modalidade
273	<i>sono sannin ga doro kara isi wo tot-te, [miti wo aruki] tuduke-masi-ta</i> DEM três NOM estrada ABLA pedra ACU tirar-CONJ estrada LOC andar-VT continuar-POL-PASD 'Essas três crianças tiraram a pedra da estrada e continuaram a andar pela estrada.'	colexicalização	Modalidade
274	Ø [<i>kutibue de yobi</i>] <i>tome-te,</i> assovio INST chamar parar-CONJ '(Os três meninos) pararam chamando com assovio.'	colexicalização	Modalidade
275	[<i>zya ikko-zutu tabe-te</i>] <i>to it-te tomodati ni age-te, (...)</i> então um-cada comer-CONV CMPLZ dizer-CONJ amigo DAT dar-CONJ '(Essa criança) disse: então, comam um cada... e deu (as peras) aos amigos e (...)'	complementizador <i>to</i>	Manipulação
279	[<i>bousi ga oti-te (i)-ru no wo</i>] <i>kidui-te</i> • chapéu NOM cair-CONV (existir)-NPASD NMLZ ACU perceber-CONJ 'Percebeu que o chapéu estava caído na estrada (...)'	nominalização	Percepção
281	<i>Tabun [nusun-de it-ta] to omoi-mas-u</i> Provavelmente roubar-CONV ir-PASD CMPLZ pensar-POL-NPASD 'Acho provavelmente que roubou.' Lit. 'Acho provavelmente que roubou e foi.'	complementizador <i>to</i>	Cognição
285	[<i>zibun no zya nai desu ka</i>] <i>to it-ta mitai de</i> próprio GEN COP.TOP NEG COP.POL-NPASD Q CMPLZ dizer-PASD parece COP.CONJ 'Parece que disse: não é meu?'	complementizador <i>to</i>	Enunciado

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscou-se analisar, descrever e documentar a morfossintaxe da Variedade Brasileira da Língua Japonesa falada pela comunidade de imigrantes japoneses e seus descendentes, em sua maioria, residentes no Distrito Federal.

A presente tese foi organizada em cinco capítulos. O capítulo um expôs de forma ampla a linha teórica adotada neste trabalho. Ainda neste capítulo, foram descritas as características linguísticas da língua falada no Japão e feito um apanhado de pesquisas preliminares sobre a VBLJ. O capítulo dois trouxe a metodologia adotada na pesquisa: o perfil dos colaboradores, os instrumentos usados e o passo a passo adotado na coleta de dados. Abriram-se, no capítulo três, as análises e as descrições da VBLJ com base nas mostras obtidas na coleta de dados. Desenvolveu-se ainda, no capítulo três, as características semânticas, morfológicas e sintáticas das principais classes lexicais da VBLJ. O capítulo quatro, por sua vez, apresentou as orações simples de forma geral, organizadas por tipo de predicado – verbais e não verbais. Por fim, o capítulo cinco tratou das orações complexas: as orações relativas, adverbiais e coordenadas. Houve ainda uma seção sobre as orações complementares.

O processo de análise e descrição feito no presente trabalho reforça a afirmação de Kuyama (1999, p. 183) de que a língua japonesa falada no Brasil deve ser reconhecida como uma variedade do japonês oriunda daquele país. A afirmação da autora se refere, especificamente, ao falar dos *isseis*, imigrantes japoneses. No entanto, constata-se nos fenômenos linguísticos descritos nesta pesquisa que as diferenças a nível morfossintático são pontuais, como no uso das posições locativas. A nível lexical, observou-se a extensão semântica na palavra *kaidan* ‘escada’ e o uso recorrente de expressões do português como “acho que” por parte de alguns colaboradores. E, mesmo na forma como os empréstimos lexicais são feitos, os falantes lançam mão de estratégias similares à usada na língua daquele país, como é caso do verbo *suru* ‘fazer’ sufixados aos verbos do português conjugados no presente do indicativo. Esse fenômeno é similar aos empréstimos de palavras do inglês ou do chinês na língua japonesa, uma das características recorrentemente citadas pelos pesquisadores em relação a VBLJ.

Observa-se, ainda, que o falar dos imigrantes e seus descendentes tem traços dialetais do Oeste do Japão. Assim como indicado por Mase (1987), em relação ao falar dos imigrantes do Estado de São Paulo, essa característica também está presente no japonês falado no Distrito Federal, segundo Ferreira (2009) e Takano (2013). Assim como indicado por Mase (1987), em relação ao falar dos imigrantes do Estado de São Paulo, essa característica também está presente no japonês falado no Distrito Federal, segundo Ferreira (2009) e Takano (2013). Nesta pesquisa, a caracterização de que a VBLJ tem marcas do lado oeste japonês se dá pelos morfemas aspectuais *-tor* e *-yor*, usados não só por imigrantes oriundos do Oeste, mas também por falantes com raízes na região leste.

Assim, apesar do conjunto dos fenômenos acima identificar o falar do Distrito Federal como uma variedade distinta daquela corrente no país de origem, a VBLJ não apresenta inovações morfossintáticas, fazendo uso de construções já presentes no arquipélago japonês.

O foco da presente pesquisa, no entanto, foi a análise e descrição morfossintática da variedade falada na comunidade nipo-brasileira do Distrito Federal, e não as diferenças do japonês falado no Brasil e no Japão. O resultado foi a criação deste esboço, ainda com lacunas a serem preenchidas. Uma delas é a descrição fonológica desta variedade, em que certamente se apresentará as maiores distinções em contraste com a língua falada no Japão. Outro espaço mais pontual a ser preenchido é a exposição referente ao modo/modalidade. Ademais, vislumbra-se a possibilidade de explorar cada uma das seções e fenômenos desta variedade.

Espera-se que a tese incentive futuros trabalhos de pesquisa morfossintática sobre a Variedade Brasileira da Língua Japonesa. Anseia-se, também, que este trabalho sirva, mesmo que de forma indireta, para a valorização da língua falada nas comunidades como parte da identidade e história dos japoneses e seus descendentes que fincaram raízes neste país.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

- AIKHENVALD, A. Y.; DIXON, R. M. W. **Grammars in contact: A cross-linguistic typology**. Oxford: Oxford University Press, 2006.
- ANDREWS, A. D. Relative clauses. In: SHOPEN, T. **Language Typology and Syntactic Description**. Cambridge: Cambridge University Press, v. II, 2007. Cap. 4, p. 206-236.
- CALLOU, D.; LEITE, Y. **Iniciação à fonética e à fonologia**. 10^a. ed. Rio de Janeiro: Coleção Letras, 2005.
- CASTRO ALVES, F. Relações de objeto em Canela. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**, Belém, 16, 2021. 1-18.
- COELHO, J.; HIDA, Y. **Shougakukan Dicionário Universal Japonês-Português: Edição compacta**. 1^a. ed. Tokyo: Shogakukan, 2010.
- COMRIE, B. **Aspect: An Introduction to the Study of Verbal Aspect and Related Problems**. Cambridge: Cambridge University Press, 1976.
- COMRIE, B. **Language Universal and Linguistic Typology**. Grã-Bretanha: The University of Chicago Press, 1989.
- CRISTAL, D. **A dictionary of linguistics and phonetics**. Oxford: Blackwell Publishing, 2008.
- CROFT, W. Introduction. In: CROFT, W. **Typology and Universals**. 2^a. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2003. Cap. 1, p. 1-30.
- DIXON, R. M. W. **Basic Linguistic Theory**. Oxford: Oxford University Press, v. 2, 2010.
- DRYER, M. S. Clause types. In: SHOPEN, T. **Language typology and syntactic description**. 2^a. ed. Cambridge: Cambridge University Press, v. I, 2007. Cap. 4, p. 224-324.
- ERBAUGH, M. S. What Are The Pear Stories? **The Chinese Pear Stories - Narrative Across Seven Chinese Dialects**, 2001. Disponível em: <<http://www.pearstories.org/docu/ThePearStories.htm>>. Acesso em: Agosto 2017.
- FERREIRA, M. D. L. Análise dos morfemas -toru e -te iru no japonês do Distrito Federal. **Anais do XX ENPULLCJ / VII CIEJB**, São Paulo, agosto 2009. 337-344.
- FRELLESVIG, B. **A History of the Japanese Language**. Nova Iorque: Cambridge University Press, 2010.

FUKASAWA, M. Nanbei no nihongoban kureooru-go(koronia-go)(kaigai)to iu kotoba no shimaguni kankaku - Sono 1. **Descubra Nikkei**: Os imigrantes japoneses e seus descendentes, 4 Janeiro 2017. Disponível em: <<http://www.discovernikkei.org/pt/journal/2017/1/4/colonia-go-1/>>. Acesso em: 04 outubro 2018.

GIVÓN, T. Syntax : An introduction. In: GIVÓN, T. **Syntax**: An introduction. Amsterdam: John Benjamins, v. I, 2001. Cap. 1, p. 1-43.

GIVÓN, T. Verbal complements and clause union. In: GIVÓN, T. **Syntax**: An introduction. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, v. II, 2001. Cap. 12, p. 39-90.

HASPELMATH, M. The converb as a cross-linguistically valid category. In: HASPELMATH, M.; KÖNIG, E. **Converbs in Cross-Linguistic Perspective**. Berlim: Mouton de Gruyter, 1995. Cap. 1, p. 1-56.

HASPELMATH, M. Coordination. In: SHOPEN, T. **Language Typology and Syntactic Description**. 2ª. ed. Cambridge: Cambridge University Press, v. II, 2007. Cap. 1, p. 1-51.

IBGE, C. D. E. D. D. I. **Resistência & integração**: 100 anos de imigração japonesa no Brasil. Rio de Janeiro: IBGE, 2008.

IORI, I. et al. **Shokyu wo oshieru hito no tame no nihongo bumpou handobukku**. Tóquio: 3A Coporation, 2003.

IWASAKI, S. **Japanese**. Amsterdão: John Benjamins Publishing Company, 2013.

JOKO, A. T. A comunidade nikkey em Brasília, Brasília, v. Ano, p. 157-162, Agosto 2002. ISSN ISSN 0103-510X.

KEENAN, E. L.; DRYER, M. S. Passive in the world's languages. In: SHOPEN, T. **Language Typology and Syntactic Description**. 2ª. ed. Cambridge: Cambridge University, 2007. Cap. 6, p. 325-361. Disponível em: <<http://let.unb.br/japones/dados/>>. Acesso em: 12 jun. 2017.

KUDO, M. **Pesquisa sobre as Linguas Faladas nas Comunidades Nikkei do Brasil**. Universidade de Osaka. Osaka, p. 227. 2004. Disponível em: <https://doi.org/10.18910/4746>.

KUNO, S. **The structure of the Japanese Language**. Massachusetts: The MIT, 1973.

KUNO, S. Japanese: A Characteristic OV Language. In: LEHMANN, W. P. **Syntactic Typology: Studies in the Phenomenology of Language**. [S.l.]: University of Texas Press, 1978. Cap. 2, p. 57-138.

KUNO, S. Japanese: A Characteristic OV Language. In: LEHMANN, W. P. **Syntactic Typology: Studies in the Phenomenology of Language**. 2ª. ed. Austin: University of Texas Press, 1981. Cap. 2, p. 57-138. Disponível em: <https://liberalarts.utexas.edu/lrc/resources/books-online/syntactic-topology/2.-japanese.php#txu-oclc-4204075-c-082>.

KUYAMA, M. **O uso da língua japonesa na comunidade nipo-brasileira**. Universidade de São Paulo. São Paulo, p. 203. 1999.

KUYAMA, M. Fatores sociais e frequência do português no japonês falado pelos imigrantes – o caso do Distrito Federal. **Estudos Japoneses**, 2000. 69-85.

LABRUNE, L. **The Phonology of Japanese**. New York: Oxford University, 2012. ISBN ISBN-13: 9780199545834.

LAVER, J. **Principles of phonetics**. 1ª. ed. New York: Cambridge University, 2008. ISBN ISBN 978-0-521-45031-7.

LEHMANN, W. P. The Great Underlying Ground-Plans. In: LEHMANN, W. P. **Syntactic Typology: Studies in the Phenomenology of Language**. 2ª. ed. Austin: University of Texas Press, 1981. Cap. 1, p. 3-56. Disponível em: .

LI, C. N.; THOMPSON, S. A. Subject and topic: a new typology of language. In: LI, C. N. **Subject and topic**. New York: Academic Press, 1976. p. 457-489.

LICHTENBERK, F. Reflexives and Reciprocals. In: BROWN, K.; MILLER, J. **Concise Encyclopedia of Grammatica Categories**. Oxford: Elsevier Science, 1999. p. 313-319.

LYONS, J. **Introdução à linguística teórica**. Tradução de Hélio Pimentel e Rosa Virgínia Silva. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1979.

MAKINO, S.; TSUTSUI, M. **A dictionary of basic japanese grammar**. Tokyo: The Japan Times, 1986.

MASE, Y. A língua japonesa dos imigrantes japoneses e seus descendentes no Brasil. **Estudos Japoneses**, São Paulo, v. 7, p. 137-146, 1987. ISSN 1413-8298.

MATHEUS, T. O outro lado da história. **Estadão**, 2008. Disponível em: <<https://www.estadao.com.br/noticias/geral,o-outro-lado-da-noticia,122034>>. Acesso em: 09 Janeiro 2019.

MATTOSO CAMARA JR, J. História da Lingüística. In: MATTOSO CAMARA JR., J. **A gramática comparativa do indo europeu como ponto de partida para uma ciência geral da linguagem. O trabalho de Schleicher**. 6ª. ed. Petrópolis: Vozes, 1975. Cap. 8, p. 64-70.

MORALES, L. M. O professor de língua japonesa e a linguagem. In: MATSUBARA MORALES, L. **Ensino e aprendizagem da língua japonesa no Brasil: um convite à reflexão sobre a prática de ensino**. São Paulo: Fundação Japão, 2011. Cap. 1, p. 27-42.

MUKAI, Y. **Wa e ga**: as partículas gramaticais da língua japonesa. Campinas, SP: Pontes Editores, v. 4, 2014.

NAWA, T. **Bilinguismo e mudança de código**: uma proposta de análise com os nipo-brasileiros residentes em Brasília. Brasília: Universidade de Brasília. Dissertação, 1988. 158 p. Disponível em: <http://www.repositorio.unb.br/handle/10482/12074>.

NIKKEY SHIMBUN. Yonsei wa dare? Sedai no kazoe kata = Nihon nara nisei, burajiru nara sansei? **Jornal Nikkey Shimbun**, 2017. Disponível em: <<http://www.nikkeyshimbun.jp/2017/170817-72colonia.html>>. Acesso em: 07 Junho 2018.

NIKKEY SHIMBUN. San pauro shimbun, 73nen no rekishi ni maku. **Jornal Nikkey Shimbun**, 21 dezembro 2018. Disponível em: <<https://www.nikkeyshimbun.jp/2018/181221-61colonia.html>>. Acesso em: 16 Janeiro 2019.

NINJAL. Grammar Atlas of Japanese Dialects. **National Institute for Japanese Language and Linguistics**. Disponível em: <https://www2.ninjal.ac.jp/hogen/dp/gaj-pdf/gaj-pdf_index.html>. Acesso em: abr. 2022. Mapas consultados 198.

OTA, J. Os empréstimos do português nos jornais japoneses do Brasil. **Estudos Japoneses**, São Paulo, v. 13, p. 41-54, 1993. ISSN 1413-8298.

PAULO, U. D. S. Estudos Japoneses - Sobre a revista. **Estudos Japoneses**. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/ej/about>>. Acesso em: 6 nov. 2018.

- PAYNE, T. E. Predicate nominals and related constructions. In: PAYNE, T. E. **Describing morphosyntax: A guide for field linguists**. Cambridge: Cambridge University Press, 1997. Cap. 6, p. 111-128.
- PAYNE, T. E. **Exploring Language Structure: A Student's Guide**. New York: Cambridge University Press, 2006.
- SHIBATANI, M. **The languages of Japan**. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.
- SHIBATANI, M.; BYNON, T. Approaches to language typology: a conspectus. In: SHIBATANI, M.; BYNON, T. **Approaches to language typology**. Oxford: Oxford University Press, 1999. Cap. 1, p. 1-25.
- SIEWIERSKA, A. Chapter Passive Constructions. **The World Atlas of Language Structures Online**, 2013. Disponível em: <<https://wals.info/chapter/107>>. Acesso em: 06 Setembro 2020.
- SUZUKI, K. et al. **Gaisetsu Nihongo Gaku**. 7ª. ed. Tokyo: Meiji Shoin, 1995.
- TAKANO, Y. As faces do bilingüismo: um olhar sob perspectiva da tensão diglósica. **Revista Intercâmbio dos Congressos de Humanidades**, Brasília, Outubro 2007.
- TAKANO, Y. O perfil linguístico dos nikkeis do Distrito Federal: um estudo preliminar do repertório linguístico dos nipo-brasilienses. **Anais do XX ENPULLCJ - VII CIEJB**, São Paulo, agosto 2009. 379-388.
- TAKANO, Y. **Esboço do atlas do falar dos nipo-brasileiros do Distrito Federal: Aspecto Semântico-Lexical**. São Paulo: Universidade de São Paulo. Tese, 2013. 361 p. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8139/tde-07062013-110156/pt-br.php>.
- THOMPSON, S. A.; LONGACRE, R. E.; HWANG, S. J. Adverbial clauses. In: SHOPEN, T. **Language Typology and Syntactic Description: Complex Constructions**. 2ª. ed. Cambridge: Cambridge University Press, v. II, 2007. Cap. 5, p. 237-269.
- TSUJIMURA, N. **An Introduction to Japanese Linguistics**. 3ª. ed. Malden: Blackwell, 2014. 273-287 p.
- VELUPILLAI, V. **An introduction to linguistic typology**. Amsterdão: John Benjamins Publishing Company, 2012.

APÊNDICE

APÊNDICE A – Questionário de contexto linguístico e social

Data da Entrevista: ___ / ___ / 20___

Horário de Início: ___:___

Entrevistador: _____

Local: _____

Questionário de contexto linguístico e social

O questionário deve ser preenchido pelo pesquisador.

1. **Nome:** _____

2. **Sexo:** (1) Masculino (2) Feminino

3. **Data de nascimento:**

_____/_____/_____

4. **Qual é / era sua profissão?**

5. **Você é?**

(1) *Issei* (2) *Nissei* (3) *Sanssei* (4) *Yonssei* (5) n.d.a

Caso a resposta seja 2, 3, 4 ou 5 favor informar a ascendência do pai () e/ou da mãe ().

6. **A província dos ascendentes japoneses é?**

(1) Paterna: _____ (2)

Materna: _____

7. **Qual é a sua nacionalidade?**

(1) Japonesa (2) Brasileira (3) Nacionalidade dupla (4) Naturalizado Brasileiro

(5) Outros _____

8. **Onde você nasceu?**

Cidade: _____ UF: _____ ou

Província: _____

A – Por quantos anos você morou ou mora onde você nasceu?

(_____ anos)

9. Você frequentou a escola no Japão?

(1) Não (2) Sim

Caso a resposta seja “sim”: ensino fundamental de 1° a 4° série ensino médio ensino fundamental de 5° a 8° série ensino superior _____**10. Você frequentou a escola no Brasil?**

(1) Não (2) Sim

Caso a resposta seja “sim”: ensino fundamental de 1° a 4° série ensino médio ensino fundamental de 5° a 8° série ensino superior _____**Itens somente para Issei****11. Quando você veio ao Brasil? E quantos anos você tinha?**

Ano: _____

12. Onde foi o primeiro lugar em que morou?

Cidade: _____ UF: _____

13. Havia outros japoneses nesse lugar?

(1) Não (2) Sim

14. Quando você veio para Brasília? Ano: _____**15. Você estudou a língua portuguesa formalmente?**

(1) Não (2) Sim (onde? _____)

16. Você frequentou alguma escola japonesa (*nihongakkou*) no Brasil?

(1) Não (2) Sim (Onde? _____)

A) Por quanto tempo você frequentou a escola japonesa?

Para Descendentes**17. Qual língua você aprendeu primeiro?** Português Japonês

18. Você já frequentou alguma escola de língua japonesa (*nihongakkou*)?

(1) Não (2) Sim (Qual? _____)

A) Por quanto tempo você frequentou a escola de língua japonesa?

Para Todos

19. Você já teve a experiência de ir/voltar ao Japão?

(1) Não (2) Sim

A) Com qual objetivo você foi ao Japão?

(1) Objetivo: _____ Tempo de permanência:

(2) Objetivo: _____ Tempo de permanência:

(3) Objetivo: _____ Tempo de permanência:

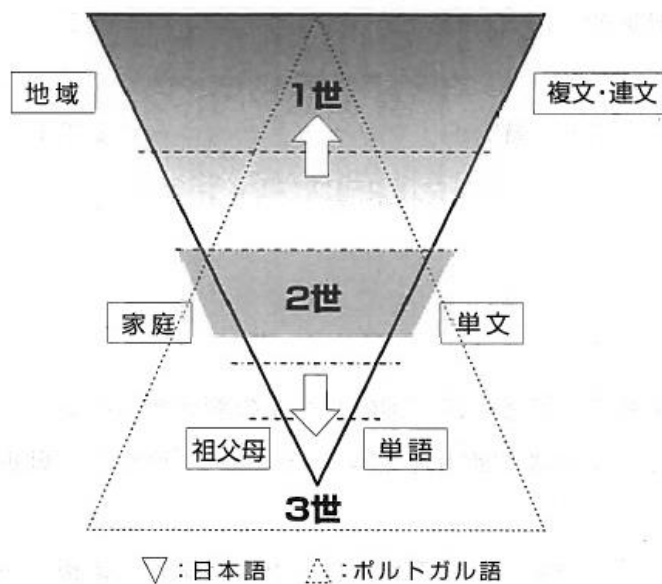
20. No seu dia-a-dia, você tem a oportunidade de usar a língua japonesa?

(1) Não. (segue para questão 19) (2) Sim. (Onde? _____, _____)
(Com quem? _____)

ANEXO

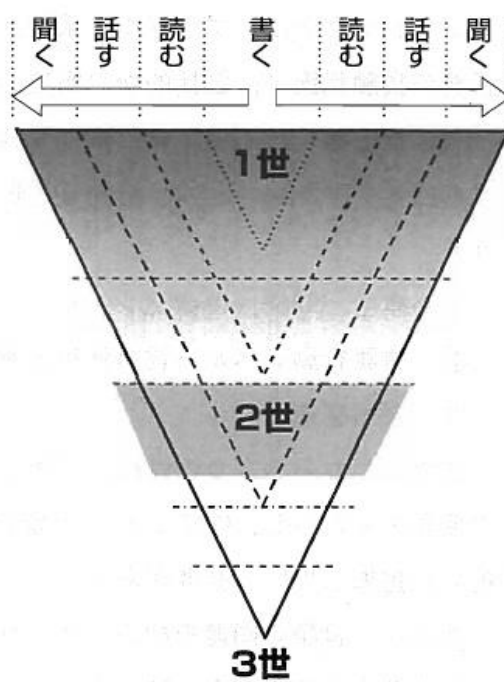
ANEXO A – Original das Figuras 01 e 02

Figura 1



Fonte: Kudo (2004, p. 8)

Figura 2



Fonte: Kudo (2004, p. 8)

ANEXO B – Divisão geográfica dos dialetos do Japão



Fonte: Shibatani (1990, p. 189)